

RUBENS RUPRECHT

**A CONSTITUIÇÃO DO SENTIMENTO RELIGIOSO:
DA EXPERIÊNCIA DO DESAMPARO PRIMORDIAL
À ELABORAÇÃO DE UM IDEAL VOCACIONAL**

ASSIS

2004

RUBENS RUPRECHT

**A CONSTITUIÇÃO DO SENTIMENTO RELIGIOSO:
DA EXPERIÊNCIA DO DESAMPARO PRIMORDIAL
À ELABORAÇÃO DE UM IDEAL VOCACIONAL**

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia - Área de concentração: Psicologia e Sociedade.

Orientadora: **Dr^a MÉRITI DE SOUZA**

ASSIS

2004

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R947c Ruprecht, Rubens.

A constituição do sentimento religioso: da experiência do
desamparo primordial à elaboração de um ideal vocacional /
Rubens Ruprecht. – Assis, 2004.
270 f.: il.

Orientador: Mériti de Souza.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2004.

Inclui bibliografia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Psicopatologia fundamental – Teses.
3. Orientação profissional – Teses. 4. Protestantismo – Teses.
5. Alienação (Psicologia social) – Teses. I. Souza, Mériti de. II. Uni-
versidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. III. Título.

CDU 159.964.2
616.89

RUBENS RUPRECHT

A CONSTITUIÇÃO DO SENTIMENTO RELIGIOSO:
DA EXPERIÊNCIA DO DESAMPARO PRIMORDIAL
À ELABORAÇÃO DE UM IDEAL VOCACIONAL

Dissertação apresentada ao curso de pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Assis, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia - Área de concentração: Psicologia e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª Dr^ª MÉRITI DE SOUZA – UNESP – ASSIS - SP

Membros: Prof^ª Dr^ª CATERINA KOLTAI – PUC – SÃO PAULO - SP

Prof. Dr. AUREO BUSSETO - UNESP – ASSIS – SP

Assis, 05 de abril de 2004

DADOS CURRICULARES

RUBENS RUPRECHT

Nascimento: 19/09/1953

Filiação: GERHARD RUPRECHT
ÁLIDA RUPRECHT

1.0 Curso Superior: Teologia

Instituição: Faculdade de Teologia - IECLB

Local: São Leopoldo - RS

Conclusão: junho de 1978

2.0 Especialização: Metodologia Didática do Ensino Superior

**Instituição: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras
de Cornélio Procópio**

Local: Cornélio Procópio - PR

Conclusão: maio de 1991.

3.0 Curso Superior: Psicologia

Habilitações: Licenciatura, Bacharelado, Formação de Psicólogo

Instituição: Universidade Estadual de Londrina

Local: Londrina - PR

Conclusão: julho de 1993

**4.0 Mestrando do curso de pós-graduação em Psicologia da Faculdade de
Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho, Campus de Assis.**

Local: Assis – SP

Período: 2001 – 2004.

À minha esposa Neide
Às minhas filhas Michelle e Vivian
Aos meus enteados Wagner e Giuliana
Aos meus netos Natalie e Leopoldo
Aos meus pais Gerhard e Álida
Ao meu genro Leopoldo

Pela paciência, compreensão e estímulo na realização
dessa tarefa.

Meus agradecimentos

À Dr^a MÉRITI DE SOUZA por ter aceitado a tarefa de orientar-me e sua dedicação nos diferentes momentos dessa trajetória;

Ao Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, pela contribuição valiosa na revisão gramatical da Língua Portuguesa;

Aos colegas docentes do Seminário Teológico rev Antônio de Godoy Sobrinho, especialmente ao prof. Dr. José Adriano Filho, pela disposição em ouvir-me;

Ao Seminário Teológico rev Antônio de Godoy Sobrinho pela disposição e abertura à pesquisa, bem como aos quatro sujeitos dessa pesquisa, estudantes de Teologia, pela sua colaboração inestimável.

Aos amigos e colegas que de alguma forma colaboraram na concretização desse projeto.

RUPRECHT, Rubens. *A Constituição do Sentimento Religioso: Da experiência do desamparo primordial à elaboração de um ideal vocacional*. Assis: 2004. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

No alvorecer da psicanálise, Freud estabelece a noção da natureza humana como fendida, clivada, fundando uma nova noção de realidade psíquica, na qual a descoberta da verdade está relacionada à verdade do desejo inconsciente, e a religião seria uma ilusão desejante, a transformação de um passado idealizado num futuro cambiante, prenhe de um desejo em constante metamorfose. No patamar da religião, essa supervalorização do ideal, diante da desvalorização do real, remete o sujeito a um estado de infantilização pelo pensamento mágico-infantil. Na presente pesquisa, foram analisados quatro sujeitos, estudantes de teologia protestante, em cujas entrevistas foram analisados alguns aspectos relacionados ao desamparo e à idealização religiosa, integrantes basilares da sua dinâmica vocacional /profissional, no contexto de um Seminário Teológico protestante. As análises nos permitem afirmar que o sentimento religioso se mantém por seus vínculos com as figuras paternas idealizadas, que confirmam a fantasia infantil de plenitude que diminuem o sofrimento imediato, mas infantilizam o sujeito, ao invés de buscarem sua superação, como proposto pela psicanálise. Supõe-se que a superação dessa condição humana não implica necessariamente na remissão total do sofrimento psíquico, mas na capacidade do sujeito em adquirir uma suportabilidade capaz de tolerar a falha, a falta e o desamparo, sem que estes representem uma ameaça muito severa à sua estrutura psíquica. A constituição do sentimento religioso assim se processa em função de certos determinismos intra-psíquicos, como também em função de determinismos sociais externos que, no mundo contemporâneo, associam-se ao abalo do paradigma da modernidade, especialmente à reformulação da razão moderna em função das novas experiências com a subjetividade.

Palavras chave: psicanálise, realidade psíquica, ilusão, desamparo, idealização.

RUPRECHT, Rubens. *The constitution of religious feelings: from the experience of primary helplessness to the elaboration of vocational ideals*. Assis: 2004. Dissertation (Master's Degree in Psychology) - São Paulo State University.

ABSTRACT

At the dawn of psychoanalysis, Freud determines the notion of human nature as split, creating a new notion of psychic reality in which the truth discovery is related to the truth of unconscious desire and the religion would be a desirable illusion, the change of an idealized past into a convertible future, full of desire in constant metamorphosis. According to religion, this overestimate of ideal, beside the depreciation of reality, refers the person to a state of infantilism through the magic-infantile thought. Four students of Protestant Theology were analyzed in this study. The data were collected through interviews and some aspects related to both helplessness and religious idealization, which ones can be considered basilar integrants of their vocational/professional dynamics, in the context of a Protestant Theological Seminary were analyzed. The results showed that the religious feelings are supported by their ties with the idealized paternal figures that confirm the child fantasy of completeness through which the immediate suffering is decreased, but they make the person a child rather than seeking their overcoming as proposed by psychoanalysis. It is assumed that the overcoming of this human condition does not mean the person is protected against the total psychic suffering, but it results in person's capacity of supporting, being able of tolerating the fault, failure and helplessness without them representing a very hard threat to their psychic structure. Therefore, the constitution of religious feelings follows both given intra-psychic and external social determinism that, in the contemporary world, associates with the shock of modernism paradigm, mainly the reformulation of modern rationale because of the new experiences with the subjectivity.

Key words: psychoanalysis, psychic reality, illusion, helplessness, idealization.

SUMÁRIO

Banca Examinadora
Dados Curriculares
Agradecimentos
Resumo
Abstract

INTRODUÇÃO	p. 11
CAPÍTULO I	
1.1 A dinâmica vocacional/profissional reparatória	p. 16
CAPÍTULO II	
2.1 Os fundamentos do liberalismo teológico no contexto da modernidade	p. 24
2.2 Sobre o discurso de uma suposta “identidade” teológica da teologia calvinista no Brasil: As origens históricas e sua contemporaneidade	p. 32
2.2.1 O protestantismo de missão	p. 32
2.2.2 A presença calvinista na Inglaterra, Irlanda e Escócia: A mediação do puritanismo inglês	p. 33
2.2.3 A teologia protestante reformada no Brasil	p. 38
2.2.4 A formação e organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil	p. 40
2.3 O dilema entre a consciência e a verdade: A subjetividade mediadora entre a razão e o verbo	p. 48
CAPÍTULO III	
3.1 Alguns conceitos e interpretações sobre o sentimento religioso na psicanálise	p. 59
3.2 Do <i>Futuro de uma Ilusão</i> à <i>Ilusão de um Futuro</i>	p. 67
3.3 Da constituição de uma nova noção de <i>realidade psíquica</i> ao desdobramento do ideal do eu no sentimento religioso	p. 79
3.3.1 O conceito de realidade psíquica	p. 79
3.3.2 Da formação do ideal do eu	p. 83
3.3.3 A experiência do desamparo	p. 86
CAPÍTULO IV	
4.1 Metodologia	p. 91

CAPÍTULO V

5.1	Análise e tratamento dos dados	p. 97
5.1.1	Análise da entrevista I	p. 97
5.1.2	Análise da entrevista II	p. 110
5.1.3	Análise da entrevista III	p. 124
5.1.4	Análise da entrevista IV	p. 134

CAPÍTULO VI

6.1	Análise comparativa das entrevistas	p. 146
6.1.1	A mobilização vocacional/profissional inicial	p. 146
6.1.2	O desenvolvimento da perspectiva vocacional/profissional no contexto da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil	p. 148
6.1.3	A entrada e o desenvolvimento do curso de Teologia no Seminário Teológico	p. 152
6.1.4	Do desamparo ao ideal	p. 167
6.1.4.1	O desamparo do estudante de Teologia diante da pesquisa teológica	p. 167
6.1.4.2	A idealização como defesa contra o desamparo	p. 171
6.1.4.3	Idealização ou alienação: uma questão de saúde mental ?	p. 184

CAPÍTULO VII

7.1	Algumas discussões	p. 192
-----	--------------------	--------

8.0	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 202
------------	-----------------------------------	--------

9.0 ANEXOS

9.1	Anexo I - Roteiro para entrevista	p. 208
9.2	Anexo II - Transcrição da entrevista I	p. 209
9.3	Anexo III - Transcrição da entrevista II	p. 220
9.4	Anexo IV - Transcrição da entrevista III	p. 233
9.5	Anexo V - Transcrição da entrevista IV	p. 248
9.6	Anexo VI - Ementário curricular do curso de Teologia do Seminário Teológico Antônio de Godoy Sobrinho	p. 259

INTRODUÇÃO

Em virtude de meu trabalho acadêmico na área de psicologia e aconselhamento com os estudantes do curso de Teologia do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, da Igreja Presbiteriana Independente de Londrina – PR, por mais de uma década, tenho observado os conflitos vivenciados por alguns estudantes referentes à demanda de formação religiosa inspirada pela instituição formadora. Acompanho ainda as dificuldades experimentadas no desenvolvimento do perfil profissional, que corresponda àquele pretendido pela instituição eclesiástica para onde os referidos estudantes serão enviados após o término do estudo de Teologia.

Nas situações relatadas, os caminhos adotados pelos estudantes e formandos são vários. Os estudantes chegam, por vezes, a participar de um outro curso de graduação, a título de uma complementação, que os remete a um exercício profissional supostamente mais adequado. Dentre esses, alguns fazem algum curso superior completo após o término do curso de Teologia, chegando, por vezes, a abandonar a Teologia, seja já no transcurso da vida acadêmica ou posteriormente, após o término de sua graduação, e até há aqueles que voltam às atividades profissionais exercidas antes da sua graduação em Teologia. Esses estudantes participam de cursos de graduação ou extensão universitária nas áreas da filosofia, sociologia, psicologia, pedagogia, história, entre outros, procurando nessas atividades ressonância às suas inquietações e à possível resposta às dificuldades vivenciadas no decorrer da sua formação.

Assim, conflitos vivenciados pelos estudantes nas suas expectativas de formação e exercício do ministério pastoral, via de regra, dificultam a sua vida acadêmica no curso de Teologia, levando-os a desenvolver, por vezes, sofrimentos de várias ordens, expressos, em geral, como crises existenciais muito profundas e como patologias que os impedem temporariamente de freqüentar o curso em andamento.

Assim, tendo em vista a minha experiência pessoal com estudantes de Teologia por mais de uma década, seja como docente da instituição, seja como psicólogo clínico em tarefas de aconselhamento psicológico, observando e refletindo sobre os eventos objetivos e subjetivos na produção de sofrimento acadêmico e pessoal entre os alunos em questão, tenho observado que a tensão entre fé e razão, liberdade ou obediência de pensamento, vem sendo gerenciada por eles com menor ou maior rigor, modulada pela

política eclesiástica, com picos de maior e menor efervescência religiosa. Evidentemente que se trata também de um processo de amadurecimento teológico conduzido com maior ou menor propriedade, e que, via de regra, parcial ou integralmente, é levado a cabo pelo estudante de Teologia no transcorrer do seu estudo no Seminário.

Sendo assim, tenho como **objetivo geral** da minha pesquisa a proposição de analisar como se constitui a elaboração de um projeto profissional religioso para formação de pastores ao ministério religioso da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, especialmente no transcorrer de sua formação pelo Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho de Londrina – PR.

O meu **objetivo específico** se relaciona à análise da dinâmica psíquica implícita no processo de constituição do sentimento religioso. Analisar como estudantes de Teologia elaboram sua dinâmica religiosa no contexto de uma instituição teológica, seja na confluência com os paradigmas teológicos da instituição, seja na elaboração psíquica pessoal através da construção-desconstrução dos paradigmas de sua fé religiosa.

Nesse contexto, um aspecto a ser ressaltado é a relação dos estudantes com suas Igrejas de origem pois, geralmente, estas os encaminham ao seminário mediante uma seleção prévia, que consiste num período de trabalho voluntário não inferior a dois anos em funções de liderança na Igreja local, e que os recebem nos finais de semana para trabalhos esporádicos, também no transcorrer do estudo de Teologia.

Nestas Igrejas de origem, os discursos teológicos ambíguos e críticos, frutos de uma reflexão teológica mais abrangente, geralmente não são tolerados, o que significa para o estudante a não aceitação de suas descobertas teológicas, remetendo-os antes à condição de manter seu discurso no nível do senso comum.

Além disso, existem compromissos com os postulados teológico-ideológicos e confessionais presbiterianos, dos quais dificilmente se pode abrir mão, resultando, quase sempre, numa dicotomia entre a prática pastoral e o discurso teológico acadêmico do Seminário, cujo paradigma curricular é imprescindível para a consecução do estudo de Teologia. Essa tensão entre o discurso e a prática geralmente é fonte dos mais diferentes distúrbios e sofrimentos psíquicos e orgânicos dos estudantes de Teologia, e, como estes *elaboram* esse impasse no confronto entre sua fé, as exigências curriculares e as demandas eclesiásticas das Igrejas para as quais retornam, é ponto de investigação.

Enfim, como Teologia e fé se interpenetram mutuamente? Como um currículo teológico acadêmico dá conta desse impasse entre fé e razão? Como alunos de Teologia elaboram o constrangimento entre um paradigma teológico liberal e as exigências confessionais mais conservadoras das suas Igrejas de origem? Que processos psíquicos atravessam esse impasse, causando sofrimentos das mais diferentes matizes, de somatizações a delírios, e que alternativas mais saudáveis estariam à disposição destes, são, assim, algumas das questões existenciais que norteiam esta pesquisa.

Em vista disso, pretendo localizar e analisar algumas evidências que possam contribuir para a compreensão do trajeto construído na elaboração do seu projeto como estudantes de Teologia e como futuros pastores, no que diz respeito à constituição do sentimento religioso.

Em outras palavras, procuro compreender os fatores que estimulam determinadas pessoas a optarem por um curso de Teologia e como estas constroem discursos que referendam e mantêm sua opção no transcorrer de um certo período de tempo, articulando esses discursos aos valores de vida que as fundamentam, no transcorrer do estudo de Teologia no Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, da Igreja Presbiteriana Independente de Londrina – PR.

Numa primeira impressão, parece haver uma descontinuidade entre os valores éticos, morais e religiosos, vivenciados pelos estudantes que professam crenças e valores fundados exclusivamente nos dogmas da fé e baseados nas suas Igrejas de origem, tendo em vista que o currículo teológico da instituição está baseado numa Teologia acadêmica liberal. Geralmente as instituições teológicas protestantes que oferecem cursos em nível de graduação de terceiro grau se caracterizam por uma pesquisa metodológica dessa natureza, utilizando-se de uma análise crítica dos textos bíblicos semelhante àquela empregada na academia de Letras, em interpretações exegéticas e dogmáticas próprias, cujos instrumentos de pesquisa e interpretação se assemelham aos usados nas academias seculares.

Essa descontinuidade entre o discurso acadêmico e a prática pastoral nas Igrejas de origem, freqüentemente é fonte de ambivalências entre o discurso racionalizado centrado na proposta teológica e sua prática no contexto religioso de sua atuação profissional, uma vez que o discurso teológico não é aplicável, em sua maioria, à demanda religiosa de uma Igreja constituída, ainda baseada numa interpretação religiosa

mais ingênua e radical¹. A cena religiosa então se desenvolve entre a objetividade de uma proposta teológica delimitadora e a subjetividade de uma prática eclesial marcada por preceitos e normas de conduta religiosa afins, produzindo um discurso ambivalente e segregador.

Tal ambivalência se reflete sobretudo na dificuldade vivenciada pelos estudantes de relacionar os valores morais e espirituais, baseados na ética das comunidades e Igrejas de origem, com os novos conhecimentos acadêmicos da pesquisa teológica no contexto de sua inserção no Seminário Teológico. Como a maioria dos estudantes de Teologia retornam às Igrejas de origem nos finais de semana, realizando tarefas agendadas pelas mesmas, o estudante de Teologia, desde o início precisa dar conta dessa disparidade, fonte dos seus conflitos e da sua ambigüidade no dia a dia da sua graduação.

Tais conflitos incidem principalmente sobre os propósitos de vida do estudante de Teologia, uma vez que o exercício dessa profissão – a carreira religiosa – está impregnada de um alto grau de idealização, como também encontramos na carreira médica e jurídica entre outras, o que na carreira religiosa ainda tem a agravante desta ser supostamente inspirada por uma instância externa, o transcendental, em nome do qual se articula um igualmente alto grau de renúncias pessoais e sociais.

Para uma melhor compreensão dessa dinâmica utilizarei os conceitos de vocação e profissão propostos pela psicanálise, especialmente o conceito de sublimação em Freud e de reparação em Melanie Klein, a assim denominada dinâmica vocacional/profissional reparatória, pela qual o sujeito escolhe uma profissão em função de demandas psíquicas introjetadas.

Como o Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho de Londrina – uma das sedes de formação de pastores da Igreja Presbiteriana Independente – desenvolve um currículo acadêmico baseado nos paradigmas da teologia liberal dos séculos XIX e XX, cujas disciplinas de caráter investigativo utilizam metodologias semelhantes às usadas em universidades seculares, relacionadas especialmente aos métodos de crítica textual, investigação exegética e interpretação contextual (hermenêutica), diante das quais o estudante de Teologia vê ameaçados seus valores até

¹ A maioria das Igrejas, além dos preceitos contidos no seu livro sagrado – Bíblia – estabeleceram conceitos dogmáticos próprios, relativos à sua constituição histórica de origem, denominados de escritos confessionais, representados geralmente pelo conjunto de regras e normas de vida e fé, que constituem, ao lado da Bíblia, suas normas de conduta religiosa. (n.a.)

então inabaláveis, especialmente aqueles relacionados às concepções ingênuas e românticas da própria fé, o transcorrer do estudo de Teologia é marcado por um profundo desamparo diante destas incursões acadêmicas, cujas crises existenciais e teológicas remetem o mesmo às mais diferentes formas de elaboração psíquica e teológica.

Tendo em vista que essas concepções ingênuas e românticas da fé cristã geralmente estão impregnadas de elevados graus de idealização e, por vezes, de alienação, pelos quais se tenta resgatar e recriar a unidade narcísica primitiva desfrutada com os pais na infância e estendida ao contexto adulto por uma fé romantizada num pai transcendental, enquanto acadêmico, o estudante precisa aprender a lidar com os fragmentos parciais e ambíguos resultantes desse estudo crítico, reorganizá-los e reconstruí-los em direção a uma maturidade que permite tolerar essa ambivalência, aceitar esses limites e reformular sua dinâmica vocacional/profissional pela qual veio ao seminário.

CAPÍTULO I

1.1 A Dinâmica Vocacional Reparatória.

A dinâmica vocacional/profissional pode ser observada a partir de teorias provenientes de diferentes paradigmas, dependendo do campo de pesquisa² do qual derivam. Para Nascimento (1995, p. 119 et ss.), os conceitos de vocação e profissão têm sido confundidos - embora suas origens provenham do latim *vocare* - ‘chamar’ e *professio* - ‘ocupação habitual’, ‘modo de viver’, no qual geralmente a vocação como um chamado é um impulso, uma necessidade a ser satisfeita, enquanto a profissão é o que satisfaz esta necessidade.

Tendo como referência o paradigma psicanalítico, Bohoslavsky (1979) utiliza o conceito kleiniano de *reparação*, em que a profissão escolhida seria depositária, pelo menos em termos ideais, do objeto interno a ser reparado e que condiciona o uso do termo vocação apenas à satisfação daquelas necessidades referentes à reparação desse objeto. Bohoslavsky cita Wender, (apud Bohoslavsky 1980, p. 73), segundo o qual

as vocações expressam respostas do ego diante dos “chamados” interiores, chamados de objetos internos prejudicados, que pedem, reclamam, exigem, impõem, sugerem, etc., ser reparados pelo ego. A escolha da carreira mostraria a escolha de um objeto interior a ser reparado. Isto significa que a carreira seria uma resposta do ego (o invocado) a um objeto interior danificado (invocante).

Esse termo está ancorado no conceito freudiano de *sublimação*, especialmente na referência a Leonardo da Vinci, cujo trabalho artístico, para Freud (1910/1970, p. 72), deriva da pulsão sexual, como expressa em seu texto:

² *Campo de Pesquisa*: Dentro do campo da orientação vocacional surgem as mais diferentes teorias, classificadas como “psicológicas”, “sociológicas” e “econômicas”. O que se pode constatar do exame dessas teorias é o fato de que estas apresentam explicações parciais da problemática vocacional, dependendo da disciplina de que derivam. As teorias psicológicas se atêm às características pessoais dos indivíduos, considerando a estrutura social e econômica como condições dadas que meramente impõem os limites nos quais esses processos psicológicos operam. Já as teorias econômicas examinam o modo pelo qual a estrutura de salários e outros fatores econômicos canalizam o fluxo da força de trabalho, desconsiderando, no entanto, os processos psicológicos pelos quais essas forças sócio-econômicas se tornam efetivas. As teorias sociológicas focalizam a estrutura social estratificada em detrimento das características dos indivíduos ou da organização da economia, analisando os efeitos do *status* dos pais sobre as oportunidades da criança, sem, no entanto, explicitar os mecanismos através dos quais tais efeitos se reproduzem. (Cf. Silva, apud Bock, 1995, p. 25-6)

A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. A pulsão sexual presta-se bem a isso, já que é dotada de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados. Aceitamos este processo como verdadeiro sempre que na história da infância de uma pessoa — isto é, na história de seu desenvolvimento psíquico — evidenciamos que, na infância, essa pulsão poderosa foi usada para satisfazer interesses sexuais.

Esta mesma idéia já estava presente em outro texto de Freud, sobre *a Sexualidade Infantil* (1905/1972, p. 212), no qual:

Os mesmos caminhos, contudo, ao longo dos quais os distúrbios sexuais se aproximam das outras funções somáticas, devem também executar outra importante função na saúde normal. Devem servir como caminhos para a atração das forças pulsionais sexuais por objetivos não sexuais, isto é, para a sublimação da sexualidade.

O conceito dessa função sublimatória, em sua teoria, mostra a origem do trabalho intelectual, bem como a produção artística e outras atividades de grande aceitação social, tomando como exemplo as atividades científicas e artísticas de Leonardo da Vinci e algumas recordações de sua própria infância, correlacionando a seleção de uma profissão com elementos inconscientes da personalidade.

Melanie Klein (1981, p. 255), com base no conceito freudiano de sublimação e ancorada em sua teoria sobre a *posição depressiva*, introduz o conceito de *reparação*, através do qual torna-se possível a elaboração das ansiedades persecutórias e ambivalentes desta posição. Com esse conceito, ela amplia a noção freudiana de sublimação para uma forma mais complexa e objetual, no qual também estariam presentes a elaboração de fantasias e um manejo complexo dos objetos. Para ela,

todas as atividades, interesses e sublimações do indivíduo também concorrem para dominar sua angústia e aliviar sua culpa, e que sua força motivacional consiste não somente em gratificar os impulsos agressivos, mas igualmente na necessidade de fazer reparação ao objeto e de restaurar seu próprio corpo e suas partes sexuais em sua integridade.

Em outra obra, o conceito kleiniano de reparação se relaciona com o conceito freudiano de sublimação, no tocante à posição depressiva e visa manter a totalidade do objeto e do ego, não permitindo sua destruição ou fragmentação, não defendendo o

sujeito apenas contra os impulsos sexuais, mas também contra os impulsos destrutivos. Assim se expressam Klein e Rivieri (1970, p. 104):

Paralelamente aos impulsos destrutivos presentes na mente inconsciente tanto da criança como do adulto, existe um anseio profundo de sacrificar-se, no intuito de auxiliar e de consertar pessoas queridas que em fantasia foram danificadas ou destruídas. Nas profundezas da mente, o anseio intenso de fazer felizes as pessoas está associado a um intenso sentimento de responsabilidade e preocupação por elas, que se manifesta através de simpatia genuína para com outras pessoas e da habilidade em compreendê-las, tais como elas são e tais como elas se sentem.

Já na *posição depressiva*, em sua origem, Segal (1983, p. 55 et ss.) afirma que há uma certa exigência de inibição pulsional em relação ao objeto, com o fim de deslocar a agressividade original e, assim, diminuir a culpa e o temor da perda. Tal inibição, tanto agressiva quanto libidínica, é também responsável pela criação do símbolo, o substituto do objeto, sem alterações no afeto. Este é criado para superar a perda, para restaurar, recriar e possuir novamente o objeto original.

Também para Nascimento (1995, p. 126), o interesse da criança e depois do adulto, no mundo externo, é determinado por constantes deslocamentos de afetos simbolizados inicialmente na atividade lúdica e posteriormente também no trabalho.

Dessa forma, a profissão escolhida pelo sujeito reflete o que a pessoa viveu em suas primeiras relações objetivas, ou seja, na sua atividade profissional, um indivíduo vai estar repetindo o seu modelo mais fundamental, semelhante ao modelo com que em sua infância estabeleceu as suas relações objetivas. Encontramos através da profissão como se manifestam os seus objetos (perseguidores, tirânicos, danificados ou passíveis de restauração). Podemos perceber também quais as defesas que utiliza para lidar com os objetos que lhe causam angústia. (...) quanto mais madura for a pessoa, quanto menos ameaçada ela for por seus objetos internos, quanto mais pudermos dizer que foi capaz de tolerar a ambivalência e a culpa e elaborar o luto, tanto mais vamos encontrar escolhas profissionais saudáveis e maduras (...) com uma adaptação mais tranqüila às atividades objetivas e que na sua relação com o trabalho estão mais livres para criar.

Para que uma reparação³ efetivamente alcance os objetivos propostos é necessário que o sujeito tenha algum nível real de escolha profissional,⁴ assim como um

³ Bohoslavsky, (1979, p. 76) inspirado em M. Klein, diferencia a reparação autêntica da maníaca (rep. maníaca: as pseudo-reparações como a reparação compulsiva e a reparação melancólica, nas quais o alto grau de destrutividade danifica ainda mais o objeto ambivalente, podendo restringir a autonomia do sujeito).

⁴ Dificuldades econômicas e sociais – necessidade de sobrevivência, estrutura social, expectativas parentais etc.. - podem ser entraves para uma escolha profissional reparatória, especialmente quando impedem que o sujeito opte por uma profissão baseado em seu desejo.

eu bem integrado e capaz de integrar lutos, tolerar a culpa, a ambivalência e a dor, enfim, ser capaz de integrar objetos internos e externos a partir de uma dinâmica autônoma e criativa. A escolha por profissões que venham restaurar o bem-estar orgânico e psíquico dos indivíduos – as ciências humanas e da saúde integral – aparentemente formam bases projetivas mais adequadas para uma reparação autêntica, mas não são exclusivas para tal, uma vez que sofrem condicionamentos culturais que podem projetá-las socialmente por razões de muitas outras naturezas (econômica, *status* social, pelas relações de poder, etc.) além do fato da reparação sempre ser de natureza singular, pela qual uma mesma profissão pode ser reparatória para um e para o outro não.

Bohoslavsky (1983, p. 7-18) retoma posteriormente essa problemática vocacional com o conceito de sobredeterminação, no qual a escolha é multi e sobredeterminada pelas contradições sociais, pelas necessidades apriorísticas do sistema através das demandas da família, da estrutura educacional e dos meios de comunicação de massa, que cristalizam a ideologia do sistema social, estabelecendo os requisitos pessoais para se ter acesso ao mesmo.

Nesse conceito, a escolha reparatória diz muito mais respeito à qualidade ideal de uma escolha profissional, mas que, na prática, pelos impedimentos de toda ordem, não é sempre a opção final escolhida, pois as exigências interiorizadas do sistema nem sempre estão articuladas com os desejos e as expectativas pessoais, produzindo diferentes graus de adaptação e reparação profissional. Os fatores pessoais que intervêm nesse processo, por sua vez, podem ser relacionados ao *status* social que pode ser atingido pela profissão, características de organização psíquica do sujeito, identificações anteriores no seu meio social e afetivo, seu ideal do eu, o supereu, o próprio eu e suas defesas relacionadas.

Partindo desse conceito de multi-determinação, de uma escolha afetiva (pulsional e da ordem do desejo) por um lado, e das ofertas da demanda institucional relacionada ao mercado de trabalho, por outro lado, a escolha vocacional parece estar vinculada à qualidade da interação entre esses meios, sendo possível supor que a conciliação dessas duas ordens de determinações seja vivida internamente como conflito psíquico, em que o trabalho pode vir a ser uma fonte de prazer ou sofrimento singular.

Também não é difícil perceber, devido às condições sócio-econômicas em termos de uma divisão social do trabalho, que aos membros das classes menos

favorecidas e menor grau de profissionalização técnica restam trabalhos de menor grau de significado social e pessoal, nos quais a possibilidade de assumir um trabalho de natureza reparatória é muito minimizada, em função da necessidade material se impor como força de sobrevivência. Certamente não foi à toa que Freud, inicialmente, viu apenas nos artistas e nos cientistas a possibilidade de exercerem atividades de caráter sublimatório (reparatório), em função da posição privilegiada que ocupavam na divisão social do trabalho de sua época, que lhes possibilitava uma atuação criativa e autônoma, e em que a necessidade coincidia com a virtude.

No campo da escolha vocacional religiosa, pelas características e possibilidades reais de ascensão social, bem como pelos elementos virtuosos especialmente destacados pelos líderes institucionais, em nome dos quais os candidatos ao ministério religioso são aceitos pela instituição religiosa, nem sempre se pode falar de uma escolha reparatória autêntica, muito embora, por vezes, os sujeitos abandonem campos profissionais bem remunerados, em função de *chamados internos* que re-significam sua atuação profissional.

Entretanto, em razão dessa escolha estar geralmente ancorada no plano do desejo, ainda que, por vezes, alienante, o modelo psicanalítico de referência vocacional, especialmente as noções sobre as motivações inconscientes subjacentes à escolha (a determinação da escolha profissional operada por conflitos emocionais não resolvidos), instrumentalizado através do conceito de reparação, introduzido por Melanie Klein e utilizado por Bohoslavsky para compreender melhor essas motivações, é adequado para uma análise das motivações vocacionais de estudantes de Teologia.

A atualização desses fenômenos, da qual surge a dinâmica vocacional/profissional, é viabilizada por intermédio das dinâmicas transferenciais, nas quais uma pessoa desloca experiências emocionais anteriores importantes, vividas com pessoas significativas, para uma situação atual. Tais vínculos reeditam antigas dificuldades para uma situação presente, reedição que permite um conhecimento mais específico a respeito da dinâmica emocional que interfere na escolha vocacional/profissional.

Também as dinâmicas contratransferenciais dessa relação são sinalizadoras (de como o pesquisador ou a instituição reage diante dessas identificações reparatórias) para estabelecer uma relação profissional identificatória que realmente possa ser reparatória, advindo daí o grau de satisfação profissional desejada.

No campo das religiões, assim como em outras profissões de elevado grau de idealização (médicos, juristas etc.), geralmente a primeira mediadora transferencial para uma escolha profissional é a família (ou os representantes externos dos vínculos sociais), seus valores e relações significativas de afeto, pelas quais o sujeito estabelece o seu lugar na futura profissão, por identificações com personagens afetivamente significativos, pelos quais ele busca seu lugar na sociedade, quer estes personagens atuem como grupo positivo ou negativo de referência. Em razão disso, o sujeito sempre se insere no universo das representações familiares, escolares, dos colegas e amigos, buscando aí o seu sentido para a vida, a morte e do seu ser. O momento crítico de escolha profissional, por isso mesmo, também é crítico para essas representações externas, especialmente no que concerne à perdas, lutos e afastamentos dos mesmos. Conforme Dias (1995, p. 75),

as ansiedades predominantes vividas pelo orientando são parte de um processo em família, toda escolha profissional alicerçada em cima de conflitos ocasionará problemas de percurso, mobilizando ansiedade em todo o grupo familiar. Os pais também ficarão ansiosos e reviverão, através do filho, seus próprios dilemas vividos no mesmo momento evolutivo. Dependendo do modo como resolveram ou não essas questões em suas vidas, terão um repertório mais ou menos fortalecido para, na situação atual, oferecerem continência às ansiedades vividas pelo filho. (...) A orientação profissional (...) precisa conceder algum espaço para se pensar a relação do jovem com a família e com as expectativas parentais (...) e deve estar atenta a todo o material psíquico trazido pelo orientando, que possa estar dificultando o caminho de uma definição profissional.

Por esta razão, uma escolha profissional muito influenciada pela dinâmica familiar ou grupal poderá até transformar-se em sintoma do grupo, expressando as ansiedades e os conflitos compartilhados. É nesse contexto que também se torna importante o conflito via identificação projetiva, no qual o luto e a reparação advêm como conceitos importantes para a compreensão do processo da escolha profissional. Mesmo porque uma escolha sempre implica em outras exclusões; tomar um rumo implica em abandonar outros rumos, especialmente a rede de afetos que aí estão implicados em vivências dolorosas anteriores.

Se a escolha de uma profissão pode estar atrelada à tentativa de reparar ou consertar algo que o indivíduo tenha representado como “quebrado”, surge então a necessidade de se estar atento às falsas reparações, que mais tarde poderão frustrar o

profissional, já que escolheu aparentemente para tentar diminuir a carga negativa do seu contexto, mas não dissolveu seu dilema e ansiedades originais.

Dias (ibid., p. 91) menciona que a orientação vocacional/profissional se torna um terreno fértil para depósito de muitas inquietudes, onde há pais que receiam que esta venha tirar dos filhos os objetivos propostos pela família, ou esperam que com ela fossem resolvidos todos os problemas de sua dinâmica familiar, outros que gostariam de refazer sua própria vida através das escolhas do seu filho, destacando o *processo* pelo qual uma escolha profissional pode configurar-se como sintoma e ser produzido pela própria dinâmica desta, expresso nas dúvidas e certezas do filho diante de uma escolha final, como enfatiza em seu texto:

a escolha profissional se monta, muitas vezes, como um artifício imaginário para a “solução” de conflitos que, em sua origem, nada têm a ver com a profissão, e que jamais serão solucionados realmente por uma escolha de carreira. Ao fazer emergir as motivações inconscientes ao processo de escolha (...) procuramos desligar a escolha profissional do conflito que a direcionava. Desta forma a escolha se flexibilizará para atender a outras motivações e necessidades e o conflito poderá ser encaminhado para uma outra solução. (...) torna-se responsabilidade do orientador verificar o campo ao qual o conflito se refere e encaminhar o orientando, ou a família toda, para um atendimento profissional respectivo.

Atualizando esses dados para o contexto de uma dinâmica vocacional/profissional religiosa, também nesta verificam-se eventos transferenciais em que, por um lado, as expectativas de pais e parentes se sobrepõem às realizações do sujeito, como muito bem expresso nas palavras de um estudante de Teologia” *acho que eu nem tenho tanto jeito para isso mas a minha mãe seria uma ótima*”, ou até de eventuais líderes institucionais que, velada ou abertamente manifestam esse desejo junto ao sujeito, providenciando inclusive os meios para que isso se realize, como o sustento financeiro em forma de bolsas pessoais e pagamentos acadêmicos junto à instituição formadora, bem como a integração deste em programas de lideranças religiosas e outros compromissos dessa natureza.

Tendo em vista que a maioria dos “*vocacionados*” para a vida religiosa provém de lares de situação econômica baixa – embora haja sensíveis exceções – a integração destes em programas religiosos significa geralmente aumento de *status* e reconhecimento social, implicando em infinitas relações de poder, às quais o sujeito provavelmente não teria acesso por seus próprios meios, que não somente *contagiam*, mas que são verdadeiras inspirações, aumentando ainda mais o grau de idealização

vocacional, na forma de uma “missão transcendental” do sujeito, junto às instâncias religiosas.

Evidentemente, deve-se destacar esse grau de idealização pela qual as instâncias religiosas, e em conseqüência também seus líderes, geralmente são revestidos, como *normativas* para novas sociedades supostamente mais justas e coerentes com seus princípios éticos, ou até modelares para novas propostas de vida mais “iluminada” e perene, muito embora estas expectativas não se confirmem numa observação pessoal ou institucional mais apurada.

Finalmente, também se destacam ainda neste nível as experiências psico-afetivas e espirituais singulares dos “vocacionados”, nas quais se encontram representados fenômenos perceptivos sensoriais e extra-sensoriais, das ilusões aos delírios, que geralmente embasam as experiências pessoais idealizadas e conhecidas como sendo um processo de *conversão*, atravessado por dinâmicas de *escolha*, *envio* ou *chamado transcendental*, que permeiam e mantêm a dinâmica vocacional/profissional num nível quase supra-sensível, influenciados diretamente por forças de natureza supostamente transcendental.

Sendo assim, a dinâmica vocacional/profissional do estudante de Teologia também é atravessada pelos mesmos condicionamentos culturais, familiares e pessoais aos quais estão normalmente sujeitos os “vocacionados” para outras profissões, ressalvadas as devidas diferenças do nível de idealização, pelas quais a vocação/profissão religiosa se mantém. Essas diferenças justamente constituem o horizonte singular, no qual se constitui a experiência religiosa propriamente dita, capaz de mobilizar dinâmicas reparatórias altamente idealizadas e sofisticadas, como em poucas outras profissões se poderá encontrar.

Para um entendimento mais adequado da dinâmica que atravessa a relação do estudante de Teologia com os aspectos institucionais da teologia liberal protestante e seu confronto com a ética e os dogmas confessionais da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, apresentaremos alguns princípios doutrinários dessa instituição no bojo da modernidade, e especificamente no contexto do movimento da reforma e contra-reforma iluminista.

CAPÍTULO II

2.1 Os Fundamentos do Liberalismo Teológico no Contexto da Modernidade.

A proposta iluminista para a formação e o desenvolvimento das ciências entre os séculos XVI e XVIII levou um certo ceticismo às propostas teológicas de percepção do mundo, ainda fortemente influenciadas pelas formas de saber ensaiadas no transcorrer da Idade Média. Se a Renascença conseguiu paulatinamente estabelecer novas propostas metodológicas para a análise do universo como um todo e das especialidades “científicas” em particular, a Teologia, como forma de saber, perdeu passo a passo sua influência sobre a determinação dessas novas formas de saber. Por outro lado, ela mesma já começava a se utilizar de algumas das formas metodológicas de produção do conhecimento que imperavam no alvorecer dessas novas especialidades científicas.

No contexto particular da Teologia, as propostas filosóficas absolutas já disputavam espaço com as modernas formas de análise textual crítica, por exemplo, desmistificando aos poucos os postulados das “verdades eternas”, semeando crises metodológicas e filosóficas como nunca antes havia acontecido. Se tudo era passível de provas, também a Teologia, entendida como ciência, deveria procurá-las, evidentemente com outro rigor, pois seu principal objeto de estudo – Deus - era-lhe inacessível. Como Igreja Protestante,⁵ ela julgava ser também a representante desse Deus no contexto da humanidade, e iniciou sua pesquisa pela análise crítica do seu texto sagrado (Bíblia), esquadrinhando antigos manuscritos, supostamente originais, nas línguas igualmente originais (Hebraico – para o Velho Testamento; Grego – para o Novo Testamento), constituindo toda uma ciência teológica, pois aplicava ao texto o mesmo método investigativo usado no contexto das novas especialidades.

À medida que se desenvolvia a crítica textual na Teologia, esta buscava inclusive contribuições nas ciências sociais e humanas, cujo saber influenciou em parte o estabelecimento de postulados e critérios de análise mais adequados à geração desse novo saber teológico. Assim, os temas teológicos sobre o *transcendente*, isto é, sobre as forças chamadas sobrenaturais, físicas ou não, que supostamente regiam o universo e

⁵ Igreja Protestante: Nome derivado da sua condição de protesto diante da Teologia e Igreja Católica Romana, estabelecendo-se originalmente na Alemanha pela atuação do reformador Martim Lutero e na Suíça pelo reformador João Calvino. (n.a.)

controlavam o comportamento dos mortais, deram lugar à investigação do *imane*nte, das razões humanas que poderiam estar determinando especialmente os ditames do comportamento humano. A investigação da “alma” deu lugar à investigação da natureza e de seus determinismos, bem como, da constituição do homem como ser humano em desenvolvimento, surgindo assim uma Teologia (sobretudo na Europa) que ficou conhecida como *liberalismo teológico*, como bem o expressa Mendonça (1984, p. 248-9)

O liberalismo teológico cria nas virtudes humanas, na possibilidade de a consciência individual transformar-se em consciência social. Enfatizava o papel do homem cristão na sociedade como fundamental para a formação de uma sociedade justa e feliz. O Reino de Deus era tido como um ideal genuíno para o mundo contemporâneo.

Seu maior impacto verificou-se nas questões escatológicas, isto é, para o liberal,

Deus não interfere nas leis da natureza; ao contrário, opera através delas e conduz o mundo no sentido do seu próprio aperfeiçoamento. O problema da vida após a morte não ganha, no liberalismo, relevo acentuado. A atenção do liberal concentra-se no cumprimento da vida aqui e agora, interpretando-se cada vez mais a vida futura como imortalidade de espírito melhor do que ressurreição do corpo. (ibid., p. 248-9)

Para o liberalismo teológico, o Reino de Deus não é um produto final de uma cristianização progressiva da ordem social, sendo antes o reflexo de uma ordem evolutiva do que da esperança neo-testamentária propriamente dita. Evidentemente isto lhe trouxe constrangimentos acadêmicos e populares de proporções geométricas, a partir dos quais se desenvolviam propostas teológicas e eclesiásticas das mais diferentes naturezas.

Dentro do protestantismo, como movimento de reforma teológica, destacaram-se duas Igrejas posteriormente denominadas de “históricas”, por conseguinte, a atual Igreja Presbiteriana, de origem calvinista, e a atual Igreja Luterana, por um lado, representantes da Teologia protestante clássica, que parcialmente já tinham aderido às metodologias de pesquisa científica. Por outro lado, representando a contra-reforma protestante, desenvolveram-se movimentos as chamadas Igrejas fundamentalistas, oriundas principalmente dos princípios puritanistas na Inglaterra e pietistas, na Alemanha. Estas últimas não admitem a pesquisa bíblica segundo métodos seculares, bem como as interpretações sociológicas e psicológicas da metodologia iluminista. Aquelas Igrejas que aderiram ao movimento de pesquisa e interpretação dos textos

bíblicos, seguindo metodologias seculares, ficaram então conhecidas como Igrejas liberais ou de Teologia liberal.

No plano secular, o desenvolvimento racionalista da Inglaterra, nos planos político, econômico e social, contrastou profundamente com os sentimentos religiosos da nação, inspirando um despertar evangélico que teologicamente era um retorno aos antigos conceitos doutrinários protestantes pré-científicos. Na Alemanha, o *pietismo*⁶ já tinha precedido o movimento iluminista, contrastando com este em virtude de sua ênfase no *sentimento*, que, apesar de romper com a ortodoxia teológica clássica, não desenvolveu teorias capazes de enfrentar e argumentar contra os dogmas doutrinários vigentes. Conforme Walker (1967, v.II, p. 233)

O espírito crítico, racionalista do século décimo oitavo, as obras dos deístas⁷ ingleses e seus oponentes, a modificação popular radical do deísmo na França – tudo isso invadiu a Alemanha e encontrou o campo intelectual totalmente vazio. O resultado foi o rápido crescimento do iluminismo, como ele mesmo se denominou. Fortemente racionalista, abrigou muitas nuances de opinião. Mais do que na Inglaterra ou França, por sua obra crítica e construtiva, ele preparou o caminho para significativa transformação na Teologia que, no décimo nono século, haveria de intensamente se espalhar nos países protestantes.

O desenvolvimento racionalista/iluminista nesses países deixou impregnadas também na Teologia suas características. Através dele, ora se constituíam os novos saberes teológicos, ora se provocavam profundas crises existenciais e institucionais, que mais tarde iriam lançar as bases teóricas da contra-reforma protestante nos movimentos teológicos fundamentalistas.

⁶ O pietismo é muito propício ao desenvolvimento do sistema individual de crenças. O sistema de crenças assim gerado pode ser compartilhado por pequenos grupos e, regra geral, está presente na instituição religiosa oficial contra a qual ele não se opõe. O pietismo tende a selecionar entre os ensinamentos e as práticas institucionais aquilo que lhe interessa e que vem ao encontro de sua devoção individual. A sua ojeriza ao pensamento sistemático pode surgir defensivamente quando o seu sistema próprio de crenças é ameaçado. O que predomina, em última instância, é o sentimento e a experiência individual de fé. (...) o protestante não abre mão desse direito que afirma ter. O seu último reduto em questões de fé e moral é a Bíblia, interpretada individualmente pelo método literal e espiritual. (n.a.)

⁷ Refere-se ao desenvolvimento do racionalismo na religião, no qual o moralismo era o principal conteúdo, sobretudo a reação moral contra as paixões e brutalidades da época das guerras de religião, também conhecido como '*supernaturalismo racional*'. Segundo essa teoria, tudo o que é reconhecido acima da razão é crença sem prova. [*“Estar isento de superstição é ser livre, pois o único pensador racional é o livre pensador. Os piores inimigos da humanidade são os que têm mantido as criaturas na superstição e o maior exemplo desses inimigos são os sacerdotes de todos os tipos (...) e tudo o que é obscuro ou está acima da razão na assim chamada revelação, é superstição e sem valor ou mesmo pior que isso”*].]

Repassando suas origens, destacam-se entre os precedentes teóricos iluministas, ainda que não em forma de sistema, Leibniz (1646) e Tomásios (1655). Mas seu grande protagonista foi Cristiano Wolff (1679), cuja felicidade consistia em assinalar e dar expressão ao pensamento informe e inarticulado do seu tempo, posterior guia filosófico e teológico dos seus compatriotas. Perito em matemática, lecionando-a em Halle (1707), assegurava que:

...somente é verdade aquilo que pode ser demonstrado pela certeza lógica, como na matemática. A verdade deve ser deduzida racionalmente do conteúdo inato da mente – a ‘razão pura’. Tudo o que procede da experiência é meramente contingente e confirmatório. O mundo é composto de uma infinita multidão de substâncias simples, dotadas de forças, ainda que não com todas as qualidades das mônadas de Leibniz. Os corpos são agregações dessas substâncias. O mundo é uma gigantesca máquina regida por leis mecânicas. A alma é o que em nós é consciente de si mesma e de outros objetos. Ela está provida de capacidade de conhecimento e desejo. Sua cabal realização é o prazer, sua realização incompleta, o sofrimento. (apud Walker, op.cit., p. 234)

Wolff não negou a revelação, porém a condicionava à racionalidade. Entendia que os milagres não eram impossíveis, mas improváveis, que o homem é otimista, individual e socialmente marcha para a “total completção”. Sua teoria primava pela conclusividade de uma demonstração lógica, na qual Deus, religião natural, originalmente implantara a moralidade e o progresso rumo à perfeição individual e geral.

Um autor menos radical foi Johann Lorentz von Mosheim (1694), sobrenaturalista racional que não nutria simpatias pelo dogmatismo ortodoxo e favoreceu a difusão do iluminismo através de suas obras *Institutiones Historiae Ecclesiasticae* (1726) e *Commentarii de rebus Christianorum ante Constantinum* (1753). Foi considerado também o “pai da moderna história da Igreja”, pois foi sua a primeira obra sobre a história da Igreja que objetivou os fatos como aconteceram, sem defender uma causa.

Também Hermann Samuel Reimarus (1694), líder dos círculos eruditos da cidade de Hamburgo, ainda como jovem estudante na Inglaterra adotou as idéias deístas, em defesa das quais muito escreveu na sua principal obra *Fragmentos de Wolfenbüttel*, editados entre 1774 e 1778 por Lessing, após seu falecimento. Segundo sua teoria, “o mundo mesmo é o único milagre e a única revelação (...) os escritores da Bíblia nem

sequer eram homens honestos, mas impelidos pela fraude e pelo egoísmo.” (Walker, 1967, p. 236)

Gotthold Efraim Lessing (1729), editor dos escritos de Reimarus (1694), dramaturgo e crítico artístico e literário entre os clássicos como Goethe e Schiller, em sua obra *Educação da Raça Humana* (1780), faz uma interessante correlação do desenvolvimento do ser humano com o desenvolvimento da religião (hebreu-cristã), argumentando que:

A infância é impulsionada por recompensas e castigos imediatos. O Antigo Testamento é um livro de preparo para os homens nessa condição, com promessas de vida longa e bênçãos temporais pela obediência. A Juventude está pronta a sacrificar a tranquilidade presente e os bens menores pelo êxito e a felicidade futura. Para ela, os homens nesse estágio, o Novo Testamento com sua presente auto-entrega e eterna recompensa, é um guia adequado. Mas na maturidade, o que governa é o dever, sem esperança de recompensa ou temor da punição. Seu guia é a razão, ainda que possivelmente Deus possa enviar alguma nova revelação em seu auxílio. (...) O cristianismo histórico pertence a um estágio passado do desenvolvimento humano ou a um estágio inferior presente. (ibid, id.)

O principal efeito do iluminismo na Teologia foi a difusão da idéia de que *“somente eram de valor nas escrituras as verdades da religião natural e sua moralidade, despidas do milagroso ou do sobrenatural.”* (ibid, id.) Nesse contexto, Jesus era mais um mestre moral do que centro de uma fé pessoal. Este racionalismo caracterizou o pensamento teológico da Alemanha de 1800, concorrendo, lado a lado, com a proposta teológica ortodoxa confessional e do pietismo, em particular. A proposta teológica iluminista polemizava fortemente contra as superstições e credices populares, propondo e estimulando uma ampliação dos estudos textuais e históricos da Bíblia, inaugurando o período de um criticismo bíblico nunca antes imaginado. Jean le Clerc (1657) tinha granjeado fama como exegeta por sua intenção de *“explicar o ensino das Escrituras sem preconceitos dogmáticos”* (apud Walker, op. cit. p. 237) bem como Albrecht Bengel (1742) publicou seu *Gnomon*, um índice do Novo Testamento considerado o comentário mais notável até então produzido, segundo o qual, *“nada será lido na Escritura e nada dela será omitido que possa ser esmiuçado pela mais rígida aplicação dos princípios gramaticais.”* (Walker, op.cit. p. 239) Também Wesley (1755) (*Notas sobre o Novo Testamento*) e Johann Jakob Wettstein (1693) (*Novo Testamento Grego com Diversas Variantes – 1751-52*) inauguraram a nova fase da Teologia em que a crítica textual e a exegese bíblica determinaram o curso da

interpretação bíblica, em parte vigente até nossos dias, sobretudo nas faculdades e seminários teológicos de tendências liberais.

Também na área do Antigo Testamento surgiram interpretações desta nova fase crítica da Teologia, e Jean Astruc (1684), professor de medicina em Paris, lançou sua obra *Conjeturas* (1753), em que chamava a atenção para o caráter composto de Gênesis, cuja teoria alcançou fama mais tarde com Johann G. Eichhorn (1752), professor racionalista, considerado fundador do criticismo do Antigo Testamento. Mas foi com Johann August Ernesti (1707) que se aplicaram à interpretação do Novo Testamento os mesmos princípios válidos para a literatura clássica de sua época, equivalendo aos mesmos métodos gramaticais e históricos nos dois campos citados.

Já Reimarus, em seu sétimo Fragmento (1778), tinha submetido a vida de Cristo a rígidos métodos históricos, que se aplicavam à história secular. Ali se rejeitava todo o sobrenatural, mítico e lendário, levantando questões de método que até hoje constituem os problemas desse tipo de investigação. Essa metodologia foi aprofundada por Johann Salomo Semler (1725), distinguindo “*as verdades permanentes da Escritura e os elementos devidos às épocas em que foram escritos diversos livros*” (Walker, 1967, p. 238) negando o valor paritário de todos os escritos, distinguindo entre o valor dos evangelhos e das cartas pastorais, por exemplo, defendendo a idéia de que os credos teológicos confessionais estão constantemente em crescimento e a história da Igreja é um desenvolvimento. O autor faz distinção, na Igreja Primitiva, dos partidos petrino-judaizante e o paulino anti-judaico, levando ainda hoje a conjecturas de que, se o partido paulino não tivesse sido o vencedor das disputas eclesiásticas da Igreja Primitiva, provavelmente as concepções e características de Jesus, transmitidas à posteridade cristã, poderiam ter sido diferentes.

Na Teologia alemã foram estes alguns dos cismas iluministas que caracterizavam a ortodoxia culta dessa época. Mas também no protestantismo inglês do século XVIII e XIX,⁸ antes de dominarem as normas do reavivamento evangélico através do despertar espiritual,⁹ imperava o liberalismo eclesiástico, que, apesar do seu progresso, trazia insatisfações às formulações teológicas que repousavam na base

⁸ Protestantismo inglês do século XVIII e XIX: O termo faz referência à evolução da reforma protestante naquele país e suas variantes confessionais.

⁹ Despertamento espiritual: Termo teológico que designa uma reformulação dos valores de fé da Teologia protestante clássica, geralmente vinculada aos aspectos afetivos da crença religiosa, uma vez que a Teologia protestante liberal dessa época estava mais concentrada nos valores intelectuais e racionais do cristianismo.

das discussões provincianas do século anterior. A Teologia era racionalista, isto é, um sistema de demonstração intelectual ou revelação autoritária, às vezes ambas combinadas, e novas forças intelectuais se agitavam ao vento. Auxiliados pela poesia romântica, desenvolvia-se um novo humanitarismo, sobretudo no bojo do reavivamento metodista, preanunciando novos movimentos reformistas.

Seu primeiro expoente foi, sem dúvida, Samuel Taylor Coleridge (1772), que em sua obra *Auxílios à Reflexão* (1825), fazia distinção entre *razão e entendimento*, sendo a razão um poder de percepção intuitiva (uma contemplação interior) que se alia à consciência e tem postulados como a lei moral, a legislação divina e uma vida futura. A verdade religiosa não está mais baseada em provas, mas na consciência religiosa, sendo ele precursor da maneira liberal eclesiástica de pensar. Sua obra teve continuidade com Thomas Arnold (1795), que aceitava a idéia de que a Bíblia é uma literatura como outras e deve ser entendida à luz do seu tempo, embora, para o autor “*sua divina verdade nos alcance*”.

A crítica bíblica, neste contexto, foi impulsionada principalmente por Henry A Milman (1791), na sua *História de Jesus* (1829) e sua *História do Cristianismo Latino* (1855), e John. F. D Maurice (1805), especialmente quando, em 1854, fundou o *Colégio de Trabalhadores*, que levou posteriormente à criação de um movimento socialista cristão. Para ele, *‘Cristo é a cabeça de toda a humanidade, todos são seus filhos e ninguém se perderá para sempre’* (Walker, 1967, p. 255).

A difusão das idéias liberais na Teologia deve-se a um corpo de teólogos literatos, entre os quais estão Charles Kingsley (1819), Alfred L Tennyson (1809) entre outros, alcançando especial expressão os *Ensaio e Estudos* (1860), apresentados por um grupo de eruditos de Oxford, os quais *‘procuravam mostrar o cristianismo à luz da ciência e do criticismo histórico contemporâneo.’* (ibid. p.255) Para tal, também contribuíram três eruditos de Cambridge, Brooke F. Westcott (1825), Joseph B. Lightfoot (1828) e Fenton J. A Hort (1828), cuja crítica do texto grego do Novo Testamento (por Westcott e Hort – 1881) tornou-se padrão após trinta anos de estudo. No decorrer desse tempo, formou-se também o assim conhecido *movimento de Oxford*, que deu nova vida e direção às tradições da Igreja, surgindo posteriormente os *tratados* desta nova concepção liberal. Todas estas posições liberais da Teologia britânica tiveram fortes repercussões nas posições teológicas oficiais das Igrejas estatais, levando, via de regra, a desencontros e rupturas, que caracterizariam posteriormente as Igrejas

nacionais da Inglaterra, Escócia e Irlanda, muito bem caracterizado por Walker (1967, p. 253-63).

As posições liberais da Teologia foram fortemente contestadas pelos movimentos de reavivamento eclesiástico, impetrados pelas grandes cruzadas missionárias dos séculos XIX e XX, que, além das rupturas teóricas, formaram Igrejas de características distintas, desembocando nesse viés eclesiástico contemporâneo sem precedentes.

Atualmente, essas formas liberais do pensamento teológico ainda sobrevivem nas dogmáticas teológicas e confessionais das Igrejas protestantes consideradas históricas, dada a sua fidelidade ao referencial teológico de origem – como é o caso da Igreja Presbiteriana em relação ao calvinismo e da Igreja Luterana em relação ao luteranismo – especialmente palpável nos currículos acadêmicos da formação teológica dessas instituições.

2.2 Sobre o discurso de uma suposta identidade teológica da Teologia Calvinista no Brasil: as origens históricas e sua contemporaneidade.

2.2.1 O Protestantismo de Missão¹⁰

Ao falar do protestantismo de missão, desejo delinear aquele protestantismo que acreditava ser sua tarefa anunciar o evangelho a outras nações, pressupondo que estas, em suas formas particulares de representar Deus e a Igreja, não detinham a forma exata do evangelho de Cristo¹¹ e por isso era necessário conquistar as almas destes *perdidos*, em favor dos quais se fazia a missão. Este fenômeno foi diferente no protestantismo de migração (ortodoxia luterana), que apenas acompanhava a fé dos seus migrantes ao novo mundo, no qual geralmente a Igreja se encarregava da celebração dos ofícios (batismos, casamentos, sepultamentos, dentre outros) e da educação. Na medida que também se fundavam colégios e escolas encarregadas da parte cultural dos migrantes, o protestantismo de missão (ortodoxia calvinista – presbiterianos) objetivava diretamente a conversão, isto é, uma re-educação de todos aqueles que professassem uma fé diferente destes, cujo objetivo final era conquistar o maior número possível de novas pessoas para o seu rebanho.

Tal protestantismo, em sua proposta de fé insistia, conforme Mendonça (1984, p. 30 et ss.), em dois postulados teológicos básicos, contidos nas *‘Institutas’* de Calvino, que normatizavam a vida prática dos fiéis: *A Salvação pela Graça, sem a participação das Obras*, baseada na doutrina da *predestinação / eleição divina*. Uma graça irresistível da parte de Deus e dela o agraciado jamais poderá se afastar (doutrina da perseverança dos santos), e tinha como aliada a tese da *absoluta soberania de Deus*, que compreendia seu Deus como o único verdadeiro, e daí a conversão das massas, desconsiderando todas as outras formas de adoração. Para esse autor, a expansão da Teologia calvinista para outros povos deve também seu êxito às políticas por ela pregadas e exercidas em nome da *nova liberdade em Cristo*, que lutavam contra todas as formas despóticas de poder, inclusive da sua Igreja-mãe. Nesse sentido, a Teologia da predestinação de Calvino dava ao calvinista a certeza do triunfo:

¹⁰ Protestantismo de Missão: Refere-se ao “espírito missionário” dos seus expoentes, isto é, de conquistar novos adeptos à sua fé mediante a evangelização e doutrinação ideológico-teológico. (n.a)

¹¹ Tanto no calvinismo genebrino, quanto no luteranismo alemão, anunciava-se o evangelho de Cristo de forma direta e pessoal, eliminando-se toda e qualquer mediação por seres intermediários, presentes sobretudo no catolicismo, contra o qual se lutava, em favor de uma *reta doutrina cristã*. (n.a)

Se contavam com a amizade de Deus, o que mais importava ? Como eram eleitos, estavam do lado certo e o erro devia ser combatido e eliminado. (...) O modo calvinista de governo eclesiástico, com seu sistema eletivo e sua dinâmica combinação de participação leiga clerical lhe permitiu concretizar sua organização em paróquias autônomas sem bispos e sem qualquer outro sistema autoritário de disciplina... e podiam fazer funcionar, na área religiosa, um sistema republicano democrático, que atendia às aspirações vigentes de liberdade...e respeitava o individualismo, pois a participação nas congregações era voluntária. O plano de governo de Calvino era popular, democrático e republicano: permitia eleições de baixo para cima, mais do que nomeações e ações de cima para baixo. (Mendonça, 1984, p. 34)

A estes dois aspectos expansionistas, a doutrina da predestinação e o sistema de governo eclesiástico, aliou-se ainda a clareza e a sistematização dos escritos de Calvino, que formava calvinistas fervorosos, com intenso preparo intelectual, razão pela qual granjeou a adesão de acadêmicos, intelectuais e estudantes de todas as origens, levando a obra calvinista aos confins dos países conhecidos, pela já referida missão expansionista.

2.2.2 A presença calvinista na Inglaterra, Irlanda e Escócia: A *mediação do puritanismo inglês*.

A reforma da Igreja na Inglaterra fora cautelosa porque a rainha Isabel I não desejava causar grandes abalos sociais. Por isso, embora a Teologia fosse reformada, ela manteve o governo hierarquizado tradicional bem como as antigas formas de culto. Segundo Mendonça (ibid. p. 35), um grande contingente de partidários desejava uma reforma mais profunda da Igreja e tendo emigrado para o continente (sobretudo para Genebra), onde mantiveram contato mais direto com os movimentos protestantes, lutavam para que a Igreja inglesa se libertasse de coisas que os desagradavam, como vestimentas e aparatos cerimoniais e opunham-se igualmente ao governo da Igreja pelos bispos, desejando uma congregação de cristãos independentes de qualquer governo geral, pelo qual foram chamados de *independentes* e mais tarde de *congregacionalistas*. Formavam o assim chamado *partido dos puritanos* que, entre outras coisas,

queriam que a Igreja adotasse disciplina severa contra clérigos e leigos cuja conduta moral não satisfazia aos padrões elevados do modelo genebrino (...) e chegaram a moldar o sentimento religioso do povo inglês. (Mendonça, 1984, p. 35)

Estes *puritanos* chegaram a adaptar o dogma reformado às necessidades de uma religião pública e pessoal, desenvolvendo a assim denominada corrente teológica do Pacto ou Federal. Esta corrente reside na insistência em que os decretos predestinantes não se referem a um esquema impessoal e mecânico de salvação, mas a um “*pacto de graça com a semente de Abraão,*” (ibid. p. 36) isto é, a um chamado de cada *eleito* através de um encontro pessoal com as promessas de Deus de iniciativa divina – e assim um ato de graça. O elemento novo (em relação à Teologia reformada) foi que “*haveria uma iniciativa humana e pessoal na apropriação dessa graça*” (ibid.), que fazia oposição a todas as formas de soberania, principalmente a dos episcopados, tanto romanos quanto anglicanos.

Foi a assembléia de Westminster (1643-1649), convocada pelo parlamento, que ratificou a Teologia desse pacto e sua adoção por numerosas Igrejas, (principalmente as presbiterianas) e que fez dessa confissão o maior símbolo doutrinal na América protestante, sobretudo nas Igrejas de origem calvinista e “*parece ser a raiz da ideologia do Destino Manifesto*” (ibid. p. 37).

A luta dos puritanos contra a Igreja estabelecida teve desdobramentos políticos importantes, influenciando o estabelecimento do período republicano e mais tarde ditatorial de Cromwell (por ocasião da Revolução Gloriosa (1688-89), que depôs Carlos II), e no contexto eclesiástico foi o responsável pelo surgimento das Igrejas livres. Nestas destacaram-se duas tendências: a) A formação de Igrejas locais autônomas sem vínculo com a instituição maior; b) A organização de congregações locais em federações com um regime republicano representativo (presbitérios, sínodos e assembléias gerais nacionais). Na base dessas organizações estava a Teologia do pacto, isto é, cada congregação era composta de *santos visíveis*, com um pacto exclusivo e único com Deus. É a congregação que determina quem são estes santos, estabelece a disciplina e exclui pessoas do seu meio quando julgar necessário.

Entre os séculos XVI a XVIII foram se configurando novas formas secundárias de Igrejas, suscitando grandes movimentos intra-reformadores, entre os quais o movimento encabeçado por João Wesley (1703), constituindo-se mais tarde na Igreja Metodista. Na constituição do protestantismo missionário em solo americano, através

da migração de luteranos e calvinistas, sobretudo os puritanos cansados de suas lutas por igualdade e liberdade na sua pátria (Inglaterra), merece destaque o fato destes se sentirem no direito de construir no novo mundo um Estado Puritano, (cf. Mendonça, 1984, p. 45) ou, observando-se o estabelecimento do pluralismo protestante em função das imigrações européias (sobretudo no estabelecimento da Igreja Reformada Holandesa em Nova Iorque como uma colônia da Companhia das Índias Ocidentais, onde havia puritanos, presbiterianos escoceses, luteranos suecos e alemães, católicos romanos e judeus), quando a colônia passou ao domínio inglês, estabeleceu-se ali oficialmente a Igreja Anglicana. Mais tarde este *espírito protestante* vai se constituir na maior empresa missionária de todos os tempos.

Já no início do séc. XVIII essa efervescência religiosa, inspirada nas doutrinas puritanistas, tinha declinado nas colônias em função das lutas políticas com a Inglaterra, desembocando na Guerra da Independência. Sobretudo o avanço do secularismo iluminista que inaugurava a *era da razão*, marcada pelo deísmo naturalista (a religião criada pela razão), que solapava as bases da eleição e predestinação dos fiéis (caráter elitista da Teologia do pacto) e transformava a reflexão teológica (puritanista) num mero moralismo individualista, ao mesmo tempo em que conduzia com idéias libertárias e proclamava o livre exame da consciência, também se enrijecia num dogmatismo que seria posteriormente a base dos grandes movimentos de reavivamento religioso (os despertamentos religiosos repletos de doutrinas perfeccionistas da terceira década do séc. XVIII até a Guerra da Independência). No entender do autor,

as condições históricas e sociais da América pré e pós-independência e a presença do puritanismo desde o início conseguem traduzir a Teologia protestante no sentido de atender às necessidades emergentes de uma sociedade que, ao se formar, tendia para o humanismo igualitarista e pragmatista, tudo sob o colorido do racionalismo e do progressismo evolucionista. Desse modo, é bastante compreensível a centralidade teológica no homem como agente moral livre, no Cristo crucificado (o Deus homem que arrasta e vence as próprias condições humanas), na religião ética e na fé racional e experimental. Uma escatologia otimista e progressista marca a dinâmica dessa Teologia fortemente antropológica. (cf. Mendonça, 1984, p. 53)

Como contraponto teológico do avanço da civilização, nos princípios do progressismo desenvolveu-se toda uma expectativa milenarista (séc. XIX), baseada na vinda do Reino de Deus e no aperfeiçoamento e coroação dessa civilização. Essa efervescência milenarista cristalizou-se posteriormente no *adventismo eclesiástico*, em

que o projeto da sociedade teocrática seria o estabelecimento do céu na terra, vinculando a ação política ao destino religioso (destino manifesto). Também a ortodoxia calvinista foi por ela afetada e a Assembléia Geral Presbiteriana de 1815 recomendava orações especiais para que “*a vinda gloriosa do Reino se apressasse.*” (ibid. p. 55) A fé nessa possibilidade de realização do Reino de Deus na Terra, coincidia, para muitos autores eclesiásticos, com a cristianização da América, a partir da qual se expandiria para todo o mundo o que embasou ideologicamente a empresa missionária no decorrer do todo o séc. XIX, quando religião e civilização coincidiam a partir da proposta de um suposto povo escolhido (América de Deus). A linguagem em que Deus se comunicaria seria, naturalmente, o inglês (daí o grande investimento em literatura eclesiástica educacional inglesa). Olmstead (1961) compreendeu esta condição de forma singular e argumenta que:

A profunda convicção alimentada pelos americanos de que sua nação tinha sido escolhida para uma missão universal foi nutrida e sustentada através da guerra civil e recebeu um novo batismo de poder no período que se seguiu. Muitas forças se combinaram para exaltar o papel de ‘destino manifesto’ na consciência americana. A partir do darwinismo os americanos tiveram a intuição de que pela seleção natural os Estados Unidos tinham-se tornado uma nação superior destinada a dirigir os povos mais fracos. As filosofias idealistas enfatizavam a capacidade natural do homem e, interpretada a história em termos de progresso, tudo vinha favorecer a ideologia expansionista. Num período em que as nações européias expandiam seus interesses imperialísticos pela África, Ásia, América Latina e Pacífico, os americanos se sentiram comissionados para estender as bênçãos da civilização cristã e o governo democrático. (apud Mendonça, op. cit., p. 57)

Assim, no transcorrer desse século, o protestantismo americano, através da sua empresa educacional e religiosa, abriu caminho para a expansão política e econômica em solo estrangeiro e esse modelo continua presente na contemporaneidade, embora mudem os padrões e os valores de referência, e pode ser facilmente observado na campanha militar do presidente Bush contra o “erro muçulmano”, que antes de tudo reedita o modelo das cruzadas religiosas da Idade Média.

No caso do Brasil, país eminentemente católico, esse processo se implantou paulatinamente através das *missões evangélicas* no transcorrer de todo o século XX. Aqui no Brasil, o padrão de pregação, sempre se referia a uma base tríplice: avivamento, polêmica e moralização. O avivamento tinha por objetivo a conversão do indivíduo (dogmatização); a polêmica objetivava convencer o fiel da verdade do

protestantismo diante do catolicismo e a moralização tinha por finalidade inculcar os padrões de conduta moral diferenciadores dessa nova religião.

Baseando-se nas grandes campanhas de avivamento religioso na Inglaterra, executadas por João Wesley, repetiu-se esse modelo no contexto do povo brasileiro, para o qual a crença religiosa sempre era composta pelos elementos dogmáticos puritanos, permeados de certo racionalismo empirista de inspiração iluminista, veiculados por um emocionalismo por vezes constrangedor. Tal emocionalismo – um acento demasiado aos aspectos afetivos na propagação da nova fé - especialmente nas versões mais fundamentalistas da Igreja Presbiteriana no Brasil, continua sendo erroneamente interpretado como um requisito de autenticidade e transparência.

Nesse sentido, o iluminismo e outras novas teorias científicas (ex: darwinismo), em sua origem inimigos da Teologia, acabaram se transformando em aliados da Teologia protestante, fornecendo o instrumental, no entender desse autor, para que a mesma pudesse responder aos anseios da nova ordem social, em cujo centro estava a valorização do homem e o progresso da sociedade.

Nos Estados Unidos, ela teve que forjar seus caminhos sob o impacto de uma sociedade cansada dos problemas da velha sociedade européia e que buscava agora novas referências não apenas teológicas, mas também sociais, políticas e, sobretudo, econômicas sob os auspícios da nova problemática iluminista.

Países como a Holanda e a Inglaterra precederam estas novas aspirações sócio-políticas, tornando-se as matrizes desse novo pensamento teológico, que vinculava sua fé a uma prática nas instituições de base como a religião, a política e a construção desse novo mundo econômico, vinculando o progresso social, político e econômico às bases de fé que ali se configuravam. Além disso, a própria Teologia protestante também buscou fórmulas de legitimação¹² nas aspirações dessa nova sociedade complexa e tumultuada do final do século XIX.

¹² Para Berger, (1976, p. 101) “A religião tem sido, através da história, o instrumento mais difundido e efetivo de legitimação.”

2.2.3 A Teologia Protestante Reformada no Brasil

A empresa missionária estabelecida pela Teologia protestante reformada transferiu para o Brasil algumas particularidades dessa luta interna, na medida em que seus missionários não eram somente pregadores desse novo evangelho, mas também exímios professores e educadores, instalando uma vasta rede de escolas e educandários confessionais por toda a área missionária. O aspecto novo dessa proposta teológico-educacional foi que, embora a maioria deles tenham se formado em seminários teológicos acadêmicos em seu país de origem, ao serem enviados aos novos campos de atuação missionária reproduziam, antes de tudo, sua base ideológico-confessional, fruto dos movimentos de avivamento religioso, baseada nos já citados princípios puritanistas de avivamento, polêmica e moralização. Para Mendonça (1984, p. 215):

a Teologia que eles trouxeram para o culto no Brasil não foi a acadêmica, mas a Teologia das suas formas de crença, no seu conjunto a Teologia dos avivamentos à qual as diversas tradições haviam se esforçado para encontrar meios de ajustamento. De modo que a Teologia dos púlpitos e do culto em geral não foi a dos seminários e academias. Essa mesma defasagem ocorreu no Brasil quando os presbiterianos começaram a formar os seus pastores em seminários. As complicações da Teologia não eram levadas para o púlpito. O púlpito desempenhou no Brasil um triplo papel: o de polemizar contra a Igreja Católica, o de infundir moral e o da explanação bíblica. Esse último papel talvez tenha sido responsável pela única via pela qual o protestantismo pode mostrar a sua presença na cultura brasileira. O conhecimento das línguas bíblicas, a prática da exegese e da hermenêutica sobre os textos sagrados produziu filólogos e gramáticos conhecidos. Por outro lado, a polêmica e o moralismo isolaram os protestantes da cultura, assim como este último, o moralismo, parece ter fechado as portas dos eruditos protestantes para a literatura.

Baseados na ideologia dos avivamentos, os missionários já trouxeram ao Brasil as várias tendências teológicas protestantes que se configuravam no seu país de origem, que, em contato com os novos estratos sociais brasileiros, produziram aqui um sincretismo 'sui generis'. A primeira barreira ideológica estava nos próprios pressupostos teológicos do calvinismo, quanto às bases de fé constituídas pelos conceitos de predestinação e da soberania e Glória de Deus. Muito embora os conceitos de soberania e Glória de Deus se mantivessem relativamente intactos nas pregações missionárias, como pregar a predestinação dos eleitos, se o objetivo era arrebanhar fiéis entre as fileiras do catolicismo romano? Entretanto, a oratória e a pregação conversionista ou polêmica acabou ganhando muitos adeptos no Brasil, baseada

geralmente na busca da *verdade protestante* contra o *erro católico* e o bom pregador era aquele que, além de saber arrebatar os ouvintes a partir de sua oratória dramática, também era capaz de construir uma lógica intelectualizada que justificasse seus argumentos expansionistas.

Assim, o fiel protestante desenvolveu uma postura *pietista-puritanista* em relação à Bíblia, que o distanciou do escolasticismo dos sistemas teológicos, como já tinha ocorrido na Europa, sendo possível então entender a ambigüidade entre o ensino institucional protestante no Brasil e o comportamento religioso de seus adeptos. Com isso, as denominações, como instituições, são identificáveis, entretanto as formas pessoais de crença religiosa, não. As razões para tal estão na intermediação, isto é, nas formas pessoais das pregações e visões dos missionários itinerantes, aliadas à grande variedade de expressão cultural e religiosa do povo brasileiro receptor dessa mensagem ideologizada. A vivência do cotidiano religioso parece ser mais determinante dos novos conceitos e adaptações vinculadas às missões, do que sua orientação fiel aos constructos teológicos das doutrinas dogmatizadas de origem.

Essa tensão entre o espírito pietista-puritanista e a instituição se manifesta mais claramente nas escolas teológicas,¹³ onde há uma permanente desconfiança mútua, porque a reflexão teológica ali praticada pode facilmente solapar as bases de fé desse mesmo espírito. Tem-se então, de um lado, a sistematização do pensamento teológico em fórmulas de fé, que podem sobrepor-se ao individualismo e, do outro lado, o movimento de idéias pessoais ou setoriais, que podem abrir caminho para o livre-pensamento e predispor-lo à mudanças consideradas “perigosas”. Frequentemente, a

¹³ Escolas teológicas: Segundo Pereira (1965, p.11), a fundação de *um seminário para a formação de um ministério nacional idôneo* no Brasil – a disputa entre os *Committees* de Nashville e *Board* na determinação do local (São Paulo ou Rio de Janeiro), bem como de sua orientação teológica (subentende-se não liberal – O *Board* de Nova York já mantinha em São Paulo a *Escola Americana (1870)* e, desde 1875, também uma classe teológica anexa, além do projeto de fundar-se uma Universidade Protestante, hoje modificado no atual Colégio Protestante ou Colégio Mackenzie de São Paulo e temia-se que a orientação teológica menos fervorosa do Colégio, por tratar-se de uma instituição secular, *absorvesse* o futuro seminário). “O diretor do Colégio Protestante dava mostras de ser um livre pensador ou racionalista, pouco impressionado com os dogmas do cristianismo e com as ordenanças eclesiásticas e mais adstrito à moral da Bíblia, na sua obra de educador. Receava-se, pois que sua influência sobre os futuros ministros do evangelho fosse altamente prejudicial, enfraquecendo-lhes a impressão religiosa e o respeito pelos dogmas, de que seriam eles os pregadores. Além da pessoa do diretor, o próprio plano educativo do Colégio Protestante inspirava justificados receios. O pequeno número dos candidatos ao ministério estaria subordinado à influência e aos interesses da vasta maioria preponderante de meninos e moços estranhos à religião evangélica. Esta subordinação devia forçosamente enfraquecer o preparo intelectual, moral e religioso dos futuros ministros.”

instituição Igreja¹⁴ se alia ao espírito pietista-puritanista para manter sob controle suas escolas de Teologia. Existe, por assim dizer, um acordo silencioso entre a instituição Igreja e esta tendência teológica, que administra essa tensão no contexto das escolas teológicas. Os conflitos daí resultantes, via de regra, são solucionados institucionalmente, relativizando a pesquisa e a criatividade no campo da produção teológica. Esse espírito pietista-puritanista anti-Teologia costuma minimizar o efeito da reflexão teológica, impedindo que a mesma venha inquietar as bases confessionais da Igreja como um todo.

2.2.3 A Formação e Organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

No que diz respeito à organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, conforme Pereira (1874, p.13) o movimento por uma Igreja independente começou com a disputa para a instalação de um Seminário Teológico presbiteriano em solo brasileiro, sem que as partes envolvidas – Sínodo de Nashville e de Nova York – conseguissem um acordo sobre o local e características teológicas deste seminário.

(...) disse o rev Eduardo Carlos Pereira, em uma das sessões que, se Nashville ou Nova Iork não nos davam o necessário edifício para o desenvolvimento do Seminário, a Igreja Nacional no-lo daria. Remígio de Cerqueira Leite acolheu com entusiasmo a idéia, e, em 6 de junho de 1896, lançou pelo *Estandarte*, o plano entusiástico de levantarmos 100:000\$000 para esse fim. (...) Os presbitérios de São Paulo e de Minas nomearam uma comissão central que realizasse os intuitos dos promotores da idéia, levantando uma subscrição. Esta comissão, entregando ao Sínodo, a 3 de julho de 1897, os primeiros resultados desse movimento, assim se exprime: *Não tendo este sínodo podido receber a propriedade que, para o seminário, lhe oferecia o committee de Nashville, em Campinas, sentiram os presbitérios de São Paulo e Minas que o desenvolvimento e a própria vida do Seminário Teológico dependiam de um apelo extremo às Igrejas. (...) dirigiram, pois, os dois presbitérios, em julho do ano passado, por intermédio dos abaixo-assinados, instante apelo à liberalidade dos irmãos. Certos de que a prosperidade do Seminário está reclamando com urgência cômodos apropriados e de que a consolidação da Causa presbiteriana no Brasil exige a consolidação definitiva deste instituto, nós rogamos ao príncipe dos Exércitos do Senhor, ao vos entregar os penhores da sua*

¹⁴ Diante das disputas dos committees das Igrejas-Mãe dos Estados Unidos, na medida em que ambos ameaçavam retirar seu apoio, e diante do *elemento nacional (...) impressionado com o pensamento de levantar quanto possível o preparo intelectual dos estudantes para o sagrado ministério (Atas 1897, p 85)*, foi então que brotou o pensamento de oferecer a Igreja Nacional ao Seminário, o edifício que debalde havíamos esperado fosse oferecido pelas missões estrangeiras. (ibid. p. 13)

bondosa Providência que vos encha de sabedoria e de alentos na grandiosa empresa de lançar os alicerces seculares da Igreja Presbiteriana no Brasil. (Atas de 1897, p 77-78). (ibid. p. 15)

A partir destas palavras, sobretudo do final da subscrição, que tinha por objetivo permitir o desenvolvimento e a vida autônoma do seminário impedindo sua assimilação pelo Colégio Protestante, e ainda fornecer cômodos adequados para o aumento do número dos alunos a partir de uma sistematização do ensino teológico, empenharam-se todos os esforços para essa consolidação da causa presbiteriana e para lançar os alicerces seculares de nossa Igreja no Brasil. A resposta da Igreja-Mãe veio de imediato, nas palavras do Dr Horácio Lane, no “*Presbyterian Banner*” de Pitsburg, a 22 de setembro de 1897:

Embora os irmãos brasileiros tenham sido ligeiramente infeccionados de certas heresias educativas, eles são, em geral, a favor de uma sã educação cristã: presentemente (just now) estão eles feridos (touched) de uma *loucura transitória* que assume a forma de um *patriotismo hipersensitivo*. Eles querem *dirigir a educação protestante* e nacionalizar o cristianismo. É antes um *orgulho estreito* do que largo princípio cristão que ora domina *nos concílios da Igreja* (brasileira). (...) tem havido uma *tal falta lamentável de prudência e sabedoria* no Sínodo e presbitérios, que seus mais velhos amigos começam a duvidar sobre *estarem eles inteiramente (quite) preparados (ready) para a responsabilidade do governo próprio (self government), sob a forma presbiteriana.* (Pereira, 1874, p. 15)

O desenvolvimento desse movimento nacionalista trouxe profundas rupturas não somente no plano eclesiástico nacional, mas também com a própria Teologia, diante da recomendação do Sínodo de 1891, a respeito de um curso literário e teológico bem desenvolvido, muito bem expresso por Eduardo Carlos Pereira, por ocasião do discurso de lançamento da pedra fundamental, em 7 de julho de 1898:

Formar teólogos é um dos nobres intuitos do Seminário. Teólogos são homens versados na Teologia evangélica, que manejam bem a palavra da verdade contra todas as formas do erro, que não têm de que se envergonhar; que sabem confundir a heresia como Athanásio e Agostinho, Lutero e Calvino; que sabem defender nossos sãos princípios nas variadas esferas da inteligência humana e arrancar a máscara a uma ciência de falso nome; que não se calam, acobardados ante a petulância do moderno ceticismo, oferecendo eficaz socorro aos espíritos perturbados pelos seus falazes sofismas. (ibid. p. 17)

A partir desse espírito nacionalista dever-se-ia organizar um novo curso de Teologia, que “*correspondesse às necessidades da Igreja, às recomendações do Sínodo*

de 1891, 94 e 97 e às intenções dos subscritores (...) onde um aluno inteligente, dos 20 aos 30 anos, poderá tornar-se, com professores de Teologia, medianos, excelente teólogo...” (ibid. 1874, p. 18)

Enquanto se aguardava que todos esses nobres intuitos da Igreja Presbiteriana no Brasil fossem realizados, surgia no horizonte uma questão que iria problematizar a unidade da Igreja ainda mais do que a questão relacionada ao Colégio Protestante: a questão da incompatibilidade dos princípios maçônicos com o evangelho de Jesus Cristo e seus desdobramentos com os princípios normativos da Igreja Presbiteriana. Esta foi a grande questão divisora no presbiterianismo brasileiro, até certo ponto mediada pelo espírito iluminista, e a vinculação deste com alguns princípios da maçonaria¹⁵ de origem francesa e inglesa. Segundo Lessa, (1983, p. 4)

a maçonaria, sim, e nenhum outro fato, foi e continua sendo a única causa real da cisão dos dois principais ramos do calvinismo brasileiro. E, de nossa parte, podemos estar descansados por permanecermos fiéis à herança recebida de Ashbel Green Simonton aos 12 de agosto de 1859.

De fato, havia algo de estranho no seio da Igreja Evangélica nacional, por conseguinte, a invasão da maçonaria nos redutos eclesiásticos. Desde 1717 a *Sublime Ordem* tinha se estabelecido fortemente na França e na Inglaterra e suas ramificações em solo norte-americano eram muito expressivas, onde ‘os maçons já se contam aos milhões’, e no Brasil combatia fortemente o clero católico, exercendo também muita influência na política brasileira, e em especial, no aparato militar nacional. Em sua narrativa dos primeiros 40 anos de Igreja Independente, Rodrigues (1943, apud Lessa, op. cit., p.21) afirma que a maçonaria

invadiu também as Igrejas Evangélicas. Mui numerosos eram os crentes que abertamente e com entusiasmo, se declaravam maçons. Muitos ministros e presbíteros havia que se encontravam sob o controle da filosofia maçônica. E tal era o interesse pelas Lojas que até houve quem, como crente, e muito mais como maçom, andasse visitando as nossas Igrejas e os nossos irmãos, fazendo propaganda da maçonaria. E a imprensa evangélica, quando não francamente simpática, pelo menos era neutra.

¹⁵ Princípios maçons – Sobretudo a compatibilidade dos mesmos com a doutrina cristã, especialmente as teses da não mediação única e exclusiva de Jesus entre Deus e os homens e o deísmo da crença no Supremo Arquiteto do Universo. A proibição da participação feminina nos ministérios eclesiásticos foi outro fator altamente contestado nesta disputa.

Um estudioso pioneiro da relação entre a fé cristã e a maçonaria foi Nicolau Soares do Couto Esher, que, impressionado com a crescente invasão da Igreja Presbiteriana pela maçonaria, confrontou os aspectos filosóficos e teológicos da maçonaria com o evangelho. Consultando obras, documentos e declarações de maçons crentes, chegou à conclusão da incompatibilidade do Evangelho de Cristo com a maçonaria.

Em face da Bíblia e da Lógica, não há possibilidade de casamento da Sublime Ordem com a religião do Crucificado. Ambas se repelem com máxima energia. E o dilema se nos apresenta: Cristo, ou o Supremo Arquiteto do Universo. (Rodrigues, apud, Lessa, 1983, p. 22)

Entretanto, não havia ele podido imaginar o labirinto de disputas em que ia se envolver. (cf. Anais da 1. Igreja Presbiteriana. p. 585) Posteriormente juntou-se a ele Pereira (1874, Rodrigues, ibid. p. 22-3) conforme transcrição:

Firmemente apoiado na Palavra de Deus e em textos oficiais maçônicos, vibrou golpes terríveis nas hostes maçônicas, que se formaram dentro dos arraiais evangélicos. De viva voz, nos Concílios e no púlpito; e pelas colunas de “O Estandarte”, se conduziu como um gigante, defendendo ardorosamente, brilhantemente, eficientemente, as doutrinas bíblicas, ameaçadas pela maçonaria eclesiástica. Foi o nosso campeão na defesa da COROA REAL DO SALVADOR. Escreveu o precioso livrinho – “A Maçonaria e a Igreja”, que até hoje está esperando resposta.

Esta questão envolveu a Igreja Brasileira por diversos anos, até ser amplamente discutida pelo Sínodo no dia 31 de julho de 1903, no qual foi aprovada pela maioria a moção de que não havia incompatibilidade entre a maçonaria e a Igreja Presbiteriana nacional e em 1. de agosto de 1903, às 11,45 h da manhã reuniram-se os dissidentes do litígio, no templo da Rua 24 de Maio, para a organização da nova Igreja. Rodrigues (op. cit., p. 29-30) descreve solenemente esta reunião:

Em ambiente de intensa vibração espiritual, certíssimos de que estavam dentro da vontade do bendito Pai celestial, de joelhos, estes 22 irmãos se constituíram em Igreja Presbiteriana Independente Brasileira. Foi organizado e instalado o Presbitério Independente, sendo aclamado moderador o rev Caetano, servindo como secretário o rev Themudo. Como Símbolos de Fé e Livro de Ordem, foram aprovados os da Igreja Presbiteriana. E foi então solenemente declarada a absoluta incompatibilidade da Maçonaria com o Evangelho, princípio este que passou a ser considerado rigorosamente, como distintivo da nova Denominação evangélica. (...) Assim, o Presbitério declarou, em vários documentos oficiais, e o Sínodo da Igreja Presbiteriana confirmou, em sua Pastoral, que a causa, a CAUSA ÚNICA da separação foi a MAÇONARIA, isto afirmamos e sempre afirmaremos com máxima energia, não só porque é expressão eloqüente da verdade, como também

porque, infelizmente, têm havido tentativas para trazer confusão sobre os espíritos menos esclarecidos e enfraquecer as razões fortíssimas que determinaram a emergência da Igreja Presbiteriana Independente no cenário evangélico do Brasil.

Com este desvinculamento resolveu-se, pois, também a outra questão litigiosa pendente, isto é, a política educativa dos missionários (do Colégio Protestante Mackenzie), que se serviu da maçonaria para se libertar da minoria anti-maçônica e uma vez desaparecendo a minoria opositora do Sínodo, o mesmo pôde absorver o Seminário sem grandes constrangimentos. Da parte do movimento independente (IPI), pôde-se agora resolver as questões administrativas, como a autonomia administrativa, a emancipação financeira e a vitória do espírito de fidelidade absoluta às grandes doutrinas, que tinham sido ameaçadas pelo maçonismo eclesiástico.¹⁶ A nova Igreja Independente podia agora traçar suas metas de atuação sem a interferência e o controle do espírito missionário estrangeiro, e, acima de tudo,

o inestimável conforto resultante de se viver com a consciência tranqüila e o coração cheio de alegria, resultante dos sentimentos de obediência absoluta aos ensinamentos doutrinários da Santa Palavra do Senhor. (apud Lessa, 1983, p. 31)

E posteriormente, diante dos argumentos sinodais de todo este litígio, podia-se proclamar sem equívocos diante da questão maçônica, bem como das ameaças do positivismo, ocultismo e o darwinismo:

Graças a Deus, A Igreja Presbiteriana Independente responde (...) *À lei e ao testemunho é que se deve recorrer. Como lês tu ?* Pondo de parte a consciência individual, coloca os princípios e as práticas maçônicas em frente da Consciência Divina revelada na Palavra de Deus e responde: *Não*. Tua consciência mal esclarecida não te dá o direito de fenderes a Majestade do teu Deus. (ibidem, p. 105)

A partir desse novo desenvolvimento, desde a sua fundação (1903) empenharam-se esforços para a criação de um Seminário Teológico¹⁷ em São Paulo-SP,

¹⁶ Maçonismo Eclesiástico: Diversas Igrejas presbiterianas e reformadas fizeram estudos e produziram relatórios sobre as sutilezas da invasão maçônica no contexto do cristianismo e muitos destes foram submetidos à assembleias eclesiásticas normativas, onde foram aceitos e transformados em documentos normativos confessionais. Para maiores informações, veja o *Anexo A – Relatório Presbiteriano sobre a Maçonaria*, produzido pela Presbyterian Church of América/PCA, (1987-1988) tradução de Wanda de Assumpção, in: HORREL, J. S. *Maçonaria e Fé Cristã*. 1995. p. 138-147; ou ainda: VIEIRA, D. G. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 1980. p. 18ss. (n.a).

¹⁷ As aulas até então tinham se realizado nas dependências da casa paroquial e posteriormente nos fundos do templo da 1. Igreja. (apud Lessa, 1983, p. 33)

uma *‘Casa de Profetas’*, nas palavras do seu fundador Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), responsável pela formação de novos obreiros, o que se consolidou com a instalação do então *‘Instituto Evangélico’* em 21 de abril de 1905, passando para instalações próprias no dia 14 de janeiro de 1914, e que mais tarde, em 1925, foi transformado em Faculdade de Teologia, respectivamente como Seminário Teológico de São Paulo.

Desde a sua fundação, esse seminário tem promovido um curso básico de Teologia (Bacharelado) além de projetos de atualização teológica de pastores e a educação cristã dos leigos. Em fevereiro de 1986 estabeleceu algumas metas para *‘encorajar uma reflexão teológica cristocêntrica’* (Faria, 1989, p. 114), a partir do desenvolvimento de uma consciência crítica; do comprometimento com as necessidades e anseios dos povos latino-americanos; do estímulo à formação de uma mentalidade ecumênica; da releitura dos fundamentos da tradição reformada e da contribuição para uma elaboração teológica própria.

O Seminário Teológico de São Paulo desempenhou essa função formativa de forma exclusiva até 1981 quando então se começou a articular a criação de um Seminário Teológico em Londrina-PR - atual Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho – em função da implantação de um vasto campo missionário presbiteriano independente na região do norte do Paraná e sul do Mato Grosso, sendo extensivo também para todo o sul do País. Para atender à demanda educacional teológica daquelas regiões, por iniciativas principalmente dos reverendos João de Godoy e Antônio de Godoy Sobrinho, que atuavam nesse campo como pastores e tinham como sede a cidade de Arapongas-PR, apoiados pela estrutura do *‘Colégio Evangélico de Arapongas’*, fundaram em 1962 o *‘Instituto Bíblico João Calvino’*, que desenvolveu suas atividades até 1977, quando foi desativado pela administração central da IPI (Proença, 1997, p. 6).

Com a desativação desse instituto, já a partir de 1978 se pensava na articulação de uma escola superior de Teologia em Londrina, no sentido de criar um seminário interconfessional unido, pelo qual foram consultadas algumas Igrejas Evangélicas atuantes na cidade, mas cujo projeto não veio a se efetivar. Diante desse cenário, as Igrejas associadas ao grupo evangélico Filadélfia assumiram esse projeto, mas essa tentativa também foi frustrada.

Com o malogro dessas tentativas, a Igreja Presbiteriana Independente, sob a orientação do professor Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, cuja experiência com a fundação do Instituto Bíblico João Calvino de Arapongas e da administração do Instituto Filadélfia de Londrina, iniciaram-se as articulações para a criação de uma Faculdade de Teologia Presbiteriana Independente.

O projeto foi submetido à apreciação do Supremo Concílio¹⁸ daquela instituição, reunido na cidade de Osasco-SP em 1978, mas, apesar da decisão de se criar esse seminário, a diretoria nacional da Igreja Presbiteriana Independente arquivou o processo, gerando a partir daí opiniões favoráveis e desfavoráveis à sua implantação. O projeto foi então submetido ao estudo de uma comissão de pastores e presbíteros e somente em 26 de setembro de 1981, com a eleição de uma nova diretoria para o Supremo Concílio, esse projeto foi ratificado e foi homologada a decisão final pela criação do Seminário Teológico de Londrina. Os primeiros diretores nomeados foram os reverendos Antônio de Godoy Sobrinho (diretor) e Messias Anacleto Rosa (deão) e em 28 de fevereiro de 1982, o seminário foi instalado em sessão solene, com a apresentação dos primeiros alunos do curso de Teologia, do Seminário Teológico de Londrina, mantido pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

O atual Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho – renomeado em função do falecimento do seu primeiro diretor em 10 de janeiro de 1999 - oferece um curso básico de Bacharel em Teologia¹⁹, com a duração de 4 anos de tempo integral, além disso mantém cursos de pós-graduação nas cidades de Londrina-PR (Especialização) e São José do Rio Preto-SP (Mestrado), oferecendo ainda uma extensão do curso de bacharel em Teologia em Brasília-DF.

À medida em que a Igreja Presbiteriana Independente também se desenvolvia no Norte e Nordeste do País, e visando oferecer uma formação teológica de qualidade naquelas regiões, foi instalado em março de 1986 o Seminário Teológico de Fortaleza - CE, cuja finalidade era oferecer educação teológica ao ministério pastoral. Desde a sua fundação, esse seminário oferece um curso de bacharelado e mestrado em Teologia, além de um programa de educação teológica por extensão para leigos, e cursos de formação em música e educação cristã.

¹⁸ Supremo Concílio: Órgão máximo na hierarquia institucional da Igreja presbiteriana Independente do Brasil, atualmente denominado de Assembléia Geral da IPIB.

¹⁹ Curso de Bacharel em Teologia: Veja o ementário curricular do curso de Teologia no Anexo VI.

Assim, a criação e consolidação definitiva dos três seminários teológicos presbiterianos independentes são um marco na constituição e organização da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que, pela sua função formativa, estabeleceu um lugar na geografia e um tempo na variante confessional do movimento presbiteriano independente do Brasil.

2.3 O Dilema entre a Consciência e a Verdade: A subjetividade mediadora entre a Razão e o Verbo²⁰

O processo de constituição de uma nova Ordem Independente na família presbiteriana, como consequência de uma suposta ameaça da maçonaria às bases doutrinárias calvinistas, demonstra até que ponto o iluminismo, na proposta da versão maçônica da Teologia, tinha se estabelecido entre a classe social-religiosa mais intelectualizada da Teologia nos séculos XVIII, XIX e XX. O poder de sua ação intervencionista transitou nos mais altos escalões eclesiásticos com certa naturalidade, a ponto de provocar litígios internos intermináveis, sobretudo em relação à questão da incompatibilidade ou não dessa doutrina com o evangelho de Cristo.

Evidentemente, para a transformação dessa ordem independente em instituição de fé era necessário uma interpretação ideológica da própria Escritura Sagrada, uma busca pela “*verdade total e incontestável*”²¹. Entretanto, cabe aqui mencionar a grande sedução intelectual que as doutrinas maçônicas exerciam sobre seus defensores, a ponto de influenciar Sínodos e Assembléias Gerais Constituintes, como foi o caso do litígio presbiteriano independente. Os recursos utilizados por ambas as partes constituem-se principalmente da busca por uma *verdade superior*, que pudesse ser depurada de uma Escritura Sagrada infalível, sem se perceber que os aspectos interpretativos da mesma podem variar de acordo com a metodologia empregada, e que esta suposta *verdade* sofre a ação da ideologia teológica histórica da sua contemporaneidade.

Em suma, a grande questão se destila quando a verdade é tomada como norma para a própria consciência, em que verdade e consciência simbiotizam, interpenetram-se

²⁰ Verbo: O verbete relaciona-se ao texto bíblico de João 1:1 “*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus,*” e é citado no título como uma referência aos dogmas de fé. (n.a.)

²¹ Para Alves, o centro do espírito protestante é a sua obsessão pela verdade. (...) e pressupõe que a salvação é uma função do conhecimento da verdade. E, como decorrência inevitável, ele deve afirmar que o seu conhecimento é a verdade: conhecimento absoluto e final, que deve ser mantido sem vacilações e sem concessões. A dúvida é o sintoma da perdição. O discurso e o ser se superpõem. (...) ... a graça é mediada pelo conhecimento. Quem não afirma a verdade está separado da graça. (...) É esta obsessão pela verdade, a meu ver, que explica a extraordinária consistência do espírito protestante, que não se furta ao imperativo de deduzir dela as suas últimas consequências, ainda que elas pareçam amargas. É a obsessão pela verdade que se encontra na ética protestante, que não hesita um segundo sequer em reprimir os impulsos do corpo, em nome de uma verdade maior. (...) ... a face sinistra da obsessão pela verdade é a intolerância para com aquilo que a verdade, assim afirmada de forma absoluta, define como erro. O mundo da verdade absoluta esconde uma oposição fundamental: ortodoxia em oposição à heterodoxia, o pensamento correto em oposição à heresia. (...) *A verdade tem de ser intolerante.* Somente aqueles que duvidam podem ser tolerantes, porque eles nunca podem pretender ser os detentores do monopólio da verdade. O amor à verdade, afirmada como *posse*, é o lado risonho do seu oposto: a intolerância para com aqueles que sustentam um pensamento divergente. (Alves, 1975, p. 270-1)

e se diluem na temporalidade da ação histórica propriamente dita, sem perceber a flexibilidade dos seus próprios limites. Bezerra Jr (1989, p. 228), ao comentar a reformulação da ciência no Renascimento, mediada pela Reforma Protestante e a filosofia moderna, quando os princípios absolutos perdem seu caráter de indubitabilidade, argumenta que:

A fé torna-se uma atividade reflexiva. O desencantamento do mundo corresponde ao desmoroamento de um universo, cuja unidade podia ser explicada e garantida pela existência de um único princípio (Deus). A separação entre Igreja e Política, religião e natureza, fé e razão acompanha-se da crença na reflexão racional como instrumento de explicação do universo. (...) O mundo é para ser conhecido, sua verdade é fruto do exercício da razão e não mais da revelação. (...) Jamais a idéia da responsabilidade individual havia sido tão fortemente empregada. O cristão protestante passou a ter não apenas o direito mas o dever de ler a Bíblia, interpretar seus ensinamentos e reportar-se de modo direto, sem intermediações, a Deus. (...) autodeterminação, liberdade de espírito, responsabilidade individual, livre exame das Escrituras e uma ética individual...são algumas das bandeiras da Reforma.

Para Rubem Alves, crítico da Igreja Presbiteriana no Brasil, o iluminismo, na forma do liberalismo teológico, trouxe uma certa descontinuidade no discurso teológico tradicional, na medida em que rompeu os vínculos entre a Igreja formal e a ciência, bem preservados até o final da Idade Média, também chamada de “*Era das Trevas*”²², porque a ciência, como pesquisa do universo, tinha sido encampada pelos ditames da Teologia dogmática.

Com a renascença e especialmente no contexto do iluminismo, a ciência deu um salto histórico nunca antes presenciado e, como tal, trouxe em seu bojo os elementos contestadores dos dogmas teológicos, instaurando um mal-estar tão profundo, a ponto de a Teologia ter-se declarado, em certos momentos críticos, como a grande adversária original da ciência. Para Alves, (1975, p. 9)

A ciência criou um problema habitacional para Deus (...) Na medida em que ela penetrava em novos domínios, Deus se tornava supérfluo e obsoleto, e era despojado. A realidade foi “desencantada”, conforme expressão de Max Weber, não mais necessitava de hipóteses teológicas para se explicar.

Entretanto, o mesmo autor constata também a contradição instaurada por esses novos rumos da ciência, agora independente e autônoma, colocando em discussão seus

²² cf. GONZÁLEZ, Justo L. *A Era das Trevas*. 1981

postulados dogmáticos, insistindo numa nova interpretação dos mesmos. Para ele, não somente a ciência tinha alcançado um novo estágio de desenvolvimento, mas a própria Teologia, sobretudo a versão protestante dela, tinha aprofundado sua reflexão em busca de novos axiomas, tentando manter-se na linha de discussão dos grandes temas da humanidade. Assim,

quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, o mundo foi invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios, e um novo fervor religioso, que totalmente desconhecíamos, tanto pela sua intensidade quanto pela variedade de suas formas, encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado. (Alves, 1975, p. 10)

Alves faz alusão ao fascínio pelo misticismo oriental, à Ioga, ao Zen-budismo, à Meditação Transcendental, aos cultos demoníacos e à feitiçaria, às buscas por experiências trans-rationais como elementos que fizeram cair por terra as previsões científicas acerca da religião. Mudam-se ritos e símbolos e até dogmas clássicos, rerepresentando-os e re-significando-os de acordo com a nova perspectiva acadêmica e secular. Entretanto permanece a mesma inquietação nos recantos obscuros da nova leitura, a presença obsessiva e incômoda das questões religiosas em sua nova relação dentro de paradigmas mais científicos. O autor, parafraseando Rudolf Otto (1958), fala da sobrevivência de formas institucionalizadas da religião, que seriam

os modos de racionalização de uma experiência precedente (*primordial*), das quais se derivam (...) tentativas para adivinhar o enigma que esta experiência propõe e o seu efeito é, a um tempo, enfraquecer e manter a própria experiência. Elas são a fonte de onde surge não a religião, mas a racionalização da religião, que freqüentemente termina por construir uma estrutura tão pesada de teoria e um entrelaçado tão plausível de interpretação, que o mistério é completamente excluído. (ibidem, p. 13)

Propõe, assim, que pela racionalização transformou-se religião primitiva em cultura contemporânea, re-adaptada para se adequar aos novos parâmetros acadêmicos vigentes. A experiência religiosa se transformou assim numa experiência cultural específica a cada contexto da realidade, com a qual ela se relaciona. Particularmente interessante é a sua vinculação com as Artes, expressão plástica (pintura, escultura), musical e corporal (artes cênicas), caracterizando-se como, na expressão de Feuerbach (1957), “*um sonho da mente humana. Através dela passamos a ver as coisas reais no fascinante esplendor da imaginação e do capricho, ao invés de o fazer sob a luz mortíca da realidade e da necessidade.*” (apud Alves, op. cit., p. 15)

A religião se culturalizou para que pudesse lidar com o conflito entre a nova realidade externa e a subjetividade da experiência humana no contexto do mundo secularizado. A mesma não é mais uma hipótese acerca da questão filosófica da existência de Deus, mas um retrato parcial do conflito existencialista que cinge o homem moderno. Deus não é mais um objeto de conhecimento, comparado à existência de planetas e galáxias, mas uma experiência apaixonante e subjetiva, que reorganiza o homem consigo mesmo como um ser total, indivisível, que sofre diante da percepção de sua parcialidade e finitude.

A passagem da fé divinamente revelada para uma atividade reflexiva humanizada parece coincidir com a proposta iluminista da Teologia liberal que, através da pesquisa e crítica textual da Bíblia, introduz uma dimensão racionalista-objetivista na Teologia européia. A experiência religiosa é secularizada, tornando-se uma prática que pode ser adquirida mediante processos cognitivo-afetivos, desvinculada da dimensão transcendente, como promulga a doutrina da inspiração divina. Por assim dizer, os santos recebem rostos humanos e seu comportamento é altamente afetivo – *Maria, tem compaixão de nós, Jesus abraça o mundo pecador, Deus é pai etc...* – desaparecendo o resplendor de uma intervenção divina direta.

Entretanto, para a religião como instituição, especialmente para as Igrejas formalmente instituídas, todo este alvoroço foi evidentemente muito mais dispendioso do que para seus fiéis, na medida em que colocou em discussão os parâmetros delineadores da sua relação com o sagrado, bem como sua proposta confessional – a inspiração verbal da Bíblia, por exemplo - surgindo daí medidas defensivas que objetivavam resgatar os antigos domínios da sua proposta teológica. Alves, referindo-se aos postulados protestantes da Igreja Presbiteriana brasileira, relaciona alguns dos grandes inimigos do protestantismo, entre eles: o *modernismo e liberalismo teológicos*.

Referindo-se ao catolicismo como o primeiro inimigo, comenta que ainda era relativamente fácil lidar com este, excluindo-o, porque era visível e, portanto, combatível, enquanto o modernismo, palavra que esse autor entende como sinônimo de liberalismo, era invisível.

Modernismo... não se trata de uma instituição. Não se objetivou numa organização. Não elaborou um conjunto uniforme de doutrinas. O modernismo é antes uma atitude frente aos textos sagrados: atitude tipicamente protestante, pois o seu berço foi a Alemanha protestante. Inimigo doméstico, portanto. Em oposição à Igreja Católica, que pode ser vista por

qualquer pessoa, o modernismo só é percebido por aqueles que já especializaram o seu faro teológico. (Alves, 1975, p. 255)

Referindo-se aos seus autores intelectuais, Alves comenta o fato de que a defesa teológica contra o mesmo foi tão acirrada, a ponto de provocar equívocos teológicos, como considerar a Teologia de Karl Barth como *modernista*, quando, na verdade, esse autor é considerado em sua origem, na Alemanha, conservador e ortodoxo. Bultmann,²³ seu oponente teológico-liberal, na verdade, corresponderia a esse modernismo teológico, que se caracteriza pelo fato de se aceitar a cosmovisão da ciência moderna, principalmente pela crítica textual dos textos sagrados segundo o instrumental metodológico liberal.

O primeiro movimento teológico, nesse sentido, foi o assim denominado *a busca do Jesus histórico*, no final do século XVIII, sob a influência da crítica racionalista do iluminismo. Em sua proposta, aceitava-se o fato de que o Jesus dos dogmas eclesiásticos resultava de um longo processo de interpretações sucessivas a partir da proposta inicial de como teria sido Jesus realmente, num *esforço para “libertá-lo das roupagens e maquilagens com que seus seguidores o recobriram por séculos sucessivos, a fim de recuperá-lo em sua pureza original, tal como ele realmente foi”*. (ibidem. id.)

Em sua argumentação, o autor comenta o processo através do qual passou-se a *desconfiar* da exatidão do texto sagrado final, sugerindo ter havido várias interpretações e correções no transcorrer histórico da cristandade primitiva e a produção do seu texto sagrado final, a Bíblia. Haveria então uma necessidade da crítica textual depurar o texto das várias camadas de interpretação que seus escritores nele colocaram. Olhava-se para os documentos bíblicos através da perspectiva de uma ciência na qual não havia lugar para exceções e milagres. Entretanto, o texto sagrado está cheio de milagres – o

²³ O principal representante da Teologia liberal na Alemanha foi Rudolf BULTMANN. No artigo “Novo Testamento e Mitologia.” In: *Demitologização: coletânea de ensaios*. 1999. p. 7. [Palestra originalmente proferida a 21 de abril de 1941, em Frankfurt junto ao Meno, Alemanha, num encontro da Sociedade de Teologia Evangélica] (referindo-se à concepção ingênua da constituição do universo em 3 andares: Céu, Terra e Inferno, onde os poderes sobrenaturais interferem nos acontecimentos naturais, bem como no pensar, agir e ser humano – versão mítica da teoria da Criação Divina- Bultmann argumenta: tudo isso é linguagem mitológica. Os elementos individuais podem ser facilmente descobertos na mitologia contemporânea da apocalíptica judaica e no mito gnóstico da redenção. Em se tratando de linguagem mitológica, ela é *inverossímil para o ser humano de hoje*, pois para este a concepção mítica do universo é algo passado. Portanto, a proclamação cristã de hoje se encontra diante da pergunta se ela espera do ser humano a aceitação da concepção mítica do universo passada, quando o conclama à fé. Se essa condição é algo impossível, então lhe surge a pergunta se a proclamação do Novo Testamento possui uma verdade independente da concepção mítica do universo. Seria então a tarefa da Teologia demitologizar a proclamação cristã.)

nascimento virginal, curas de enfermos, transformação da água em vinho, o fim de uma tempestade, a água do mar se transforma em superfície seca onde se pode andar – noutra ocasião Jesus mesmo anda sobre a água sem afundar, ressurreição de mortos, dentre outros – e a ciência, como tal, declara que não pode haver veracidade nestes fatos. Por outro lado, a crítica textual entende esses eventos como decorrentes de fontes mitológicas, criações da emoção, imaginação e fantasia, cuja forma literária era relativamente comum na época de sua redação.

A atitude teológica liberal diante desses fatos se constitui então numa crítica radical a esses textos, permanecendo somente o discurso ético dos ensinamentos de Jesus, que se constituem no cerne do evangelho. Para o autor,

destrói-se o Jesus do dogma, mas restaura-se o Jesus, mestre de moral. A ciência, assim, a mais alta expressão da modernidade, se transforma na serva da fé, na medida em que torna possível separar, nos textos, o acidental do essencial (...) O Jesus histórico é um homem paradigma de moral, mestre de ética (...) enquanto para a ortodoxia tradicional importa o ensino da Igreja sobre Jesus (...) persistindo ali uma absoluta descontinuidade entre o que a Igreja ensinou sobre Jesus e aquilo que Jesus ensinou. (...) Além disto, o tratamento crítico dos textos não faz lugar para a doutrina da inspiração verbal. A função desta doutrina é garantir a absoluta fidedignidade do discurso indicativo: o que os textos sagrados descrevem como havendo ocorrido ocorreu de fato. O que está afirmado ocorreu: este é o ponto fundamental da doutrina da inspiração verbal. Por este meio ela elimina todas as possibilidades de erro, oriundas da mediação humana, porque em todas as proposições fala o sujeito absoluto, que conhece absolutamente. Se o texto é um relato humano – mesmo que seja o relato de um evento divino – como garantir que o divino não se tenha perdido nas palavras do escritor? Somente pela eliminação das mediações humanas é possível garantir-se a certeza do conhecimento relativo à salvação. (Alves, 1975, p. 256-7)

A tensão deste impasse entre a ortodoxia religiosa e a Teologia liberal, para esse autor, resolve-se numa espécie de programa hermenêutico do modernismo, definido a partir de duas tarefas no tratamento do texto: a) A demitização do texto. Nesta tarefa se eliminaria do texto todos os dados/elementos que contrariassem a visão científica do mundo, entre eles: os milagres de qualquer espécie, entidades celestiais e infernais como anjos e demônios, a sobreposição da cosmovisão grega, que concebe o mundo formado de três andares: inferno, terra e céu. Para este *espírito modernista* o objeto da fé não coincide com qualquer cosmovisão proposta, que muda de acordo com os parâmetros de análise de cada época. Ademais, a própria fé também não propõe uma nova visão de mundo que se oponha às visões mais acadêmicas. Pelo contrário, a cosmovisão mitológica é um empecilho à fé, afastando principalmente os fiéis mais esclarecidos da

mesma, e uma demitização do texto, portanto, permitiria que o leitor se apropriasse de uma suposta *essência* da fé.

Esta busca pela *essência da fé*, no entender desse autor, levaria então à segunda tarefa proposta: b) Qual é o objeto da fé? Não se trata mais de uma cosmovisão que explica como se estrutura o universo – isto seria a tarefa da ciência. Para a busca do objeto da fé, parte-se da mensagem do evangelho apreendida através da subjetividade humana, isto é, uma maneira quase particular de ser do homem no mundo, uma tarefa preliminar à compreensão da mensagem espiritual do texto, cuja *intenção* não é dar uma estrutura teórica do mundo, mas uma estruturação existencial do espírito, na qual o texto é uma resposta à questão existencial humana acerca da vida autêntica, da liberdade, do sentido da vida e da morte.

Para o movimento da Igreja Presbiteriana Independente surge, como exposto, mais uma terceira questão: c) a intervenção da maçonaria, representando o elo iluminista naquela Teologia, tão veementemente condenado e rejeitado no contexto do movimento independente. Até certo ponto, suspeitou-se com razão das implicações institucionais da proposta maçônica ao código de fé desse protestantismo. Além de desmistificar sua verdade absoluta, *‘para uma instituição que equaciona conhecimento absoluto e salvação, que faz a salvação depender da verdade, a pregação do herege implica em que a instituição se encontra ao lado da perdição’* (Alves, 1975, p. 273). Outrossim, justamente o dilema da verdade expõe a contradição do movimento independente em relação à sua origem protestante, ao discurso do *livre exame* essencial ao espírito protestante. Assim comenta Alves (ibid., p. 273):

Que significa o *livre exame* ? Livre exame é a liberdade da consciência individual para ler e para interpretar o texto sagrado, em oposição às verdades da consciência coletiva, e de forma rebelde em relação às ortodoxias instauradas. O livre exame é sistematicamente invocado em situações polêmicas contra o catolicismo. Ao católico se diz: “deixa que a tua consciência individual estabeleça as suas próprias verdades, ainda que elas se oponham à ortodoxia católica. (...) Se isto não acontecer, a consciência permanecerá para sempre prisioneira das definições católicas da verdade. Mas nós mostramos, também, que uma vez convertido, o indivíduo se descobre prisioneiro de um sistema de conhecimento absoluto, que deve ser afirmado sem dúvidas e sem concessões. (...) O discurso passa a ser o seu próprio ponto de referência. Nenhuma experiência que lhe é exterior pode ser invocada para criticá-lo. (...) Discurso e ser se superpõem. (...) somos forçados a concluir que, se o espírito protestante nasce com o livre exame, ele se cristaliza com a abolição do livre exame. Livre exame é permissão para a heresia, isto é, para que o *um* afirme uma verdade que se contrapõe à verdade dos *muitos*. Se o protestantismo fosse consistente com as instituições do seu momento de nascimento, ele deveria se constituir como

uma organização social aberta a leituras divergentes do texto. (...) Ele não poderia eleger a uniformidade da leitura, isto é, a confissão da reta doutrina, como critério para a participação na comunidade.

No entanto, na constituição institucional do presbiterianismo independente do Brasil enfatizou-se justamente esta superposição do discurso e do ser, através do discurso de uma assim suposta unidade teológica, portanto, uma fidelidade aos dogmas calvinistas da reforma, um retrocesso à ortodoxia, entretanto, uma negação ao espírito empreendedor do protestantismo histórico de missão. Assim, a *dogmática protestante*²⁴ e a *ética confessante*²⁵ via de regra se entrelaçam, formando acordos através da prática da disciplina eclesiástica, que se constrói sobre a negação do corpo.

O corpo deve ser disciplinado por uma norma de conhecimento absoluto, que a ele se opõe numa relação heteronômica. (...) a Igreja exige que o crente submeta o seu pensamento à norma que é aceita como ortodoxa. O pensamento correto, paralelamente ao comportamento correto, é aquele em que o homem disciplina o seu pensar, de sorte que o seu discurso seja simplesmente repetitivo: O indivíduo repete o discurso da consciência coletiva. O herege, entretanto, é aquele que se recusa a isto. Ele leva a sério o livre exame. (...) Pressupõe que a verdade não se esgotou no passado.. (...) Rejeita que o discurso seja idêntico ao ser. E se o divino está mais além do discurso, a verdade não pode ser afirmada como uma posse. Verdade é um horizonte, o objeto de uma busca. (Alves, 1975, p. 274)

A disciplina eclesiástica une o discurso ao ser, simbiotizando perigosamente a *verdade* com a *consciência*, produzindo um comportamento idealizado e, via de regra, em desacordo com o desejo do simbiotizante. Bezerra (1989, p. 230) faz referência a Foucault como o primeiro a perceber que o indivíduo moderno não era apenas uma representação ideológica, mas um produto da nova modalidade de poder que ele instaura, o poder disciplinar. A disciplina produz tais efeitos no sujeito que ele a apreende como constitutivo de sua própria natureza.

As técnicas disciplinares revelam, então, não só o lado controlador e repressivo do poder, mas sobretudo sua faceta criadora, produtora de um certo tipo de subjetividade, cuja afinidade com a ordem social emergente pode então ser assinalada.”

Através delas é que se configuram os diferentes tipos de individuação européia, nas figuras do louco, criminoso, doente, bem como a criação das instituições que os

²⁴ Dogmática protestante: Conjunto de saberes teológicos e valores de fé do protestantismo. (n.a.).

²⁵ Ética confessante: Conjunto de regras morais e éticas que controlam o comportamento do protestante. (n.a.).

mantém sob controle como os asilos, reformatórios, prisões, hospitais, exércitos, enfim, no progressivo processo de *normalização* da sociedade.

No meio social considerado *normalidade*, todo esse processo paulatinamente cria a esfera da privacidade, a casa, a família, a independência da vida familiar da esfera pública, o controle da natalidade e da migração, o escrutínio da população, organizando um espaço interno, matriz da subjetividade moderna, um espaço doméstico como lugar da exploração e da educação dos afetos de seus membros, unidos pela livre decisão fundada no amor. Para Bezerra (1989, p. 231),

a privatização da vida familiar, o aparecimento de uma esfera de intimidade nas relações entre seus membros, a ‘criação’ da infância como uma idade peculiar que exige dedicação, cuidado e extravazamento amoroso dos pais, tudo isso faz parte desse processo de transformação no âmbito das relações pessoais, que Ariès chamou de ‘grande revolução da afetividade’.

No meio eclesiástico, em particular na formação do movimento presbiteriano independente, acontece um processo similar de homogeneização do perfil do crente, cujas características são elaboradas a partir dos preceitos ético-morais vigentes na instituição, mantidos através do controle disciplinar de afetos e pensamentos. Estes são racionalizados num discurso que nem mesmo permite dar nome à contradição e o caráter totalitário de suas verdades – um paralelo ao conceito de Igreja como instituição total de Foucauld - produz comportamentos igualmente totalitários.

Entretanto, o que acontece ao discurso vencido, à palavra malograda, ao desejo cambiante diante da força do argumento inquisidor? Sucumbe diante da *reluzente verdade superior*, tão clara que cega ao incauto, cuja cegueira é o novo símbolo da luz?

Importa antes uma cegueira obediente do que uma luz vacilante? O conhecimento, no contexto eclesiástico, é mesmo uma *arma do maligno*?²⁶ Todas estas questões foram tratadas no movimento liberal teológico como tentativas de respostas à ansiedade fundamental do ser humano, dentro dos limites paradigmáticos da sua Teologia, em seu contexto histórico e sua dinâmica temporal.

Foi nesse nível de embricamento temporal que a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil tentou solucionar seu impasse ideológico-teológico, sobretudo diante da ameaça maçônica, na tentativa de voltar às origens da proposta protestante

²⁶ Conhecimento como arma do maligno – refere-se ao mito bíblico da queda do homem, na tentativa de obter conhecimento absoluto (árvore do conhecimento do bem e do mal), como o fundamento universal do pecado original (n.a.).

calvinista, seja na expectativa de recuperar o elo missionário, seja pela necessidade de impedir o desmoronamento dos seus postulados teológicos diante da fúria iconoclasta do iluminismo na proposta da Teologia liberal protestante.

Em sua origem, portanto, o movimento independente representou a contestação da Teologia liberal européia, que tinha racionalizado demasiadamente a experiência religiosa, reduzindo-a aos aspectos mais acadêmicos da objetividade iluminista, desprezando os eventos subjetivos e inarticulados não palpáveis pelos instrumentos metodológicos do racionalismo demitificador do século XIX. No seu desenvolvimento, entretanto, especialmente na versão acadêmica relativa ao corpo teórico-metodológico dos seminários presbiterianos independentes do Brasil, o mesmo se reaproxima novamente da proposta racionalizada da Teologia liberal.

A fonte de tensão e angústia se articula então na ambigüidade entre a Teologia dogmático-confessional presbiteriana praticada no contexto concreto do culto e da vida cotidiana dos fiéis e seus líderes, em que o senso comum àquela Teologia define o verdadeiro do diferente, por um lado, e a pesquisa teológica crítica exercitada nos seminários teológicos de formação de pastores, por outro lado.

Permanece assim a pergunta pela constituição do sujeito pensante crente, inclusive do estudante de Teologia, na elaboração de sua subjetividade como ser humano em busca de um significado maior para sua vida atribulada. Optaria ele pelo desejo de entendimento e conseqüente intervenção na realidade constituinte? Sacrificaria ele sua razão criadora em nome de uma paz inebriante e felicidade aparentes?

No campo da Teologia essa busca pelo entendimento ainda remete o sujeito a uma verdade supostamente existente em algum lugar, o grande pressuposto ideológico do iluminismo, diante da qual ele é passivo e complacente, e se esforça para entendê-la.

Por mais *científica* que esta posição possa parecer, e muitas ciências ainda se desdobram em torno dela em dias atuais, já no século XIX surgiram algumas variantes desta posição. Entre elas, provenientes da filosofia e especialmente da recém-constituída psicanálise de Freud, a noção de uma subjetividade não necessariamente atrelada aos ditames da consciência, pelo contrário, da noção que o comportamento humano é muito mais determinado pelo âmbito do inconsciente – noção então recém formulada por Freud – em cujo cenário atuam muito mais as forças pulsionais do “id”, fonte também

do sofrimento humano diante do desconhecido e do não-plausível, das contradições e ambigüidades, tão típicas diante de um estado de consciência super-valorizado.

Como entender então a constituição do sentimento religioso, fruto desse caldo pulsional efervescente, caracterizado – pela Teologia ortodoxa – como um campo complexo, atravessado pelas forças transcendentais de toda ordem, o reino dos assim chamados *anjos e demônios*, em luta pela sobrevivência das pobres almas assoladas e angustiadas pelos poderes supostamente mágicos dos criadores do universo?

Freud surpreendeu a academia de sua época com hipóteses nada convencionais sobre o comportamento e o sentimento religiosos. Para ele, o comportamento e o sentimento religiosos se originam em estágios mais primitivos da humanidade, em que, após adquirir auto-consciência, o ser humano se depara com a devastadora fúria da natureza, o incontrolável desejo de superar ou eliminar os inimigos, e especialmente quando este percebe seu desamparo diante das forças que controlam os eventos naturais do seu meio-ambiente, sem que possa entender ou manipular o mesmo em seu favor.

Por outro lado, o conhecimento sobre o desenvolvimento da psique humana, então recém formulado pela neurologia e as descobertas iminentes já no campo da psicanálise, trazem à tona eventos e conceitos novos em relação à religião, alguns dos quais serão abordados no próximo capítulo.

CAPÍTULO III

3.1 Alguns conceitos e interpretações sobre o sentimento religioso na psicanálise.

Sigmund Freud (1897-1939), de descendência judaica, por cuja discriminação o levou a sentir “*uma inclinação secreta pelas opiniões minoritárias*”(apud Gay, 1995, p. 42), muitas vezes fora das convenções aceitas pela academia, mantinha uma atitude singular diante desses eventos, que sustentava nos inumeráveis confrontos com a instituição médica e filosófica de sua época. Em sua dedicação inicial à filosofia, por mais crítico que estivesse se tornando em relação a ela, encontrou em Ludwig Feuerbach, renomado pensador e filósofo, uma inspiração especial, que, assim como Freud, também era um herdeiro do iluminismo do século XVIII. Intelectualmente o mais vigoroso entre os hegelianos de esquerda, Feuerbach

cultivava um estilo depurado das áridas abstrações que desfiguravam a prosa acadêmica alemã, e uma postura combativa que encantava, ou amedrontava, seus leitores ao brandir armas contra os juízos tolos e pérfidos de seus detratores (ibid. p. 43)

Assim, para Feuerbach, em sua especulação crítica sobre a filosofia e a Teologia, a religião seria a forma alienada da essência humana, onde os atributos de Deus são, na verdade, os atributos dos homens e sua existência foi concebida para dar suporte a esses atributos, como uma projeção da própria existência humana.

Também Rouanet (1985, p. 70) argumenta que,

como o homem pensa, como ele crê, assim é seu Deus (...) A consciência de Deus é a autoconsciência do homem, o conhecimento de Deus é o autoconhecimento do homem (...) Deus é a interioridade revelada, o Eu manifesto do homem. A religião é o desvendamento solene dos tesouros ocultos do homem.”

Entretanto, o homem não sabe disso e vê sua própria imagem como num espelho deformador, que o desfigura e sua própria consciência-de-si é uma consciência obscura, na verdade, a falta da sua real consciência, o que vem a ser a especificidade propriamente dita da religião. A percepção dessa consciência imperfeita, a caminho de uma consciência verdadeira, passa necessariamente pela abolição da religião.

A superação dessa condição, para Feuerbach (1957), não se dá no nível da especulação filosófica sobre essa ilusão religiosa, mas no nível do homem concreto, na qual o papel da crítica seria o de contribuir para essa reformulação do ideal no material, pela qual o homem se apropria do saber de si, que na religião é apenas virtual, mostrando que o contraste entre o divino e o humano é essencialmente ilusório.

A sedução desse ilusório levou Freud, já como estudante universitário, ao ambiente atraente do filósofo e professor Franz Brentano, com o qual, manteve temporariamente relações acadêmicas sobre o teísmo filosófico. Segundo Gay, (1995, p. 43 e 477) Freud assistiu a cinco séries de conferências e seminários oferecidos por Brentano – *“ex-padre, intérprete de Aristóteles e da psicologia empírica – instigante professor que acreditava em Deus e, ao mesmo tempo, respeitava Darwin”* - e procurou-o para entrevistas particulares, cuja relação levou-o a declarar *“não sou mais um materialista e também ainda não um teísta”*. Quando conseguiu superar os argumentos de Brentano voltou para sua descrença, levando-o à conhecida declaração em 1874 como *“um estudante de medicina ateu e um empirista”* (ibid., p. 43 e 477).

A partir desse embate filosófico, Freud, tendo como referência os postulados iluministas da medicina do século XIX, em especial dos estudos da neurologia, em Viena, esquadrinhou o comportamento religioso do ponto de vista da ilusão como (psico) patologia, que tomou por objeto dos seus estudos no contexto da neurose obsessiva.

Ao observar as práticas religiosas, Freud (1907/1976, p. 121) estabeleceu uma relação entre essas práticas e os traços de neurose obsessiva, pois, *“o cerimonial religioso é executado como se obedecesse a certas leis tácitas”*, cujos rituais simbólicos são geralmente coletivos, como, por exemplo, os atos de penitência, em geral, e, particularmente, os atos litúrgicos – orações, cantorias, sacramentos, casamentos, sepultamentos – e executados conforme simbologias pré-formuladas. Essas semelhanças entre cerimoniais neuróticos e *atos sagrados* do ritual religioso facilmente se observam na proeminência de escrúpulos exagerados de consciência que uma negligência destes acarreta; na exclusão de atos incomuns e uma extrema consciência da execução de minúcias.

Algumas diferenças, entretanto, apontam para a maior diversidade individual nos neuróticos em relação ao caráter mais estereotipado dos rituais religiosos, para o caráter ainda privado dos neuróticos em relação ao caráter público e comunitário das práticas

religiosas, para as minúcias do cerimonial religioso que possui um sentido mais simbólico, enquanto na neurose esses rituais parecem tolos e absurdos.

Para Freud (1907/1976, p.22), a neurose obsessiva parecia uma caricatura cômica e triste de uma religião particular. Muito embora os rituais obsessivos pareçam desprovidos de uma razão que os justifique, no decurso da investigação psicanalítica, entretanto, também o cerimonial neurótico adquire um sentido: o que está sendo representado em atos obsessivos – no caso da neurose – provém de experiências íntimas com a sexualidade. Assim, as compulsões e proibições provêm geralmente, de sentimentos de culpa, originários em eventos mentais primitivos, revividos pelas *tentações* resultantes de cada nova provocação, resultando daí uma ansiedade punitiva, na qual o cerimonial surge como um ato de defesa, como uma medida protetora.

No caso de uma neurose obsessiva, ela se instala a partir da repressão de uma pulsão, surgindo na forma de uma consciência dirigida contra os objetivos dessa pulsão, que sempre termina em proibições quando não for mais suficientemente efetiva. Os cerimoniais obsessivos surgem então como uma proteção contra a tentação e contra um mal esperado, por exemplo, no caso do cerimonial matrimonial da Igreja, que representa para o crente uma permissão para desfrutar dos prazeres sexuais (pulsionais), que, de outra maneira, seriam pecaminosos.

Em seu texto *A Renúncia ao Instinto*, (1938/1975, p. 139) Freud entende a renúncia aos prazeres da vida e da carne como um deslocamento de energia, que mobiliza uma satisfação substitutiva do eu através da religião. *“O ego se sente elevado, orgulha-se da renúncia instintual [pulsional], como se ela constituísse uma realização de valor”*. A sensualidade é paulatinamente substituída pela intelectualidade com muito orgulho, onde Deus se transforma numa religião de renúncias (pulsionais), controlada pela ética institucional, que se interpõe como verdade suprema e absoluta. Freud também estabelece uma relação de semelhança com o totemismo primordial, no qual as ordens e proibições são renúncias pulsionais como a *exogamia*, por exemplo, uma renúncia ao desejo pela mãe no mito do incesto; ou na concessão de *direitos iguais* a todos os membros da aliança fraterna, uma restrição da inclinação pela rivalidade violenta. Todas estas renúncias pulsionais representariam os primórdios de uma ordem social e moral na formação da sociedade primitiva, constituindo-se assim na base de formação do supereu.

Nesse mesmo sentido, Freud também vê a instituição da *santidade* (ibid. p.141-2) como um elemento de conexão entre os comportamentos permitidos e os proibidos, em sua origem um privilégio apenas dos reis como representantes dos deuses, contudo negado aos mortais. No contexto dos faraós e dos ptolomeus gregos, por exemplo, era natural tomar sua irmã como primeira e principal esposa, uma evidência de incesto entre deuses, reis e heróis. Em sua origem, a proibição do incesto provinha da vontade do pai primordial representado posteriormente pela religião e transformado em sagrado para efetivar a proibição, tornando-se, mais tarde, um subproduto da racionalidade impregnada de afetos (horror ao incesto). Este parece ser também um dos significados da circuncisão imposta por Moisés, como um substituto simbólico da castração infligida pelo pai primevo, como uma preparação para a submissão posterior à sua vontade.

A renúncia pulsional parece ser um dos esteios básicos na constituição do comportamento religioso e da formação de uma religião. Entretanto, tais impulsos não são exclusivamente de natureza sexual, como no caso da neurose, mas abrigam também pulsões egoístas e socialmente perigosas, no entender de Freud, e recaídas no *pecado* são mais comuns entre indivíduos piedosos do que entre neuróticos. São justamente estas recaídas que, via de regra, dão origem a uma nova forma de atividade religiosa: os *atos de penitência* estes sim um correlato com a neurose obsessiva. Diante deste quadro pode-se então “*considerar a neurose obsessiva com o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal*” (Freud, 1907/1976, p. 129-30).

Também para Rouanet (1985, p. 240) a religião seria, “*u projeção supra-sensível da ausência do Pai, da qual resulta uma fantasia de privação, que deriva dessa privação, e a anula, e que é simbolizada nas representações religiosas.*” Como na neurose, o conflito edipiano é sua força motriz, na medida em que deriva de um drama edipiano da espécie – o assassinato do pai primitivo na teoria da horda primeva – e constitui uma tentativa de resolver essa culpabilidade universal, criando um Pai supra-sensível, substituto do pai original. Pela religião o sujeito pode renunciar a esse pai original e sua culpa constituinte, porque ela lhe oferece um pai espiritual, constituído suposto protetor supremo da vida social e coletiva, viabilizada no formato cultural da religião e da civilização.

Freud, em seu texto *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1974), escrita já numa fase mais madura de sua vida, comenta a necessidade da civilização para o desenvolvimento

da humanidade e aceita até medidas de coerção, “*que se destinam a reconciliar os homens com ela [a civilização] e a recompensá-los por seus sacrifícios.*” (Freud, 1927/1974, p. 21) Refere-se ali aos comportamentos anti-sociais baseados nos desejos pulsionais primordiais, como o canibalismo, o incesto e o assassinato, dos quais apenas o canibalismo parece estar proscrito. Pela intensidade das proibições, entendidas como defesas contra o incesto e o assassinato, este último presente, sobretudo, nas atividades de guerra e nas revoluções sociais praticadas em nome da civilização, pode-se deduzir o grau de perturbação ainda presente na tentativa de controle desses desejos, e seu controle efetivo na civilização hodierna através da estrutura psicanaliticamente denominada de supereu.

Por outro lado, apesar das exigências morais da civilização contra esses desejos, e mesmo que a maioria das pessoas “civilizadas” se recuse a cometer incesto e assassinato, estas mesmas pessoas não se negam, entretanto, a satisfazer sua avareza ou seus impulsos agressivos e sexuais, e que também não hesitam em prejudicar seus semelhantes através da mentira, da calúnia ou da fraude, deixadas impunes pelos ditames da própria lei e da civilização à qual pertencem.

Contra estes *escapes* pulsionais de uma assim suposta natureza humana, (ibid. p. 26) a civilização – também no formato da religião como tal - deve proteger a humanidade. “*Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual (...) se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização (...) é nos defender contra a natureza*”.²⁷ Portanto, as leis e ordens da civilização, bem como as privações e proibições, são assim imputadas e visam à proteção dos homens contra o poder superior da natureza, entendida como destino.

Justamente essa pulsionalidade do homem primevo, atualizada pela civilização, vai tornar-se um dos principais fornecedores da matéria prima cristalizada através da religião, cujo objetivo seria de exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida coletiva em sociedade lhes impôs. As idéias religiosas, assim, provêm da mesma necessidade que as outras realizações da civilização, da necessidade da defesa contra a força superior da natureza e da necessidade de retificar as deficiências da civilização

²⁷ O termo *natureza* é tanto usado nesse contexto como relativo à natureza humana, como também relativo à Natureza – eventos naturais às leis do universo como um todo.

quanto a essa tarefa, que já se faziam presentes no contexto secularizado da vida social de sua época.

Aspira-se então a uma *humanização da natureza*, cujo objetivo seria pôr fim à perplexidade e ao desamparo do homem diante dos seus ditames cruéis. Na medida em que personifica e anima seus poderes em figuras mais próximas ao seu alcance – a nomeação de seres transcendentais pode representar essa tentativa – tenta estabelecer um relacionamento com as mesmas e assim, supostamente, influenciá-las e posteriormente controlá-las e apaziguá-las para seu bem-estar.

Em seu texto *Totem e Tabu* (1913/1974) Freud demonstra e relaciona as aspirações religiosas à procura pelo Pai primevo, isto é, a configuração do desamparo da criança diante da potência do adulto, desta vez, porém, correlacionando o desamparo do adulto diante das forças da natureza, diante do criador onipotente das mesmas, a base ideológico-religiosa do totemismo.

Mas, é em seu texto *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1974) que Freud apresenta a singularidade²⁸ do seu conceito, de que os homens inventam deuses baseados nas interposições da sua cultura, embasadas especialmente nas fantasias da criança diante do poder e do desejo do adulto, bem como do seu próprio. A partir do modelo dessas fantasias infantis, a religião também seria uma ilusão infantil, ainda não baseada na cristalização da experiência do pensamento, e conforme interpretação de Gay (1995, p. 482)

ilusões são realizações dos desejos mais antigos, mais fortes e mais prementes da humanidade; o segredo de sua força é a força desses desejos (...) A idéia de que os homens fazem os deuses à sua própria imagem podia ser tão velha quanto os gregos antigos, mas Freud acrescentou que os homens fazem seus deuses à imagem de seus pais.

Também para Mezan (1986, p. 519),

a religião é um instrumento inventado pela civilização para conciliar os homens com suas mazelas, e também com aquilo diante do qual ela é

²⁸ Inúmeros autores da época de Freud desenvolveram teorias similares, entre eles, James G Frazer e W Robertson Smith sobre religião primitiva e comparada; Havelock Ellis – sobre as conversões religiosas na origem das tensões da adolescência ou da menopausa, da excitação religiosa remontando a conflitos sexuais; os esforços de J M Charcot para reduzir os fenômenos sobrenaturais a causas naturais; Max Weber – nos ensaios sobre *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* (1904-1905) sobre a contribuição de certas seitas religiosas (protestantes ascéticos) para o desenvolvimento do capitalismo e Émile Durkheim - que tratou as crenças religiosas como expressões da organização social, relacionando eventos individuais como o suicídio, a educação e a religião a fatos sociais institucionais, onde, pelo seu conceito de ‘*anomia*’ – colapso ou confusão das normas sociais - pretendeu que os eventos individuais fossem investigados como fenômeno social, relacionando as experiências da religião às suas manifestações na cultura. (Cf. GAY, op. cit. p. 478–80)

impotente: a morte, os cataclismas naturais, o terror inerente à pequenez do homem e à desproporção entre seus meios e os da Natureza. Ela preenche esta função criando a ilusão de que estes fenômenos são apenas aparentes, e que os deuses ou Deus velam por sua proteção. Este Alguém é fruto de uma projeção, pela qual o pai infantil é transformado em Deus, e a condição humana assimilada à uma criança indefesa.

Se uma criança cresce desamparada e posteriormente passa a ser amparada pelo adulto, na medida em que ingressa paulatinamente nesse mundo, se apossa desse poder, enquanto se torna também adulta, logo percebe, segundo Freud, (1927/1974, p. 36)

Quando o indivíduo em crescimento descobre que está destinado a permanecer uma criança para sempre, que nunca poderá passar sem proteção contra estranhos poderes superiores, empresta a esses poderes superiores as características pertencentes à figura do pai; cria para si próprio os deuses a quem teme, a quem procura propiciar e a quem, não obstante, confia sua própria proteção (...) É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião.

É no contexto do desamparo humano, portanto, que Freud vincula a necessidade de religião às experiências infantis, nas quais, reconhecidamente, a religião é “*o mais precioso bem da civilização,*” (ibidem, p. 31-2) mais prezada do que os outros artifícios para conquistar tesouros na terra, prover o sustento dos homens e evitar as doenças. Também Gay (1995, p. 481), em sua obra biográfica sobre Freud, argumenta nesse sentido de que a religião, juntamente com a arte e a ética, provêem esse sustento contra as forças da natureza na fase mais infantil da humanidade:

A criança teme o poder dos pais, mas também confia na proteção deles. Por isso, ao crescer, ela não tem dificuldades para incorporar o que sente como poder parental – principalmente paterno – em reflexões sobre seu lugar no mundo, ao mesmo tempo perigoso e promissor. Como a criança, o adulto cede a seus desejos e borda suas fantasias com os enfeites mais imaginativos. No fundo, são resquícios: as necessidades, a própria vulnerabilidade e dependência da criança, sobrevivem na idade adulta. (...) As concepções religiosas originaram-se na mesma necessidade de todas as outras realizações da cultura, a partir da premência de se defender contra a superioridade esmagadora da natureza e do ímpeto em corrigir as imperfeições da cultura, dolorosamente sentidas.

A religião, nesse contexto, é entendida como uma realização cultural, que tem por objetivo integrar os sujeitos no processo civilizatório, em que possam renunciar ou adiar seus ímpetus pulsionais, para possibilitar, via civilização, um maior desenvolvimento social/cultural da espécie, engendrando realizações já no plano do

processo secundário, regidas pelo princípio da realidade, diluindo sua ainda captura pelo processo primário, sob a regência do princípio do prazer.

Entretanto, entender a religião como fenômeno necessariamente articulado à crença na figura de um Deus e, portanto, embasado no dogma da fé, pode continuar a se configurar como o divisor de águas entre a psicanálise e a religião.

3.2 Do Futuro de uma Ilusão à Ilusão de um Futuro.²⁹

Para Freud (1927/1974, p. 57) as idéias religiosas tiveram certa importância em épocas mais primitivas da humanidade, mantendo-se hoje como reminiscências históricas, de quando elas formavam um contraponto racional civilizatório diante das paixões pulsionais, para o qual ele usa o exemplo da criança,

que não pode completar com sucesso seu desenvolvimento para o estágio civilizado sem passar por uma fase de neurose, (...) porque muitas exigências pulsionais que posteriormente serão inaproveitáveis não podem ser reprimidas pelo funcionamento racional do intelecto da criança, mas têm de ser domadas através de atos de repressão, por trás dos quais, via de regra, se acha o motivo da ansiedade.

No entender do autor, também a humanidade passou por essas eras primitivas, análogas às neuroses, e nas épocas de ignorância e debilidade, as renúncias pulsionais para a formação da civilização só podiam ser conseguidas através das forças emocionais. Nesse sentido pode-se entender

a religião como a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai. A ser correta essa conceituação, o afastamento da religião está fadado a ocorrer com a fatal inevitabilidade de um processo de crescimento, e nos encontramos exatamente nessa junção, no meio dessa fase de desenvolvimento. (...) nossa analogia não esgota a natureza essencial da religião. Se, por um lado, a religião traz consigo restrições obsessivas, exatamente como num indivíduo, faz a neurose obsessiva, por outro, ela abrange um sistema de ilusões plenas de desejo juntamente com um repúdio da realidade, tal como não encontramos, em forma isolada, em parte alguma senão na amênia, num estado de confusão alucinatória beatífica. (ibidem)

Com o desenvolvimento da humanidade, tornando-se ela mais independente e autônoma através da repressão pulsional via civilização, os valores religiosos pouco a pouco perderam seu poder de coerção e determinação da vida coletiva mais individualizada e menos sujeita aos seus ditames. Nesse processo de passagem, que Freud chamou de *junção*, permaneceram, entretanto, certos *resíduos históricos* dos ensinamentos religiosos, como *reliíquias neuróticas*, e

²⁹ *A Ilusão de um Futuro* – O título faz referência à obra do pastor luterano Oskar Pfister, com o qual Freud manteve uma vasta correspondência – apesar das percepções diferentes, por vezes oponentes, dos dois missivistas em relação a diversos tópicos – e que escreveu um texto-resposta à obra de Freud sobre *o Futuro de uma Ilusão*, denominado de *A Ilusão de um Futuro*. (Die Illusion einer Zukunft)

agora podemos argüir que provavelmente chegou a hora, tal como acontece num tratamento analítico, de substituir os efeitos da repressão pelos resultados da operação racional do intelecto. Podemos prever (...) que tal processo de remodelamento não se deterá na renúncia à transfiguração solene dos preceitos culturais, mas que sua revisão geral resultará em que muitos deles sejam eliminados. Desse modo, nossa tarefa de reconciliar os homens com a civilização estará, até um grande ponto, realizada. (Freud, 1927/1974, p. 58-9)

Tais relíquias neuróticas continuariam presentes na forma de normas e preceitos éticos e morais, através das quais a civilização se mantém. Historicamente o campo das Artes, além das religiões, têm sido muito usado na expressão dessa demanda religiosa residual na cultura.

Em seu texto *O Mal-Estar na Civilização*, Freud (1930/1974) refere-se às demandas religiosas através da Arte e seu encontro com a Ciência, argumentando que “*Wer Wissenschaft und Kunst besitzt, hat auch Religion; Wer jene beide nicht besitzt, der habe Religion*”³⁰ Quem expressa Arte, este, por conseqüência, também expressa religião mas, quem não tem os dois, que tenha [pelo menos] religião. Assim também Rouanet (1985, p. 238-9), ao comentar Freud nesse item, aponta esse caminho, via produção cultural, pelo qual, além da neurose, o sujeito pode dar conta desse futuro imaginário viabilizado pela arte, sem alterar profundamente sua realidade.

(...) é o caminho, hoje em dia, do artista, que depois de ter recusado a realidade insatisfatória, produzindo a fantasia, consegue voltar à realidade graças à arte, essa atividade “misteriosa”, pela qual ele “modela suas fantasias numa nova espécie de realidade”. O futuro visado pela fantasia, acaba se realizando, porque o público do artista, como o do poeta épico, experimenta a mesma insatisfação diante da realidade, e recompensa, com seu aplauso, o autor, que se transforma, assim, no herói, no rei, no amante que ele era na fantasia, sem precisar fazer o difícil desvio através da transformação da realidade.

As satisfações substitutivas especiais, tal como se apresentam na Arte, evidentemente continuam sendo ilusões em contraste com a realidade, mas nem por isso são menos eficazes psiquicamente, graças ao papel da fantasia na vida mental dos seres humanos. Essa fantasia também pode proporcionar o impulso para a transformação da realidade, tanto em sua dimensão individual, quanto coletiva, gerando a força motriz para a ação necessária para tal. Para Rouanet, (1985, p. 240)

³⁰ Quem possui Ciência e Arte, também tem Religião; quem não possui estes dois, este tenha Religião. (ibid. p. 93)

Movida pela fantasia, a consciência concentrará sua atenção naqueles aspectos da realidade que devem ser transformados, e utilizará os processos intelectuais para definir, de forma não-alucinatória, o que nesse espaço, pode ser transformado, e as modalidades dessa transformação.

Entretanto, diante do impasse e da dificuldade de transformar a realidade efetivamente, uma grande parcela da humanidade ainda se utiliza dos mecanismos de defesa, assim como proposto pela psicanálise, na tentativa de transformação parcial da sua realidade. Tais mecanismos, de caráter mais adaptativo, são capazes de atuar não somente no ambiente externo, mas também no interno, cujo objetivo é o de suprimir ou dissimular a percepção interna, quando uma alteração real no ambiente externo se torna inviável. Para Freud (1937a/1975, p. 270)

O aparelho psíquico não tolera o desprazer, deve defender-se contra ele a qualquer preço, e quando a percepção da realidade acarreta desprazer, ela – e a verdade – devem ser sacrificadas (...) os mecanismos de defesa do Ego estão condenados a falsificar a percepção interna, permitindo apenas um conhecimento lacunar e deformado do nosso Id.

É assim que a denegação atua sobre a percepção externa; a projeção na encruzilhada das percepções interna, externa e do pensamento; a racionalização na esfera do pensamento; o isolamento segregador, afetando tanto a percepção como o pensamento; a regressão, convertendo linguagem conceitual em figurativa. Atuando em conjunto, ao fugir do desprazer de qualquer ordem, as defesas impedem o registro de certas percepções e afastam da consciência conteúdos psíquicos intoleráveis, desvirtuando significados intoleráveis.

Para Freud, este também é o caso da *projeção animista* no contexto da religião, sendo esta uma construção de um sistema coerente sob o impulso do desejo e não da realidade. Nesse sentido, uma grande parte da concepção mítica do mundo que sobrevive nas religiões mais modernas, não é outra coisa que a psicologia projetada para o mundo exterior, em que o animismo dos povos primitivos se mantém na atitude psicológica do crente contemporâneo como uma defesa do pensamento. Pela projeção, a realidade exterior pode então ser anulada, deformada ou recriada, e a partir dessa deformação projetiva, a religião, assim como as demais instituições da civilização, pode ser sacralizada e dissociada de sua gênese. Entretanto, para Rouanet (1985, p. 133-4), um dos pontos centrais da teoria psicanalítica é que:

não existe nenhuma fronteira qualitativa entre os processos psíquicos normais e os patológicos.(...) as neuroses de nossos enfermos não têm nenhum conteúdo que lhes seja próprio, particular e exclusivo. Eles sofrem dos mesmos complexos (...) a diferença é que os sadios conseguem superar esses complexos sem danos (...) enquanto os neuróticos só o conseguem ao preço de formações substitutivas dispendiosas. (...) se é certo que os processos defensivos implicam uma perda de realidade, esta não tem que ser patológica. (...) a diferença entre eles é que em casos normais ela é aceita pelo aparelho psíquico sem danos(...) e nos casos mórbidos o Ego, sentindo-se lesado com a proibição imposta, tenta compensar-se através do sintoma. (...) a neurose surge não com a defesa, mas com seu fracasso (...) e o reprimido retorna sob a forma do sintoma.

Sempre que uma defesa é bem-sucedida e seus mecanismos adaptadores forem capazes de balizar o grau de ansiedade resultante desse processo de re-interpretação da realidade formadora das ilusões, estas podem compensar as frustrações impostas pela realidade, na medida em que são capazes de se apoderar desse futuro para o qual apontam. Tais fantasias coletivas podem ser igualmente funcionais, na medida em que encontrem uma correspondência no imaginário individual, capaz de fazer a fusão entre o coletivo e o individual. Não se trata, porém, de uma compensação ilusória pela ausência de uma ação transformadora, antes, da forma de um substrato afetivo que permeia impulsos capazes de dirigir o pensamento para certos fins objetivados.

Nesse patamar, os processos imaginários se cruzam com os processos cognitivos, tanto no nível da percepção afetiva como do pensamento, seja para encobrir ou desvendar uma parcela dessa realidade. Se essa fantasia servir de suporte aos mecanismos de defesa, ela contribui para ocultar uma dada parcela da realidade externa e vida psíquica desse sujeito, intervindo inclusive em seus processos intelectuais. Se, por outro lado, ela contribuir para trazer à tona antigas lembranças, tal rememoração poderá orientar os processos cognitivos para uma exploração mais prospectiva da realidade, em direção a propostas mais transformadoras da realidade.

Em seu texto *O Mal-estar na Civilização* (1930/1974, p.92), posterior ao *O Futuro de uma Ilusão* (1927/1974), Freud, num comentário pós-reflexivo, ainda argumenta a partir de uma perspectiva muito racionalizada, demonstrando sua perplexidade:

Em meu trabalho *O Futuro de uma Ilusão*, estava muito menos interessado nas fontes mais profundas do sentimento religioso do que naquilo que o homem comum entende como sua religião – o sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro, lhe garantem que uma Providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de

quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. O homem comum só pode imaginar essa providência sob a figura de um pai ilimitadamente engrandecido. Apenas um ser desse tipo pode compreender as necessidades dos filhos dos homens, enternecer-se com suas preces e aplacar-se com os sinais de seu remorso. (...) Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série de lamentáveis atos retrógrados.

Seus argumentos, entretanto, já deixam transparecer o outro lado da consciência racionalizada, seu anverso, na forma de uma percepção da imanência afetiva do transcendente, na figura do grande Pai primitivo, que se entenece pelos seus filhos e sua função de proteção. As demandas religiosas não parecem estar restritas ao campo da racionalidade, onde os argumentos sejam examinados à luz da razão, pelo contrário, as relações com as divindades estão geralmente muito carregadas de afetos, positivos e negativos, claramente expressos nos adjetivos usados em sua representação – o bom Pai do Céu, Deus Pai, Filho... – ou personificados em funções pragmáticas, como Santo Antônio casamenteiro, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dentre outros, pelas quais o crente estabelece sua relação [afetiva] com a divindade.

Rouanet (1987), na coletânea *Os sentidos da Paixão*, representa esses dois aspectos, tanto o registro cognitivo quanto o registro moral, como constituintes de uma só integralidade, inseparáveis, seja como *razão louca*, que através de uma falsa consciência produz a dependência e a heteronomia, seja como *razão sábia*, que pelo saber produz a autonomia.

Como *razão louca*, quando na interação da razão com a paixão, “*ela deixa-se influenciar por ela, perdendo a objetividade necessária ao conhecimento e mergulhando na falsa consciência*, numa incapacidade de conhecer. Pode-se dizer, *que a razão foi colhida nas malhas da paixão, ela está louca, mas julga-se sensata*, onde o *Ego louco é instruído a perverter o conhecimento e a inibir a ação.*” (ibid. p.451)

A razão louca é necessariamente conformista, impondo um conhecimento truncado e administrando a vida das paixões de forma heterônoma, incapaz de se rebelar contra o poder externo porque o poder interiorizado a impede de pensar e agir. Como *razão sábia*, quando, na interação da razão com a paixão, ela consegue ter acesso ao saber imparcial, no qual a tarefa do Eu, enquanto sede dos processos intelectuais e agente do conhecimento “*consegue afastar as interferências afetivas, obtendo um conhecimento fidedigno, tanto ao nível da percepção como do pensamento.*” (Rouanet, 1987, p.457)

Entretanto, excluir os afetos do pensamento não significa que estes não tenham mais ação sobre esse pensamento, pois na origem do saber está a paixão do conhecer e mesmo na relação clínica, pela transferência, a possibilidade do saber passa por uma relação de afeto. No plano moral, a razão sábia na interação com a paixão produzem a autonomia, em que o Eu é suficientemente maduro para administrar a vida passional para além da moralidade externa e dos imperativos do super-Eu, sendo ele o seu próprio tribunal. A relação da razão sábia com as paixões é dialógica e não-autoritária, sem escravizar, nem ser escravizada por elas. Por isso, a razão sábia é sempre crítica, capaz de desmascarar as formas de des-razão, como a ideologia, uma pseudo-razão a serviço de uma classe, e a racionalização, uma pseudo-razão a serviço do desejo. A tarefa da razão sábia é afastar as paixões, assegurando a objetividade do saber, e liberar as paixões, em busca de maior autonomia.

Berlinck (1998, p.57), na perspectiva da psicopatologia fundamental, resgata a dimensão do *pathos* grego, donde provêm as palavras *paixão* e *passividade*, um sofrimento, um padecer como experiência de vida que pode tornar-se terapêutico quando escutado pelo outro. Dentro desta dinâmica, *pathos* é sempre

somático, que vem de longe e de fora, ela é sempre objeto da transferência, ou seja, de um discurso que narra o sofrimento, as paixões, a passividade que vem de longe e de fora e que possui um corpo onde brota, para um interlocutor que, por suposição, seja capaz de transformar, com o sujeito, essa narrativa numa experiência. (...) a experiência é a possibilidade de se pensar aquilo que ainda não foi pensado. (...) um discurso mito-poiético epopéico, que é uma experiência e que, como tal, é terapêutica.

É desse *pathos* que se constitui a subjetividade do ser da experiência, que não é um discurso sobre doenças, mas uma relação de experiências compartilhadas com o sujeito do sofrimento e que o conduz sempre de novo a novas experiências, sem que estas representem uma condição nosológica. É, por assim dizer, uma relação de continuidade, de integralidade, na qual razão e paixão se interpenetram e permanecem conectadas como saberes distintos mas indivisíveis, como as duas faces de uma mesma moeda, de cuja relação se constitui a experiência terapêutica.

A psicanálise contempla esse *pathos* na teoria do inconsciente profundamente ambíguo e pulsional, que surge da violência primordial, retratado por Freud (1915/1974, p.312-3) nas suas *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte*, nas quais expressa sua desilusão com o gênero humano civilizado :

esperávamos que as grandes nações de raça branca (...) esperávamos que esses povos conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesse. Dentro de cada uma dessas nações, elevadas normas de conduta moral foram formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada. (...) Poder-se-ia supor, porém, que as próprias grandes nações adquiriam tanta compreensão do que possuíam em comum, e tanta tolerância quanto a suas divergências, que ‘estrangeiro’ e ‘inimigo’ já não podiam fundir-se, tal como na Antiguidade clássica, num conceito único.

Trata-se aí, evidentemente, também do sofrimento de um pai que tem seus dois filhos numa frente de batalha, diante da legitimação do crime e do hediondo, onde a passionalidade sobrepuja a razão tão estimada e cultivada pela civilização. Também no capítulo seguinte, em *Nossa Atitude para com a Morte*, Freud (ibid., p. 330-1) relembra estupefato o nível de agressividade e destrutividade do homem primevo, que

não fazia qualquer objeção à morte de outrem; ela significava o aniquilamento de alguém que ele odiava, e o homem primitivo não tinha quaisquer escrúpulos em ocasioná-lo. Era, sem dúvida, uma criatura muito impulsiva e mais cruel e maligna do que outros animais. Gostava de matar, e fazia isso como uma coisa natural. O instinto que, segundo se diz, refreia outros animais de matar e de devorar sua própria espécie, não precisa ser atribuído a ele.

Esses textos já indicam com certa clareza que a pulsionalidade primitiva ainda não é superada pela racionalidade da civilização, conforme se esperava, e que, pelo menos em situações extremas, a passionalidade inconsciente dirige a ambigüidade do comportamento humano pelas suas raízes pulsionais Eros e Tânatos, nas quais o ódio e o prazer de destruição convergem em nome do amor.

Essa ambigüidade entre pulsionalidade e racionalidade parece articular-se no âmbito do desejo, através do qual o sujeito pode recriar e transformar realidades sem passar pela passionalidade destrutiva da pulsão da morte, em que a alteração de uma situação constrangedora ou restritiva passa pela operacionalidade de um imaginário criativo e mobilizador.

O próprio Freud, no início de sua pesquisa clínica sobre as neuroses, abandonaria sua teoria realista da cena traumática, pelo embaraço com que percebeu que determinados sujeitos transformavam fantasias em supostas realidades vividas em nome de desejos inconscientes, o que o levaria à elaboração da sua teoria sobre a *realidade psíquica*.

Para Bezerra (1989, p. 236), Freud criou um campo próprio de análise do psiquismo, onde demonstrou que o sujeito não conhece a realidade tal como era no passado, mas como lhe aparece através da elaboração e da interpretação que é capaz de fazer dela. Essa noção já tinha sido apresentada pela filosofia, propondo uma distinção entre o fenômeno (a realidade como tal) e a coisa em si (percepção). Mas,

a originalidade de Freud reside no fato de que o sujeito, na psicanálise, pela incidência do inconsciente, é um sujeito dividido, cindido, (...) o que supõe, como consequência, a existência de dois tipos de saber que remetem a instâncias distintas do sujeito: Um é o saber consciente, discursivo, que se volta para o conhecimento da realidade através dos instrumentos da razão. A este se opõe o saber inconsciente. Este está referido à realidade psíquica, à dimensão do sujeito clivado, dimensão que se expressa na emergência do desejo inconsciente.

Não se trata, entretanto, de um saber *sobre* o inconsciente, mesmo porque esse saber está profundamente imbricado com a noção da *verdade*, que, na psicanálise, sempre é *a verdade do desejo*. Por isso ela não pode ser reduzida a uma suposta verdade escondida nas profundezas do inconsciente, entendido como sua essência, mas como uma informação sempre em estado de mutação, atualização, sem uma referência histórica externa, que não pode ser automaticamente ancorada em critérios objetivos de verificação.

Assim, não há uma realidade *encoberta* para ser *descoberta*, mas há enigmas a serem permanentemente decifrados, sem que haja uma garantia de fidedignidade, como se a última versão ainda sempre fosse provisória e sujeita a novas atualizações, repleta de ilusões sobre a verdade sempre particular, a ser constantemente reformulada. A própria ilusão, em função dos ideais nela introjetados, é geratriz de novas verdades, sempre e constantemente atualizadas na constituição subjetiva do sujeito em referência.

Conforme Berlinck (1989, p.93), se o sujeito da tradição iluminista ainda ocupava um lugar privilegiado no conhecimento e na produção da verdade – subjetividade identificada com a consciência – a psicanálise vai desqualificar esse lugar [não mais o sujeito da verdade, mas a verdade sobre o sujeito torna-se relevante], descobrindo

um sujeito do desejo inconsciente, um sujeito fendido, na verdade, uma duplicidade de sujeitos na mesma pessoa,...) provocando uma fenda entre o dizer e o ser, entre o eu falo e o eu sou (...) o cogito não é o lugar da verdade do sujeito mas o lugar do seu desconhecimento (...) um sujeito do

esquecimento, um sujeito assujeitado a uma ordem de determinação que desconhece, o inconsciente, que é o recalcado, que se manifesta nas falhas do discurso.

A subjetividade desse ser, diferentemente da tradição iluminista, é constituída por sua parcialidade, por sua falha, pela fenda que o divide em consciente e inconsciente, o que significa que seu comportamento é muito mais definido pelo recalque do que pelo seu discurso explícito, imerso no seu desejo cambiante.

É justamente o inconsciente freudiano, que permite falar de um sujeito clivado, cindido,

no qual o eu responde por uma ilusão de completude pessoal, a custo mantida no jogo da dinâmica pulsional (...) atrelada ao desejo do sujeito (...) desejo inconsciente, submetido às regras de funcionamento do processo primário, registro inequivocamente universal, posto que é a marca mesma do que é humano. (Bezerra, 1989, p.221)

É por conta dessa cisão – preenchida por essa ilusão de completude – que o sujeito estabelece o trânsito entre o imanente e o transcendente, viabilizado pela idéia de uma “consciência”³¹ – depósito da moral, da ética e da religião – que abrange desde a constituição de um conhecimento tomado por transcendental através da religião, até uma consciência individual e secularizada através da cultura e da auto-percepção (autoconsciência) internalizadas.

A alegoria dessa suposta *consciência*, no ocidente, segundo Berlinck (op.cit., p. 88) remonta ao mito ilusório da caverna de Platão, lugar do primeiro embate filosófico entre

³¹ O conceito de consciência se transmuta na história da humanidade, sobretudo nos seus aspectos filosóficos, adquirindo significados específicos ao seu próprio contexto. Hegel fala de uma *falsa consciência* que seria ignorante da origem e do fim de seu próprio processo e que vai aprender a reconhecer-se no seu objeto, até a supressão de toda alteridade: o ponto que ‘o conhecimento não está mais forçado a transcender-se, em que reencontra seu próprio Eu, em que a noção corresponde ao objeto, e o objeto à noção.’ *A consciência não é falsa porque o sujeito deixa de observar os princípios corretos, ou porque ele se deixa desviar por interferências afetivas, mas porque a consciência está sujeita a uma história, da qual ela participa sem saber que está participando. (...) Em seus diversos momentos, em sua imaturidade, em sua inexperiência, em sua incapacidade, só penosamente superada, de decifrar no em-si suas próprias estruturas, de ver no outro uma parte de si mesma, a consciência é agente de um processo histórico que a ultrapassa. Ela ajuda a dizer o ser, mas é o ser que se diz nela.* Já para Feuerbach, a consciência tem sido incapaz de exprimir a verdade do ser, projetando-o no supra sensível, sob a forma da religião. Nesse sentido a religião seria uma ilusão do ser, uma forma deformada do homem representar a si mesmo e o caminho dessa consciência imperfeita para uma consciência verdadeira passaria pela abolição da religião. Rouanet considera que esse conceito passa por 4 fases distintas. Na primeira, hegeliana, a falsa consciência é vista como o não-saber do sujeito quanto às estruturas de um mundo alienado; na segunda, o não-saber do sujeito quanto à base material da sociedade; a terceira, o não-saber da própria forma de existência do real, no modo de produção capitalista (fetichismo) e a quarta, o correlato subjetivo de uma instância ideológica concebida como objetiva – dotada de uma produtividade histórica própria – sobre-determinando a determinação econômica na teoria dos aparelhos ideológicos do Estado. (Rouanet, 1987, p. 68-74)

as *trevas da ignorância* ou *penumbras da intuição* e a luz da consciência, segundo o qual o ser humano passa da percepção das sombras das marionetes projetadas na parede através da luz de uma fogueira, mas percebidas por estes como sendo o real, para uma visão extraordinária do sujeito que abandonou a caverna, penetrou no mundo das cores e das luzes reais, ainda imperceptíveis, enquanto habitantes exclusivos da caverna e aqui simbolicamente entendida como a matriz da pulsionalidade primitiva.

Evidentemente, para Platão, a saída da caverna estabelece uma conexão com a idéia da pólis ateniense do século V, já visando a um possível encontro com a geometria euclidiana e com o nascimento da intelectualidade, representada pela filosofia e principalmente pela tragédia grega, que inaugura essa nova fase do ser humano, até certo ponto, os pressupostos ideológicos do iluminismo.

O iluminismo geralmente opõe a fé à razão e à verdade, em que a fé geralmente é concebida como um conjunto de superstições, preconceitos e erros, cujos conteúdos – representados por essa consciência – induzem ao erro e falso saber, protótipos das ilusões, convenientemente denominada de *falsa consciência*. Entretanto, para Rouanet (1985, p. 66), o iluminismo,

tão preocupado em dissolver a ilusão, está ele mesmo mergulhado na ilusão. Ele ignora a verdade essencial sobre si mesmo e sobre o seu adversário (...) tanto a crítica da fé, como a fé representam o mesmo movimento do Espírito, tentando superar sua alienação no mundo da cultura e da sociedade (...) Com o fim do mundo antigo, onde o Espírito e a polis coincidiam, a consciência se cinde, e vive ao mesmo tempo em dois mundos: o da realidade social e política, e o mundo que o Espírito, elevando-se acima do primeiro, constrói no éter da pura consciência – a religião. Através da consciência religiosa, o Espírito alienado de si mesmo busca reencontrar-se (...) numa esfera supra-sensível, transcendente ao mundo, enquanto através da consciência crítica ele busca voltar ao mundo, reconstituindo, na imanência absoluta do real e do racional, a unidade perdida.

Para esse autor, quando a consciência iluminista denuncia os erros da consciência religiosa, ela também critica a si mesma, enquanto seu não saber sobre seu próprio processo, e sua crítica é verdadeira enquanto processo histórico. Mas ela também é falsa, porque não reconhece a si mesma nesse outro, enquanto não percebe sua própria falsidade, correlata à falsidade do próprio objeto, e verdade e falsidade parecem ser etapas necessárias para seu desenvolvimento. Assim, verdade e falsidade se interpenetram e representam os dois lados do processo de conhecimento, de modo que:

o falso é a alteridade, o aspecto negativo da substância. Mas, o negativo, sob a forma da diferença, está necessariamente contido na substância: conhecê-la, é apreendê-la em sua diferenciação, em sua negatividade, em sua falsidade, que é, portanto, um outro aspecto da verdade (...) Assim, a falsa consciência é também verdadeira, embora sua verdade seja necessariamente parcial. (Rouanet, 1985, p.67-9)

Essa ambigüidade do conhecimento, também no campo da religião, é a principal fonte das ilusões religiosas, às vezes transformadas em verdadeiras ideologias por instituições de caráter mais totalitário, tanto no espaço da projeção do social-moral, quanto em atividades bélicas altamente destrutivas.

Dessa forma, no que diz respeito à origem psíquica das idéias religiosas, estas nem sempre constituem princípios baseados na experiência ou no pensamento humanos, mas podem constituir-se de ilusões dessa *consciência* e formam-se nos desejos onipotentes da humanidade. Sua força reside na força desses desejos, calcados nas experiências de desamparo que despertaram essa necessidade de proteção. Figuras como o pai, o Estado e mesmo o adulto autônomo são objetos – via projeção - desse vínculo transcendental, encontrados praticamente em todas as religiões.

Entretanto, entender as idéias religiosas como ilusões não necessariamente as invalida. Freud (1927, p. 43) estabeleceu uma diferença entre *ilusão* e *delírio*³² e somente este último adquire características patológicas alienantes. *‘Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro,’* mesmo porque a aquisição de conhecimento e conseqüente experiência de vida, baseadas no desejo, não pressupõe uma absoluta confirmação linear do objeto estudado, na qual a percepção subjetiva pessoal, por vezes, é tão importante ou até mais importante do que a contemplação objetiva de uma determinada evidência.

Uma ilusão, portanto sempre se deriva de um desejo humano, possível ou não, total ou parcialmente realizável. Para Freud, (1927/1974, p.44) *‘podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação’*. A ilusão se mantém justamente

³² Ilusão/Delírio – A ilusão se deriva do desejo humano, que até pode se realizar sob determinadas circunstâncias. As ilusões religiosas, entretanto, são menos prováveis e nesse ponto se aproximam do pensamento delirante. O pensamento científico se distingue do pensamento religioso na medida em que o primeiro está aberto à verificação, demonstração e refutação, enquanto o segundo impede uma verificação mais crítica dos seus postulados. (FREUD. S. *O Futuro de uma Ilusão – O Mal-Estar na Civilização*. V. 21, p. 43-44)

através desse desejo de escapar do inevitável ou pelo menos reduzir e controlar seus efeitos mais indesejáveis.

3.3 Da constituição de uma nova noção de *realidade psíquica* ao desdobramento do ideal do eu no sentimento religioso.

3.3.1. O Conceito de Realidade Psíquica.

Para Freud (1927/1974, p. 50-1), a religião, na forma de uma constituinte cultural, não impediu que a maior parte da humanidade fosse infeliz em sua civilização. Ele julgava que existiam provas convincentes de que os homens mais religiosos não tinham sido nada mais felizes em séculos anteriores. De fato, ela

dominou a sociedade humana por milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar. Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes. (...) é duvidoso que os homens tenham sido em geral mais felizes na época em que as doutrinas religiosas dispunham de uma influência irrestrita; mais morais certamente não foram.

Tendo em vista os grandes movimentos opressivos da humanidade – a Idade Média representa o seu auge – baseados nas pulsões dos seus executores, suas ações na relação moralidade/imoralidade não se distinguem muito das ações de outras esferas da sociedade organizada, talvez apenas uma diferença de grau. Esta relação também se expressa na esfera do conhecimento/pensamento, na qual, tendo em vista que o mundo intelectual favorece mais e mais a descrença nos postulados religiosos como normativos para o comportamento humano, a civilização não se tornou mais cruel pelo fato do seu comportamento não estar mais embasado nas motivações religiosas, e sim, nos motivos seculares adjacentes à sua condição de seres sociais em interação.

Pelo contrário, os comportamentos motivados em valores religiosos não garantem a imparcialidade e justiça social democráticas. Via de regra, são justamente estes fonte de escândalos, quando não contribuem ostensivamente para a opressão social e política de povos e nações, como é o caso das *guerras santas*³³.

³³ *Guerras Santas*: O conflito ideológico-militar da atualidade entre os Estados Unidos e o Iraque demonstra o quanto motivações religiosas podem ser usurpadas por conflitos bélicos totalitários ou de qualquer outra natureza. Conforme reportagem da revista *Veja - Potência Isolada*, o presidente George W Bush resolveu fazer uma guerra santa contra o Iraque, sob o pretexto de estar conduzindo uma cruzada do bem contra o mal, da democracia contra a ditadura, de Deus contra Satã; sob o pretexto de que estará realizando um trabalho em benefício da civilização. Evidentemente também são conhecidas as motivações econômicas desta usura em nome do bem, especialmente a transição do dólar para o euro como moeda internacional e todas as perdas daí conseqüentes, além do cobiçado petróleo – o ouro negro

Certamente as experiências de Freud com a primeira guerra mundial – e diante da iminência da segunda - além de sofrer os estigmas de sua procedência judaica, contribuíram para que ele desacreditasse na motivação religiosa como uma inspiração para a civilização moderna, o que levou também a um dos seus biógrafos, Gay (1988, p. 483) a concluir:

[visto que] a religião não tornou os homens mais felizes ou melhores, a irreligião só pode ser um avanço.(...) e se a religião se mostrara um fracasso, conforme acreditava Freud, talvez a ciência pudesse ser um êxito.

Esta perspectiva lhe parecia promissora, pelo menos entre os estratos sociais mais educados, nos quais a razão poderia derrotar a superstição e os dogmas religiosos, e a ciência natural poderia desmascarar os erros que eles contêm. Assim, para Freud (1927/1974, p. 52 e 68) parecia-lhe realista a perspectiva de que o racionalismo secular iria continuar a ganhar adeptos, na medida em que

quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais. (p. 52)
 (...) a longo prazo, nada pode resistir à razão e à experiência, e a contradição que a religião oferece a ambas é palpável demais. (p. 68)

– e sua demanda internacional, sem esquecer que o domínio sobre estes garante certa supremacia sobre o Oriente e um lugar invejável no controle desse novo mercado, muito embora, o conflito não esteja sendo conduzido em nome dessas motivações. Para o governo de Bush, entretanto, trata-se da promoção de uma guerra contra um homem mau. São igualmente conhecidas as atrocidades do regime sunita de Saddam Hussein, que, conforme o referido artigo, torturou e matou 200.000 iraquianos, com métodos de extorsão de confissões que incluem açoites de crianças na frente das mães, corte de membros do corpo e enclausuramentos de opositores do regime que lembram gavetas de necrotérios, além de ter assassinado seus genros porque o traíram. Bush, entretanto, julga-se superior [em nome de uma suposta superioridade norte-americana] e age diretamente em nome de Deus, com a missão especial de restabelecer a liberdade e a cidadania do povo iraquiano, sem perceber a opressão internacional que o próprio regime da democracia norte-americana impõe aos países sob sua tutela. E entre as motivações que regem suas ações estão também as de ordem religiosa e moral, que se *fundam no ambiente da Casa Branca, alimentado por uma visão fundamentalista, na qual impera o mais renitente conservadorismo cristão.* [Bush é um fundamentalista evangélico] (...) *Bush cita Deus como estando do lado americano nesta disputa terrena contra os iraquianos (...) acreditando que os fanáticos islâmicos joguem bombas em recintos públicos ou lancem jatos contra prédios em Nova York e Washington por acreditar também que cumprem uma missão do bem (o ditame radical islâmico) contra o mal (a suposta perversão do Ocidente).* Afinal, o terrorista Osama bin Laden (...) *é antes um pregador dos mandamentos mais radicais do islamismo. Sua ação sanguinária decorre de suas crenças religiosas e morais.* (Veja. Potência Isolada. In: *O erro de Bush*. Editora Abril – edição 1794, ano 36 – n. 11, 19 de março de 2003. p. 46-50.) Também a socióloga e psicanalista Caterina Koltai, em seu artigo “A tentação do bem o caminho mais curto para o pior...” resume isto de forma fantástica: “*No discurso fundamentalista a palavra se torna sinônimo de Deus e é evidentemente que este só pode querer o nosso bem, é pois, preciso impô-lo, pela força e azar daqueles que nada querem saber desse bem. Cruzadas ou Jihad, pouco importa, o apelo à palavra divina funciona sempre como motor de massacres e guerras religiosas e é preciso de muito pouco para que o mais fiel dos devotos se metamorfoseie num ‘criminoso sem remorso.’*” (Koltai, 2002, p. 9-18)

É nessa perspectiva que a nova visão da ciência, capaz de transpor os limites dessa ingenuidade intelectual, paulatinamente vai tornar-se um agente crítico da religião, até o ponto desta tornar-se verdadeira inimiga.

A esperança é que a própria educação progressiva da humanidade (e conseqüente desenvolvimento cultural, político e econômico do sujeito na modernidade)

libertada do ônus das doutrinas religiosas não cause grande mudança na natureza psicológica do homem. O nosso deus Λογός³⁴ talvez não seja um deus muito poderoso, e poderá ser capaz de efetuar apenas uma pequena parte do que seus predecessores prometeram (Freud, 1927, p. 69)

Essas referências de Freud (1927/1974, p. 69) à ciência, no final do seu texto *O Futuro de uma Ilusão*, assim como sua conclusão “*Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar*”, (ibidem, p. 71) entretanto, já mostram alguns limites desse novo saber racionalizado.

Ainda que a ciência – incluindo a psicanálise – inicialmente se propôs isenta de tendenciosidade e livre de distorções ideológicas, Freud percebeu que a própria posição *científica* não estava invulnerável diante de uma manipulação ideológica, apesar de ser o pré-requisito para uma investigação impiedosa e fecunda do fenômeno religioso. Para Gay (1988, p. 485), talvez esta seja uma das razões pelas quais ele nunca levantou o manto de uma reforma social mais ampla, mas

estava convencido do encargo de empregar suas idéias para o alívio do sofrimento mental, na esperança de que a descoberta e divulgação da verdade acerca da religião possa ajudar a libertar a humanidade dela.

Sua experiência no campo da medicina e, em especial, nas explorações neurológicas de sua época, certamente embasam sua posição pró-ciência, ainda na fronteira dos ditames iluministas de uma metodologia de pesquisa que reluzia diante das novas possibilidades de apreensão de conhecimento que ela proporcionava. Afinal, a verdade nunca fora buscada com tanta objetividade, agora reduzida ao plano da consciência [iluminista], ao qual também ele [Freud] tinha sido capturado. Suas

³⁴ Λογός: Uma referência aos deuses gêmeos *Logos: Razão* e *Ananke: Necessidade*, do escritor holandês Multatuli.

experiências clínicas com neuróticos, entretanto, logo lhe mostrariam a relatividade desses pressupostos, na medida em que nem sempre a objetividade do relato factual correspondia aos eventos históricos, isto é, os sujeitos modificavam suas histórias originais, permeando-as com suas fantasias e desejos, por vezes, delirantes.

Essa nova perspectiva de análise levou Freud a reformular conceitos já amplamente difundidos nos meios acadêmicos iluministas, que preconizavam as verdades como eventos estáticos. Freud observava em seus sujeitos as “*verdades*” se metamorfosearem em constantes novas versões interpretativas a partir da sua dinâmica psíquica, na qual os limites de suas percepções se diluíam em função dessa dinâmica, e o plano conhecido como *consciência* era insuficiente para contê-la.

Conforme Bezerra (1989, p. 235), os limites temporais estáticos entre passado, presente e futuro são insuficientes para conter a dinâmica psíquica. O sujeito não está mais contido numa ação linear e permanente do passado infantil sobre o presente, mas os acontecimentos do passado são reconstruídos no presente, e podem incorporar significados que não possuíam em sua origem.

[Isso] significa uma ruptura com qualquer concepção realista do inconsciente, que pretendesse ver na história do sujeito um processo cumulativo de experiências e sentidos soterrados pela ação dos mecanismos de defesa, e cuja influência na vida adulta fosse revelada por um processo de recuperação mnésica.

Essa concepção de temporalidade poderia ser vinculada aos processos psíquicos da vida consciente, que pode descrever sentidos antes ocultos pelo esquecimento, revelados então por uma ação de rememoração. Mas a clínica psicanalítica inaugura uma nova articulação do sujeito, no qual este *fala do passado em nome do futuro*, operando seu passado em função de sua perspectiva de futuro, constituindo assim uma nova noção de *realidade psíquica*.

O conceito de realidade para Freud, segundo Coelho Jr (In: Pacheco. et. al. 2000, p. 82-3) teve diferentes sentidos no conjunto de sua obra. O conceito de realidade *interna [psíquica]* se inter-relaciona constantemente e dinamicamente com o conceito de realidade *externa [material]*, mantendo uma constante tensão, da qual se constitui a subjetividade singularizada. Em função disso, esse autor propõe um novo termo que contemple essas duas dimensões, denominado de *realidade clínica*, como

uma realidade que não é única nem tampouco homogênea. Cada situação clínica é uma nova realidade clínica. As realidades clínicas não se repetem (...) não estão previamente estabelecidas, mas também não são construídas por analista e analisando. Compõe-se de diferentes e múltiplas realidades (...) estão sempre em movimento e em transformação (...) penso que o objetivo do trabalho analítico não é atingir a verdade. Estamos o tempo todo misturados a afetos e representações, colocados diante de expressões verbais e não verbais, de posições objetivas e subjetivas (...) sempre em movimento, sempre em transformação. (...) A realidade clínica constitui-se tanto a partir da presença da realidade psíquica, como da realidade material. Ao mesmo tempo, possibilita um deslizamento constante entre diferentes tipos de realidade [da psíquica à material] e também o contexto onde esta tensão pode ser analisada.

Nesse sentido, mesmo para Freud, a noção de realidade psíquica não tem uma fonte única - a psique, que a constitui - sendo, portanto, uma elaboração interpretativa da realidade histórica de cada sujeito singularizado e corresponde à produção de um saber inconsciente e atemporal. É justamente essa realidade peculiar que se constitui no desejo do sujeito, um desejo que, conforme Bezerra Jr. (1989), não satisfaz e sempre está em busca de uma satisfação absoluta idealizada que nunca encontrará. É pela dinâmica da transferência que se cria essa realidade, composta de um imaginário expresso nos desejos e recriações desses desejos, em direção ao futuro de sua vida, servindo “*de alavanca às engrenagens da temporalidade psíquica, e conduz o sujeito de volta ao deciframento de suas próprias interpretações fundantes*” (op. cit. p. 237)

Para a psicanálise, esta é uma das formas pelas quais o sujeito pode dar conta de sua divisão e natureza cindidas, em busca de uma existência menos conflituosa na constituição de sua autonomia e independência, como um sujeito capaz de administrar sua própria vida e administrar seus conflitos em direção à maturidade.

3.3.2 Da Formação do Ideal do Eu.³⁵

Tendo por base essa concepção de realidade psíquica, cujo passado se transmuta no presente em função de um futuro imaginário, Freud (1914a/1974, p.45) elaborou a noção de um *ideal do eu*. Sua origem remonta à transformação da libido do objeto em libido narcísica, que implica no abandono dos objetos sexuais como uma espécie de

³⁵ *Ideal do Eu*: termo correlato para *Ideal do Ego*, empregado a partir dessa referência como seu substituto.

sublimação, a partir de identificações primitivas com o objeto amado. Para ele, na origem do *ideal do eu*

jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal (...) trata-se de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto

originária do caráter triangular da situação edipiana e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo, na qual o *ideal do eu* tem a missão de reprimir o complexo de Édipo.

Aliado permanente do *supereu* (ao qual o complexo de Édipo precisa sucumbir, através da influência da autoridade, da educação escolar, da leitura, dentre outros, mediatizado por um sentimento inconsciente de culpa), o *ideal do eu*

é o herdeiro do complexo de Édipo, e, assim, constitui também a expressão dos mais poderosos impulsos e das mais importantes vicissitudes libidinais do id. Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo tempo, colocou-se em sujeição ao id. Enquanto que o ego é essencialmente o representante do mundo externo, da realidade, o superego coloca-se, em contraste com ele, como representante do mundo interno, do id. Os conflitos entre o ego e o ideal, (...) em última análise, refletirão o contraste entre o que é real e o que é psíquico, entre o mundo externo e o mundo interno. (...) devido à maneira pela qual o ideal de ego se forma, ele possui os vínculos mais abundantes com a aquisição filogenética de cada indivíduo – a sua herança arcaica. O que pertencia à parte mais baixa da vida mental (...) é transformado, mediante a formação do ideal no que é mais elevado na mente humana pela nossa escala de valores. (...) o ideal do ego responde a tudo o que é esperado da mais alta natureza do homem (...) e como o substituto de um anseio pelo pai, ele contém o germe do qual todas as religiões evoluíram. (Freud, 1914a/1974, p. 51-2)

Para Freud, à medida que uma criança cresce e é *religiosamente educada* nesse ideal, primeiramente pelos pais e depois pelos professores, internaliza essas injunções e proibições e, por força desse ideal, as mesmas continuam a existir na forma de “*consciência*”, promotora da censura moral. A tensão entre essa *consciência* e os desempenhos concretos do *eu* acaba sendo experimentada como sentimento de culpa, e o auto-julgamento de que o *eu* não alcançou seu ideal produz o sentimento religioso de humildade, ao qual o crente apela em sua necessidade.

Já em *Totem e Tabu* (1912-13/1974), Freud sugeriu a hipótese de que a religião, a moralidade e o senso social (originalmente uma só coisa) foram adquiridos através do complexo paterno, isto é, a religião e a repressão moral através da repressão do complexo de Édipo, e o sentimento social pela necessidade de superar a rivalidade entre

os membros da geração mais nova, sobrevivendo hoje ainda na forma de impulsos de rivalidade ciumenta entre irmãos e irmãs.

Também em seu texto *Sobre o Narcisismo – Uma Introdução* (1914b/1974, p. 111), Freud entende que a repressão provém do amor-próprio do *eu*, para o qual a formação de um ideal é o fator condicionante da repressão, pois,

esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo, desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele era o seu próprio ideal.

Todo esse processo de idealização do *eu* é feito através da sublimação da libido objetal e consiste no fato da pulsão se dirigir a uma finalidade diferente e afastada da finalidade de satisfação sexual, na deflexão da sexualidade. A idealização diz respeito ao processo no qual o objeto é engrandecido desmedidamente pelo indivíduo e é possível tanto na esfera da libido do *eu*, como na libido objetal. Enquanto a sublimação se relaciona com a pulsão, a idealização se relaciona com o objeto, estabelecendo-se aí uma interdependência reciprocamente proveitosa.

Freud (1914b/1974, p. 112), considera que “*é nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do ego e a dose de sublimação de seus instintos libidinais primitivos*”, na medida em que estes, como idealistas, permanecem muito suscetíveis à idealização, porque a formação de um *ideal do eu* aumenta as exigências do *eu*, fator propenso à repressão, e a sublimação é uma saída pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver grande repressão. De fato, é pela auto-estima que se pode avaliar o tamanho do *eu* idealizado, seja pelas realizações no plano do concreto, seja pela permanência das fantasias narcísicas primitivas de onipotência.

No processo de desenvolvimento do *eu* esse narcisismo primário é afastado, ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um *ideal do eu* imposto de fora, ao mesmo tempo em que o *eu* emite catexias objetais libidinais, tornando-se empobrecido em benefício dessas catexias. Da mesma forma, em benefício do *ideal do*

eu, são então atribuídas a este *eu* as funções *superiores* de auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos, dentre outros.

Como herdeiro do narcisismo original, no qual o *eu* infantil desfrutava de auto-suficiência, esse novo *eu* reúne gradualmente as imposições do meio ambiente, nem sempre possíveis de ser cumpridas. Assim, quando um sujeito não está satisfeito com seu próprio *eu*, tem a possibilidade de recorrer ao *ideal do eu*, diferenciado, muito embora a distância entre o *eu* e o *ideal do eu* corresponda à produção de um saber singularizado e apresente funcionamento muito relativo em cada caso.

No patamar da religião, a supervalorização progressiva desse *ideal do eu* em detrimento de uma desvalorização progressiva do *eu* conforme se encontra constituído e funcionando, quando mediado pela noção de pecado e pelas sanções punitivas da religião, estes remetem o sujeito a um estado de infantilização, de não saber, de temeridade diante da moral rigorosa imposta pelo pai protetor, lugar do qual esse sujeito pode então *se sujeitar* à verdade revelada por este pai de origem supostamente transcendental, alcançado pelo pensamento mágico-infantil de totalidade inquestionável e de certezas supostamente inabaláveis.

O preço por esta proteção é a submissão total e irrestrita a esse pai soberano, que então governa seu corpo e mente, como *ideal de crente*, condição *sine qua non* para sua aceitação como *filho*, predisposição encontrada em quase todas as religiões (com exceção das que pretendem um auto-aperfeiçoamento ininterrupto), presente também em quase todas as formas de totalitarismo político e econômico.

Essa *verdade revelada* por este pai atravessaria as angústias mais profundas do ser humano, que, no paradigma freudiano, referem-se ao desamparo do sujeito frente às intempéries da natureza e da vida como um todo, em que a vida inevitavelmente conduz à morte, que remete esse sujeito ao desamparo original da perda do narcisismo primário.

3.3.3 A Experiência do Desamparo.

As religiões, de um modo geral prometem, como substituto ao desamparo, a proteção ininterrupta de um deus-pai, que conduz a uma suposta vida eterna sem morte, sem sofrimento, mas também sem crescimento e amadurecimento, os quais conduziriam o sujeito à independência, autonomia e à aceitação de seus limites e finitudes, que lhe balizam o caminho da superação de si e de seu sofrimento narcísico.

Por conta desse ideal do eu, revestido por um imaginário religioso, o sujeito pretende escapar da sua angústia e sofrimento, sem precisar se responsabilizar pelos mesmos, pois tem um pai que por ele vela e que o ajudará a transpor o limiar do seu sofrimento terreno em direção a um mundo idílico transcendental. Para a psicanálise, o sentimento religioso se mantém pela persistência desses vínculos infantis com figuras paternas idealizadas (como visto acima), em que pela obediência e fidelidade se obtém a proteção desejada. Tais práticas religiosas reafirmam a fantasia infantil de completude, mantidas no nível do desejo da negação da pulsão da morte, que, embora diminuam o sofrimento imediato, conduzem inevitavelmente à infantilização do sujeito.

A experiência religiosa está, assim, vinculada aos conflitos pulsionais inconscientes e diretamente deriváveis de experiências afetivas primitivas, originando-se principalmente na experiência do desamparo e da idealização como forma de captura desse suposto transcendental. Atravessado pelas experiências do medo infantil perante o desconhecido, a vivência do poder das pulsões ameaçadoras é exteriorizada na forma de entidades autônomas como as bruxas, gigantes, demônios, deuses, projeções, do universo fantasmático da criança, que podem ser atualizadas e transformadas em ilusões e delírios no adulto heterônomo.

Mas também o meio-ambiente, via socialização, pode desencadear conflitos pulsionais através de frustrações consecutivas e mesmo pela falta generalizada dos meios de subsistência básica à sobrevivência, para os quais a religião seria uma forma de superar o mundo dos sentidos e dos desejos – via idealização – o ponto de intersecção entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, de cuja impossibilidade de impor a satisfação das necessidades básicas leva a realizações compensatórias. Este é também o berço da formação das ilusões (também as religiosas), como uma restauração regressiva dos poderes protetores, (bem ou mal) experimentados na infância, atualizados pela experiência do desamparo ainda muito presente na contemporaneidade.

É também na tensão entre o princípio do prazer e da realidade que se originam os sentimentos de culpa tão cultivados pelas religiões, que surgem da relação entre o *ideal do eu* (idealização) e do *supereu* (introjeção das forças constritoras do meio-ambiente, inclusive do religioso), como forma de restaurar retro-projetivamente as formas de amparo supostamente perdidas, ou insuficientemente percebidas na infância.

Essas formas de desamparo e idealização ainda estão muito presentes na contemporaneidade³⁶ e, conforme Antoniazzi (1998, p.12-3), persistem de diferentes formas na sociedade hodierna.

muitos procuram formas de expressão e de comunhão com o sagrado com características arcaicas, como se isso fosse algo originário, autêntico, não falsificado ou amansado pela civilização moderna. (...) a religiosidade volta a se expressar hoje em formas espontâneas, quase infantis, livres da institucionalização e da rígida regulamentação.

Essas formas mais livres de busca religiosa parecem estar atreladas às características do mundo de consumo baseado na tendência de realização imediata do desejo, onde dramas e angústias não precisam esperar por uma resposta mais elaborada, e a fome de felicidade e bem-estar pode ser saciada mediante o consumo de bens. E, da mesma forma, Antoniazzi (ibid. p. 13) menciona que

esta afanosa busca de experiências de salvação, libertação e felicidade revela que a sociedade contemporânea [ainda] gera muita incerteza e insegurança. Uma sociedade – como a atual – carregada de violência e de competitividade, cheia de apelos e seduções que incentivam o consumo (gerando insatisfação mais do que saciá-la) não pode deixar de produzir, também no campo religioso, uma procura de respostas práticas, utilitárias, imediatas. Não é a busca de Deus ou da verdade que anima estas experiências religiosas; é a satisfação de necessidades pessoais.

Não se trata mais tanto de buscar a Deus como gerador do universo e senhor dos corpos e mentes humanas,³⁷ mas de *servir-se* de Deus para solução de problemas, de consolo ou compensação, pois

predomina fortemente o utilitarismo (...) e a religião antiga se transforma numa religião da saúde, do corpo sadio, do esporte, do bem-estar físico (...) J.B. Metz, desde 1978, assinalava a tendência de uma *religião sem Deus: religião, sim; Deus, não*. (...) presente no seio das tendências da modernidade e confirma que a religião interessa mais como referência para o indivíduo do que como busca da transcendência. (ibidem, p. 16)

³⁶A religião não se esgotou devido ao grau maior de informações e compreensões proporcionadas pela cultura e pela ciência, conforme previsto por Freud, em função do grande grau de desamparo ainda presente nos modelos sociais vigentes, como o desemprego, a fome, as doenças e catástrofes que ainda não são evitadas, seja em função de falta de conhecimentos, ou por impedimentos políticos e financeiros de toda ordem.

³⁷ O acesso à ciência e a socialização da informação tem apresentado argumentos extremamente sólidos quanto à criação do universo e do homem, de modo que não é mais possível refugiar-se nas teorias criacionais sem comprometer uma boa parcela da independência intelectual.

Também para Libânio (1995, p. 16) já não se fala do *colapso do sagrado*, mas do *eclipse da secularização*, acentuando-se a secularização subjetiva, levando a uma religião privatizada, na qual a tendência a diluir e eliminar o sagrado na sociedade moderna idealizada armou, na verdade, o seu retorno, na forma de uma transcendência imanente, num movimento de pluralização efêmera. Todo esse movimento pluralista se coaduna perfeitamente com o império neoliberal, tão característico de nossa época, de forma que esse modelo vigente, por seu corte materialista, consumista, sem ética e de competitividade extremada, alivia seu sofrimento, pela oferta religiosa sem precedentes, e devolve ânimo às pessoas para a superação da sua decepção e ceticismo contemporâneos.

Para o autor, sinais desse desamparo atual estão nas ilusões dos enormes progressos no campo da tecnologia e do desenvolvimento econômico (só acessível às minorias e não extensivo às camadas mais baixas da população), na colonização da razão comunicativa, na poluição e destruição da natureza, na monstruosidade da desigualdade social, na indústria de morte pelas armas e drogas, na decepção com as ideologias e utopias sociais que fracassaram em suas bandeiras de humanização, na instrumentalização das pessoas a serviço das grandes corporações multinacionais, e no fracasso dos projetos pessoais para uma melhor qualidade de vida em função das aquisições materiais e culturais.

Diante destes e tantos outros mecanismos de despersonalização e perdas materiais e culturais, não é à toa que explode este novo *mercado da fé*, prenhe de ilusões e até delírios institucionais (o caso das seitas religiosas), com promessas de restauração idílica através dos seus *projetos transcendentais* de cura, aconchego, consolo, potencialização e redenção, tão característicos de nossa época.

É o que vemos em nosso cotidiano, na medida em que desamparados de todas as ordens deixam-se seduzir facilmente por promessas de restauração, filosófica, teológica, psicológica, política ou de qualquer outra ordem, criando suas próprias idealizações de valor, unidade, fraternidade, caridade, em processos de identificação com seres, pessoas ou instituições que forneçam um campo projetivo suficientemente capaz de sustentar suas aspirações pulsionais e racionais de toda ordem de significados.

Mais do que em épocas passadas pode-se falar hoje de um sujeito dividido, cindido pelos pluralismos e ambivalências de toda ordem, que determinam nossos paradigmas e definem nossas metodologias de análise da realidade. Entretanto, se as

crises de toda ordem solapam os fundamentos filosóficos de nossa existência, seus aspectos criativos e renovadores, por outro lado, nos sustentam e a redefinem em direção a um sujeito mais autônomo, ético e responsável pelo universo em que habita.

As religiões pretendem isso via idealização e sublimação das pulsões sexuais e agressivas, sem perceberem que estas fazem parte da constituição do sujeito e sua tentativa de exclusão ou repressão implica, por vezes, num alto preço para a economia psíquica: a neurose. Desta advêm novamente comportamentos altamente contraditórios e ambíguos, na maioria das vezes sem que o sujeito perceba claramente os limites e as implicações desse processo de idealização em sua saúde mental.

A proposta da psicanálise para esse sujeito cindido é a aceitação dos seus limites, a configuração de uma metodologia de análise da realidade capaz de suportar essa alteridade, e o investimento num processo de elaboração de uma singularidade auto-constituente que possa gerar mecanismos de intervenção e adaptação mais saudáveis e criativos em busca do bem-estar psico-físio-emocional.

Se o sujeito contemporâneo já adquiriu a maturidade para esse empreendimento é uma pergunta difícil de responder e talvez a grande afluência a movimentos religiosos e similares como forma de administrar o desamparo social de nossa época contenha em seu bojo uma resposta plausível para esta intrigante questão.

CAPÍTULO IV

4.1 Metodologia

Esta pesquisa tem como referencial metodológico a psicanálise, comportando características de uma pesquisa qualitativa, orientada para uma análise do processo de elaboração da vocação religiosa em estudantes de Teologia.

A psicanálise não comporta um sistema teórico fechado de conceitos a partir dos quais se deva *analisar* os sujeitos, muito embora haja conceitos básicos a partir dos quais, segundo Mezan (1993) se busque um entendimento com uma flexibilidade paradigmática própria de acordo com a teoria em questão, tendo em vista a complexidade do estudo da subjetividade como referência. Para Freud (1923/1976, p. 307),

a psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parte de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para as novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos do seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios, ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro.

Por esta razão, a proposta psicanalítica não se resume a leis e teorias sobre fatos psíquicos, mas inclui também a construção de métodos para investigação, assim como propostas de aplicação e intervenção psicoterápica, conforme o próprio Freud (1923/1976, p. 307) a define:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica.

A investigação psicanalítica ainda incluiu entre as entidades fundamentais de seu objeto de estudo as manifestações do inconsciente, as abordagens da sexualidade infantil e por processos a ela relacionados, como o recalque, a resistência, a transferência, a complexidade edípica, etc, contrastando-a com fenômenos de outras

disciplinas na determinação dos fatos psíquicos, como a racionalidade, a intencionalidade e a própria consciência.

Além disso, fenômenos que somente eram apreciados no mundo da literatura e da arte, como os desejos, as emoções, os impulsos e as paixões, tornaram-se objetos de investigação na psicanálise. Assim também os fenômenos relacionados às interações sociais, ao inter-relacionamento complexo entre os seres humanos e às questões éticas relacionadas principalmente ao campo do desejo, baseados nos conceitos de transferência e contratransferência, tornam-se objetos nas investigações psicanalíticas.

Igualmente, a busca de significados para acontecimentos caóticos a ele relacionados, como os sonhos, os sintomas, os atos falhos, a hipótese da causalidade inconsciente, embora tratados no início como acontecimentos históricos, posteriormente foram revistos por Freud a partir dos conceitos de fantasia, transferência e realidade psíquica.

Evidentemente, dada a amplitude do objeto de pesquisa, conforme exposto, não se tem a pretensão de encontrar “verdades absolutas”, mas construir novas proposições que sempre só terão o *status* de uma aproximação maior à realidade, pressupondo que haverá uma melhor formulação que poderá até substituí-la no futuro. O próprio Freud (1937a/1975, p. 184) assumia que as proposições psicanalíticas não poderiam assumir o *status* de verdades imutáveis, podendo pretender tão somente ...

(...) como aproximações, o mesmo valor dos andaimes intelectuais correspondentes encontrados em outras ciências naturais e esperamos que sejam modificados, corrigidos e mais precisamente determinados à medida que uma maior experiência for acumulada e filtrada.

Essa crescente rearticulação da teoria em função do seu aperfeiçoamento é uma das constantes da obra de Freud. Para Pacheco (op. cit.) ela está imbuída em diversas evoluções teóricas ainda do seu tempo, como na evolução da teoria do trauma para a teoria da sedução, intervindo posteriormente na teoria do complexo de Édipo e de castração; na passagem da teoria topográfica para a teoria estrutural da psique; da primeira para a segunda teoria da angústia; da teoria do confronto entre pulsões sexuais e pulsões do eu; na introdução dos conceitos de libido do ego e libido objetal, até a teorização das pulsões de vida e de morte.

Em função dessas diferentes possibilidades de pesquisar os eventos relacionados à psiquê humana, optei pela metodologia baseada no referencial psicanalítico, especialmente na análise de entrevistas coletadas com estudantes de Teologia, dos quais sou professor de cinco disciplinas na área de psicologia e aconselhamento, no transcorrer do curso de Teologia, além das tarefas de aconselhamento psicológico no contexto da instituição.

Embora essas atividades não tratem de situações clínicas e não envolvam um trabalho terapêutico propriamente dito, por conseguinte também não lhe cabem os procedimentos típicos de um *setting* tradicional, como o acompanhamento individual em profundidade, interpretação de conteúdos, dentre outros aspectos. A flexibilidade paradigmática da psicanálise permite, entretanto, que, além da experiência terapêutica, a análise de outros dados empíricos como obras de arte, eventos culturais, textos, etc, segundo Mezan (1999, p. 11), possam ser analisados através dos seus conceitos e

a diferença entre a escuta psicanalítica fora do *setting* clássico e a psicanálise *strictu-sensu* não reside no caráter supostamente puro do trabalho clínico, nem na impureza ou bastardia da reflexão psicanalítica a partir de fatos sociais da cultura, como se o analista somente pudesse realizar contribuições relevantes escutando pacientes em regime de atenção flutuante. Não há diferença entre o que faz o analista sentado em sua poltrona e o que faz sentado em sua mesa de trabalho; e que no primeiro caso sua atividade visa tanto a elucidação quanto a transformação do que ocorreu com ele e seu paciente, enquanto que no segundo caso, a dimensão prática está presente, já que a situação não envolve uma dupla e fenômenos transferenciais mobilizados nela e por ela, mas em um pesquisador e um objeto a ser construído a partir de dados empíricos.

Além do mais, Freud sempre teve em relevância a interferência dos eventos sociais na constituição psíquica do sujeito, o que transparece especialmente nas teorias sobre as constituições das neuroses, e no que diz respeito aos dados dessa pesquisa, sua comparação inicial do comportamento religioso aos sintomas de uma neurose obsessiva. Para ele, a psicologia individual é ao mesmo tempo também social, entendendo-se os fenômenos psíquicos articulados aos fenômenos sociais, e, como tal, eventos como entrevistas e discursos exprimem ao mesmo tempo o singular e o coletivo. Entretanto, o emprego de ferramentas psicanalíticas fora do *setting* terapêutico tem alguns pressupostos, conforme Silva (1993, p. 21),

a transposição dessas condições de investigação – ou desse campo psicanalítico – do consultório para o campo de pesquisa sofre, naturalmente, ajustes adequados à fonte de material em estudo: sessão psicanalítica, entrevista, teste projetivo, livro, obra de arte, lenda, costume, instituições sociais, religiosas ou científicas. Conforme, enfim, o campo de experiência humana sobre o qual se focaliza a atenção. Algumas características essenciais são aquelas que preservam a possibilidade de emergência do significado submerso.

Tendo em vista essa flexibilidade paradigmática, é possível usar o referencial psicanalítico para estudos fora da área restrita da clínica psicológica, para o entendimento de eventos culturais e religiosos, como a presente pesquisa, para compreender a dinâmica vocacional/profissional religiosa de estudantes de Teologia.

Quanto à obtenção dos dados para essa pesquisa, pela minha própria formação acadêmica em Teologia e psicologia, e na condição atual de professor de psicologia e aconselhamento na instituição em que os sujeitos são alunos, presume-se o desenrolar de um intenso campo transferencial entre pesquisador e pesquisados, no qual processos psicológicos como a identificação e a projeção, entre outros, influenciaram certamente a dinâmica das entrevistas realizadas, densificando ou suprimindo conteúdos não compatíveis com os elementos transferenciais em questão.

Entretanto, de um modo geral, as entrevistas realizadas transcorreram todas num ambiente tranqüilo, numa média de tempo de aproximadamente uma hora, num local disponível para minha função de orientação psicológica no seminário, em uma sala mobiliada própria e reservada. As entrevistas foram gravadas para posterior análise e os sujeitos foram informados do sigilo das informações ali obtidas, com a garantia ética de um procedimento desta natureza. Os sujeitos ainda foram informados que, em caso de necessidade, poderia ser agendada uma segunda entrevista, para a qual se obteve a devida concordância dos mesmos.

A opção pela entrevista semi-estruturada como instrumento de coleta de dados para a pesquisa em questão se deve à pertinência de tal instrumento com os objetivos propostos, assim como é adequada à condição do papel que eu represento nessa instituição. Conforme Bleger (1987, p. 12-3), a entrevista constitui-se de uma relação que se estabelece entre duas ou mais pessoas, no qual uma delas tem formação em psicologia, cujos conhecimentos psicológicos não são somente aplicados ao discurso do entrevistado, mas também à própria relação que se estabelece com entrevistador no

decorrer da entrevista, e consiste numa relação humana, na qual o entrevistador procura saber o que está acontecendo e deve atuar e fazer suas análises segundo seu conhecimento.

Nesta relação com o entrevistado, se o entrevistador organiza alguns aspectos da entrevista, é o entrevistado quem a dirige. Esta relação entre ambos delimita e determina o seu campo, que não é fixo, antes dinâmico, sujeito a constantes mudanças e a percepção da continuidade destas é o que permite completar a observação, inferindo os sentidos de cada campo. Especialmente significativas para a constituição desses campos são as relações transferenciais e contratransferenciais, que mediam a flexibilidade das informações como dados subjetivos, enriquecendo e aprofundando as relações interpessoais entre entrevistador e entrevistado, fundamental para a qualidade dos dados obtidos numa pesquisa dessa natureza.

Como auxílio temático, foi elaborado pelo entrevistador um *Roteiro de entrevistas* (cf. anexo 1) com os temas básicos a serem utilizados no transcorrer da mesma. Este, entretanto, não foi seguido criteriosamente, tendo em vista a dinamicidade no desenrolar dos assuntos por ocasião da entrevista.

A escolha dos grupos de **sujeitos** a serem entrevistados baseou-se nas informações do entrevistador coletadas ao longo de 12 anos de trabalho docente na instituição supra mencionada. Tais grupos foram categorizados em **dois campos de investigação**: a) estudantes do segundo ano de Teologia, por tratar-se da fase mais crítica deste curso; b) estudantes do quarto ano de Teologia, por tratar-se de formandos com suas demandas profissionais relativamente elaboradas no sentido de terem-se mantido na instituição. Cada um destes campos contém duas categorias diferenciais de análise, a saber, estudantes que ainda têm queixas de natureza vocacional e estudantes que não têm mais queixas (pelo menos explícitas) de natureza vocacional.

Em seguida, foram abertas as **inscrições** para os candidatos à entrevista, e prontamente se inscreveram 14 estudantes. Como já haviam sido definidos os critérios de seleção entre estudantes com e sem queixas de natureza vocacional, destes foram selecionados quatro estudantes de Teologia, respectivamente um estudante de cada categoria pré-estabelecida: 1 estudante do 2º ano de Teologia, sem queixas de natureza vocacional; 1 estudante do 2º ano de Teologia, com queixas de natureza vocacional; 1 estudante do 4º ano de Teologia, sem queixas de natureza vocacional; 1 estudante do 4º ano de Teologia, com queixas de natureza vocacional.

Todo o material coletado – transcrição das entrevistas - será tratado em sua forma de discurso, em função dos objetivos estabelecidos, sem fazer uso da interpretação psicanalítica, e será analisado à luz dos conceitos básicos relacionados à constituição do sentimento religioso a partir de uma perspectiva psicanalítica. Esses conceitos referem-se especialmente às noções de *Desamparo*, *Realidade Psíquica*, *Ideal do Eu* e a *Dinâmica vocacional/profissional Reparatória*.

CAPÍTULO V

5.1 Análise e Tratamento dos Dados:

5.1.1 Análise da Entrevista 1

Nome: A Idade: 21 Sexo: Masculino
 Estado Civil: Solteiro Ano: 2º SQNVP³⁸

A provém de uma cidade de médio porte, no interior do estado do Paraná, cuja família mantinha contatos freqüentes com sua Igreja (IPI). Participava ativamente dos trabalhos semanais, e ele mesmo sempre esteve envolvido em lideranças que o destacavam no seu meio, pelo qual foi então profundamente influenciado em sua decisão final de dedicar-se profissionalmente ao exercício do ministério religioso, no contexto da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Um belo dia assistiu uma palestra do diretor do Seminário Teológico de sua Igreja e algo (...) *tomou conta* dele, sentiu-se:

(...) tocado por Deus, eu senti uma paz, eu senti que aquilo era para mim, (...) não foi nada muito emocional, foi tudo bem racional.. eu comecei a sentir uma vontade de querer buscar e alcançar esse objetivo, de vir pro seminário e estudar (...) a partir daquele momento eu comecei a mudar muitas coisas (S2) (...) é como se Deus então tivesse me chamado ... olha, isso é para você, e eu na hora fiquei muito contente com essa resposta, essa aceitação. (S3)³⁹

A partir desse momento, começou a planejar seu ingresso no seminário. Conversava freqüentemente com seu pastor a respeito desse fenômeno, [do toque], um processo que durou 3 anos de reflexão e amadurecimento, no fim do qual candidatou-se e foi aceito como aluno de Teologia nesse seminário. Nesse tempo de reflexão,

(...) sempre na Igreja eu tive uma participação, às vezes o pastor me colocava na liderança dos jovens ou na escola dominical, para trazer uma mensagem e tal, e eu sempre gostei disso, de tá à frente, de tá falando, e eu vi

³⁸ SQNVP = Sem queixas de natureza vocacional/profissional.

³⁹ (S 3) – Símbolo que indica a resposta número 3 do sujeito em análise (A), cuja transcrição está em anexo, e que será convencionado como tal a partir dessa referência. (n.a.)

que eu precisava de algo mais, não era só aquilo, que era um trabalho secular ... de chegar o final de semana e trabalhar na Igreja (...) eu sentia para trabalhar constantemente com a Igreja, tá fazendo serviço pastoral, de tá orando pelas pessoas... orando por elas, com elas. (S5).

Para *testar* seu chamado, do qual por vezes duvidava, resolveu fazer o vestibular de Letras em sua cidade natal, formou-se nesse curso, destacando-se sensivelmente em discursos religiosos cerimoniais nos finais de ano:

(...) as pessoas falavam... nossa...essa reunião hoje tinha a presença de Deus... as pessoas falavam que era aquilo que eu tinha de fazer... que realmente estava dada a coisa (S 5).

(...) nesse momento eu comecei a sentir o movimento (...) de mudança... nasceu dentro de mim uma vontade maior, de eu estar me preparando para vir ao seminário (S 6). No começo, quando eu senti o chamado, era algo bem diferente, bem racional, aí eu comecei a desenvolver também meu lado emocional, eu comecei a trabalhar em busca, querendo saber...eu me emocionava a ponto de eu me ver já formado, à frente de uma Igreja, fosse o tempo que for, mas eu olhava assim, já emocionalmente me vendo assim, pastor (S 7).

Para A, uma experiência afetiva singular parece ser o elemento catalisador, que irá desencadear todo o processo de investimento no ministério religioso, confirmado pelo *feedback* positivo das pessoas com as quais se relaciona, seja no campo acadêmico como aluno de Letras, seja em trabalhos no contexto de sua Igreja. O pastor local, seu confessor, parece acompanhar de perto esse processo, “*incentivando-o*” a estudar Teologia, uma condição prévia para exercer profissionalmente esse ministério.

Esse início, “*quando eu senti o chamado, era algo bem diferente, bem racional, aí eu comecei a desenvolver também meu lado emocional,*” parece referir-se a uma experiência subjetiva, que redefine e qualifica suas aspirações racionais, a partir de um novo campo perceptivo, constituído pelo seu desejo e atravessado por demandas narcísicas que o mantêm. Estas continuam presentes também nos possíveis problemas diante do currículo acadêmico do seminário, pelas quais:

(...) eu tive mesmo assim todo o apoio da minha Igreja, mas muito mais de irmãos assim que a gente estava próximo, em contato com o ministério de louvor, o pessoal da mesa diaconal, viam também em mim essa vocação (...) e eu às vezes me questionava até (...) e me perguntava: mas será ? Será que eu não vou chegar lá e vou deparar com algumas coisas e pare e volte, não queira mais saber...aí as pessoas falavam: eu acho que você deve ir, a gente vê em você esse dom (...) que falavam pra mim: pode ir, a gente acha que você tem jeito de pastor assim... então eu sentia mais uma vez confirmado minha decisão... (S 8).

Conforme se observa, acompanhando as falas de A, é necessário que um outro confirme seu desejo, como se sua própria experiência fosse insuficiente ou deficitária diante de tão alta expectativa, cujos recursos humanos fossem insuficientes para contê-la, e a saída pela idealização fosse o único caminho. É também possível que seu futuro desamparo diante das experiências, das quais as pessoas já falavam – ele estava relativamente protegido diante desses impasses no seio da comunidade - estivessem indicando um caminho difícil e astuto.

(...) tinha muito comentário... que no seminário iam aprontá com a chegada dos calouros novos (...) a gente ficava meio atemorizado porque, no princípio, o desconhecido sempre funde a cabeça da gente, e também na disciplina, que a gente ia ver coisas que chocassem, que abalasses a nossa fé (...) a respeito também das crises que muitos passam, né, a respeito da própria vocação, das matérias que questionam muito assim a bíblia, a palavra de Deus ...Jesus...é um Jesus histórico... ele realmente teve esse poder de curar, de morrer e ter vencido a morte...eu ficava atemorizado, mas fui tentando deixar de lado e aprender as novas coisas que vinham aparecendo...(S 10)

A busca desse Jesus histórico na Teologia foi o primeiro movimento do assim denominado *modernismo teológico*, pelo qual se propunha que o Jesus dos dogmas eclesiásticos era o resultado de um longo processo de re-interpretações da proposta inicial supostamente histórica. Essa busca seria então um esforço para libertá-lo das roupagens e maquilagens com as quais seus seguidores o encobriram durante séculos, numa tentativa de recuperá-lo em sua pureza original.

Nesse processo, passa-se a desconfiar da exatidão do texto final da Bíblia, sugerindo ter havido várias interpretações no contexto da comunidade cristã primitiva, e a crítica textual teria, assim, a finalidade de depurar o texto de suas várias camadas interpretativas, que se sucederam ao longo dos anos.

Certamente, percebendo essas camadas e baseando-se numa camada interpretativa histórica contemporânea, ele se refere às crises daí provenientes, ao entender que sua interpretação é apenas uma dentre várias outras, que não há essa exclusividade interpretativa com a qual se sonha ao ingressar no curso de Teologia, e, uma vez atento a esse novo saber, torna-se inevitável uma reformulação subjetiva dos seus anseios e valores, fonte primária do sofrimento e do desamparo teológico, que haveria de lhe acometer no transcurso da sua vida acadêmica.

Tendo sido aceito como aluno do seminário⁴⁰, faz ali suas próprias experiências, e, sobre os temores que o afligiam anteriormente, comenta:

depois de me ter desarmado ainda assim restava um pouco de temor (...) mas eu deixava de lado...(...) havia essas questões (...) sobre a Bíblia é a palavra de Deus ou contém a palavra de Deus (...) sobre as revelações, aí vinham as dúvidas, só trechos então da bíblia, ou onde fala de Jesus, que é a palavra de Deus ? e o restante....como será que é essa história, será que é só o conto de um povo, de uma nação... e depois sobre a inspiração... o espírito vem e... com os profetas...como que foi essa inspiração... ou o profeta viu alguma coisa, ficou inspirado e escreveu sobre Deus, sobre a vida das pessoas...esse tipo de questionamento vinha....se foi a bíblia que inspirou... vários questionamentos sobre cânon também, quais eram realmente os livros que faziam parte da bíblia, uns colocaram mais alguns, outros tiraram alguns, muitos questionavam Lutero, questionou alguns livros ... sobre Tiago e outros livros ... se eram realmente livros canônicos (...) essas matérias de questionamento teológico, de releitura da bíblia, eram que dava maior questionamento. (S 11)

Também os aspectos culturais dos povos do Antigo e Novo Testamentos o conduzem por profundas reflexões:

(...) como é a cultura... quando a gente lê a bíblia não se dá conta de alguns trechos que estão falando de outras... a gente pensa que é uma coisa, mas é outra coisa, daquilo que realmente está escrito na nossa....mas quando a gente vai estudar a língua original do Antigo Testamento, que é o hebraico, a gente percebe que é de outra coisa que está se falando... como é que se lê, você acha uma coisa e não percebe que aquilo aí, no original, o que que é de verdade... (S 16).

(...) você não tem como negar aquilo ou ir contra aquilo que, a partir do momento em que você vai tendo um conhecimento da língua, no original, qual é realmente o significado da cultura daquele povo, você fala: não, não tem como... então isso choca... você não tem como ir contra...(S 17)

No contexto das religiões, via de regra, aspectos culturais de um povo são sacralizados e transformados em normas éticas e morais supostamente da ordem do transcendente, a partir dos quais, conforme Alves, (1975, p. 9) pela racionalização se transforma religião primitiva em cultura contemporânea e a experiência religiosa se transforma numa experiência cultural. A religião, assim, se culturalizou para dar conta do conflito entre uma dada realidade externa e a subjetividade da experiência humana, no contexto do mundo secularizado. Ali se transforma numa experiência apaixonante e

⁴⁰ Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho – Sua base teológica se fundamenta em alguns princípios teológicos liberais, como a pesquisa bíblica via crítica textual, sua base hermenêutica, entre outros.

subjetiva, cuja finalidade seria reorganizar o homem consigo mesmo, com seu sofrimento, diante da percepção da sua parcialidade e finitude.

A percepção desses limites culturais dos diferentes contextos bíblicos, nos quais o transcendente é constantemente atravessado por experiências subjetivas individuais ou até de um povo comum, deixa A apreensivo diante das descobertas que podem reformular completamente códigos e normas tidas como inquestionáveis, alimentando sua ansiedade e seu desamparo diante desse novo inusitado. Um desses aspectos, que lhe impregna um profundo mal-estar, está relacionado

(...) à sexualidade, talvez a gente não percebe que...a bíblia tem alguns significados que são simbolizados daquela cultura e... a gente fica chocada porque, talvez em nosso meio não se tem ouvido tanto assim, das pessoas falando palavrões, levando pro lado malicioso, a respeito da sexualidade (...) então a gente fica meio abalado assim, como é que a Bíblia, já estudado como a palavra de Deus, que contém, que é a palavra de Deus, pode falar sobre essas coisas, né? (S 18)

Por exemplo, o texto de Isaías 6:2 [ele se refere a mais de um texto e os reinterpreta, veja também Ezequiel 23:20]

(...) lá no hebraico o profeta vai tá falando dos anjos, né, por exemplo, o pé, que significa no hebraico o pênis ... e falam sobre...e vai falar do anjo coberto por asas e que a ejaculação do profeta era como de um cavalo e tal...e as pessoas vão sabendo disso...aí todas as pessoas vão barateando, né, o poder que a palavra de Deus, que a bíblia tem, e isso, pra nós que sabemos de uma outra forma, conhecíamos a palavra como pura, santa e tal...nós fazemos uma leitura e não conseguimos enxergar tal... vai, assim, tipo nos ofendendo, machucando, né, e trazendo assim questionamentos.... mas por que...então tanto tempo nós ficamos com os olhos vendados....e assim vai trazendo um grande choque ...esse questionamento...em relação ao que nós sabíamos e agora sabemos...(pausa) ... é isso. (S 19)

Esse mal-estar diante da sexualidade também foi um dos primeiros aspectos que chamou a atenção de Freud (1907/1976, p.121-8) ao ocupar-se com o comportamento religioso. Nesse campo, ele tinha observado as semelhanças entre rituais religiosos e obsessivos, estabelecendo uma conexão entre ambos, que estariam fundados em experiências íntimas com a sexualidade primitiva, na verdade, uma defesa neurótica contra a mesma, uma repressão pulsional, como medida protetora, contra a ansiedade punitiva.

Para este, a prática de rituais de penitência, confissão e similares, muito se assemelham aos rituais praticados por pessoas supostamente acometidas de uma

neurose obsessiva, que o levou a considerar a religião como uma neurose obsessiva da humanidade. Esse conceito, na atualidade, não está mais tão íntegro quanto o foi para Freud, mas, naquele contexto sugeria a ele tal semelhança, muito embora os rituais obsessivos estivessem desprovidos dos significados que eles adquirem na religião,

Diante de tantos questionamentos e adaptações ideológicas que A precisa elaborar no contexto do seu estudo, é necessário resgatar novamente o propósito de estar ali, quanto aos aspectos vocacionais que o mantêm nesse limite. Assim,

(...) eu tenho mantido meu pensamento o mesmo, mas mudou no sentido de buscar mais, querer firmar ainda mais essa minha vontade de...Deus...eu me senti chamado, mas eu também tive que dar a minha resposta, eu tive que dar uma contra-resposta, de aceitar isso tudo, negar tudo o que eu tinha, a família, o trabalho, minha vida normal, rotineira (...) as lutas vêm e são grandes, né, apesar disso movimentar a gente, chocar, mas eu tenho ainda assim em mim, de manter aquele propósito de quando eu vim pro seminário, de terminar, aprender e sair daqui bem instruído para cuidar do povo de Deus, da Igreja de Deus...(S 21)

O leque de renúncias intelectuais e afetivas parece fazer parte da constituição subjetiva de sua dinâmica vocacional/profissional, conforme entende Freud, nesta dinâmica, a renúncia aos prazeres da vida seria uma *renúncia pulsional*, um deslocamento de energia, mobilizando uma satisfação substitutiva. Como uma realização de valor, a sensualidade é paulatinamente substituída pela intelectualidade, em que Deus se transforma numa religião de renúncias, controlada pela ética institucional.

Esse processo já está presente no totemismo primordial, no qual a exogamia é uma renúncia ao desejo pela mãe, no mito do incesto, e na concessão de direitos iguais a todos os membros da aliança fraterna, uma restrição à inclinação pela rivalidade violenta. A renúncia pulsional, assim, parece ser um dos esteios básicos da constituição do sentimento religioso, muito embora seus impulsos não sejam exclusivamente de origem sexual, abrigo também pulsões agressivas e consideradas socialmente perigosas.

Na contemporaneidade, Rouanet (1985, p. 240) entende a religião como “*uma projeção supra sensível da ausência do pai, da qual resulta uma fantasia de privação, que deriva dessa privação, e a anula, e que é simbolizada nas representações religiosas.*” Por conta dessa fantasia de privação, simbolizada na representação de um

cuidado paternal ao qual A aspira, ele revive o desamparo causado por essa ausência, na forma do conflito teológico.

Quando essa projeção é ameaçada, o desamparo é ainda maior, levando-o à fragmentação, pois

(...) já foi um desafio da fé acreditar que Deus poderia, através das pessoas, permitir que eu viesse pro seminário, já que Ele me chamou, então acreditava e acredito ainda, que Ele está sobre todas as necessidades (...) de um conhecimento que nós vamos precisar, porque o mundo vai questionar... mas como, se a Bíblia assim contém livros a mais e a menos, por que é que foi assim, então não é a palavra de Deus, quem garante que é realmente, que não foi escrita por uma pessoa que lá deu um surto e começou a escrever, diz que era a Bíblia ... quem garante tudo isso... é filho de Deus e quem também garante que Deus é Deus, que Ele existe, né, mas...a fé é a certeza das coisas que não se vêem, e eu acredito muito nisso...(S 23).

Por vezes, A realmente sente dificuldades em diferenciar aquilo que denomina de desejo de Deus, confirmado através das pessoas, do seu desejo pessoal em busca de uma profissão, e remete sua decisão a uma condição perceptiva subjetivada, pela qual

(...) eu sinto daí a vontade de ir [ao seminário] ... não por uma obrigação, mas eu sinto vontade de ir... Ter uma instrução e fazer isso. (...) eu também não vejo a Igreja e o pastorado como um emprego, mas sim uma vontade, um amor por aquilo... então eu senti o amor por essa causa também, bem particular, né, vendo exemplos assim ... talvez influenciado por exemplos, não forçado a ninguém (...) eu tive essa vontade, né, de todos esses anos que eu perdi, de tentar me aprimorar, de vir pro seminário, eu fui gostando mais, querendo mais. (S 27)

(...) Num primeiro momento não era assim, foi mudando a partir de como eu ia tendo as experiências, confirmando, desconfirmando... minha vida, assim, de vir pro seminário, aí eu comecei a perceber que também estava um sentimento ligado (...) emocionalmente eu estava envolvido, eu queria tar realmente no seminário, por amor, por ter essa vocação, por perceber que tinha essa vocação... (S 28)

Ele percebe que, além do elemento transcendental, que supõe estar presente na sua decisão, e da influência de pessoas que o incentivaram, há também seu vínculo emocional com esse compromisso que o mobiliza para a frente. A interação entre ambos, razão e coração, além do movimento supostamente transcendental, entendido como *um chamado divino*, configura e articula sua decisão final em favor da vinda para o seminário.

Sabemos que as relações com as *divindades*, carregadas de afetos, geralmente não se restringem a crenças em determinados valores, mas são verdadeiras demandas

afetivas, oriundas de uma realidade psíquica singular, viabilizadas por desejos onipotentes compensatórios. Esses desejos se interpõem e capturam os fiéis em seu imaginário idílico que então contrastam com a ordem do concreto de sofrimento e dor, produzindo um estado, por vezes, alienante e paralisante.

O sujeito A também foi capturado por esse idílico, na medida em que não considera sua vinda ao seminário como preparação para um trabalho profissional, porque

(...) eu também não vejo a Igreja e o pastorado como um emprego, mas sim uma vontade, um amor por aquilo... então eu senti o amor por essa causa também, bem particular, (...) eu comecei a perceber que também estava um sentimento ligado (...) emocionalmente eu estava envolvido, eu queria tar realmente no seminário, por amor, por ter essa vocação, por perceber que tinha essa vocação... (S 27-28)

A busca pelo seminário parece refletir uma demanda afetiva vocacional ainda muito idealizada, obedecendo a esse *chamado divino*, revestido de amor e compaixão. [com-paixão] Esse *chamado divino* não se restringe a uma deliberação econômica, em decorrência de necessidades profissionais, que seriam contempladas pelo exercício profissional na área de Letras. Tendo em vista sua inserção num contexto social de classe média, certamente encontraria colocações no mercado de trabalho para suas demandas financeiras, o que demonstra o quanto sua demanda vocacional religiosa está vinculada à sua dinâmica psíquica idealizada:

(...) as pessoas falavam... nossa...essa reunião hoje tinha a presença de Deus... as pessoas falavam que era aquilo que eu tinha de fazer... que realmente estava dada a coisa (S 5).

A ambivalência entre sua própria percepção dessa dinâmica, que inicialmente lhe apresenta algumas restrições, e a resposta do seu meio social-religioso que o incentiva à idealização, parecem determinar a natureza do conflito psico-afetivo que o conecta à sua vocação.

Essa interconexão dos diferentes estados psíquicos com a realidade é coerente com a teoria sobre o inconsciente profundamente ambíguo e pulsional de Freud (1897-1937), com a qual ele criou um campo próprio de análise do psiquismo. Tendo em vista essa ambigüidade, a realidade (objetiva) não é apreendida pelo sujeito em sua forma originalmente constituída, mas é re-apresentada através dos processos de elaboração e interpretação. Nesse processo, o sujeito é capturado pelo conflito entre o saber

consciente e discursivo, que este alcança através dos instrumentos da razão, e o saber inconsciente, que o atravessa na dinâmica psíquica do desejo. Assim, sua busca por uma verdade supostamente superior está aliada ao seu desejo de completude e onipotência, que o arrebatam em sua cisão, constituindo sua *lusão*, pela qual estabelece o trânsito entre o imanente e o transcendente.

A percebe essa dicotomia ao contrastar os novos estudos teológicos com as bases ideológicas e confessionais da fé de sua Igreja de origem. E pela articulação entre essa fé e as novas instruções teológicas, sente a fragilidade do saber diante da experiência subjetiva que o captura. Na verdade,

(...) tem pintado convergências ... mas também é complicado, porque são várias Teologias, vários pensamentos [várias verdades] ... é difícil você pegar um e falar: esse é o certo (...) outros entram em confronto com esse pensamento...também tem essa problematização de tudo o que a gente sabe pela fé...é difícil você colocar a fé nesses pensamentos teológicos, misturar... você tenta colocar mistura, fazer essa equiparação, mas é complicado até de falar, né... (S 30)

Essa ambigüidade do conhecimento, na qual verdade e mentira se metamorfoseiam mutuamente, representa os dois lados do mesmo processo de conhecimento, o que, no âmbito da religião, forma as bases projetivas para as *ilusões religiosas*. O sujeito A faz essa experiência instigante ao perceber que seu saber sempre será somente parcial, mas, ainda que ilusório, é também verdadeiro, uma vez que se deriva do seu desejo de escapar do inevitável ou pelo menos reduzir e controlar seus efeitos mais indesejáveis.

Ele espera – deseja –

(...) achar um meio termo nisso tudo, mas com certeza também dá para ver que eles [os alunos do 4º ano] não perderam a fé (...) talvez tenha movimentado, tenha abalado um momento, do meu ponto de vista agora, parece que eles estão bem mais centrados, que conseguiram manter esse equilíbrio entre a fé (...) nem parece que eles têm passado por essas dificuldades... agora no quarto ano, apesar de todos os trabalhos de conclusão do curso e fechamento do curso...percebe-se que eles mantiveram o que eles tinham no início do curso. (S 31)

(...) é difícil manter o equilíbrio agora... mas eu acredito que... a gente tem que ler mais, procurar mais, se instruir mais a respeito de tudo isso, ver qual é a relação realmente, qual que é o seguimento mais certo, que mais tem base bíblica e tudo...para também poder chegar como o pessoal do 4. Ano, né, de estarem enfrentando alguma coisa, não só eu individualmente, toda a turma passa por essa...eu não consegui fazer a relação por enquanto, talvez não tá tão perceptível ainda ... essa relação...parece que depois vai ficando fácil (...)

na leitura, dos professores questionarem realmente para poder chegar lá. (S 32)

A percepção da sua parcialidade leva-o adiante e ele espera achar este meio termo com o auxílio da informação, via instrumento da razão, do saber consciente, e conclama os professores em sua ajuda. Busca aprimorar-se, sem ainda perceber que se trata justamente de abandonar esse discurso totalitário, pois, na constituição da singularidade de sua experiência subjetiva, precisa aceitar sua parcialidade, sua fenda narcísica, que ainda o ofusca e o remete ao seu desejo de completude, viabilizado pela fé idealizada na religião, na qual um *Deus-Pai* haverá de ampará-lo, através do seu representante terreno, a Igreja, a grande *deusa-mãe*, que saberá acolhê-lo e confortá-lo em sua agonia.

De certa forma, já experimenta esse conforto, pela *racionalização* do seu sofrimento, uma defesa empregada, com algum êxito, para evitar a fragmentação total. Apesar de tudo,

(...) tem sido bom eu estar aqui.... tem sido ótimo, tenho superado as minhas expectativas, realmente não era aquilo que eu pensava, mas é muito mais do que eu pensava (...) apesar de às vezes termos conflitos internos, apesar de ser assim tímido, meio fechado, reservado para com as pessoas, eu tenho me sentido realizado até aqui, apesar de também sentir, às vezes, que não é o meu desejo, são pensamentos que passam pela minha cabeça... não, eu vou desistir, eu vou parar, por isso e outras coisas ... mas a minha vontade é de permanecer firme, continuar até o final (...) possa sair daqui convicto (...) firme na fé e pronto para servir a Deus, realizar a vontade dele e a minha também, porque é o meu sonho também, de estar à frente de uma Igreja, de ser pastor, de fazer os atos pastorais de uma forma intensa, uma vida assim consagrada a Deus essa é a minha vontade, esse é o meu sonho. (S 34)

É quase uma compulsão à tarefa pastoral, um *chamado interno*, homologado pela Igreja, que o qualifica e o designa, da qual tem pouca chance de escapar. Resgatando o conceito de reparação em Melanie Klein, (1970, p. 104) através do qual se visa manter a totalidade do objeto ambivalente, não permitindo a sua fragmentação ou destruição, este se constitui de um

anseio profundo de sacrificar-se, no intuito de auxiliar e de consertar pessoas queridas que em fantasia foram danificadas ou destruídas, (...) que está associado a um intenso sentimento de responsabilidade, (...) através de uma simpatia genuína para com outras pessoas e da habilidade de compreendê-las,

Parece haver um grande grau de transparência dos sentimentos de A com esse conceito. Fazer os “*atos pastorais de uma forma intensa, uma vida assim consagrada a Deus*” parece referir-se a uma necessidade de trabalhar em função da Igreja, e, com isso, auxiliar pessoas a transporem seus obstáculos e referendar suas necessidades mais básicas, sublimando, para isso, pulsões sexuais e agressivas, que representam objetos ambivalentes destruídos em fantasia. Por conta dessa ambivalência não elaborada, constituem-se também os sentimentos de culpa, pela dificuldade de tolerar a parcialidade, a cisão que fragmenta a experiência simbiótica da unidade narcísica primitiva, e que leva à idealização egóica, como uma tentativa de restaurar e reparar os objetos originais destruídos.

Para a psicanálise, o conceito de *realidade psíquica* permite que a vida psíquica singularizada assuma um *status* de realidade, e, no contexto da religião, esta dinâmica é ainda mais sofisticada, permitindo, sem grandes constrangimentos, a criação de uma realidade própria, a transcendência. Sua base projetiva permite a reconstrução da unidade perdida, reconstruindo a onipotência esfacelada pelo princípio da realidade e por conta da maturidade inevitável no sujeito autônomo, pela qual se restaura o fragmentado, que sofre diante da inevitabilidade de reconstruir seus fragmentos, aceitar seus limites, tolerar sua ambivalência e buscar a autonomia.

Para um sujeito heterônomo, entretanto, a percepção dos seus fragmentos e parcialidades o leva a buscar, pela idealização (pelo ideal do eu), um refúgio para manter sua unidade. Alicerçado em sua dinâmica infantilizada, busca resgatar sua onipotência perdida, em que a religião é a base projetiva utilizada para restaurar objetos parciais danificados ou destruídos, de cuja dinâmica se constitui a vocação.

Por conta dessa idealização, A tem dificuldades para lidar com os objetos parciais do mundo dos humanos, atravessados pela tensão do medo de falhar, de não corresponder às expectativas, considerando seu trabalho como uma das tarefas mais virtuosas da humanidade. Trata-se de um esforço do eu para compensar sua ferida narcísica, travestida, por vezes, por uma humildade depreciativa. Assim,

(...) apesar de também sentir, às vezes, que não é o meu desejo, são pensamentos que passam pela minha cabeça... não, eu vou desistir, eu vou parar, por isso e outras coisas ... mas a minha vontade é de permanecer firme, continuar até o final (...) possa sair daqui convicto (...) firme na fé e pronto para servir a Deus, realizar a vontade dele e a minha também. (S 34)

Por conta dessa idealização, também se formam suas elevadas ambições, presentes no desejo “*de fazer os atos pastorais de uma forma intensa, uma vida assim consagrada a Deus.*” Com elas, pretende excluir toda sorte de imperfeições e parcialidades, comuns aos mortais, cuja representação, no seu cotidiano, aparece nas diferentes formas de condutas éticas e morais, pelas quais espera expurgar seus sentimentos de inferioridade.

A pretende se consagrar [e com isto abandonar a disputa por objetos parciais nas dúvidas e incertezas] para a Teologia e ao ministério pastoral, especificamente, por lhe permitir deslocar suas fragilidades, via idealização, para um âmbito no qual este não precisa mais se responsabilizar por eles, já que o *pai eterno*, em seu aconchego, proverá suas necessidades em troca de fidelidade e submissão. Por isso, recomenda aos calouros,

(...) estar no seminário é ótimo, (...) a gente aprende muitas coisas e no final de tudo não é o conflito que vai permanecer, mas é o conhecimento maior e talvez, se podemos dizer assim, a fé é ainda mais firme, mais inabalável. (S 33)

Da mesma forma, parabeniza os formandos

(...) pelas lutas que enfrentaram (...) inabaláveis (...) no sentido de buscar o equilíbrio (...) são vencedores (...) que eles permaneçam firmes nesse ministério que Deus deu a eles...(S 33).

Sua tentativa de dar conta do seu desamparo, através de um processo de idealização, pode estar relacionado ao estágio acadêmico em que ele se encontra atualmente (2º. - 3º. ano), pela confluência dos conflitos existenciais e teológicos ali presentes. Alguns deles ainda podem ser melhor elaborados no transcurso do curso de Teologia, pelo amadurecimento pessoal e teológico que a dinâmica do curso pressupõe. Entretanto, para que isso ocorra com alguma eficiência, é necessária uma predisposição que A intui, ao recomendar aos calouros:

(...) para os que estão entrando (...) venham mesmo, aprendam (...) deixem de lado todas as coisas que aprenderam por um momento, tentando resgatar, entender aos poucos, sintem o chamado realmente, o chamado ministerial, a vida pastoral, que realmente venham e sejam bem-vindos (...) venham despidos mesmo para conhecimento, pra aprender, façam de suas vidas um varal e deixe penduradinho todo o seu conhecimento ... e vá aprendendo, trazendo para si o novo, tentando trabalhar com aquilo que já existe, aos

poucos, fazendo adaptações ... e nunca deixar de crer naquele que os guiou e chamou. (S 33)

Por outro lado, ainda é necessário que compreenda melhor e aceite sua falta, sua fenda narcísica, que ainda o captura e o imobiliza, fazendo-o crer que o conhecimento racional, por si só, já seja capaz de lhe dar o equilíbrio de uma maturidade, que, em sua idealização, almeja. Neste aspecto, falta-lhe ainda entender que precisa abandonar sua busca por objetos totais e absolutos idealizados, que inclusive a vida religiosa não é formada de absolutismos, e que a temporalidade é que constitui o fluxo da sua vida.

Outrossim, é justamente a exposição dessa falta, na forma do conflito existencial-teológico, que lhe dará os instrumentos de leitura e compreensão para lidar de uma forma mais adequada com esses limites, cuja suportabilidade lhe capacitará para restaurar e reconstruir seus fragmentos, tolerar sua ambivalência e construir seu lugar no universo social e profissional, ao qual, em sua singularidade, aspira.

5.1.2 Análise da Entrevista 2

Nome: B Idade: 25 Sexo: Masculino
 Estado Civil: Solteiro Ano: 4º. SQNVP⁴¹

B é originário de uma família religiosa, da cidade de São Paulo-SP, sendo filho de pastor, e, como tal, teve uma formação *dentro da Igreja*, embora isso não o tenha definido diretamente para a carreira religiosa. Seu sonho era ser um jogador de futebol, mas por razões religiosas muito radicais, não teve essa *permissão*, na medida em que jogador de futebol era uma carreira demasiadamente secular. Para manter as aparências diante da comunidade religiosa dos seus pais,

(...) (crente não poder ter esse tipo de emprego), [quanto mais filho de pastor], eles deram em cima de mim e eu, justamente, comecei a ter uma aversão com relação às instituições da Igreja. (S 1).

Curiosamente, B segue um caminho inverso ao esperado para um candidato ao ministério pastoral, isto é, tenta afastar-se das expectativas familiares e sociais em relação ao seu futuro campo profissional, uma vez que foi frustrado em seu desejo de ser jogador de futebol.

Entretanto, apesar de tudo,

(...) as pessoas me chamavam de pastorzinho ... filho de pastor, pastorzinho é (...) eu não aceitava, não gostava disso. (...) Então sempre as pessoas viam essa questão vocacional, você tem jeito, você dá aula, então eu comecei a dar aula também na Igreja, cantar, né ...e as pessoas, né...liderando em geral (S 1)

Seu contato com a Igreja estava articulado à sua condição de liderança nesse meio, apesar de estar consciente que

(...) a questão da liderança eu sempre analisei isso da seguinte forma, como eu trabalhei em escritório em empresas de grande e médio porte, então via que a questão da liderança era independente da questão religiosa... uma questão que já vinha comigo (...) no começo era muito mais as pessoas vendo isso em mim, (...) mas eu mesmo não via essa questão do pastorado como uma opção para mim. (S. 1)

⁴¹ SQNVP = Sem queixas de natureza vocacional/profissional.

Sua resistência inicial para se envolver numa vocação religiosa, baseava-se ainda na possibilidade de encontrar algum meio de realizar sua expectativa em relação ao futebol. De passo em passo, entretanto, já elaborava o impasse de não poder ser jogador de futebol,

(...) pela questão da idade eu já não tinha mais como começar (...) e então eu abandonei essa questão do futebol (...) abandonei essa opção ... tentei outras profissões, comecei a faculdade de Direito (...) passei por uma fase em que eu não estava indo pra Igreja (...) então, de certa forma, a Igreja eu abandonei (...) se fosse para me encontrar numa Igreja, deveria partir de outra perspectiva, não a mesma religião de meus pais, e foi quando, morando aqui mesmo em Londrina ... eu comecei a freqüentar a Igreja presbiteriana e que estava mais de acordo com a minha forma de pensar, com meu jeito de ser, minha identidade, [a sua Igreja de origem tem caráter mais fundamentalista e radical, com a qual não simpatizava] (...) comecei a fazer Direito (...) e depois, por uma questão financeira, eu não pude continuar (S.1)

A procura por um outro curso parece refletir sua insegurança quanto a uma profissão, na qual pudesse ter algum nível de realização e reparação, conforme o conceito kleiniano, muito embora esse impasse o ajudasse a perceber sua dinâmica reparatória.

(...) e também porque eu falei ...tá, eu quero ajudar as pessoas, me ajudar também, mas não é essa a forma....Foi quando eu voltei para o MT e comecei trabalhando numa IPI (...) tive muita resistência de meus pais, não pelo meu chamado...mas pela minha opção religiosa, de não ser mais na Igreja pentecostal, mas protestante...e depois de muitas discussões... levando-o a afastar-se do núcleo familiar religioso ...toda a minha decisão foi tomada longe da família ...porque eu não queria nenhum tipo de interferência (S.2)

No contexto social de sua família e diante do alto nível de idealização vocacional ali presente, como filho de pastor, B precisa diferenciar-se das outras crianças consideradas *normais*, porque

(...) ser exemplo é uma coisa que a gente ouve muito bem, que se é filho de pastor, tem que saber tudo de Bíblia, você tem que ter uma resposta pra tudo e não pode fazer nada que os outros fazem, e de certa forma, eu teria que depender muito do meu pai, do que ele me falou (...) que tivesse que aceitar o ser exemplo para as pessoas, todo mundo podia fazer, mas eu, como filho de pastor, não poderia fazer... preocupando-se não tanto com o filho, muito mais com a função e o nome que ele tem. (S 3)

Além disso, ...você sabe que as coisas não são da forma como te fazem (...) você é obrigado a fazer, né, hoje eu não vejo dessa forma (...) então não estava conseguindo argumento, ver uma outra realidade para que eu conseguisse elementos e argumentos pra dizer o que eu sou, que até então estava engessado por uma instituição religiosa, por uma forma de ser que meus pais queriam... então, a partir disso, trazendo a questão da vocação religiosa... é justamente isso...eu sei quem eu sou e sei o que eu quero. (S 4)

Para desenvolver essa percepção e aperfeiçoar seu próprio projeto de vida, foi necessário romper com a simbiose familiar, exercendo até a função de *ovelha negra* naquela família, contestando, protestando e finalmente rompendo os laços que o uniam àquela dinâmica. Para tal, recebe a ajuda de um pastor com uma visão mais ampla do ministério:

(...) aquele que é meu pastor tutor hoje me deu uma visão mais geral do mundo, a questão vocacional não se restringia somente à Igreja, tinha muitos campos, o campo social e tantos outros que você podia atuar também (...) e isso abriu a minha visão. A partir daí eu comecei a ver (...) não todo o enfoque religioso, aquela coisa engessada... que vai lá e fala aí na frente (...) muito mais que isso isso me seduziu (...) eu consegui uma forma de viver uma espiritualidade legal, lá vivendo nos lugares que eu frequento, bares, tomando o que tomo e fazendo o que faço (...) continuo sendo um exemplo diante das pessoas na Igreja e os demais cristãos...então a vocação, eu percebi que pode ser algo que não afete, que não anule a pessoa. (S 2).

Apesar de ainda estar capturado pela dinâmica idealista que uma profissão dessa natureza requer, B percebe e diferencia as expectativas sociais e religiosas que o atravessaram por tanto tempo, delimitando sua interpretação e restringindo sua elaboração reparatória ao nível do contexto religioso. Paulatinamente, resgata sua própria identidade, tolerando a ambigüidade dessa percepção (...) *“tomando o que tomo e fazendo o que faço (...) continuo sendo um exemplo diante das pessoas na Igreja e os demais cristãos,”* o que lhe permite restaurar e reorganizar sua vocação religiosa num nível menos simbiotizado e menos idealizado.

Para tal, estava disposto a pagar o preço do rompimento com a Igreja na qual tinha crescido, buscando outra mais coerente com seus princípios de vida e, até mesmo,

(...) eu não fico com Igreja nenhuma, se não arranjar outra, ou então eu volto e eu fico sem Igreja, com algum outro tipo de vida, se conseguir viver com Deus ... no social, mas não como eu vivia enclausurado, sempre alguém ditando o que fazer ... lógico, têm normas, têm regras (...) mas quando

extrapola... (...) aí hoje a gente começa a enxergar o que te escraviza, então algo que faça com que você negue o seu próprio eu...(S 5)

Ao sair de casa, busca no curso de Direito novas diretrizes de vida, mas cancela sua matrícula após seis meses de estudo, por falta de recursos financeiros, e também por perceber que este ainda não é o seu lugar ... *“tá eu quero ajudar as pessoas, me ajudar também, mas não é essa a forma.”* Quando é aceito como membro na Igreja Presbiteriana Independente, com uma proposta profissional mais abrangente, ingressou no Seminário Teológico da IPI, pelo qual se formou pastor, em dezembro de 2002.

A vida acadêmica naquela instituição o faz repensar sua trajetória de vida, e as disciplinas ali cursadas o ajudam a perceber essa nova proposta, fornecendo-lhe ferramentas importantes ao processo reparatório:

(...) e sempre pensei eu vou começar esse curso e eu vou concluir, seja para ser pastor ou ser um teólogo ... ou fazer esse curso e depois dar prosseguimento a outro (...) meu chamado também não é dentro de quatro paredes (...) tem outros enfoques, eu posso ficar na área da educação, na área da psicologia mesmo ou na área de assistência social e muitas outras coisas.(S 5)

Essa nova dinâmica, entretanto, também o introduz em crises homéricas, pois

(...) cada aula que eu fazia, eu ia para casa e era um conflito, eram acontecendo as crises, mas essas crises gerando mudanças e eu pensava ... como eu to sendo infantil nisso, de certa forma ... a mim mesmo não conheço e quero ajudar as pessoas e tal ... esse processo de auto-conhecimento foi de grande.... foi o fator preponderante, foi ... tive sorte em tudo isso, daí eu comecei a me conhecer melhor, comecei a analisar as opções que eu fiz. (S.5)

A partir dessas questões teológicas e existenciais, revive todo o desamparo experimentado no contexto de sua família, e

(...) e assim comecei a ter certeza porque, com relação ao modelo, eu posso ter a mesma profissão do meu pai, mas necessariamente não preciso ser igual a ele, porque ... uma coisa que eu sei, é que ele nunca soube optar pela família, ele sempre optou pela Igreja ... e não pela família. (S 5)

Justamente essa opção paterna pela Igreja em primeiro lugar, em detrimento da família, que era sempre uma opção secundária ou terciária, e das conseqüências afetivas daí advindas, ao perceber a ambigüidade do relacionamento paterno, lamenta:

(...) a princípio isso foi muito disfarçado, pela postura, você tem que ser exemplo e tal, aquilo outro, no início, na nossa identidade, nós não percebemos, sempre o pai é o nosso herói, o super man, nós temos um dentro de casa, então ... ele tem razão e eu particularmente acreditava muito nisso e de repente a gente começa a ver a opção que tomou, não foi por nós, para que a gente ficasse bem, mas que ficasse bem perante a Igreja ... a gente vai crescendo e descobre que não temos nem um super-herói, que a pessoa que está aí é seu pai, ele possui falhas, aí, digamos que você acorda e te dá um choque ... (S 6)

(...) para mim, de certa forma, foi muito traumático, tanto que eu sempre fui aquele que fez oposição à ele dentro de casa, sempre a ovelha negra da família, e sempre dentro de uma frase em que até hoje soa muito pra mim: “meu pai me diz para não mentir, mas esqueceu de me dizer a verdade, né, sempre falou para eu não mentir, mas esqueceu de me falar a verdade”, porque essa própria construção dele para mim era uma mentira, uma forma fantasiosa de viver a vida, para que ele não cresse no próprio eu dele, para que não afetasse o próprio conceito dele perante as outras pessoas. (S 6)

O nível de idealização (para não falar em alienação) desse pai pastor é tal, que não percebe as necessidades dos próprios filhos dentro da sua casa, apesar de envidar laboriosos esforços em suas tarefas pastorais para com os fiéis de sua Igreja. E nem mesmo percebe quando o filho B abandona a casa paterna em busca de um novo horizonte:

(...) para mim foi extremamente traumático (...) foi quando eu comecei a saber na disciplina de auto-conhecimento e aconselhamento pastoral, que a vida é feita de opções e realmente aquilo que eu pensava não tinha um fundamento ... e foi me dando munição e ferramentas para que eu realmente fizesse a opção pela vocação, pra mostrar de certa forma que eu posso sim... mas posso também fazer opções diferentes, tanto que o enfoque da questão vocacional, eu nunca a coloco como mais importante que a minha vida, e mais importante do que a minha família, que é que eu quero pra constituir ... e se for pra optar entre Igreja e família, é lógico que a Igreja pode ter a certeza de que vai estar sozinha, que eu vou optar pela minha família, não importa como. (S 6)

Em função dessa experiência familiar constrangedora, de ser preterido como filho em função da Igreja, no Seminário Teológico ele toma contato com esse desamparo através de algumas disciplinas, especialmente aquelas que estimulam tal percepção, levando-o a crises consecutivas, nas quais revive sua agonia.

(...) *“faltou muito diálogo, faltou verdade e sinceridade na colocação da pessoa, porque meu pai nunca se colocou como... nunca disse que não sabia nada, que sempre tinha uma resposta para tudo, Por quê ? ... falo que não sei...,”*(S.7) e com isso pode

admitir sua parcialidade, sua ambivalência e tolerar o sofrimento daí proveniente. Percebe também que esse nível de idealização, que para sua experiência de vida foi tão constrangedor, ainda continua presente em alguns colegas:

(...) muitos hoje ainda continuam tendo, que têm que ter tudo pronto e preparado... não têm que ter nada pronto, têm que saber lidar com as pessoas, têm que fazer respeitar o ser humano como ser humano.” (S 7)

A percepção da ambigüidade e parcialidade das relações entre *verdade* e *mentira*, concepção apresentada por Freud (1897-1937) em sua teoria sobre o inconsciente profundamente ambíguo e pulsional, remetem B à elaboração de conceitos supostamente mais transparentes com a nova experiência que vai assimilando no contexto do seminário.

B abdica da sua condição supra-idealizada de filho de pastor: (...) *“me vejo como pessoa, não me vejo como aqui é o fulano de tal, filho daquele pastor, ou aquele que é o seminarista, aquele que é o reverendo ou é fiel, por que faz isso,”* (S 7) busca sua própria identidade e a encontra menos idealizada em alguns conceitos teológicos ... *“mas eu pude sentir e ver que Deus... me escolhendo por aquilo que sou, não por aquilo que pensava ou era [o sujeito sempre foi comparado com outros jovens na mesma situação e sempre achado em falta] (...) eu senti no dia a dia, nas minhas experiências, que ele [Deus] valorizou o que eu sou.”* (S 8)

A não identificação de B com o pai pastor o remete à busca de uma identidade própria. Apesar de manter sua proposta de ser um pastor, pretende fazê-lo de forma menos idealizada (de como foi sua experiência com o pai) e mais coerente com a qualificação que tal função representa. Para tal, utiliza a figura do Deus-Pai, como um vínculo afetivo substituto, em lugar do desamparo vivenciado junto ao pai biológico. Trata-se de uma experiência de aceitação plena *“me escolhendo por aquilo que sou, não por aquilo que pensava ou era (...) eu senti no dia a dia, nas minhas experiências, que ele [Deus] valorizou o que eu sou.”* (S 8) Dessa forma, também sua ambigüidade pôde ser integrada, mesmo porque ele foi levado a essa reflexão por outro pastor, o que mostra que nem todos os pastores compartilham desse modelo pastoral idealizado, do qual seu pai é um estereótipo.

Essa descoberta, de que o pai não é um modelo absoluto para a *imagem pastoral*, já está ancorada numa perspectiva vocacional mais ampla, que Bohoslavsky (1983, p. 7-

18) retoma posteriormente, através do conceito de sobredeterminação. Neste conceito, a escolha é multi e sobredeterminada pelas contradições e necessidades apriorísticas do sistema, que atravessam a demanda vocacional da família como um todo orgânico, e se aproveitam da estrutura educacional e dos meios de comunicação de massa para se cristalizar na ideologia do sistema social

Por um lado, partindo do conceito de dupla determinação, no qual a escolha vocacional -profissional parece estar vinculada à qualidade da interação entre esses meios, essa experiência foi relativamente negativa para o sujeito B, uma vez que não contemplou sua necessidade mais básica, por não poder identificar-se com um pai ausente na família, vivido como um deserto em sua experiência. Também seu impedimento de se tornar um jogador de futebol, por ser uma profissão demasiadamente secular e não condizente com a vocação idealizada desse pai, parece inscrever-se em seu imaginário, que o leva a romper, temporariamente, com sua família.

Por outro lado, sua experiência com trabalhos esporádicos em empresas de médio e grande porte já lhe sinalizavam, que as qualidades de liderança não estão restritas aos campos religiosos, (essas qualificações são normalmente entendidas nas vocações religiosas como *chamados divinos*) mas podem ser desenvolvidas em qualquer campo profissional. Possivelmente, também sua experiência de estudar Direito por um semestre, e os contatos daí resultantes, assim como sua migração para outras Igrejas menos fundamentalistas e mais abertas ao contato secular, (seu mencionado contato com um pastor que lhe deu uma visão *mais geral* da Igreja, e que lhe apresenta um Deus mais humano e gracioso) certamente o influenciaram na decisão de vir ao seminário e estudar Teologia para entender melhor a religião, que, afinal, lhe causou tanto sofrimento.

A experiência terapêutica fora dos muros de sua Igreja de origem e da sua família leva-o à reflexão, de que a própria *escolha divina* também é ambígua, porque

(...) entra muito aquela questão do pega as coisas loucas para confundir os sábios, então eu me vejo mais ou menos como Ele olhou para mim com olhos de misericórdia e amor, né, e... de certa forma, eu sou assim, não aquela coisa do querer ser mais do que os outros (...) mas aquele que de certa forma foi humilhado e passou por tudo isso (...) mas um ser normal, você é chamado a ser um porta-voz, de ser um denunciador, aquele que denuncia as injustiças de todas as formas, social, eclesiástica, espiritual (...) que me fez tomar consciência, de que eu sou daqueles que no passado passou por tudo isso e coisas piores até do que essas. (S 9)

Ainda que entenda sua condição ministerial um tanto quanto idealizada, esta já está mais contextualizada e integrada às necessidades do meio social em que vive. Denominaremos essa nova condição de *idealização integradora*, que permite exercer uma função profissional idealizada – como é a função pastoral – ancorada nas necessidades reais do contexto a que se refere. B expressa essa nova percepção da vida religiosa pela amplitude das tarefas e funções que poderá desenvolver em seu projeto de vida, “*e foi me dando munição e ferramentas para que eu realmente fizesse a opção pela vocação, pra mostrar de certa forma que eu posso sim... mas posso também fazer opções diferentes.*” (S 6)

Evidentemente, esta percepção foi desenvolvida com muito sofrimento psíquico:

(...) foi muito mesmo aqui no seminário, que eu fui encontrando isso, nesse desdobramento, nesse processo de libertação, esse êxodo, essa saída, porque para muitos isso aqui é um deserto, mas, para mim, isso é um oásis... nesse processo que eu me vejo nesse chamado de Deus, que Ele realmente me mostrasse aquilo, que eu sempre fui uma pessoa rejeitada, muito depressiva, (...) e nesse processo de chamada, caminhada e escolha de Deus, ele não se mostrou aquele Deus carrasco que quer que você passa, passa, passa...pude sentir e experimentar um Deus que entende as minhas dificuldades. (S 9)

Por isso sua experiência no *deserto* teológico, em função do deserto religioso e familiar, já lhe permitiu elaborar novas perspectivas de projeção profissional, apesar das lacunas psico-afetivas que ainda o atravessam. Desse modo,

(...) meu deserto maior foi na própria vida dentro da Igreja, de certa forma dentro da minha família também, por causa dessa perspectiva na ênfase maior na Igreja do que propriamente aos seres humanos dentro de casa, filhos, irmãos e (...) foi algo muito superficial, que hoje na minha vida posso ver os resultados. (S 10)

Esse processo de transformação no contexto do seminário é romanticamente denominado de *oásis*, cuja experiência transformadora lhe inspirou profundamente. O que para alguns colegas seus representou um verdadeiro deserto, para ele foi um oásis:

(...) é o lugar aqui no seminário, na minha vida acadêmica, eu vejo que aqui a questão da verdade, de você ser o que é, de não ficar, devido às marcas (...) eu sou, todo mundo sabe (...) porque a minha vida não é um livro aberto aqui, não abro todas as minhas defesas aqui, mas, até certo ponto, o que eu penso, o que eu sei, o que eu gosto, as pessoas sabem disso (...) oásis, digamos que é um lugar cheio de opções (S 10)

As diferentes experiências, como deserto ou como oásis, parecem estar relacionadas ao nível de investimento de desejo desta presença, pois, por vezes

(...) a pessoa está aqui não realmente, só usa isso como um processo, uma passagem, sua cabeça não está aqui, muitas vezes ela ... não sabe separar as coisas (...) ela ainda não se encontrou consigo mesma. (S 11)

(...) a questão natural da vida que é passar pela crise ... é uma não-aceitação da crise, uma não-aceitação de si mesmo (...) que remete para algo melhor (...) uma vez que a crise é um mal necessário pra aquilo que vai remeter a uma mudança de mente, de perspectiva, uma mudança de si mesmo, pôxa, como eu fui criança, como eu não cresci naquilo outro, então eu analiso que as pessoas não têm um oásis, porque aquilo que recebem aqui não têm isso como prazer, essa questão da comida e bebida como algo que dá prazer, que satisfaz... então a pessoa não tem isso (...) daí começa a encrenca, 20% das pessoas prestam ... os outros 80% não prestam.. então essas gostam de julgar (...) não param mais pra pensar (...) porque eu julgo aquilo ser bom e ele julga ser ruim, nunca olham da perspectiva do outro, nunca se dispõe a aprender com as outras pessoas (...) e sempre quer julgar. (S 12)

O encontro consigo mesmo parece ser a chave que abre as perspectivas ministeriais idealizadas e as transforma em desafios reais no seu contexto, seja pelas necessidades reparatórias, seja como um propulsor dos investimentos sociais e religiosos na demanda de sua função pastoral propriamente dita. B percebeu isso claramente:

(...) quando você está disposto, as coisas vão acontecendo naturalmente, estar sempre aberto pra outras idéias, novas perspectivas, nunca fechar.. definir ou fechar os assuntos, querendo ser o grande vencedor das questões, o que isso pode ajudar só pra afirmar perante as pessoas, que você é bom, pra afirmar perante as pessoas aquilo que você não tem certeza (...) e quando você já tem uma postura mais maleável, mais centrada ...porque muitas vezes a pessoa foge muito daqui do planeta terra e fica flutuando por aí, (...) a pessoa nega, passa a negar a realidade e a noção das coisas, a pessoa insiste em negar aquilo que realmente é (...) ou consigo mesma ou com as outras pessoas. (S 13)

A negação da realidade, como medida de defesa, é largamente conhecida no contexto da psicanálise, sendo também uma das bases da formação das ilusões religiosas, que, aliadas ao desejo onipotente de restauração, podem remeter o sujeito a um estado de idealização muito próximo da alienação. Diante do impasse e da dificuldade de elaboração e transformação efetiva da realidade, alguns estudantes ainda se utilizam dos mecanismos de defesa, assim como proposto pela psicanálise, na tentativa de transformação parcial da sua realidade. Tais mecanismos, de caráter mais

adaptativo, atuam não somente no ambiente externo, mas também no interno, suprimindo ou dissimulando a percepção interna, quando uma alteração real no ambiente externo se torna inviável. Segundo esse conceito,

o aparelho psíquico não tolera o desprazer, deve defender-se contra ele a qualquer preço, e quando a percepção da realidade acarreta desprazer, ela – e a verdade – devem ser sacrificadas (...) os mecanismos de defesa do Ego estão condenados a falsificar a percepção interna, permitindo apenas um conhecimento lacunar e deformado do nosso Id. (Rouanet, 1985, p. 132-3)

É assim que a denegação atua sobre a percepção externa, enquanto a projeção interfere no plano da percepção interna, externa e do pensamento. Se a racionalização atua na esfera do pensamento, o isolamento afeta tanto a percepção quanto o pensamento em sua dinâmica regressiva. Atuando em conjunto, ao fugir do desprazer, as defesas impedem o registro de determinadas percepções e afastam da consciência conteúdos psíquicos intoleráveis. A realidade exterior pode então ser anulada, deformada ou recriada, de acordo com as demandas projetivas ali presentes.

B percebe essa dinâmica projetiva e a racionaliza:

(...) a pessoa fica torcendo as coisas... tudo bem, são perspectivas, são formas de olhar, (...) tem as pessoas que não querem mudar (...) têm pessoas que entraram de uma forma, por um pensamento, ou entraram não sabendo nada e vão sair sabendo muito menos, e pior, mais confusos ainda, porque não se predisuseram, não se submeteram ao conhecimento de si mesmos e das outras pessoas também, porque a gente começa a olhar com mais simplicidade para as pessoas (...) não de auto-comiseração, mas ao ato de nos olharmos como humanos, não nos colocando como mais superiores (...) ou degraus acima de todas as pessoas, tanto do bem como do mal, nos tornando aí meio que semi-deuses. (S 13)

Ou ainda:

(...) ninguém pode chegar a dizer que conhece todas as coisas, ah, mas isso eu já vi, eu já li tudo, é ali que a pessoa mostra toda a sua ignorância ... rejeitar aquilo que as outras pessoas estão passando, por pura soberba, de que não podem aprender com as pessoas mais simples porque eles se consideram mais. Em outros, a soberba é tão grande que acham que nem cabe mais ninguém no lugar onde estão ... sobre isso eu já li tudo, então não sei o que estão fazendo aqui, como muitos colocam, que o filho dele só veio aqui para buscar o diploma. (S 15)

Evidentemente, ele se refere também à sua própria experiência, da transformação pela qual passou e que sensibilizou sua própria percepção, ampliando-a, para além da

racionalidade, cuja dinâmica o atravessou em seu ponto mais frágil, em seu desamparo, no qual

(...) a pessoa não consegue enxergar o caos que ela está vivendo, (...) ela não enxerga a si mesma e não enxerga o professor (...) a pessoa não chegou ainda a um consenso do que ela é, não tem consciência de ser, ... hoje eu sou um camaleão, hoje está de um jeito, amanhã está de outro (...) nunca tem uma personalidade própria, ou tem medo de assumir a própria personalidade diante das pessoas, e diante desses fatores de família que aconteceram comigo dentro da própria Igreja, não me dá medo de afirmar o que eu sou, justamente pra não cair no mesmo erro, mesmo sendo sujeito a ser taxado de seja lá o que for ... é o caminho que eu assumo, não negar o que eu sou, e não negar as minhas convicções. (S 13).

Entre estas convicções, está seu olhar para o sofrimento humano, até porque através deste, de acordo com sua experiência, Deus se aproximou dele. Deus o escolhe assim como ele é, e sua opção pela formação religiosa situa-se nesta direção, de conseguir trabalhar com o sofrimento das pessoas e até trazer-lhes alívio, de acordo com os limites do entendimento que tem. É seu modo de *reparar* o “mal” que supostamente cometeu, enfrentando seus pais e sua religião, na condição de *ovelha negra* da família, pelo abandono, retornando ao “lar abandonado,” mobilizado por um referencial mais humano e mais saudável.

Em sua elaboração se inspira em Nietzsche⁴²:

(...) um existencialista, filho de pastor, que passou pelo que passou, decretou a morte de Deus, né, na perspectiva que ele coloca concordo plenamente, não está sendo muito diferente hoje, e eu passei também um momento assim, e eu pensei, será que eu vou ser um pastor, mas como pastor também posso chegar a assim como Nietzsche foi também conhecedor de Teologia e filosofia e outras ciências, eu posso, de certa forma, também decretar essa morte de Deus, mostrar para as pessoas, que da forma que estão agindo, estão matando Deus, porque estão acabando com a própria criação dele, que é o ser humano, não só fisicamente, mas desestruturando emocionalmente o ser humano. (S 14)

Seu desamparo se multiplica diante da perspectiva de transformações reais contextualizadas:

(...) muitos dizem que falar é muito fácil, que lá no seminário você tem muito disso, os professores falam muito disso, mas você vai ver a realidade quando você chegar lá, que não é bem assim, que não dá pra fazer, mas na minha forma de ser e trabalhar com a Igreja, eu acredito muito na questão da educação, do ensino, não é também assim como esses novos conceitos ...

⁴² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm : Filósofo existencialista alemão (1844-1900).

também não dá tomar um posicionamento só liberal e enfiar isso goela abaixo da Igreja, que é um processo de educação demorado, mas que você vai chegar ... não é só uma casca, mas uma consistência... tem uma consistência. (S 14)

Trata-se, portanto, de uma condição criativa, transformadora e integradora, que surge no alvorecer da crise teológica e existencial no seminário, que o fragmentou e desamparou, mas que também o estimulou para uma nova percepção da vocacionalidade religiosa. Forneceu-lhe também subsídios para uma reflexão teológico-existencialista mais depurada e menos alienante, da qual, sobejamente, desfruta e se regozija. Seu ideal já está mais integrado, os limites melhor definidos e as estratégias de intervenção mais aprimoradas. Por essa razão,

(...) hoje tenho uma fé muito mais sadia, uma fé mais consciente, de forma alguma abandonei essa fé, ou, de certa forma eu perdi a minha comunhão com Deus e daquilo que vivesse em minha vida, uma formulação não tão científica assim, mas uma formulação mais consciente propriamente de Deus e da fé que me envolve nesse campo. (S 16)

Não se trata mais

de uma doutrina já bonitinha, certinha, que te diz o que deve pensar, o que deve fazer ... o que vem a ser Jesus, o que não é ser Jesus ... Quem é Deus para você, o que deixa de ser Deus para você ... você pode estar consciente disso a partir da sua própria experiência, de sua própria caminhada que você teve aqui dentro e dos caminhos – a questão pedagógica, do ensinamento aqui dentro do seminário – se nos formos um pouco mais sensíveis pra encarar isso, não é como se alguém arrancou e destruiu a sua fé, mas está lhe dando ferramentas para uma fé mais consciente, não uma vida cristã domesticada, mas consciente, responsável, sensível. (S 17)

B ressalta a necessidade dessa sensibilidade, dessa humanidade que caracteriza a pessoa integral, com suas ambivalências e contradições, porque

(...) a dificuldade que as pessoas têm entre uma fé e uma experiência, uma vida cristã consciente ... pra ter essa vida cristã consciente, eles separam, eles tiram a questão do sentimento ... mas justamente é consciente porque você vê, você aprende, você sente o movimento dentro de você, o movimento interno, aquele que está dentro de si mesmo, quando começa a analisar isso e começa a saber expor isso, até certo ponto, e o grande problema é que as pessoas não sentem, por isso é importante ter uma fé sensível e consciente, mas muitas pessoas não conseguem captar isso. (S 17)

Diante dessa nova perspectiva, o estado de alienação familiar, do qual provém seu desamparo, pode até ser tolerado, porque é conhecido e devidamente

redimensionado, o que lhe permitiu reformular conceitos e reinterpretar experiências, além de definir com mais acuidade sua elaboração vocacional:

(...) minha esperança é que, eu sendo aquela fagulha, aquela centelha, onde eu estiver, por menor que seja a minha contribuição, (...) eu deixarei mudanças, e através dessas mudanças que as pessoas possam ver que é possível ter uma vida religiosa sadia, numa perspectiva liberta e libertadora e dentro de uma visão não dicotômica de sagrado e profano... sabe, que as duas coisas caminham juntas. (S 15)

Não é mais necessário excluir o diferente, mas assimilar o singular e justamente essa integração lhe permite ser cidadão, integrando seus ideais aos limites de uma realidade concreta do cotidiano. Suas qualificações educacionais ressurgem de uma forma ainda mais coerente, (...) *digamos que essa é a minha esperança, de estar educando e ensinando as pessoas a caminhar.* (S 15)

Em busca dessa superação B relembra:

(...) a crise sempre nos vai remeter a uma situação melhor, a um crescimento, nisso eu posso ver depois de tudo o que eu passei, que no momento então ... no princípio, nem tanto, a gente tem essa consciência, mas dentro do seminário ... quando vê as pessoas passando por uma crise ou os professores falando sobre as crises, aqui dentro, como já disse, aqui foi o oásis, porque passei a encarar a crise com outros olhos, pelo meu crescimento, to passando hoje, mas vou superar essa ... então faz parte da caminhada, é um caminho muitas vezes plano, mas também tem morro, tem vale ... e por aí vai ... (S 17)

Por um lado, o Seminário Teológico parece ter uma função importante no processo de amadurecimento de B. Se isto significa que o sujeito proposto pela psicanálise, um sujeito menos idealizado, clivado, atravessado pelas pulsões de vida e morte e mediado por um psiquismo inconsciente parece encontrar ressonância nas propostas acadêmicas curriculares do Seminário em questão, na medida em que um estudo crítico da Teologia, que proporciona a reflexão necessária para o desenvolvimento de uma dinâmica religiosa menos alienante, é ponto dessa investigação.

O sofrimento que se equaciona nas mais diferentes crises teológicas e existenciais do estudante de Teologia permite que este possa tomar contato com a sua dor, sua fenda narcísica, aceitá-la para superá-la, ao invés de fazer uma saída pela via da idealização ou até da alienação. Permite-lhe ainda estabelecer melhor os limites entre

sua potência e impotência, restabelecendo sua capacidade de amar e ser amado, rumo à autonomia de ser e de pensar, em direção à sua maturidade.

B parece ter compreendido essa dinâmica em função de sua longa exposição a um modelo de vocação/profissão religiosa muito idealizada, na figura do pai pastor, pouco nutridora e altamente ambígua, desconectada das necessidades reais de sua família, e, portanto, um modelo negativo para ele. Apesar disso, após passar por todo esse processo crítico no seminário, ele se apresenta à entrevista como um sujeito *sem queixas de* natureza vocacional (SQNV).

Será possível inferir que ele pôde elaborar e continua reparando, através da vocação/profissão religiosa, seus objetos danificados, na forma de *ajudar os outros e a mim mesmo também?*

O fato de ter abandonado o alto grau de idealização pastoral, que ainda estava presente no contexto de sua família, especialmente no estereótipo do pai pastor, proporcionou a ele uma nova percepção da vocação/profissão religiosa, mais ampla e melhor contextualizada, na qual vislumbra seu lugar como *denunciador*, como um agente da esperança de educar e ensinar as pessoas a caminhar.

época, na sede de aprender, eu seguia tudo aquilo que as pessoas me ensinavam. (S 3)

Seu fervor religioso, após toda a etapa da vida e comportamento seculares, é demasiado a ponto de fazer orações e jejuns penitenciais para melhor alcançar os objetivos propostos e *“eu acho até que me oprimi e oprimi as outras pessoas (...) porque eu ia lá no fundo da vida das pessoas, de certa forma eu controlei muito a vida das pessoas...”* (S 4).

O controle penitencial da própria vida, bem como a de outras pessoas, também já tinha chamado a atenção de Freud, ao observar a semelhança do comportamento religioso com alguns traços da neurose obsessiva, pois os rituais simbólicos religiosos como as orações, as cantorias, os sacramentos, os casamentos e os sepultamentos eram executados repetidamente como se observa na neurose obsessiva. E inversamente, para Freud (1907), a neurose obsessiva parecia uma caricatura cômica e triste de uma religião particular, embora os rituais obsessivos pareçam desprovidos das razões que os justificam no contexto do cerimonial religioso. Desse modo também C comenta:

(...) fazia jejuns, porque queria que a Igreja, toda a minha vida cristã, com os objetivos que a gente tinha colocado fosse alcançado então você ora bastante, jejua, que você vai conseguir através disso. (S 4)

Em consonância com os rituais obsessivos está igualmente a renúncia a si mesmo, especialmente às articulações da sexualidade e seus desdobramentos na vida pessoal e social no contexto do comportamento religioso. Para C, tal renúncia foi muito significativa a ponto de determinar uma mudança radical em sua vida, especialmente nos seus relacionamentos familiares, conforme comenta:

(...) você deixa sua família, deixa sua casa, deixa seus objetivos pessoais de vida, pra viver princípios ... na Igreja você fala que é princípios do Reino de Deus, mas, na verdade, princípios da Igreja então você acaba assumindo compromissos na Igreja que ... passa noite sem dormir você às vezes perde algumas oportunidades na vida, de fazer algumas coisas que ... dando seu tempo, sua inteligência, seus recursos na Igreja. (S 5)

(...) a questão da sexualidade também (...) opção sexual de você se manter puro, de você associar vida cristã, pureza cristã com pureza sexual (S 4)

(...) vivi três anos e meio dessa forma até que eu comecei a ... um pouco é até o cansaço que você tem, de tanto viver nesse sistema, desse jeito você começa a pensar: será que isso tá valendo à pena ... (S 6).

Em seu texto *A Renúncia ao Instinto*⁴⁴ (1938/1975, p. 139), Freud comenta essa renúncia aos prazeres da vida como constituído de um deslocamento de energia, mobilizando uma satisfação substitutiva do eu através da religião. “*O ego se sente elevado, orgulha-se da renúncia instintual [pulsional], como se ela constituísse uma realização de valor*”. Neste, a sensualidade é substituída pela intelectualidade, em que Deus se transforma numa religião de renúncias (pulsionais) controladas pela ética institucional. Ao mesmo tempo aponta para a semelhança e origem histórica de comportamentos com elevado grau de renúncia pulsional já presentes no totemismo primordial, como na *exogamia*, por exemplo, a renúncia ao desejo pela mãe no mito do incesto, ou na concessão de *direitos iguais* aos membros da aliança fraterna, uma restrição para a rivalidade violenta nos grupos com laços de parentesco.

A própria Igreja, como congregação de pessoas, costuma destacar positivamente aqueles elementos que contenham elevados graus de renúncia pessoal, como também foi o caso de C, que, ao comentar seu envolvimento religioso e posterior designação ao pastorado, relembra:

A Igreja sempre tem aquela visão dos mais piedosos ... aquele jovem que trabalha muito dentro da Igreja, que tem ... que se esforça muito para ser bom cristão, ta sempre envolvido com trabalhos, sempre falam você é pastor, você ... a princípio eu acreditava muito nessa idéia (...) mas pra minha vida eu não queria isso, porque era uma coisa carregada de preconceitos ... mas sempre tava envolvido ... participei de projetos missionários ... mas então falei que ... eu sei que tenho de fazer alguma coisa pra obra de Deus ... é, então vamo se envolver, vamo envolvendo pra ver até onde vai chegar isso. (S 7)

A Igreja, na forma da congregação local, parece ter uma influência direta na vinda de C para o Seminário Teológico, pois

A princípio (...) eu não levava à sério esses comentários (...) mas de certa forma, isso fica martelando na cabeça da gente (...) à medida em que eu ia me envolvendo eu falava pra onde que eu vou ? Aonde vou chegar ? ... e foram alugando minha cabeça de tal forma que ... parece que não havia como eu ser fiel à Deus (...) ou eu teria que ser missionário, ou eu teria que ser pastor, ou eu seria um profissional liberal extremamente envolvido com a obra ...(S 8)

Como ele estava demasiadamente envolvido com as tarefas assumidas na Igreja local – *eu tava 95% do meu tempo dentro da Igreja* - dificilmente conseguiria

⁴⁴ Renúncia ao instinto: Manteve-se nesse título a tradução portuguesa da palavra alemã *Trieb* por instinto, muito embora esse termo hoje seja mais convenientemente traduzido por pulsão. (n.a.)

desenvolver qualquer outro projeto profissional e a saída mais viável parecia mesmo sua ida ao Seminário Teológico para formar-se pastor. Sua resistência a isso, entretanto, aparece claramente nas dúvidas e incertezas conforme ressalta:

(...) a minha decisão final de vir pro seminário aconteceu assim: eu tinha vontade de aprender mais, de crescer mais e tal, mas eu tinha muito receio ainda, eu não sei direito o que eu quero pra minha vida ainda e tal, aí o que aconteceu, eu já tava muito envolvido... um dia estourou o apêndice, fui parar no hospital, sofri pra caramba no hospital porque na época eu não tinha plano de saúde, então eu fiz a cirurgia às pressas, fiquei 2 dias no CTI, porque não tinha vaga pra mim em quarto nenhum, então eu via todo tipo de gente chegando e entrando ainda no CTI, e então no terceiro dia, no CTI eu não podia receber visitas... porque é quase uma UTI, né, não pode entrar gente de fora, então eu fiquei dois dias ali amargurado, porque ambiente de hospital sabe como é, né, depois fui pro quarto e... tinha muita gente sofrendo dentro do quarto... então eu vi que: puxa como eu sou pequeno.... perante Deus...como a vida da gente é curta...questões existenciais mesmo, né, falei, o que estou querendo escolher ainda, né... se Deus está me chamando pra ser pastor, porque que eu estou desprezando isso ainda, né, essa visão que eu tinha na época.... então tem mais é que ir pro seminário mesmo, se Deus quiser da minha vida eu vou ser e pronto.... e depois aconteceu tudo o que me levou, o que me trouxe até aqui. (S 36)

Fiel à sua experiência existencial, na qual percebe toda a sua fragilidade e impotência diante do inusitado, do inesperado, do seu desamparo diante das supostas forças que regem sua vida, e diante do desejo claramente expresso das pessoas de sua congregação religiosa, opta por ir ao seminário, muito embora permanecessem abertas uma série de questões *vocacionais* que até o presente momento ainda lhe preocupavam. Assim,

(...) até hoje eu ainda estou definindo, como são essas coisas, não tá decidido, porque eu, quando cheguei aqui no seminário, eu não cheguei com uma convicção de que tava tudo certinho na minha vida, e que até o estudo virou de ponta-cabeça, pelas coisas que vão acontecendo (...) todos tinham aquele choque cultural e religioso que tem aqui no seminário ... falavam ... o seminário não é bem isso o que você está pensando, você não vai chegar lá orando e jejuando, você vai lá estudar ... esses conceitos que você tem na Igreja são diferentes, tem seminaristas que fumam e que bebem, tem seminaristas que fazem isso e aquilo e eu só conheço ... e veio um momento em que isso me tirou a consciência de que eu teria que vir pra cá (...) tem conceitos de Reino de Deus que são completamente diferentes aqui. (S 9)

As principais diferenças entre o contexto da Igreja de origem e o Seminário Teológico relacionam-se aos valores éticos e morais que, obviamente, no contexto da Igreja têm um peso maior no comportamento das pessoas, enquanto que estes aspectos

são menos valorizados, à medida em que o estudante de Teologia avança nas disciplinas teológicas e os reinterpreta em função de suas novas descobertas. A dificuldade maior parece situar-se na mudança e no conflito de paradigmas, ainda muito idealizados no contexto das Igrejas de origem, mas que o saber teológico relativiza, expondo sua fragilidade e ambivalência, diante dos quais o estudante de Teologia se sente impotente, conforme relata:

(...) o que o professor falava eu tomava quase por total verdade, assim, não que eu não questionava, mas para mim mesmo, né, hoje, com mais estrutura de estudo e tal eu tenho como argumentar, mas ano passado eu não argumentava ... então eu entrava no conflito entre o seminário e a Igreja, de certa forma eu acabei abandonando um pouco os preceitos da Igreja, isso porque você se afasta da Igreja, ali você num caldeirão, aqui é outro caldeirão... (S 12)

C parece estar numa encruzilhada entre o novo saber teológico e sua fé ainda muito ingênua e frágil, ambivalência que, entretanto, o mantém no seminário e o faz prosseguir em busca de soluções para os seus novos enigmas. Pois, ao mesmo tempo em que o estudo no seminário lhe traz dificuldades de toda ordem, parece ser o caminho ainda mais viável para sua busca existencial, conforme relata:

(...) o seminário me trouxe muitas coisas boas (...) primeiro no sentido da abertura da mente, porque, graças a Deus que eu estou hoje aqui e não vou ter que viver aquela vida cristã que eu vivia antigamente, porque eu não sei até quando eu viveria aquela vida, talvez vivesse muitos anos, mas, com certeza eu não viveria feliz e taria fazendo muitas pessoas infelizes ao meu redor (...) hoje eu sou uma pessoa muito mais livre de mentalidade (...) no sentido acadêmico ... voltou essa vontade de estudar, aquela vontade de ter o saber que eu tinha e que, por diversos fatores pessoais, não pôde prosseguir (...) e eu tenho uma grande vontade de continuar estudando, de aprender sempre mais (...) então não abro mão do seminário de modo algum. (S 13)

Essa ambigüidade do conhecimento produzida pelas novas descobertas remete C a uma percepção mais humanitária das suas metas originais, deixando condicionadas suas preocupações teológicas às inspirações acadêmicas ainda por vir no transcurso do seminário. E, apesar da sua disposição em terminar o curso de Teologia, já pensa em desenvolver outra atividade complementar que contemple seus anseios profissionais seculares, mesmo porque não compartilha da imagem idealizada do pastor como agente especial de Deus que parece predominar no seio da *congregação religiosa*.

A elaboração da noção de um *ideal do eu* – uma imagem idealizada - relativa ao desenvolvimento de uma libido objetal em que, conforme Freud (1914), o narcisismo primário é deslocado em direção de um ideal do eu imposto de fora, ao qual então são atribuídas as funções de auto-observação, consciência moral, censura dos sonhos, dentre outras, fundamenta e proporciona a base de projeção também para as idealizações religiosas. Neste patamar, em que a supervalorização progressiva do ideal religioso, mediado pela noção de pecado e pelas sanções punitivas, em detrimento de uma desvalorização progressiva do eu, remete o indivíduo a um estado de infantilização, no qual o controle externo determina suas relações com a vida e a sociedade. Não é mais ele que decide sobre sua vida, mas a referência desse ideal, seja na forma de Deus, Igreja, pastor, membros de destaque social e comunitário ou qualquer outra referência que corresponda a esse ideal.

C percebe isso com muita clareza, talvez porque provenha de um contexto social não religioso em sua origem, e, apesar de ter atuado temporariamente nesse contexto idealizado, não o almeja mais como pastor ou outra profissão correlata, conforme comenta:

(...) têm muita gente que procura ser pastor por ser respeitado socialmente, essas coisas, eu não sei se é por não ser criado nesse meio, mas eu não vejo dessa forma, eu acho que hoje o pastor é mais tratado pejorativamente do que bem visto, a não ser na comunidade dele, ele é respeitado, entre aspas, porque têm muita gente que fala mal do pastor, mas tem sim uma certa colocação. (S 23)

(...) por um lado eles falam assim: o homem de Deus, tudo é o pastor, né, mas por outro lado cuidam demais da vida do pastor e parece que sabem mais que o pastor, aquele que estudou 4 anos num seminário, que analisa a vida da Igreja, que se esforça pra estar todo domingo aí preparando uma palavra que vem de encontro ao coração da Igreja, que leva em conta as necessidades da Igreja, parece que as pessoas não levam isso em consideração.... fingem que sabem mais que o pastor, parece que estão aí para observar a vida do pastor e esquecem de ver a sua própria vida. (S 24)

Ainda que julgue importante as pessoas terem uma boa formação ético-moral, não faz dela, entretanto, um campo de batalha e nem mesmo uma condição para o exercício de sua fé religiosa. Evidentemente isto lhe traz alguns transtornos, especialmente com os jovens, pois

(...) sempre trabalhei com os jovens na Igreja, hoje eu estou com dificuldades de trabalhar, pois antes eu ficava ligado nessa questão moral, hoje já não vejo mais dessa forma, a juventude hoje, ela tem dificuldades de ficar muito tempo na Igreja, porque ela quer viver sua vida, ela quer viver da mesma forma que seus amigos vivem (...) eu gostaria tanto de trabalhar uma visão cristã sem pedir que ele abra mão das coisas de sua vida, eu sei que é difícil conciliar isso, porque no molde das Igrejas que temos hoje isso não dá para conciliar, você passa na questão do compromisso, mas ao mesmo tempo você vai em boate, você faz aquilo, você transa com sua namorada, você não tem compromisso com Deus, eu não consigo ver dessa forma (...) eu não tenho autoridade, nem tenho coragem de chegar e abrir essas questões pra Igreja, somente para os jovens com quem eu trabalho, pra aqueles que eu tenho mais intimidade e que têm uma cabeça boa para discutir esses problemas... (S 26)

A percepção da ambigüidade do comportamento humano, sem dúvida, foi um dos esteios principais na formulação teórica da psicanálise que modificou o pensamento ocidental, deslocou o homem do seu eixo narcísico - penso logo existo - indicando que há um *outro* que o comanda, o inconsciente, que possui leis próprias, do qual só podemos perceber seus efeitos, ao qual inclusive a razão (narcísica) está sujeita e que, de certa forma, é inacessível. Freud não descobriu o inconsciente, mas formulou uma teoria capaz de compreender o sofrimento humano e dar sentido a alguns fenômenos psíquicos até então remetidos ao campo da filosofia e da religião.

É da atuação desse inconsciente que também relata C:

Parece que eu estou vendo um turbilhão ... as idéias parece que não se encaixam ... é questão acadêmica mesmo, no começo você vai pegando um monte de elementos, a princípio parece um monte de fragmentos, e agora você controla algumas coisas que se encaixam, outras ainda não acharam um lugar para se encaixar, parece um quebra-cabeças, vai encaixando uma peça aqui, outra ali ... (S 27)

Sua expectativa em encontrar compreensão e entendimento para suas questões existenciais e vocacionais o mantém no seminário, até porque já suporta melhor sua angústia e tolera mais adequadamente suas frustrações, podendo inclusive correr alguns riscos, conforme relata:

(...) hoje eu não tenho mais medo de viver as experiências mesmo se algumas experiências sejam perigosas ... que sejam perigosas...ah, vamos arriscar..... desde o ano passado já tenho arriscado, já tenho feito algumas coisas que eu não imaginava que fosse fazer.....algumas experiências são muito boas...outras nem tanto.....graças a Deus, de uma certa forma eu fui cauteloso pra não me prejudicar.... então que vivam, ah, se você tem vontade de namorar, vá namorar, se você tem vontade de conhecer alguma coisa, vá

conhecer, não seja burro, de tomar isso pra sua vida e viver só nisso, mas, de uma forma cautelosa, vá fazer isso, que isso é importante também. (S 39)

(...) é se expor um pouco mais.... estudar bastante e conversar com o professor e perguntar o que você tem vontade de perguntar, não ter medo de perguntar, porque eu sou medroso, às vezes... não sei se é por causa da forma como a gente foi ensinado, no colégio você vê o professor quase como um deus e tem medo de perguntar algumas coisas então eu ainda sou um pouco medroso mas estou quebrando isso na minha vida..... mas se você como aluno não tiver medo, vai fundo, pergunte, incomode, pergunte aos alunos mais velhos também, independente se eles vão tirar sarro ou não, (...) é questão de vida pessoal mesmo, não abandonar as suas convicções, mas se você tem algumas coisas que não estão resolvidas em sua vida, vai de uma vez, se você não fizer isso no teu tempo de seminário, não vai ser no teu tempo de pastor que vai resolver isso. (S 40)

Sua maior exposição às diferentes teorias e situações de vida, apesar de lhe causar muita angústia por ter de tolerar a ambivalência natural do novo, do diferente, do estranho e até do seu oposto, lhe traz também uma amplitude maior de conhecimento e de reflexão, de cuja dinâmica se beneficia. Não se trata ainda de abandonar as antigas convicções, mas de depurá-las pelos novos conhecimentos adquiridos, de reformular conceitos e experimentar novas possibilidades de interpretação e entendimento.

Também no campo da sua subjetividade, especialmente na dinâmica religiosa que o mantém no seminário, ocorrem transformações peculiares à nova fase existencial e teológica que vivencia, na qual rearticula seus antigos paradigmas, pois,

(...) a fé que eu tinha em Jesus Cristo, a fé que eu tinha em Deus (...) a minha fé é a mesma que eu tinha, porque o que mudava era a minha relação com Deus, quando eu era criança eu tinha muito medo de ir pro inferno, tinha o pecado e tal (...) cheguei à adolescência e eu me afastei um pouco de Deus (...) porque eu queria viver umas coisas que não dava pra conciliar meu diálogo com Deus, então era melhor que eu me afastasse de uma vez, porque pelo menos eu dormia com a minha consciência tranqüila, entre aspas, porque no fundo sempre ficava aquele medo, ah, eu não estou sendo fiel a Deus, o que é que Deus vai pensar, mas na hora do apuro você sempre recorre a Deus (...) depois, com a conversão, parece que eu abandono, entre aspas, o pecado e procuro viver aquela vida rigorosa mesmo... (S 35)

Uma vida rigorosa de renúncias e controle ético-moral-religioso parece marcar o final de sua adolescência, pelos quais vai ao Seminário Teológico para se aperfeiçoar, ainda que dúvidas e incertezas já lhe acompanhassem nessa jornada. Pois,

A questão religiosa em mim batia muito na questão do pecado e inferno, que é uma coisa que eu tinha muito medo e que hoje eu já não tenho mais tanta preocupação com isso, não faz tanta diferença, talvez eu possa tar enganado por causa do teológico, (...) eu acho assim que, se você tiver condição de

viver o tipo de vida cristã de amor, de entendimento, justiça, de paz ... acho que esta questão do pecado não vai ser eliminada, mas vai cair muito, e essa questão do inferno também ... como que eu posso querer que a pessoa viva esses preceitos se ninguém é perfeito, então... (S 50)

A descoberta de C no estudo realizado no Seminário Teológico, que uma grande parte da sua Teologia pessoal estava baseada em temores infantis, sancionados pelos conceitos de pecado e inferno, e das suas defesas contra esses temores, através do estabelecimento de comportamentos e rituais obsessivo-religiosos controlados pela ética e moral da Igreja local, deixam-lhe agora inseguro e desorientado. Já não sabe mais se os objetivos que o conduziram ao seminário ainda são consistentes com seus propósitos de vida, e, na rearticulação dos mesmos, configura uma nova perspectiva para sua vida, que lhe conduz para uma dimensão mais social-humanitária do que propriamente teológica.

Essas novas descobertas também reconfiguram sua dinâmica vocacional/profissional, percebendo agora sua conexão com o pai alcoólatra, especialmente na sua impotência diante do alcoolismo, conforme relata:

(...) meu pai, até ele falecer, eu sempre busquei uma solução para isso [o alcoolismo], infelizmente eu não tinha maturidade para poder lidar com a situação e cometi alguns erros, que hoje eu faria de outra forma (...) foi o melhor que eu fiz na época (...) mas sempre eu quis que meu pai parasse de beber e nunca desacreditava que isso pudesse acontecer... (S 47)

Parece que C quer remir sua impotência e sua culpa por não ter podido ajudar seu pai a sair do alcoolismo, e, se esta hipótese for consistente, poder-se-ia falar em reparação, que segundo o conceito kleiniano, é uma tentativa de repor ou reconstruir um objeto destruído em fantasia ou na realidade. Tendo em vista que C nunca aceitou o fato de seu pai ser um alcoólatra e o destruía e o rejeitava por esta razão, é possível supor que sua predisposição humanitária em ajudar os outros seja uma forma de recuperar este pai ausente na forma do grande Pai na religião – um correlato psicológico com o assassinato do pai da horda primeva – e posteriormente na forma simbólica de recriar o *status* desse pai que gera a vida, apesar de tomá-la na mesma proporção, na forma de uma ajuda humanitária “*de querer que as pessoas tenham vida em abundância, paz, amor, que possa haver justiça, entendimento entre as pessoas*” (S 50).

Isto esclarece também o fato de C permanecer com seus objetivos humanitários após sua decepção com o modelo teológico do comportamento baseado tão somente em normas e preceitos ético-morais, relativizados pelo estudo de Teologia através dos paradigmas desafiadores desse novo mundo acadêmico teológico do qual faz parte. Sua perspectiva atual de vida caminha nesta direção:

O que eu penso hoje então é continuar fazendo a mesma coisa que estou fazendo, procurar a informação e procurar trabalhar também, conhecer novas coisas (...) a princípio eu não consegui me ver fora do ministério pastoral, mas hoje eu já não descarto isso, não tenho problemas em amanhã ou depois (...) partir só para a área acadêmica e não ficar mais na Igreja... (S 45)

(...) de sempre querer ajudar, de contribuir... mas ao mesmo tempo (...) eu quero ter uma satisfação pessoal também, aquele desejo de ter um reconhecimento, de ter uma posição financeira razoável, conforto, se dá pra gente formar uma família assim, sem grandes problemas, mas isso tudo eu quero pra mim e pra outras pessoas, e eu vejo uma relação disso com a minha criação, minha família, com alcoolismo ... (S 47)

Em suma, apesar de C redirecionar seus objetivos profissionais para se envolver em questões sociais e humanitárias, apontando inclusive a possibilidade de não assumir o trabalho religioso numa Igreja convencional, ele ainda responde à mesma necessidade reparatória, na qual encontra amparo para sua angústia, pois *“Deus me ajudou a ter mais tranquilidade nessas questões, a ter mais amor, a saber lidar com essas dificuldades...”(S 51)*, e prossegue confiante no curso de Teologia, de que em algum momento, todas essas questões possam ser melhor definidas e mais adequadamente processadas no transcorrer do curso em andamento.

da secretaria social e fazia novos documentos e tal ... isso em contato com o diretor, eu preparava e ele assinava ... eu fazia esse trabalho, ensinava como fazer e ele dava legalidade ... e a gente conseguia ... a pessoa que ficava uma vez no albergue e tal ... conseguíamos algum resultado, né, isso me motivou a enxergar ... isso causou uma mudança em mim, quando eu percebi que seria pouco se eu fizesse apenas ... trabalhar para meu ganha-pão, e ficar com a minha família ou só com o povo a Igreja, eu achava assim que ... sei lá ... eu poderia ser mais do que isso, já que eu tinha habilidade para fazer algumas coisas, poderia ser mais com relação a estar ajudando as pessoas. (S 2)

Apesar do seu envolvimento com os jovens da Igreja local, percebe que seus propósitos de vida vão muito além desse grupo local, pois, apesar de adquirir livros de Teologia porque gostava de ler, estudar e ensinar, não tinha ainda nenhuma pretensão de fazer um curso de Teologia propriamente dito. Somente por ocasião do último ano de Direito começou a ficar inseguro em relação à carreira jurídica:

(...) eu comecei a me achar meio vazio em conhecimentos gerais, em conhecimentos sociais ... e faltava ali também o conhecimento teológico, eu tinha assim muito pouco conhecimento de mim e somente da sociedade em geral, conhecimento bíblico ou teológico, na época eu não pensava em conhecimento teológico, pensava tudo meio junto, né, nada sistematizado acerca dessa situação também. Achava que eu seria meio frustrado se eu não tivesse um conhecimento nesse sentido, porque pra mim, a idéia de ajudar passava pela idéia de ter conhecimento, de ter um preparo, de ter uma qualificação para ajudar, seja no projeto carinho, que era uma vez por semana, seja em outros trabalhos que nós viríamos a realizar... (S 2)

Em função dessa nova dinâmica e avidez por novos conhecimentos, chegou a organizar um grupo de estudos bíblicos no Fórum local, onde realizava um estágio curricular, em que se acentuou ainda mais a idéia de não trabalhar somente na área de Direito: *“comecei assim a achar ... ah, não, não é isso que eu quero, então ser um burocrata do Direito ... isso eu não quero ... hoje eu penso que eu estava buscando algo pra mim também, pra resolver, pra saciar também meu desejo de conhecimento.”*(S 2)

O desejo de conhecimento parece ser o pivô da dinâmica que o atravessa em sua singularidade como uma possível saída da crise existencial que o angustia.

Também Freud (1927/1974, p. 69-71) tinha sido seduzido inicialmente pelo resplendor do conhecimento que a ciência proporcionava desde o final do século XIX, que o levou a defendê-la rigorosamente no final de sua obra *O Futuro de uma Ilusão*, *“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar,”* muito embora reconheça que

nem mesmo ela está livre das tendenciosidades paradigmáticas e das distorções ideológicas de cada época, diante das quais ela é vulnerável.

Quando D então informa aos seus familiares que pretende buscar maior conhecimento e experiência no curso de Teologia, inicia ali uma crise familiar de proporções não imaginadas,

(...) porque meu pai já tinha bolado outros planos pra mim, né, eu também pensava nesses outros planos para o início de 98, seria assim de me formar e em janeiro já estar em São Paulo com uns amigos e fazer um cursinho preparatório para concurso ... então esse foi um ano assim que foi uma crise dentro de casa, os relacionamentos com meu pai ficaram assim muito distanciados por causa do stress, né, dessa minha idéia de fazer um curso e não ir direto para um curso lá, só que para mim tava muito claro, que eu não iria para qualquer lugar se eu não tivesse, se eu não estivesse em paz com a minha família, porque nós sempre fomos muito ligados e assim uma amizade muito grande e eu sempre usei isso como meu porto seguro, meu referencial e tudo o mais. Então eu continuei, minha mãe falou, olha ... se é isso que você quer, sonda bem, vê certinho, vai atrás ... (S 2)

A interferência da família no processo de escolha vocacional dos filhos é amplamente conhecida e comentada por Dias (1995, p. 75), em que

(...) as ansiedades predominantes vividas pelo orientando são parte de um processo em família, toda escolha profissional alicerçada em cima de conflitos ocasionará problemas de percurso, mobilizando ansiedade em todo o grupo familiar. Os pais também ficarão ansiosos e reviverão, através do filho, seus próprios dilemas vividos no mesmo momento evolutivo. Dependendo do modo como resolveram ou não essas questões em suas vidas, terão um repertório mais ou menos fortalecido para, na situação atual, oferecerem continência às ansiedades vividas pelo filho.(S 2)

Em função do alto grau de identificação de D com sua família, *“eu não iria para qualquer lugar (...) se eu não estivesse em paz com a minha família, porque nós sempre fomos muito ligados e assim uma amizade muito grande e eu sempre usei isso como meu porto seguro, meu referencial e tudo o mais”*(S 2), ele tinha incorporado o desejo desta de tornar-se um profissional da área de Direito, já estando no último ano de formação, preparando-se para ir a São Paulo e fazer um curso preparatório para concurso público nesta área. Tudo parecia funcionar de acordo com o planejado, em comum acordo com sua família que o apoiava e o sustentava.

Como filho obediente, D não tinha conseguido ainda se separar da dinâmica projetiva familiar e suas dúvidas e incertezas a respeito transformam-se agora em sintoma do grupo, expressando as ansiedades e os conflitos nela compartilhados. Sua perspectiva por uma nova escolha profissional implicava em abandonar seu antigo rumo, e com isto, também a rede de afetos que aí estavam implicados. Por isso, sua resistência em fazer uma escolha singularizada que não coincidissem com o desejo de sua família.

Dias argumenta que a orientação vocacional/profissional pode tornar-se um terreno fértil para depósito das mais diferentes inquietudes familiares, em que pais receiam que esta venha tirar dos filhos os objetivos iniciais propostos pela família, ou esperam que ela possa resolver todos os problemas da dinâmica familiar. Muitos pais gostariam de refazer sua própria vida através das escolhas do filho, em que uma escolha profissional então pode configurar-se como sintoma familiar, expresso nas dúvidas e incertezas de um filho inseguro diante da sua escolha profissional.

Conforme o autor (1995, p. 91) *“a escolha profissional se monta, muitas vezes, como um artifício imaginário para a “solução” de conflitos que, em sua origem, nada têm a ver com a profissão, e que jamais serão solucionados realmente por uma escolha de carreira.”* Quando então emergem as motivações inconscientes de uma escolha profissional como sintoma de toda a família, pode-se desligar desta o conflito que a direciona, flexibilizando-a a atender as motivações e necessidades reais que compõem a dinâmica vocacional/profissional, e o conflito pode então ser encaminhado para uma solução mais saudável e efetiva.

No caso D, ele nem mesmo tinha se decidido ainda pelo curso de Teologia quando se instalou o conflito familiar em função dessa possível escolha, o que acentua a hipótese de que a ansiedade familiar tinha sido sensibilizada e que sua insegurança é apenas seu sintoma.

Na verdade, D procura definições nas mais diferentes especulações a respeito da vida no seminário e posterior ministério pastoral. Consulta um primo que é pastor e sonda sua vida profissional e familiar, *“então eu procurei sondar todas as possibilidades, os caminhos, o que poderia acontecer comigo (...) muita especulação, muita investigação, leitura sobre isso...”*(S 2), e até se impressiona com o sonho de uma prima que provém de uma linha teológica até equilibrada [não fundamentalista] que, sem saber das novas intenções de D, o surpreende um dia:

(...) D, eu sonhei com você esses dias e via você fazendo algum exame pra entrar numa outra faculdade ... Teologia ... e isso aí me marcou, eu falei: puxa vida, será que tem nexa com o que to vivendo, né, ela, embora não seja de uma linha assim pentecostal, mais eufórica com a história das missões, era uma menina centrada e tudo ... porque tem aí uma questão que fala das interferências e tudo, né ... isso também me deixou um pouco assim ... eufórico ... puxa, será que eu também estou recebendo algumas pistas de outras pessoas ... seria alguma resposta de oração pra mim ... alguma coisa assim, né, igualmente a isso ... eu me lembro que ... isso foi uma prima, né, ela já nem estava mais freqüentando a mesma Igreja que eu e ... ela não sabia de nada em relação a isso e ... foi bem quando a gente começou a tratar disso dentro de casa e eu não tinha ainda espalhado a notícia...(S 2)

Essa informação, entretanto, deixa-o preocupado porque sempre que alguém brincava com a idéia de ele fazer Teologia, *“eu já refutava isso desde os meus colegas da mocidade, eu respondia: não, todos nós éramos universitários, um fazia Medicina, outro fazia Computação, eu Direito, e a gente tinha uma vida normal e meu pai também não aceitava a idéia do seminário”*(S 2). Essa possibilidade entretanto o desafiava, a ponto de:

(...) eu passei pelo seminário no início de 97 e eu tirei uma foto da placa do seminário e fazia o maior deboche (rindo) ...deboche assim ... será que aqui vale à pena ... aí eu passei aqui por um projeto que a gente fez pro seminário na época das férias, mas eu ... imagine ... eu nunca vou estudar Teologia, vou continuar no Direito e só Direito e vou ajudar assim como to ajudando, fazendo alguma coisa e tal ... mas aí, essas pessoas assim, de uma certa maneira, tiveram uma influência, eu não sei qual foi o grau, mas eu lembro delas, né, desse processo ... os pastores assim, até o meio do ano, foram muito tranquilos ... primeiro você tem que saber se você quer, porque eu não dizia pra eles que eu queria, que eu estava certo disso ... aí quando foi assim o segundo semestre, aí eles perguntaram: Olha D, quanto antes você tomar uma decisão, porque a reunião do presbitério é em dezembro ... então procura ver esta questão pra novembro, pra gente poder definir na Igreja, porque se você decidir fazer uma faculdade integral, então conversa com a gente até o final de novembro, porque é no início de dezembro a reunião, entra em contato com o pastor ... porque ele é da área de missões e tudo o mais. E eu conversei com o pastor ... também, no sentido que, olha, ta acontecendo isso com a minha vida e, como ele era o pastor titular, eu também conversei com ele ... e ele já me motivou, ele queria me motivar, oh... que legal, conheci seu pai na infância, e depois ele foi por um caminho e eu fui por outro, quem sabe agora teria a possibilidade de eu ser colega seu e tal ... então foi um outro caminho, talvez uma interferência... (S 2)

Enfim, D se debate com a idéia de ir para o seminário, mas sempre que inquirido pelas suas qualificações pastorais, mostra-se muito inseguro:

(...) não, meu chamado não é pastoral, eu não tenho vontade de trabalhar especificamente com Igreja e não é por conta disso que eu vou pro seminário, se eu for fazer uma faculdade de Teologia, eu sabia que aqui era a melhor que a Igreja poderia me oferecer, né, e também a mais próxima em relação ao custo-benefício, mais interessante né, aí ... então ele disse: conversa com o pastor ... porque ele é o pastor que está mais relacionado à missões, em partes mais diversas, em ministérios mais diversos e não com a pastoral na Igreja. Aí passou um tempo, eu senti aquela vontade de fazer um curso de Teologia, só que, certo de que o meu chamado não era pastoral, aí eu fui conversar com o pastor ... e ele falou que: você pode fazer um curso por correspondência ... você pode fazer um curso modular ... ou você pode fazer um curso de período integral ... por ser estudante, você deve saber que, o melhor ensino você vai obter num curso integral, e se você quiser esse, eu acho que ... o que melhor pode te dar isso, e o mais próximo seria o de Londrina. Então pensa ... vê o que você quer e depois, quando você pensar, procura a gente de novo e você conversa conosco. Isso foi lá pra março/abril ... aí em julho eu procurei de novo ele e disse: olha, eu ainda sinto a vontade de fazer o curso, eu ainda não sei ao certo como que eu vou fazer ... (S 2)

A interferência intensa e aberta da família, de ele não fazer o curso de Teologia, mas continuar na área de Direito, por um lado, e as mobilizações de líderes da Igreja local de eventualmente subsidiarem as suas despesas [um procedimento regular] caso se decidisse em fazer Teologia, por outro lado, animam e intensificam sua ansiedade por responder a desejos alheios, até certo ponto contraditórios. A ambigüidade natural de posições opostas, embora afetivamente interessante e sedutora, acompanha sua trajetória até o Seminário Teológico, e se mantém intacta no transcorrer do curso propriamente dito.

As mobilizações teológicas do curso não o afetam demasiadamente, até porque seu vínculo com o mesmo é estritamente acadêmico, pois seu interesse por outras áreas de conhecimento continua muito presente e,

(...) em relação à Teologia eu não tinha muita especulação, (...) porque eu não tenho uma formação assim muito sistematizada da Teologia (...) quando eu digo que eu tinha vontade de conhecer o teológico, eu acho que foi bem de encontro ao que eu recebi no seminário, não foi só conhecimento teológico, mas também conhecimentos sociais, sociológicos, antropológicos, filosóficos e eu acho que foi mais nesse sentido, eu queria fazer uma leitura da realidade, assim uma leitura social melhor e também fazer uma leitura minha melhor, de poder me ajudar mais na maturidade, de resolver quanto a uma firmeza de fé. (S 3)

Na verdade, os aspectos existenciais da sua vida e dos outros, de uma forma geral, eram muito mais importantes, em função de uma melhor qualidade de vida, do que os questionamentos teológicos e confessionais do curso:

A questão básica era ter um aparato, primeiramente me entender, entender o ser humano de um modo geral, (...) o quanto a gente precisa ... o quanto nós somos uma caixinha de surpresa, mas eu não tinha uma noção disso, porque, na verdade, na minha família e nos meus amigos não tinha gente assim, que especulava sobre isso, eram mais na outras áreas, eram universitários, mas em outras áreas, havia pouca especulação nesse sentido, mais com relação à vida mesmo, as perguntas que eu tinha ficavam num plano assim ... puxa, há uma qualidade de vida melhor pras pessoas, será que existem meios da gente melhorar a nossa qualidade, será que existem ferramentas pra melhorar a qualidade de vida e também a minha qualidade de vida, porque eu também sempre me via, hoje, com o conhecimento da filosofia eu me vejo como um cidadão da polis, e ... talvez a ética cristã que me fez enxergar isso, que eu era alguém dentro de uma comunidade, dentro de uma sociedade e que eu poderia ter relacionamentos mais solidários, ao contrário do que eu estava acostumado a ter ... (S 4)

E apesar de desenvolver interesses próprios no transcorrer do curso, não necessariamente coerentes com as expectativas da Igreja de origem, parece que seu maior ganho foi no campo social e nas possibilidades de desenvolver e engajar suas habilidades profissionais em favor da sociedade mais solidária.

(...) quando eu vim para cá eu tinha uma visão um pouco triunfalista (...) hoje eu me sinto assim com um aparato mínimo, de saber pelo menos que estou sendo enganado, se estou sendo enganado, socialmente e filosoficamente falando, eu já sei que, eu posso até não conseguir abraçar o mundo como eu imaginava ... eu fico contente por hoje eu estar reconhecendo os limites da atuação, mas hoje eu vejo assim, que eu consegui me situar como ser humano, ser capaz de estabelecer uma saudável hierarquia de prioridades e conseguir me preparar, mesmo ainda não ter concluído o 4. ano ... a faculdade em tempo integral, as ferramentas, em termos de sociologia, psicologia ... eu sei que são todas conhecimentos insipientes, tivemos só introduções panorâmicas dos principais enfoques de cada uma delas, mas agora já dá pra mim, no meu relacionamento com relação à terceira pessoa, dar alguns encaminhamentos, né, então respondeu muito a isso. (S 5)

Sua principal experiência com a Teologia, na prática de uma Igreja, provém de um estágio que fez numa Igreja da IPI de uma cidade próxima ao seminário, em que percebe com mais clareza ainda as limitações de um trabalho pastoral dessa natureza:

(...) foi quando eu comecei a ver, de uma maneira mais detalhada, com mais propriedade, o que é o ministério pastoral, porque ali havia um só pastor, então eu acompanhava ele, então eu pude ver e desempenhar todas as tarefas que um pastor deve fazer. Eu comecei a trabalhar com a mocidade, e a Igreja ali não tinha uma abertura para a sociedade de um modo geral, embora o pastor tinha, mas ele tinha acabado de chegar na Igreja ... então nosso trabalho era muito interno ... e a minha idéia de me envolver com a sociedade ... eu passava a me envolver com a maior parte do tempo em trabalhos dentro da Igreja, e eu comecei a me sentir frustrado com relação a isso, frustrado ... eu não fazia algumas tarefas que eu achava assim que o pastor tinha que se envolver, que eram visitas e algumas coisas do gênero, então no segundo semestre, no segundo ano eu comecei a ver ... po, mas espera aí, será que é pra isso que eu vim fazer Teologia, eu comecei a rememorar as razões pelas quais eu estava aqui (...) e aí eu vi que estava trabalhando em algo que estava me gerando frustração ... eu fiquei assim bem mal, cheguei a ter depressão, aquela sensação de frustração ... de que a vida não é isso que eu quero, meus planos não tão nesse sentido, mas ... então entrei de férias ... ah, quando ia chegando a 5. feira, eu ia ficando assim já irritado, que eu ia pra Igreja e ficaria ali confinado, trabalhando com o pessoal da Igreja, porque eu julgo necessário esse trabalho pastoral, mas não é algo em que eu tenho prazer ... eu julgo necessário tudo, orar, consolar os membros da Igreja, eu sempre fui a favor, sempre defendi isso, só que eu via que não era uma aptidão minha que eu fazia com prazer. (S 5)

A experiência prática num campo de trabalho parece acentuar ainda mais as diferenças entre os objetivos filantrópicos de D e as necessidades e limitações de um campo de trabalho do ministério pastoral. Após refletir mais profundamente sobre seus propósitos de vida, em conjunto com o colega pastor e também com seus familiares, decide não voltar ao estágio, *“e eu comecei a me sentir muito bem sem fazer estágio na Igreja (...) o desempenho aqui [no seminário] aumentou”* (S 5) e sentia-se feliz, porque *“eu estava gostando dos conteúdos (...) estava encontrando respostas para minha vontade de ter um aparato maior (...) e terminei o ano assim praticamente certo de que não seria pastor titular de uma Igreja”*.(S 5)

Além do mais, *“encontrei também uma oportunidade de fazer uma especialização na área da filosofia política e filosofia do Direito e ... é uma área de que eu gostava muito, (...) e comecei a me identificar ainda mais com a questão do ensino.”*(S 5)

De certa forma, D volta então às suas origens, o curso de Direito e tenta redefinir seus objetivos, o que desencadeia uma nova crise:

(...) e eu entrei em crise no sentido de perguntar: puxa, me formei no Direito, mas não tinha muita vontade de atuar no Direito, e agora eu estou tendo uma bagagem tremenda no teológico, mas não quero manter vínculos muito estreitos com o eclesialístico, porque me decepcionei bastante também com isto ... aí eu comecei uma busca, po, o que que eu vou ser ... eu não vou fazer

uma terceira faculdade, eu já estou numa terceira faculdade, mas está relacionado, aí eu comecei a investigar e, algum tempo atrás, eu acho que, de tanto ficar ligado nisso, eu tive uma estafa, né, estou me referindo às crises que eu comecei a ter há algum tempo atrás ... e eu realmente parei, mais uma vez eu coloquei a vida acima dos conhecimentos ... (S 7)

Este foi, na verdade, um momento muito crítico para D – sob *stress* intenso, entra numa estafa e necessita ser medicado e temporariamente afastado do estudo - pois, ao refazer sua trajetória, percebe que falta algo mais do que mero interesse ou prazer em continuar sua vida acadêmica. É um verdadeiro impasse, um retorno à encruzilhada que o desviara para a Teologia,

(...) porque eu fiz o Direito gostando da faculdade de Direito, talvez eu tenha me decepcionado com algumas formas de atuação de alguns profissionais, de como o Direito é tratado no Brasil, de um modo geral, muito superficial com relação ao ser humano, viraram muito burocratas, despachantes ... mas eu percebi então que eu poderia, e isso eu estou hoje bem tranquilo, de me dar uma segunda chance em relação ao Direito ... (S 7)

Esta segunda chance parece estar relacionada a um novo olhar profissional, seja no Direito ou na Teologia, um olhar menos idealizado – tendo em vista também seu sofrimento com o trabalho pastoral idealizado – mais concreto e mais humano,

(...) por causa da especialização [em Filosofia do Direito] consigo ver o Direito mais do que uma simples burocracia, então eu fico tranquilo, com relação a experimentar carreira profissional na área de Direito ... e algo assim que eu me identifico assim também é o ensino, eu tenho vontade de, no ano que vem, de pegar alguma aula ... na área de Teologia ou de filosofia do Direito, quero experimentar uma sala de aula em si, e aí, no caso, eu gostaria de estar contribuindo com a filosofia do Direito, principalmente no interior do estado, que necessita de profissionais dessa área. E também, por uma questão de humanizar realmente, no interior ainda está muito distante, né, ...então eu teria meu ganha-pão, fazendo algo que eu gosto, que é ensinar de modo geral, me sinto assim com aptidão para isso e poderia também sendo um cidadão da polis, de estar contribuindo com a cidade, porque se a gente forma bons profissionais que levem em consideração não somente a parte econômica, mas de estar gerando também uma qualidade de vida, então, a princípio seria isso, eu ainda não estou decidido o que eu vou ser profissionalmente, mas eu estou decidido ao ano que vem experimentar essa possibilidade...(S 8)

Por conta desse novo olhar, descobre uma outra dimensão do conhecimento que tanto preza, da necessidade de integrar a intelectualidade com a afetividade, com os demais valores de referência que percebia de uma forma muito estereotipada.

(...) eu penso que a gente não pode desvincular o conhecimento teológico ou filosófico, psicológico ... dos relacionamentos. Diante dos conhecimentos nos fechamos num gueto ou ficamos só naquela área de atuação, eu acho que, no que eu tenho procurado mostrar para as pessoas é enxergar essa interdisciplinaridade, esse inter-relacionamento... (S 9)

(...) o que me salvou em todos os momentos assim, foi eu realmente estar parando, pausando as coisas e vendo o que eu havia me proposto, se estava indo de encontro, se estava dando frustração, se estava gerando satisfação, então o auto-conhecimento pra mim foi fundamental, eu vivi isso de maneira muito intensa, desde o primeiro ano eu sempre me interessei pela psicologia e pelas outras áreas que davam pinceladas nesse sentido (...) eu procurei sugar o máximo das aulas, de ler inclusive fora da sala de aula, procurei absorver o máximo, mesmo não sendo um curso de psicologia, porque eu sentia que eu precisava me situar com relação à minha proposta de vida, que família eu quero constituir, como eu quero atuar na sociedade, na Igreja, e a questão da satisfação, de estar satisfeito enquanto pessoa, estar satisfeito com a família, numa futura profissão... (S 10)

Seu grande ganho no curso de Teologia não parece ter sido o acúmulo de conhecimentos técnicos ou dogmáticos, mas redescobrir-se como pessoa, como indivíduo desejante, singular, de poder refazer seus relacionamentos e investir num campo profissional no qual tenha o retorno desejado e possa realizar seus propósitos de vida. Até que ponto o retorno à área de Direito, nesta nova fase de sua vida, faz jus às suas expectativas não é possível estabelecer pelos limites metodológicos desta pesquisa, - isto necessitaria um acompanhamento mais próximo dessa trajetória - mas o que D conseguiu perceber na sua passagem pelo curso de Teologia foi que a estruturação clássica do ministério pastoral, assim como está proposto pela organização geral da IPI, não contempla, como já percebeu em sua origem, a dinâmica vocacional/profissional pela qual ele pretendeu executar seus objetivos de vida. Sua passagem pelo curso de Teologia lhe possibilitou este olhar a partir do qual reflete:

(...) às vezes eu ainda me pergunto ... se não foi um alto preço eu passar quatro anos aqui, né, só que, eu penso que, se eu estivesse nas mesmas condições em que eu estava quando eu terminei o curso de Direito, eu novamente teria vindo para cá, eu acho que foi um alto preço ... tá sendo um alto preço ... terminar uma faculdade, começar uma outra, já o oitavo ano, isso tá sendo exaustivo, mas ... foi o caminho que eu tinha que percorrer, eu acho que eu cresci muito enquanto pessoa e de um modo integral, não foi só conhecimento que eu adquiri, acho que isso foi o mais importante, porque, agora, tá certo que sem esse conhecimento eu não teria tido crescimento, agora eu me vejo, me situo, eu sei também colocar alguns limites com relação à minha atuação, eu sei pausar melhor os relacionamentos e as atividades, então foi assim muito bom, embora isso esteja sendo cansativo agora ao término, mas eu acho realmente que eu vim pra cá para sanar as minhas buscas, meus anseios, e foi um tempo assim bom que eu passei. (S 11)

A passagem de D pelo Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho – Londrina – PR demonstra o quanto uma pessoa pode ser capturada em sua dinâmica vocacional/profissional pelo desejo, expresso ou não, de pessoas ou circunstâncias presentes em seu contexto de vida, ao mesmo tempo em que indica a importância destes elementos na constituição da dinâmica vocacional/profissional propriamente dita. No caso D, isso ficou evidente no desejo dos pais, para que seguisse a carreira jurídica já exercida pelo pai, e posteriormente pelo desejo das pessoas na Igreja (IPI), para que seguisse a carreira religiosa e se formasse pastor.

Bohoslavsky (1983, p. 7-18) discute essa dinâmica na sua segunda teoria sobre a problemática vocacional através do conceito de sobredeterminação, em que uma escolha profissional é multi e sobredeterminada pelo contexto social no qual determinada pessoa está inserida, regida pelas demandas da família, da estrutura educacional e religiosa e dos meios de comunicação de massa.

Nesse conceito, uma escolha profissional é determinada pelo conjunto de fatores que atuam sobre o sujeito desejante, em que as exigências interiorizadas do sistema ideológico, que controla as profissões, nem sempre estão articuladas com os desejos e as expectativas pessoais, produzindo diferentes graus de adaptação profissional. Os fatores pessoais que intervêm nesse processo estão geralmente relacionados ao *status* social que pode ser atingido por uma determinada profissão, especialmente o exercício do poder de toda ordem a ela relacionado, além de características da organização psíquica do sujeito, atreladas a identificações anteriores com personagens do seu meio social e afetivo, seu ideal do eu, isto é, o grau de idealização social que algumas profissões gozam no exercício do trabalho nela realizado.

Partindo desse conceito de múltipla determinação, de escolhas afetivas pulsionais da ordem do desejo e das ofertas da demanda profissional atrelada ao mercado de trabalho, uma escolha vocacional/profissional pode estar vinculada à qualidade da interação entre esses meios, em que a conciliação dessas diferentes ordens de determinações possa ser vivida internamente como conflito psíquico, pelo qual o trabalho pode vir a ser uma fonte de prazer ou de sofrimento.

No caso D, os benefícios materiais e sociais e o exercício de um alto grau de poder sobre os demais, seduziram pai e filho (D) para uma escolha profissional da área jurídica, na qual este último foi capturado por uma perspectiva profissional mais

humanitária, buscando melhor qualidade de vida, que supostamente estaria presente no exercício de um ministério pastoral dentro de uma Igreja constituída (IPI). A frustração por não encontrar tal circunstância, pelo menos em sua forma ideal, no contexto do trabalho religioso, parece remeter D de volta às origens ao âmbito de sua família, com a perspectiva, entretanto, de que *“agora eu me vejo, me situo, eu sei também colocar alguns limites com relação à minha atuação, eu sei pausar melhor os relacionamentos e as atividades...”*(S 11), de que qualquer trabalho profissional é pautado por circunstâncias de prazer e de sofrimento, e que ambos constituem os limites dentro dos quais uma vocação, na forma de uma profissão, é fonte de realização ou de frustração profissional.

CAPÍTULO VI

6.1 Análise comparativa das entrevistas

Este capítulo analisará comparativamente as circunstâncias e os temas que mobilizaram os sujeitos desta pesquisa, considerando as diferentes categorias em que estes se inserem, respectivamente: Entrevista 01 – sujeito A do 2º ano de Teologia, sem queixas de natureza vocacional; Entrevista 02 – sujeito B do 4º ano de Teologia, sem queixas de natureza vocacional; Entrevista 03 – sujeito C do 2º ano de Teologia, com queixas de natureza vocacional; Entrevista 04 – sujeito D do 4º ano de Teologia, com queixas de natureza vocacional.

Quanto às circunstâncias, analisar-se-á a dinâmica da mobilização vocacional singular dos sujeitos e também do contexto da família e da sociedade nas quais estão inseridos, observando-se os múltiplos determinismos que configuram a sua vocação/profissão religiosa, como um fenômeno socialmente determinado.

Quanto aos temas, analisar-se-á as demandas teóricas cognitivas e afetivas que perpassam a dinâmica vocacional/profissional religiosa, cuja referência tem por base o paradigma psicanalítico de uma forma mais ampla, e da psicopatologia fundamental de uma forma mais específica.

6.1.1 A mobilização vocacional/profissional inicial.

De um modo geral, todos os quatro sujeitos dessa pesquisa informam que passaram por um processo de aproximação em relação a suas Igrejas, isto é, na medida em que lideravam trabalhos específicos nas mesmas, conquistaram a confiança e a admiração dos membros da congregação, pelos quais foram encorajados a se candidatar ao ministério pastoral e ao estudo de Teologia, condição prévia para exercer essa profissão no contexto da IPI.

De forma mais específica, o sujeito A (SQNVP) e o sujeito C (CQNVP), ambos do 2º ano, informam que sua dinâmica vocacional/profissional inicial esteve relacionada a um momento perceptivo singular, que os capturou numa espécie de êxtase psíquico: A sentiu-se *“tocado por Deus (...) eu senti que aquilo era para mim”* (S 3) quando assistia a uma palestra religiosa e para C *“a mensagem tocou meu coração”* (S 2) quando

assistia a um culto religioso, após aceitar o convite de um cartaz dentro de um ônibus para participar do Projeto Quérigma, no qual encontrou sentido para a sua vida.

O sujeito B (SQNVP), do 4º ano de Teologia, queria ser jogador de futebol mas, frustrado seu desejo por ser filho de pastor e, por isso, não poder assumir uma profissão tão secular, reage diante do impedimento – tornando-se a *ovelha negra* da família – contestando, protestando e finalmente abandonando-a. Por influência de um pastor de outra denominação religiosa, *“que me deu uma visão mais geral do mundo”*(S 2), acaba encontrando acolhida numa Igreja da IPI, pela qual é enviado ao seminário.

O sujeito D (CQNVP), do 4º ano de Teologia, participava dos eventos de sua Igreja local (IPI) e integrava um grupo de jovens (Mocidade) que o acolheu num momento em que passava por uma crise familiar e financeira, e percebeu o quanto pode contribuir no grupo pois *“não havia nenhuma liderança organizada no meio deles (...) eu via que faltava às vezes estrutura (...) e como eu fazia isso com uma certa naturalidade, eu resolvi colocar isso à disposição da mocidade (...) eu me senti bem ali, me senti acolhido (...) eles começaram e ver em mim uma liderança”*(S 2).

Na oportunidade, também se envolveu num projeto chamado “carinho”, que tentava recuperar documentos e prestava assistência jurídica a mendigos, pelo qual, na condição de estudante de Direito finalista e em parceria com a secretaria de assistência social do município, reintegra-os legalmente nos seus direitos, resgatando sua cidadania.

Essas experiências lhe inspiraram uma nova maneira de ser, além dos parâmetros da família e de sua profissão, pois *“eu comecei a me achar meio vazio em conhecimentos gerais (...) sociais... e faltava ali também o conhecimento teológico (...) achava que eu seria meio frustrado se não tivesse um conhecimento nesse sentido (...) de ter um preparo, uma qualificação”*(S 2), e esse desejo parece ser o pivô da dinâmica vocacional/profissional que o traz ao seminário, após uma crise existencial que o atravessa em sua singularidade.

Assim, os sujeitos B e D, ambos do 4º ano de Teologia, apesar das diferenças em sua dinâmica vocacional/profissional – B assume o pastorado e D não, seguindo uma carreira acadêmica jurídica – parecem perceber seu envolvimento com a carreira religiosa de uma forma mais ampla. Observam claramente como esta se desenvolveu no contexto histórico de origem, em que há uma nítida participação dos desejos da família, na medida em que familiares e conhecidos de B já lhe chamam de pastorzinho enquanto jovem e familiares e conhecidos de D não queriam que ele trocasse sua profissão

[Direito] por uma carreira religiosa, além de perceberem seu próprio processo, no qual desenvolvem suas novas aspirações a conhecimentos e experiências com a religião.

Se esta percepção já é fruto do amadurecimento teológico durante os quatro anos do curso de Teologia é uma questão difícil de estabelecer em função das informações limitadas ao campo da entrevista pessoal, mas certamente é um dado significativo para a hipótese de que uma carreira religiosa como vocação sofre os mesmos determinismos sociais e singulares que as “vocações” para outras naturezas profissionais.

6.1.2. O desenvolvimento da perspectiva vocacional/profissional no contexto da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

O sujeito A já participava das atividades de sua Igreja juntamente com sua família, e conhecendo alguns detalhes sobre formação de lideranças, resolve “testar” seu “chamado” ingressando no curso de Letras, no qual se forma quatro anos depois. Entretanto, já no transcorrer do mesmo, como orador da turma, admirou-se dos comentários que colegas faziam a seu respeito por ocasião de celebrações religiosas de final de ano: *“às pessoas falavam (...) essa reunião hoje tinha a presença de Deus (...) que era aquilo que eu tinha de fazer (...) que estava dada a coisa”*(S 5), muito embora pessoalmente ainda não estivesse totalmente convicto para seguir essa carreira, reflexão que leva em torno de 3 anos até a sua decisão final.

Seu envolvimento em programas da sua Igreja mostrava o quanto a participação e o estímulo de outras pessoas são importantes nesse processo, *“sempre na Igreja eu tive uma participação, às vezes o pastor me colocava na liderança dos jovens ou na escola dominical (...) e eu sempre gostei disso, de ta à frente, de ta falando”*(S 5), e mesmo como orador da turma do curso de Letras em cerimoniais religiosos, os colegas pareciam confirmar suas qualificações: *“às pessoas falavam... nossa...essa reunião hoje tinha a presença de Deus ... as pessoas falavam que era aquilo que eu tinha de fazer... que realmente estava dada a coisa”*(S 5). Se tinha dúvidas quanto às qualificações à carreira religiosa, ao que parece, estas foram dirimidas ao longo destes 3 anos de reflexão e o feedback dos seus ouvintes certamente foi um fator decisivo em sua articulação final.

Para o sujeito B, filho de pastor, originário de uma família que viveu concretamente o sofrimento da idealização sumária a que determinadas profissões estão sujeitas (como aquelas dos campos da Religião, do Direito, da Medicina etc...), desde cedo sentiu o drama da idealização do pai *“a gente ouviu muito bem, que se é filho de pastor, tem que saber tudo de Bíblia (...) não pode fazer nada que os outros fazem, teria que depender muito do meu pai, do que ele me falou”*(S 3) e inibiu, de certa forma, as iniciativas pessoais a uma carreira singular.

“Todo mundo podia fazer mas eu, como filho de pastor, não poderia fazer (...) preocupando-se não tanto com o filho, muito mais com a função e o nome que ele tem”(S 3) parece aludir profundamente ao seu desejo de ser jogador de futebol, ao carisma que esta profissão representava para ele, e por longos anos essa perspectiva ainda lhe parecia promissora, se conseguisse superar o impedimento da família. Quando este desejo se mostrou intransponível, abandonou a mesma, mas então *“pela questão da idade eu já não tinha mais como começar (...) e então eu abandonei esta questão do futebol (...) tentei outras profissões, comecei a faculdade de Direito (...) passei por uma fase em que eu não estava indo pra Igreja (...) de certa forma, a Igreja eu abandonei”*(S 1). Ao abandonar sua Igreja de origem, de caráter mais fundamentalista, abandonou também o núcleo familiar religioso e, longe da família, em contato com uma Igreja protestante de Teologia mais liberal (IPI), retomou sua dinâmica vocacional/profissional religiosa que o leva ao Seminário Teológico em Londrina.

O sujeito C provém de uma família desajustada (pai alcoólatra), sem contato maior com qualquer Igreja, razão pela qual investiu de forma tão total naquela que o acolheu – *eu tava 95% do meu tempo dentro da Igreja* (S 8) – como se fosse uma verdadeira família e seu cuidado com os membros daquela congregação religiosa era igualmente tão intenso: *“eu acho até que me oprimi e oprimi as outras pessoas (...) eu ia lá no fundo da vida das pessoas, de forma que eu controlei muito a vida das pessoas”*(S 4)

Pela Igreja, como família substituta, ele abandonou seus objetivos pessoais para viver os *“princípios do Reino de Deus”*, embora percebesse logo que se tratava, na verdade, dos princípios da Igreja, pelos quais passou noites sem dormir, perdeu oportunidades na vida secular e reprimiu sua vida sexual.

Somente após três anos e meio de uma vida de constrições para si e para os outros, em que sua principal atividade consistiu em controlar a vida ético-moral-

religiosa dos participantes da congregação religiosa, sentindo já o desgaste que um controle dessa natureza demanda, se perguntou “*será que isso tá valendo à pena*” e descobre que “*pra minha vida eu não queria isso, porque é uma coisa carregada de preconceitos*”(S 6).

Indeciso e inseguro “*pra onde que eu vou ? Aonde vou chegar ?*”(S 8) continuou seu trabalho até que um dia precisou ser internado num hospital por causa de uma crise de apendicite [perfuração] e por circunstâncias internas do hospital, não conseguiu vaga num quarto comum para se recuperar, permanecendo por dois dias no CTI. Ali o contato com o sofrimento humano, especialmente com a fragilidade dos internados diante do sistema de saúde e da doença, o remeteu a questões existenciais de impotência e desamparo: “*então eu vi que, puxa, como eu sou pequeno perante Deus ... como a vida da gente é curta*”(S 36).

Diante de toda essa fragilidade e entendendo tudo isso pelo que passa como um sinal transcendental “*falei: o que estou querendo escolher ainda ... se Deus está me chamando pra ser pastor, por que eu estou desprezando isso ainda (...) então tem mais que ir pro seminário mesmo*”(S 36), momento então determinante para sua decisão de ingressar no Seminário Teológico de Londrina.

O sujeito D provém de uma família que sempre esteve envolvida em projetos sociais mais amplos, [o pai é advogado na cidade] “*sempre estavam envolvidos com a sociedade de um modo geral, rotarianos, estavam sempre também em outros trabalhos sociais, assistenciais, nos órgãos e tudo o mais, então eu fui criado, assim, em meio a muitos contatos*”(S 2), o que determinou, até certo ponto, seu interesse pelo amparo social que desenvolve no transcorrer de sua vida.

Como jovem universitário de Direito, além da liderança de um grupo de jovens da Igreja local, tinha ingressado num projeto social da cidade chamado “*carinho*”, que prestava assistência jurídica a mendigos, no qual estabeleceu contato com um grupo de um extrato social periférico da sociedade, que o levou a repensar sua atuação profissional.

Foi especialmente no último ano de Direito que começou a ficar inseguro em relação à carreira jurídica: “*comecei, assim, a achar, ah não, não é isso que eu quero, então ser um burocrata do Direito ... isso eu não quero ... hoje eu penso que estava buscando algo para mim também, pra resolver, pra saciar também meu desejo de conhecimento*”(S 2).

O desejo de conhecimento parece ser um elemento motivacional importante na configuração vocacional religiosa do sujeito D, que não a entende como uma condição já dada ou adquirida por meios supra-naturais, como, por exemplo, a transcendentalidade, mas como consequência da percepção dos limites que o curso de Direito naquela situação apresentava. *‘Isso causou uma mudança em mim, quando eu percebi que seria pouco se eu fizesse apenas trabalhar para meu ganha-pão (...) eu poderia ser mais do que isso’*(S 2). Além disso, *“eu comecei a me achar meio vazio em conhecimentos gerais (...) e sociais, e faltava também o conhecimento teológico”*(S 2).

Sua busca por conhecimento se conectava provavelmente à dinâmica familiar, cujas aspirações profissionais para o filho estavam relativamente claras e o introduziam numa crise existencial preocupante: *“Porque meu pai já tinha bolado outros planos para mim, né, eu também pensava nesses outros planos para o início de 98, seria assim de me formar e em janeiro já estar em São Paulo...”*(S 2).

Quando estes planos foram colocados em dúvida, sua família reagiu com vigor, *“então esse foi um ano assim que foi uma crise dentro de casa, os relacionamentos com meu pai ficaram assim muito distanciados por causa do stress, dessa minha idéia de fazer um curso e não ir direto para um curso lá [curso preparatório para concurso público em São Paulo]*(S 2).

Nessa dinâmica encontra apoio em sua mãe, que lhe orienta e conforta: *‘minha mãe falou, olha... se é isso que você quer, sonda bem, vê certinho, vai atrás...’*(S 2) e então procurou informações sobre o curso de Teologia e consultou um primo, pastor de uma Igreja, sondando sua vida profissional e familiar, *‘então eu procurei sondar todas as possibilidades, os caminhos, o que poderia acontecer comigo (...) muita especulação, muita investigação, leitura sobre isso’*(S 2).

Em sua busca se impressionou profundamente com o sonho de uma prima, no qual ele (D) estava fazendo um exame para entrar em outra faculdade, muito embora esse tema ainda não estivesse sendo discutido entre familiares mais distantes, e equacionou esse sonho como sendo uma possível resposta transcendental à sua questão existencial/profissional: *‘será que eu também estou recebendo algumas pistas de outras pessoas ... seria alguma resposta de oração para mim ?’*(s 2).

Por fim, o tema da sua possível candidatura ao Seminário Teológico discutido no presbitério⁴⁶ da Igreja local, sugeria uma melhor definição de sua parte: *‘primeiro você tem que saber se você quer... (...) e aí quando foi o segundo semestre, aí eles perguntaram: Olha D, quanto antes você tomar uma decisão (...) então procura ver essa questão até novembro pra gente poder definir na Igreja’*(S 2).

Em suma, a participação de eventos do contexto social – família, amigos, Igreja local – parece ser muito relevante na determinação final do sujeito D ir para o Seminário Teológico de Londrina. Suas convicções pessoais ainda precisam ser melhor elaboradas, pois, apesar de tudo, ainda prevalece a dúvida, ou talvez a certeza de que: *“não, meu chamado não é pastoral, eu não tenho vontade de trabalhar especificamente com Igreja e não é por conta disto que eu vou pro seminário...”*(S 2).

6.1.3. A entrada e o desenvolvimento do curso de Teologia no Seminário.

Para o sujeito A, a perspectiva de passar pelo Seminário Teológico ainda lhe causava angústia *“è me perguntava: mas será ? Será que eu não vou chegar lá e vou deparar com algumas coisas e pare e volte, não queira mais saber ...”*(S 8), pois *“tinha muito comentário (...) a gente ficava meio atemorizado porque, no início, o desconhecido sempre funde a cabeça da gente (...) que a gente ia ver coisas que chocassem, que abalassem a nossa fé (...) a respeito também das crises (...) a respeito da própria vocação...”*(S 10).

A reformulação de valores e crenças costuma ser um item necessário e uma prerrogativa de qualquer curso de terceiro grau e está presente em praticamente todas as áreas da ciência. Para a Teologia, entretanto, parece haver ainda um diferencial neste patamar, devido ao alto grau de idealização que acompanha este curso – também presente em algumas outras profissões como na Medicina e no Direito – que remete o sujeito ao seu desamparo diante do tipo de conhecimento que um curso dessa natureza propõe, na medida em que o conhecimento teológico desarticula as bases das crenças sobre as quais se sustentam a fé e a religião como um todo.

Essa desarticulação, também presente nas outras áreas do conhecimento, conforme Souza (2003), está ancorada no projeto iluminista da modernidade, que toma

⁴⁶ Presbitério: diretoria administrativa da Igreja local, à qual compete designar o candidato ao seminário bem como seu amparo financeiro em forma de bolsa de estudo. (n.a.)

a crítica racional como modelo para a interpretação da experiência humana, cuja razão, interpretada como consciência, deve organizar a vida de acordo com os princípios da liberdade e da igualdade, pela qual também o ser humano se constitui como indivíduo e como sujeito racional. Conseqüentemente, também no plano psíquico, esse sujeito moderno produz uma subjetividade individualizada, representada por uma suposta identidade única, imutável e indivisível, uma espécie de essência representativa com características definidas.

Essa suposta essência preconiza a idéia de uma subjetividade coincidente com a consciência, a realidade e a verdade, pressupondo um sujeito autônomo, fundado na razão, capaz de controlar a si próprio e ao mundo no qual se insere, dentro do qual possui determinada identidade. Seu substrato psíquico, como sujeito de uma razão individual, é representado como constituído de uma subjetividade integrada, sem falhas e contradições, um sujeito idealizado capaz de administrar seus conflitos e gerenciar individualmente sua passionalidade.

Conforme essa autora, inevitavelmente esse sujeito cognocente irá topar com sua falha, com a cisão que, segundo a psicanálise, marca sua subjetividade como ser humano constituído tanto pela razão quanto pela paixão, em cujo plano psíquico interagem as forças dos conteúdos que permanecem acessíveis à consciência (os saberes da razão) e também aqueles que foram excluídos dessa instância (os avatares da paixão).

Os conteúdos excluídos, invariavelmente, continuam presentes no psiquismo na forma de recalque e continuam operando abaixo do limiar da consciência como atos falhos, chistes e impedimentos de toda ordem, mostrando que o anseio pela unidade primeva já é, na verdade, o reconhecimento da sua cisão, da clivagem que divide o ser humano em seu eixo mais narcísico, da completude e autosuficiência alcançadas no plano da ilusão.

Freud (1919/1970) em seu texto *O Estranho* faz referência a esses conteúdos que, excluídos da consciência, dão ao homem a sensação de estranho, afastado e recusado pela consciência, podendo revelar-se, entretanto, como muito familiar. Para uma subjetividade ancorada no desejo de totalidade e eternidade, mediada pela busca de um significado maior para a vida, quando esse sujeito se depara com a sua finitude e conseqüente impossibilidade de alcançar essa unidade sentida como primeva, ele recusa a diferença e busca o idêntico a si mesmo, uma pseudo-satisfação de ter encontrado aquilo que erroneamente denominamos de identidade.

O estranho, na forma de excluído, entretanto, continua presente e atuando na forma do seu oposto, representado na forma de outra pessoa, outra cultura ou mesmo outro determinismo qualquer do plano interno do psiquismo. Para Freire Costa, (1986 apud Souza, 2003, p. 5),

a identidade configurada como um rol de atributos e características definidoras que dizem quem e como nós somos, nos remete a um processo ficcional, porém vivido pelas pessoas como real. Fala-se da identidade como ficção, pois a sua constituição demanda a manutenção da crença em uma essência que nos singularizaria, implicando o expurgo de uma série de representações associadas a experiências frustrantes que nos causaram mal-estar.

A identidade individualizada a partir desse conceito é entendida como uma falácia, apesar de mobilizar pessoas e organizações como se fosse absolutamente pertinente, e sua representação pode ser entendida como uma dificuldade de se relacionar com o estranho e o novo na produção do conhecimento. Para essa autora, o contato com o estranho demanda uma suportabilidade da pessoa diante do mesmo, pois este pode ameaçar sua estabilidade identitária na medida em que esse medo do novo, vivenciado como estranho, pode estar relacionado a conteúdos que lhe causaram angústia e foram eliminados da consciência por esta razão.

Sendo assim, o conteúdo negado, criticado e desqualificado no outro faz referência a elementos de representação identitária que fazem parte daquele que o nega, critica e desqualifica, mas que foi excluído da consciência pela ameaça intrínseca que estes ali representam. Especialmente nas subjetividades muito rígidas, sustentadas por um processo intenso de recalque, o reconhecimento desse estranho-familiar aciona defesas altamente segregadoras e, via de regra, destrutivas.

Essa suportabilidade para conviver com o novo e o estranho pressupõe que o sujeito possa questionar suas certezas, reconhecer e sustentar o contato com esse novo-estranho-familiar interno e externo, sem ser demasiadamente ameaçado em sua representação identitária, permitindo-lhe também diluir sua angústia diante dos limites paradigmáticos do conhecimento.

Esse processo é difícil de se realizar pois ainda vivemos e constituímos uma cultura gestora de modelos identificatórios rígidos e unificados, em que a razão e a verdade são sobrepostos pela idéia de uma consciência pessoal, social e institucional, que, via de regra, não equaciona a dimensão dos afetos e se mantém muito intolerante em relação aos limites, à falha e à falta. Enfim, tolerar a ambivalência do conhecimento

e reconhecer a contradição, o oposto, como constituinte da mesma subjetividade que o expurga, parece ser o caminho para o sujeito pressuposto pela psicanálise, que é capaz de aceitar sua clivagem, tolerar sua ambivalência, redimensionar sua cisão, e, mesmo assim, produzir, amar e ser amado no lócus existencial que constitui.

No patamar da religião, a integração do estranho e do diferente produzido pelo conhecimento é ainda mais difícil de ser suportada, pois ameaça a estrutura da Instituição que a gera, desenvolvendo defesas que se opõem, negam e combatem ferozmente o estranho-familiar invasor. No caso da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, isto foi muito evidente, pois sua própria formação foi gerada por um processo de negação desse estranho-familiar-invasor, que se refere à introdução dos princípios da Maçonaria brasileira nos dogmas confessionais da então Igreja Presbiteriana no Brasil (Cf. p. 40 et ss), além, evidentemente, dos problemas gerados pela constituição de um Seminário Teológico próprio, mais fiel à representação identitária do grupo litigioso.

O conhecimento – o estranho - introduzido pela Maçonaria na Igreja Presbiteriana no Brasil foi condensado no “*Manifesto à Igreja Presbiteriana no Brasil*”⁴⁷, encaminhado pela Assembléia Geral da recém-constituída Igreja Presbiteriana Independente, como argumentação ao seu desligamento do Sínodo da Igreja Presbiteriana no Brasil. Entre as razões alegadas diante desse estranho consta:

No artigo III da Plataforma pedíamos que o Sínodo declarasse a incompatibilidade da Maçonaria com o Evangelho, na esperança de que os irmãos maçons ou reconhecessem essa incompatibilidade ou renunciassem à Maçonaria por amor de seus irmãos escandalizados. Em todo caso, estávamos dispostos a usar de toda a tolerância e caridade em remover esse anátema da Igreja.⁴⁸

O estranho era, na verdade, tão familiar que os simpatizantes da presença maçônica na Igreja Presbiteriana no Brasil não viram nenhuma incompatibilidade dessa doutrina com seus princípios de fé, o que levou à ruptura dos seus opositores com os mesmos e à fundação da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Outro estranho nas articulações entre os dogmas confessionais institucionais da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil – extensivo também a outras Igrejas com características similares – vividos na forma de valores de fé, é o conhecimento

⁴⁷ Manifesto à Igreja Presbiteriana no Brasil: in: *Um Passado tão presente: 1903-1983* – (Documentos históricos dos primórdios da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil). 1983, p.80 ss.

⁴⁸ *ibid.* p. 81

produzido pela pesquisa teológica no contexto de um Seminário Teológico, por exemplo, no qual os valores de fé, especialmente os mais romantizados e idealizados, são sobrepostos por conhecimentos adquiridos nas disciplinas curriculares e de apoio que, via de regra, solapam as bases das crenças religiosas adquiridas no contexto da Igreja de origem do estudante de Teologia.

Em termos psicanalíticos, a representação identitária do estudante de Teologia é ameaçada pelo conflito teológico resultante do contato entre o novo e o estranho, e a primeira reação de defesa é seu expurgo do conhecido pela negação da sua existência, permanecendo intacto na forma de ideal. À medida que esse estranho é integrado à nova identidade através da reflexão teológica e elaboração existencial, ele se torna familiar, permitindo uma visão/ação mais ampla e menos restrita aos ditames de uma pulsionalidade primitiva, na qual o estranho e o diferente é entendido como inimigo e combatido como algoz.

Nesses termos, o Seminário Teológico tem uma função gestora e mediadora entre os ditames idealizados de uma fé romantizada e mantida pelos dogmas confessionais da Instituição religiosa como tal, por um lado, e os avanços e reinterpretções teológicas desses valores ainda idealizados, através da pesquisa e reflexão teológicas promovidas pela assim romanticamente denominada *Casa de Profetas*, na forma do Seminário Teológico rev Antônio de Godoy Sobrinho, por outro.

O rito de passagem é doloroso, causticante e altamente desarticulador, demandando sofrimento e fragmentação. Tais sentimentos são percebidos pelo estudante logo no início de sua jornada, como foi o caso também do sujeito A, que, quando veio ao Seminário Teológico, ainda estava muito capturado pelos ideais teológicos românticos da Igreja de origem. Entretanto, este sujeito percebeu que teria de abrir mão de muitos destes ideais em função de sua passagem pelo Seminário Teológico, cujo currículo acadêmico teológico se baseia, em grande parte, nas propostas da Teologia liberal [européia] dos séculos XIX e XX.

Para A, superado este primeiro impacto das informações sobre o Seminário obtidas ainda na sua cidade de origem e amparado pelo **feedback** das pessoas com as quais se relacionava, *“aí as pessoas falavam: eu acho que você deve ir, a gente vê em você esse dom (...) que falavam para mim: pode ir, a gente acha que você tem jeito de pastor assim...”*(S 8), candidatou-se e foi aceito como aluno do seminário, no qual se confirmaram algumas de suas apreensões e suspeitas.

Já no transcorrer do primeiro ano de Teologia, percebeu quão incertos eram alguns dos fundamentos teológico-religiosos que professava, especialmente os relacionados ao texto bíblico final, que envolve formulações básicas como a questão do Jesus histórico, a inspiração do Espírito Santo, a humanidade dos profetas, a composição literária do próprio texto bíblico, a relatividade dos conceitos teológicos diante das interposições da cultura de determinados povos, enfim, das inúmeras possibilidades de interpretação de um texto que relativizam completamente dogmas aparentemente insuperáveis.

Seu desamparo diante dessa situação inusitada está claramente expresso na formulação: *“você não tem como negar aquilo ou ir contra aquilo que, a partir do momento em que você vai tendo um conhecimento da língua, no original, qual é realmente o significado da cultura daquele povo (...) então isso choca... você não tem como ir contra...”*(S 17).

Outro ponto polêmico na interpretação bíblica se relaciona à sexualidade, o grande tema de conflito no contexto da religião e da Igreja como sua instituição, cuja supressão parcial ou total alimenta as mais diferentes defesas neuróticas, e também no contexto da religião normalmente é fonte de ansiedade e, via de regra, de alienação. Freud (1907/1976, p.121-8) já tinha percebido esta interconexão entre sexualidade, religiosidade e obsessividade, comparando a religião com a neurose obsessiva, cuja semelhança entre rituais compulsivos de defesa – as orações e penitências de todos os tipos – ainda estão presentes, mesmo nas versões mais contemporâneas do nosso cotidiano.

Para A, esta intersecção também é fonte de sofrimento, pois esse tema sempre foi desenvolvido em seu contexto de forma muito ingênua, a ponto dele “chocar-se” com o tratamento “malicioso” da sexualidade em alguns textos bíblicos, de como as pessoas vão *“barateando”* o poder da palavra de Deus *“que conhecíamos como pura, santa e tal... vai, assim, tipo nos ofendendo, machucando (...) por que então tanto tempo nós ficamos com os olhos vendados (...) em relação ao que sabíamos e agora sabemos...”*(S 19). A sexualidade parece ser um dos elementos de contestação, de deslocamento de libido original, pela qual se operam as renúncias pulsionais de toda ordem, pela qual a sensualidade é substituída pela intelectualidade, gerando uma afetividade deslocada do seu eixo libidinal, como encontramos na caridade e na amizade, em que seu núcleo de libido é desviado para interesses humanitários. É por

conta dessa dinâmica que o sujeito A também não entendia o pastorado como uma profissão, *“também não vejo a Igreja como um emprego, mas sim uma vontade, um amor por aquilo...”*(S 27-28), um imaginário idílico que se contrasta com a percepção da finitude, da falha e da falta que produz seu sofrimento e dor.

A própria ambigüidade do conhecimento gerado no contexto do Seminário Teológico é produtora de ansiedade e conflitos existenciais, *“porque são várias Teologias, vários pensamentos, é difícil você pegar um e falar esse é o certo (...) é difícil você colocar a fé nesses pensamentos teológicos, misturar...”*(S 30), e a percepção da própria falta, da sua cisão, em contraste com a onipotência inicial, o remetia a conflitos de toda ordem.

Entretanto, para A, nesse estágio do seu curso, a percepção dessa falta, como fruto do encontro consigo mesmo, ainda o fazia buscar soluções através das informações que pudesse obter no desenvolvimento do seu curso, através dos instrumentos da razão e do saber consciente. *“A gente tem que ler mais, se instruir a respeito de tudo isso, ver qual é a relação realmente...”*(S 32). Sua fenda narcísica ainda o ofuscava e o remetia ao desejo de completude, a uma fé idealizada num Deus-pai que haverá de ampará-lo, sem poder se responsabilizar ainda pela sua cisão, que certamente seria um novo confronto no transcorrer do estudo de Teologia.

O sujeito B, que mesmo longe de sua família e pela questão da idade não conseguia mais engendrar uma carreira como jogador de futebol, investiu no curso de Direito como uma possibilidade de realização profissional. Dificuldades financeiras limitavam esse investimento - mas certamente não eram a razão principal da sua desistência, pois poderia concorrer numa universidade pública – e ele se integrara então numa Igreja protestante (IPI), na qual trabalhou, e pela qual foi enviado ao Seminário Teológico de Londrina.

Apesar de resistir ao desejo dos pais de tornar-se também pastor, em função das dificuldades vivenciadas em sua família, retomou, entretanto, essa idéia a partir do seu novo trabalho na IPI, *“é sempre pensei, eu vou começar esse curso e vou concluir, seja pra ser pastor ou ser um teólogo ... ou fazer esse curso e depois dar prosseguimento a outro (...) meu chamado também não é dentro de quatro paredes”*(S 5), abrindo perspectivas de trabalhar também em outras áreas de conhecimento como a educação, psicologia, assistência social, entre outras.

Enquanto aluno no Seminário Teológico – no momento da entrevista estava cursando o último ano – B relembra suas dificuldades iniciais: *“cada aula que eu fazia, eu ia para casa e era um conflito (...) crises gerando mudanças e eu pensava: como eu estou sendo infantil nisso, de certa forma, a mim mesmo não conheço ...”*(S 5). Nesse sentido, as questões existenciais, de certa forma, se sobrepunham às questões teológicas, de modo que *“o processo de auto-conhecimento (...) foi o fator preponderante (...) daí eu comecei a me conhecer melhor, comecei a analisar as opções que eu fiz”*(S 5).

Essa reflexão reformula sua representação identitária anterior e o remete às suas questões mais básicas que passam retrospectivamente pela elaboração do luto familiar, pela passagem do pai idealizado pela família e pela Igreja para um pai distante e ausente, que não percebe as angústias de seus filhos por estar demasiadamente ocupado com as angústias da Igreja e que deixa muito a desejar no que se refere à relação com seu filho B. *“A princípio isso foi muito disfarçado (...) nós não percebemos, sempre o pai é o nosso herói, o super man, nós temos um dentro de casa (...) eu particularmente acreditava muito nisso...”*(S 6), demonstra o quanto a função idealizada de pastor se sobrepunha à função de pai real, na qual ele permanece ausente e distante.

B parece ser o filho que percebe isso com mais clareza, na medida em que ele se opõe a essa dinâmica, tornando-se a *ovelha negra* da família, e *“de repente a gente começa a ver a opção que tomou, não foi por nós, para que a gente ficasse bem, mas que ficasse bem perante a Igreja... a gente vai crescendo e descobre (...) que a pessoa que está aí é seu pai, ele possui falhas (...) para mim foi extremamente traumático”*(S 6), pois na ausência de diálogo com a família, vivia uma vida solitária, em busca de novos horizontes para a superação de suas dificuldades e alento para prosseguir em sua jornada existencial e teológica.

No Seminário Teológico, B encontrava ressonância às suas inquietações, um verdadeiro *processo de libertação*, pois, em sua opinião, se para muitos estudantes a passagem pelo seminário era um *deserto*, para ele era um *oásis*, em que *“pude sentir e experimentar um Deus que entende as minhas dificuldades”*(S 9). *“Meu deserto maior foi na própria vida dentro da Igreja, (...) dentro da minha família também, por causa dessa perspectiva na ênfase maior na Igreja do que propriamente aos seres humanos dentro da casa, filhos, irmãos...”*(S 10), cujos resultados ainda lhe causam sofrimento e dor.

A passagem de B pelo seminário está muito mais marcada pelas crises existenciais do que teológicas propriamente ditas, pois sua mobilização estava relacionada principalmente “à *questão da verdade, de você ser o que é*”(S 10), derivada da sua experiência familiar controvertida, em que a crise é muito mais “*uma não-aceitação de si mesmo (...) que vai remeter a uma mudança de mente, de perspectiva (...) pôxa, como eu fui criança, como eu não cresci naquilo outro...*”(S 12), cuja melhor elaboração lhe permitiu um maior grau de maturidade e entendimento.

Também no campo das questões teológicas B fez experiências inusitadas, na verdade, “*quando você está disposto as coisas vão acontecendo naturalmente, estar sempre aberto pra outras idéias, novas perspectivas, nunca fechar (...) os assuntos querendo ser o grande vencedor das questões...*”(S 13). Para ele, muitos colegas “*fogem do planeta terra e ficam flutuando por aí*”, negando ou torcendo a realidade para que se ajustasse aos seus princípios e valores, pessoas que não queriam mudar, “*que entraram de uma forma, por um pensamento, ou entraram não sabendo nada e vão sair sabendo muito menos (...) confusos (...) não se submeteram ao conhecimento de si mesmos*”(S 13).

Sua insistência no auto-conhecimento como forma de superação das crises existenciais e teológicas parece inspirar-se na transformação que o conhecimento pode trazer, especialmente em função das limitações auto-impostas por determinados estudantes diante da dificuldade de processar criticamente os saberes até então considerados como norma. “*A pessoa não consegue enxergar o caos que ela está vivendo, (...) ela não enxerga a si mesma e não enxerga o professor (...) a pessoa não chegou ainda a um consenso do que ela é, não tem consciência de ser...*”(S 13), parece referir-se à ambigüidade desse conhecimento e ao sofrimento daí decorrente, “libertando” o sujeito para novas experiências e descobertas, mas, ao mesmo tempo, relativizando conceitos outrora considerados como normativos.

Tal reformulação remete o mesmo a um estado de consciência no qual deverá ser capaz de tolerar o diferente, o ambíguo, o contraditório e o incerto, e assumir sua própria falta, sua finitude e humanidade, em contraste com a idealização sumária ainda muito presente no contexto da religião e em algumas profissões da contemporaneidade. Outrossim, a idealização profissional parece estar amparada na idealização de si próprio, isto é, na hipervalorização de alguns aspectos da representação identitária, coerentes com as projeções introjetadas do meio social e religioso, em detrimento de

outros aspectos expurgados e sobrepostos dessa representação, por não coincidirem com esses padrões introjetados, entretanto, mesmo assim ativos e influentes nos determinismos psíquicos.

Essa relação ambígua já é percebida pelo estudante de Teologia pois *“muitos dizem que falar é muito fácil, que lá no seminário você tem muito disso, (...) eu acredito muito na questão da educação, do ensino (...) também não dá tomar um posicionamento só liberal e enfiar isso goela abaixo da Igreja, que é um processo de educação demorado...”*(S 14). Por outro lado, trata-se de uma condição criativa e transformadora que paulatinamente subverte o sujeito para uma nova dimensão de raciocínio mais integrador e uma afetividade mais abrangente, que não precisa mais excluir o outro, o diferente, mas integrá-lo e suportá-lo para ampliar sua própria percepção e atualização.

Para o sujeito C, cuja entrada no seminário é uma resposta existencial a um evento relacionado à sua saúde biológica [internação hospitalar em função de uma crise de apendicite], permaneceram abertas uma série de questões vocacionais ainda não elaboradas por ocasião da entrevista, de modo que

(...) até hoje eu ainda estou definindo como são essas coisas, não tá decidido, porque eu quando cheguei aqui no seminário, eu não cheguei com uma convicção de que tava tudo certinho na minha vida, e que até o estudo virou de ponta-cabeça (...) todos tinham aquele choque cultural e religioso que tem aqui no seminário falavam ...o seminário não é bem isso que você está pensando, você não vai chegar lá orando e jejuando, você vai lá estudar..(S 9)

Estudar já parecia conter o prisma pelo qual passaria a perceber e rever seus conceitos fundamentados em três anos de doutrinação religiosa e o impacto foi tal que *“o que o professor falava eu tomava quase por total verdade (...) não que eu não questionava (...) mas no ano passado eu não argumentava ... então eu entrava no conflito entre o seminário e a Igreja, de certa forma, eu acabei abandonando um pouco os preceitos da Igreja”* (S 12).

A encruzilhada entre o saber teológico e os preceitos da Igreja reflete a ambivalência a que o conhecimento necessariamente remete, seja como fator desencadeador de crises existenciais e teológicas, seja como uma forma de superar os próprios limites em direção a uma maior autonomia de pensamento. Esta também foi a experiência de C, pois *“o seminário me trouxe muitas coisas boas (...) primeiro no sentido da abertura da mente (...) hoje eu sou uma pessoa muito mais livre de*

mentalidade (...) voltou essa vontade de estudar (...) de aprender sempre mais”(S 13), muito embora já percebesse que o saber não resolveria todos os seus problemas. Diante da ambigüidade deste, reflete:

Parece que eu estou vendo um turbilhão ... as idéias parece que não se encaixam ... é questão acadêmica mesmo, no começo você vai pegando um monte de elementos, a princípio parece um monte de fragmentos, e agora você controla algumas coisas que se encaixam, outras ainda não acharam um lugar para se encaixar, parece um quebra-cabeças, vai encaixando uma peça aqui, outra ali ... (S 27)

Encaixando as peças, C ia descobrindo novas possibilidades de entendimento, experimentando também alternativas fora do seu contexto habitual, nas quais corre alguns riscos, mas, *“hoje eu não tenho mais medo de viver as experiências (...) algumas são boas, outras nem tanto (...) desde o ano passado já tenho arriscado (...) algumas coisas que eu não imaginava que fosse fazer (S 39),* parece refletir seu novo momento no segundo ano do curso de Teologia.

Se antes – no contexto da Igreja - levava uma vida super controlada pelos limites institucionais e pessoais, *“eu acho até que me oprimi e oprimi as outras pessoas (...) porque eu ia lá no fundo da vida das pessoas, de certa forma eu controlei muito a vida das pessoas”(S 4),* agora já é capaz de se expor um pouco mais e tolerar eventuais alteridades que atravessassem ocasionalmente seu caminho. Diante do saber institucional recomenda aos calouros:

eu ainda sou um pouco medroso mas estou quebrando isso na minha vida (...) vai fundo, pergunte, incomode, pergunte aos alunos mais velhos também, independente se eles vão tirar sarro ou não, (...) é questão de vida pessoal mesmo, não abandonar as suas convicções, mas se você tem algumas coisas que não estão resolvidas em sua vida, vai de uma vez, se você não fizer isso no teu tempo de seminário, não vai ser no teu tempo de pastor que vai resolver isso. (S 40)

Sua maior tolerância ao diferente parece transparecer especialmente em questões religiosas doutrinárias que o preocupavam desde sua infância, pois

(...) quando eu era criança eu tinha muito medo de ir pro inferno, tinha o pecado e tal (...) cheguei à adolescência e eu me afastei um pouco de Deus (...) porque eu queria viver umas coisas que não dava pra conciliar meu diálogo com Deus, então era melhor que eu me afastasse de uma vez (...) depois com a conversão parece que eu abandono (...) o pecado e procuro viver aquela vida rigorosa mesmo. (S 35)

Após o período de três anos de “vida rigorosa” e coincidindo com sua entrada no seminário, apesar de não ter resolvido suas questões existenciais, estas foram diluídas pelas informações que obteve no seminário e se *“a questão religiosa em mim batia muito na questão do pecado e inferno (...) hoje eu já não tenho mais tanta preocupação com isso, não faz tanta diferença”*(S 50), até porque sua dinâmica teológica e psicológica hoje é outra, muito mais preocupado em entender sua impotência por não ter conseguido resgatar seu pai do alcoolismo, conforme se tinha proposto.

Se hoje sua dinâmica vocacional/profissional está muito mais relacionada a questões humanitárias do que teológicas, *“de querer que as pessoas tenham vida em abundância, paz, amor, que possa haver justiça, entendimento entre as pessoas”*(S 50), parece plausível a hipótese de um processo de reparação, segundo os conceitos de Klein e Bohoslavsky, o qual procura resgatar objetos destruídos em fantasia ou realidade. O objeto destruído parece ter a ver com seu pai, sua relação problemática com o mesmo, rejeitando-o e destruindo-o por ser um pai alcoólatra, distante, ao qual teve pouco acesso.

De certa forma C resgata esse pai através da religião, o grande Pai, com o qual temporariamente se identifica a ponto de “oprimir” seus subordinados na Igreja através do controle ético e moral de suas vidas, que, infantilizados, respondem a esses determinismos em função do seu desamparo e impotência presentes no seu cotidiano. Pela fé, tornam-se novamente potentes, seja pela ilusão de unidade com o universo e seu suposto criador, seja pelas experiências pessoais subjetivas com sua dinâmica psíquica, entendida como uma relação transcendental com alguma “divindade” específica.

Se Deus foi e, até certo ponto, continua sendo seu pai substituto, à medida que amadurece e se torna mais independente, pode agora paulatinamente abandonar seu refúgio de filho impotente do aconchego da mãe Igreja, a representante deste pai na Terra, e reconfigurar seus projetos como um ser humano singular, *“aquele desejo de ter um reconhecimento, de ter uma posição financeira razoável, conforto (...) tudo isso eu quero pra mim e pra outras pessoas, e eu vejo uma relação disso com a minha criação, minha família, com alcoolismo.”*(S 47)

Para o sujeito D, a passagem pelo seminário foi uma espécie de “rota alternativa” aos seus propósitos, tendo em vista sua resistência inicial com anuência posterior, em função das circunstâncias que o levaram a optar pelo mesmo. De antemão,

já sabia que *“meu chamado não é pastoral, eu não tenho vontade de trabalhar especificamente com Igreja e não é por conta disso que vou ao seminário”*(S 2), mas sua demanda tem mais relação com a aquisição do conhecimento teológico, do que um futuro trabalho exclusivo dentro da Igreja.

Diante dessa perspectiva ele também sabia que *“se eu for fazer uma faculdade de Teologia, eu sabia que aqui era a melhor que a Igreja poderia me oferecer, né, e também a mais próxima em relação ao custo-benefício, mais interessante...”*(S 2).

De fato, as mobilizações teológicas do curso não o afetavam demasiadamente,

(...) em relação à Teologia eu não tinha muita especulação (...) não foi só o conhecimento teológico, mas também conhecimentos sociais, sociológicos, antropológicos, filosóficos (...) eu queria fazer uma leitura da realidade, assim uma leitura social melhor e também fazer uma leitura minha melhor, de poder me ajudar mais na maturidade. (S 2)

Sua preocupação principal sempre girou em torno de como buscar mais qualidade de vida para si e para as outras pessoas, além da preocupação de se entender melhor, pois

a questão básica era ter um aparato, primeiramente me entender, entender o ser humano de um modo geral (...) será que existem ferramentas pra melhorar a qualidade de vida e também a minha qualidade de vida (...) dentro de uma sociedade e que eu poderia ter relacionamentos mais solidários, ao contrário do que eu estava acostumado a ter. (S 4)

Estas preocupações o acompanham no transcórre de todo o curso *“(...) quando eu vim para cá, eu tinha uma visão um pouco triunfalista”*(S 5), na qual ele se deixou seduzir pelos aspectos mais idealizados e onipotentes que esta carreira profissional pode assumir. Mas *“hoje eu me sinto assim com um aparato mínimo (...) eu já sei que, eu posso não conseguir abraçar o mundo como eu imaginava, eu fico contente por hoje eu estar reconhecendo os limites da atuação (...) que eu consegui me situar como ser humano”*.(S 5)

À medida em que desenvolve uma melhor percepção destes aspectos idealizados do ministério pastoral no transcórre do curso no seminário, definindo melhor suas expectativas quanto ao que pretende com o curso de Teologia - uma vez que não pretende permanecer circunscrito ao trabalho numa Igreja - paulatinamente vai

definindo com mais ênfase sua nova perspectiva profissional. No transcorrer do primeiro ano de Teologia assume também um estágio prático numa Igreja da IPI numa cidade próxima ao seminário, no qual transparece com mais clareza sua ansiedade em relação a um trabalho pastoral dessa natureza,

(...) foi quando eu comecei a ver de uma maneira mais detalhada (...) o que é o ministério pastoral, porque ali havia um só pastor (...) então eu pude ver e desempenhar todas as tarefas que um pastor deve fazer (...) eu passava a me envolver com a maior parte do tempo em trabalhos dentro da Igreja, e eu comecei a me sentir frustrado com relação a isso (...) no segundo ano eu comecei a ver ... pô, mas espera aí, será que é pra isso que eu vim fazer Teologia, eu comecei a rememorar as razões pelas quais eu estava aqui (...) e aí eu vi que estava trabalhando em algo que estava me gerando frustração ... eu fiquei assim bem mal, cheguei a ter depressão, aquela sensação de frustração, de que a vida não é isso que eu quero, meus planos não são nesse sentido, mas, então entrei em férias...(S 5)

Ao voltar das férias não retornou mais ao campo de estágio “*e eu comecei a me sentir muito bem sem fazer estágio na Igreja (...) o desempenho aqui aumentou (...) porque estava gostando dos conteúdos (...) estava encontrando respostas (...) e terminei o ano assim praticamente certo de que não seria pastor titular de uma Igreja*”.(S 5) Por outro lado, percebeu que sua expectativa de atuação profissional o remeteu de volta à área do Direito, na qual começou a fazer um curso de especialização em *Filosofia Política e Filosofia do Direito*, na Universidade Estadual de Londrina – PR. Entretanto, ao mesmo tempo em que esta volta às origens direcionou seu caminho no presente/futuro, esta redefinição dos objetivos lhe remeteu a uma nova crise:

(...) e eu entrei em crise no sentido de perguntar, pôxa, eu me formei no Direito, mas não tinha muita vontade de atuar no Direito, e agora eu estou tendo uma bagagem tremenda no teológico, mas não quero manter vínculos muito estreitos com o eclesiástico (...) aí eu comecei uma busca, pô, o que que eu vou ser...(S 7)

Essa nova, antiga questão do sujeito D mostra o quanto ele, no transcorrer do seu estudo, permanece “ocupado” com sua dinâmica vocacional/profissional, que as questões teológicas tiveram menor importância do que as existenciais, e que o curso de Teologia foi realmente uma “rota alternativa” para que rearticulasse com mais clareza suas perspectivas profissionais.

De certa forma estava correta sua percepção inicial, e agora "(...) *por causa da especialização [em Filosofia do Direito] consigo ver o Direito mais do que uma simples burocracia, então eu fico tranqüilo com relação a experimentar carreira profissional na área de Direito*".(S 8) Sua grande questão no seminário parece ter girado em torno desse eixo, dessa variante que o seduziu para a Teologia, cujo conhecimento lhe prometia solução para seus problemas, mas também apontava os limites da sua expectativa idealizada de poder, informação e humanização. "(...) *eu penso que a gente não pode desvincular o conhecimento teológico ou filosófico, psicológico... dos relacionamentos*"(S 9). Esta parece ter sido a sua grande descoberta e que justamente forneceu o acento diferencial das profissões que exploram o ser humano, daquelas que restauram sua qualidade de vida, conforme sua nova perspectiva. Para ele,

(...) eu gostaria de estar contribuindo com a filosofia do Direito (...) por uma questão de humanizar realmente (...) então eu teria meu ganha pão, fazendo algo que eu gosto, que é ensinar de um modo geral, me sinto assim com aptidão para isso e poderia também sendo um cidadão da polis, de estar contribuindo com a cidade (...) de estar gerando também uma qualidade de vida. (S 8)

Ao que parece, D resgata e acentua novamente os aspectos idealizados do Direito como profissão, que, sem dúvida, singularizam sua atuação profissional nessa área, mas, no nível do processo psíquico, mantêm sua dinâmica vocacional/profissional idealizada. Em razão disso, podemos supor que talvez agora ele tenha uma maior suportabilidade psíquica para lidar com os aspectos burocráticos e administrativos dessa profissão, na medida em que já é capaz de incorporar também os aspectos estranhos, ambíguos e ainda em conflito com seu ideal de eu, mas, de qualquer modo, D parece ter encontrado seu eixo transformador pelo qual iniciará sua nova, antiga proposta de vida profissional.

Nesse sentido, o curso de Teologia parece ter contribuído para esta reformulação de vida, apesar da demanda temporal e financeira,

(...) às vezes eu ainda me pergunto se não foi um alto preço eu passar quatro anos aqui (...) ta sendo um alto preço (...) foi o caminho que eu tinha que percorrer, eu acho que eu cresci muito enquanto pessoa e de um modo integral, não foi só o conhecimento que eu adquiri (...) agora eu me vejo, me situo, eu sei também colocar alguns limites com relação à minha atuação, eu sei pausar melhor os relacionamentos e as atividades (...) eu acho realmente que eu vim pra cá para sanar as minhas buscas, meus anseios, e foi um tempo assim bom que eu passei. (S 11)

A história do sujeito D mostra que, por vezes, junto à dinâmica vocacional/profissional religiosa podem estar atreladas outras dinâmicas, especialmente aquelas relacionadas ao uso do poder e prestígio social, além das dinâmicas reparatórias, como é o caso dos sujeitos B e C. A dinâmica vocacional/profissional do sujeito D, entretanto, mostra o quanto ele inicialmente aceitou as articulações externas à sua própria dinâmica profissional – a interferência da família para seguir a profissão paterna e posteriormente as opiniões dos pastores e da prima que sonhou tê-lo visto fazendo exame para outra profissão – nas quais a sobreposição de interesses e dinâmicas de outras pessoas, além das circunstâncias externas, atuam sobre a articulação vocacional do sujeito, conforme discute Bohoslavsky (1983) em sua teoria sobre a multi-determinação de uma dinâmica vocacional/profissional.

Felizmente D pôde rearticular sua dinâmica profissional enquanto estudante de Teologia e Filosofia do Direito, pelo qual retoma agora seu antigo caminho na área do Direito, que apesar dos transtornos inevitáveis em qualquer profissão lhe causa prazer e alegria de viver, tornando-se o substrato básico para uma realização vocacional/profissional.

6.1.4 Do desamparo ao ideal.

6.1.4.1 O desamparo do estudante de Teologia diante da pesquisa teológica.

As características acadêmicas do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho se evidenciam no seu currículo⁴⁹ composto por disciplinas de caráter investigativo, com metodologias semelhantes às aquelas usadas em universidades seculares, especialmente aquelas relacionadas à pesquisa bíblica e teológica, nas quais os estudantes descobrem a origem fragmentária do texto bíblico final, por intermédio do método de exegese, crítica textual e interpretação contextual (hermenêutica).

Também o estudo da história das Literaturas do Antigo e Novo Testamentos, assim como o estudo das Línguas originais desses textos (Grego e Hebraico), a Teologia Sistemática e Contemporânea (história dos grandes dogmas teológicos), além da atuação das disciplinas de apoio, como Filosofia, Antropologia, Sociologia, Psicologia,

⁴⁹ Anexo VI, p. 259

e seus respectivos paradigmas, entre outras, deixam o estudante de Teologia apreensivo, na medida em que vê ameaçados seus valores até então inabaláveis, especialmente os que se referem às concepções mais ingênuas e românticas da própria fé.

Esses novos valores e concepções, evidentemente, são melhor elaborados no transcorrer do curso de Teologia e, via de regra, permitem que os estudantes desenvolvam articulações temáticas mais adequadas ao perfil metodológico e paradigmático que um curso superior dessa natureza pressupõe.

Entretanto, quando o estudante de Teologia inicia seus estudos no Seminário Teológico, todas essas questões, incluindo as contradições, lhe inspiram medo e constrangimentos que, por vezes a muito custo, só consegue articular adequadamente no final do curso, e algumas vezes permanecem inconclusas no desenvolvimento do próprio ministério pastoral. Por conta dessas demandas, alguns estudantes desistem do próprio curso, outros o concluem mas não assumem um trabalho prático na área, e ainda outros só as resolvem por conta da sua maturidade psíquica e teológica no transcorrer da sua vida.

Para o sujeito A, estudante do segundo ano e que se considera sem queixas de natureza vocacional/profissional, o desamparo diante do novo saber teológico já começa com os comentários em sua Igreja de origem, “(...) *tinha muito comentário (...) que a gente ia ver coisas que chocassem, que abalassem a nossa fé (...) das matérias que questionam assim muito a Bíblia (...) Deus, Jesus é um Jesus histórico (...) ele teve esse poder de curar...*”(S 10).

Também os aspectos culturais dos povos antigos representados no texto bíblico são objeto de dúvidas e contradições “(...) *a gente pensa que é uma coisa mas é outra coisa (...) quando a gente vai estudar a língua original do antigo Testamento, que é o hebraico, a gente percebe que é de outra coisa que está se falando...*”(S 16) e quando estes textos então são tomados por norma na sociedade contemporânea, além de descontextualizados, são normalmente re-interpretados e re-incorporados em culturas de outras matizes, sobrepujando-lhes os valores, todas as questões ficam mais transparentes num curso de Teologia e, conforme seu próprio relato, “*você não tem [argumento] como ir contra*”(S 17).

Para o sujeito B, estudante do quarto ano de Teologia e que também se considera sem queixas de natureza vocacional/profissional, todo esse desamparo diante do novo saber teológico é muito semelhante, pois “*cada aula que eu fazia, eu ia pra casa e era*

um conflito, eram acontecendo as crises, mas essas crises gerando mudanças e eu pensava: como eu to sendo infantil nisso (...) a mim mesmo não conheço”(S 5).

Entretanto, a questão maior que o entretém no Seminário Teológico está relacionada a sua dinâmica familiar, especialmente ao seu pai, pastor, que pastoreia os estranhos mas não percebe as dificuldades dos próprios familiares, da sua incoerência, ao qual faz oposição acirrada. *‘Faltou muito diálogo, faltou verdade e sinceridade”(S 7),* mostra seu percurso e suas vicissitudes na identificação com esse pai, que o leva a eleger Deus como seu pai substituto idealizado, pois ele *‘me escolhendo por aquilo que sou, não por aquilo que pensava ou era (...) eu senti no dia a dia, nas minhas experiências que ele [Deus] valorizou o que eu sou”(S 8).*

É interessante como as experiências “transcendentais” passam por modelos bem terrenos, isto é, vínculos afetivos e cognitivos com pais ou parentes próximos – ou pessoas idealizadas nessas funções – parecem servir de modelo positivo ou negativo para as projeções “transcendentais” em figuras e entidades supra-naturais. Essa também foi a percepção de Freud, de que os modelos de afetividade entre os homens, especialmente os relacionamentos mais próximos, serviam de modelo para a projeção desses eventos em entidades benéficas ou malévolas.

O desamparo de B se configura muito mais no resgate desse pai, e sua passagem pelo Seminário Teológico foi um verdadeiro *processo de libertação, um oásis* diante do *deserto* familiar donde provém. Talvez por isso também encontra num outro pastor o modelo de referência, pelo qual volta ao pai substituto [Deus] e sua representação secular na Igreja, apesar de todas as experiências negativas, *‘meu deserto maior foi na própria vida dentro da Igreja (...) dentro da minha família também”(S 10),* que ali faz em sua infância.

Para o sujeito C, estudante do segundo ano de Teologia e que se apresenta como tendo queixas de natureza vocacional/profissional, o desamparo diante das questões teológicas era tal que *“(...) o que o professor falava eu tomava quase por total verdade (...) não que eu não questionava (...) mas ano passado [1. ano] eu não argumentava ... então eu entrava no conflito entre o Seminário e a Igreja”(S 12).*

A partir do segundo ano de Teologia, entretanto, motivado por sua busca de conhecimento, já tem uma maior *“abertura da mente (...) hoje eu sou uma pessoa muito mais livre de mentalidade (...) no sentido acadêmico, voltou essa vontade de estudar (...) de aprender sempre mais”(S 13),* apesar de já perceber que o conhecimento por si

só também é muito ambíguo, a ponto de retratá-lo como *“um turbilhão... as idéias parece que não se encaixam (...) a princípio parece um monte de fragmentos, e agora você controla algumas coisas que se encaixam, outras ainda não”*(S 27).

O segundo ano de Teologia já introduz disciplinas cujo conteúdo mobiliza maior ansiedade em função da reformulação de valores e conceitos até então aceitos como norma de fé. Para C, entretanto, já é possível *“se expor um pouco mais (...) hoje eu não tenho mais medo de viver as experiências”*(S 39-40), e a busca do conhecimento é sua maior esperança de superação dos limites paradigmáticos até então utilizados. *“Eu ainda sou um pouco medroso, mas estou quebrando isso na minha vida”*(S 40), mostra sua resistência a esta fragmentação, sua angústia por tolerar o diferente e o estranho e sua fragilidade diante do desamparo e da ambigüidade que o próprio conhecimento gera.

Para o sujeito D, estudante do quarto ano de Teologia e que se apresenta com queixas de natureza vocacional/profissional, a relação com o novo conhecimento teológico é bastante confortável, talvez por já ter cursado uma faculdade [formou-se em Direito], na verdade, *“em relação à Teologia eu não tinha muita especulação (...) não foi só conhecimento teológico, mas também conhecimentos sociais, sociológicos, antropológicos, filosóficos”*(S 3).

Sua demanda em relação à Teologia estava muito mais marcada pela possibilidade de acumular conhecimentos e instrumentos de interpretação, (...) *eu queria fazer uma leitura da realidade (...) uma leitura social melhor e também fazer uma leitura minha melhor*(S 3), a partir da qual pudesse entender o ser humano, *“a questão básica era ter um aparato, primeiramente me entender, entender o ser humano de um modo geral”*(S 4).

Sua necessidade de entendimento, entretanto, também passa pela percepção da sua fragilidade, *“quando eu vim para cá eu tinha uma visão um pouco triunfalista (...) eu já sei que posso não conseguir abraçar o mundo como eu imaginava... eu fico contente por hoje eu estar reconhecendo os limites da atuação”*(S 5), mostra o quanto ele pôde avançar em sua dinâmica existencial, e como sua perspectiva teológica não foi o eixo central que o levou ao Seminário, onde se formou pastor. O fato de ter iniciado uma especialização em Filosofia do Direito enquanto ainda cursava Teologia talvez seja o ponto de intersecção, pelo qual retomou sua antiga perspectiva vocacional na área do Direito.

Sua demanda com a aquisição do conhecimento, entretanto, foi a descoberta de que *“a gente não pode desvincular o conhecimento teológico ou filosófico, psicológico... dos relacionamentos. Diante dos conhecimentos nos fechamos num gueto ou ficamos só naquela área de atuação”*(S 9). A passagem pelo curso de Teologia lhe proporcionou essa descoberta, de que esse curso e especialmente essa atuação profissional, não é a via pela qual concebe articular sua demanda existencial e vocacional, mas *“foi o caminho que eu tinha que percorrer, e eu acho que cresci muito enquanto pessoa e de um modo integral (...) eu acho realmente que eu vim para cá para sanar as minhas buscas”*(S 11).

Não desvincular o conhecimento dos relacionamentos parece referir-se à capacidade de integrar conhecimentos de diferentes áreas do saber, justamente o ponto de intersecção onde ele se diferencia do pai, em busca de uma nova qualidade de vida que pensava ter encontrado na Teologia. Até que ponto essa busca foi novamente idealizada é outro aspecto da investigação. De qualquer modo, *“agora eu me vejo, me situo, eu sei também colocar alguns limites com relação à minha atuação, eu sei pausar melhor os relacionamentos e as atividades”*(S 11), de modo que ser e saber coincidem em algum ponto, o que permite maior transparência e coerência internas, e esta é agora a grande questão que o remete à Filosofia do Direito e a uma nova fase de sua maturidade psico-afetiva.

6.1.4.2 A idealização como defesa contra o desamparo.

O conceito psicanalítico de ideal do eu, pode ser pensado como resultante do complexo de Édipo e do narcisismo primitivo. Esse conceito diz respeito ao modo de funcionamento intrapsíquico, amparado pela realidade psíquica, pelo qual o sujeito pode recriar sua unidade e onipotência, perdidas pela ação do princípio da realidade. O processo de idealização se associa à constituição do ideal do eu, apesar de não se sobrepor a essa constituição. No processo de idealização, o eu trata o objeto de forma hiper-valorizada, projetando nele sua ilusão de perfeição, colocando o objeto no lugar do eu, na tentativa de preencher narcisicamente o reconhecimento de qualquer falta que poderia levá-lo a se deparar com suas próprias limitações. O que se aspira é a própria ilusão narcísica de concretizar novamente o estado de onipotência infantil, reeditando uma situação de gozo absoluto, na qual nenhuma falha, diferença ou conflito sejam

permitidos. Trata-se, portanto, de uma realização de desejo em que a realidade não é levada em conta.

Neste estado ilusório, a falta e a diferença estão ausentes. O eu idealizado funciona como uma imposição externa ou interna que subjuga o eu e o faz sofrer, na medida em que esses supostos ideais fazem parte de um mundo narcísico - no qual se pretende alcançar o gozo absoluto - que nunca será alcançado. Repleto de imposições rígidas e enérgicas - doutrinas e dogmas - na tentativa ilusória de recuperar a perfeição narcísica, os ideais podem afastar o sujeito da realidade, não suportada por suas limitações, e podem remetê-lo a um estado de infantilização ou alienação que o incapacitam de administrar sua própria vida.

No contexto das religiões, o processo de idealização permite a criação de uma realidade própria - a transcendência - pela qual a ilusão da unidade perdida através do processo de desenvolvimento, pode ser reconstruída projetivamente. É justamente nesta intersecção que observamos o processo de idealização religiosa, no qual atuam os mitos e as lendas religiosas, além das narrativas epopéicas dos grandes mestres religiosos e os seus textos, que tentam suplantar a dor e o sofrimento humanos e sua impotência diante das inúmeras formas de desamparo ainda presentes na contemporaneidade.

Em outras palavras, o sujeito marcado pela falta tenta reconstruir sua unidade narcísica através do processo de idealização religiosa, uma vez que a percepção da sua condição psíquica o remete às suas feridas narcísicas não elaboradas, pelas quais sofre diante da incapacidade de aceitar seus limites e tolerar a sua ambivalência.

Pelas razões expostas é importante então que o estudante de Teologia no seminário em questão - através do estudo teológico crítico e amadurecimento existencial - possa elaborar melhor suas idealizações, tanto as singulares associadas às fantasias narcísicas de onipotência, quanto as culturais constituídas no contexto de suas Igrejas de origem. Faz-se necessário o luto destas idealizações - representado pelas crises teológicas - para que ele se volte, não para sua ilusão de perfeição narcísica infantilizada e alienante, mas para as possibilidades reais do seu trabalho como profissional religioso.

A tensão restante, entre essa idealização e as determinações concretas do cotidiano, normalmente é percebida na forma de angústia e ansiedade, e é indispensável que o sujeito aprenda a suportar e tolerar a ambivalência desta situação e a redirecione para conquistas mais concretas e menos alienantes.

O estudo crítico de Teologia pode colaborar e auxiliar o sujeito nessa passagem de um estado romantizado e infantilizado dos dogmas religiosos para uma elaboração mais consciente e abrangente da sua realidade, na qual se reconhecem e se aceitam as limitações e se resgatam suas virtudes na forma de realizações parciais, que incluam a falta e a falha, presentes, inclusive, nas demandas dos textos considerados sagrados.

Por outro lado, a psicanálise mostra – ao apresentar um sujeito cindido e marcado pela falta - que este processo não se constitui apenas de um ato de vontade ou de razão - o estudo crítico da Teologia - mas também se trata de uma nova organização psíquica, que inclui movimentos inconscientes, contraditórios e ambíguos, como os encontrados na dinâmica existencial e vocacional/profissional, nos avatares da paixão. A suportabilidade de todos esses elementos, evidentemente, depende também da maturidade psíquica e teológica do sujeito, conquistada, por vezes, a grandes custas emocionais e afetivas.

Para os quatro sujeitos desta pesquisa, o processo de idealização religiosa se associou a sua singularidade e ao momento de sua inserção no estudo dentro do Seminário Teológico, nos segundo e quarto anos do curso, respectivamente.

Para o sujeito A, estudante do segundo ano de Teologia e sem queixas de natureza vocacional/profissional, que entende a sua vocação como “um chamado divino” e que afirma “*eu também não vejo a Igreja e o pastorado como um emprego*”(S 27-28), a dinâmica vocacional/profissional ainda está muito idealizada e fortemente conectada às dinâmicas das pessoas mais próximas da Igreja com quem convive, pois “*as pessoas falavam que era aquilo que eu tinha de fazer, que realmente estava dada a coisa*”(S 5), como se ele mesmo pouco participasse da constituição desse desejo “*de fazer os atos pastorais de uma forma intensa, uma vida assim consagrada a Deus*”(S 34), “acompanhado” de um Pai (Deus) que o designa e o ampara, que o acolhe em seu sofrimento e restaura sua unidade.

É também este Pai idealizado que o sustenta nos momentos mais críticos em que “*pensamentos que passam pela minha cabeça... não, eu vou desistir, eu vou parar (...)* *mas a minha vontade é de permanecer firme (...)* *possa sair daqui convicto (...)* *firme na fé e pronto para servir a Deus*”(S 34). Esses momentos deixam transparecer sua dinâmica psíquica/vocacional ainda muito infantilizada e dependente dessa instância extra-sujeito, teologicamente denominada de transcendência, da qual supostamente se

obterá amparo e proteção em troca de fidelidade e submissão. Por isso, por maiores que sejam as lutas e crises no seminário, para A, “(...) *no final de tudo não é o conflito que vai permanecer, mas é o conhecimento maior (...) a fé é ainda mais firme, mais inabalável*” e, ele recomenda aos calouros “(...) *nunca deixar de crer naquele que os guiou e chamou.*”(S 33).

Assim, o sujeito A ainda está por perceber sua fenda narcísica, sua cisão, sua busca por objetos totais e absolutos idealizados, seja pelo processo de elaboração psíquica existencial, seja pelo amadurecimento teológico acadêmico no Seminário Teológico. Ainda está capturado e imobilizado pela idealização como uma defesa contra o desamparo proveniente da percepção de sua falta, de que não é tão perfeito quanto imaginava e que, mesmo como pastor, cuja função o remete à condição de pai dos seus fiéis, que por sua vez está sujeito ao grande Pai da Igreja com o qual se identifica – Deus – ele continua com a falta que lhe lembra constantemente sua condição de humano. Tal condição lhe permite um certo domínio sobre os aspectos racionais de sua vida, mas suas pulsões, entre elas os afetos, sobrepõe-se à sua vontade racionalizada na forma de desejo, ainda que reprimido, e permanece atuando sobre seu comportamento.

Por um lado, ele acede ao desejo de representar esse Pai transcendental, identificando-se com sua representação cultural e religiosa – a Igreja – um subproduto desse ideal transcendental na Terra, na qual supostamente deveriam estar ausentes a falta e a falha, por serem supridas pelo grande Pai protetor e mantenedor que o chama para essa tarefa. Quando percebe que a falta continua presente, apesar dos seus esforços para expurgá-la através de comportamentos morais rígidos e inflexíveis, assim como pelas renúncias de todas as ordens, sente-se ameaçado por ela, desenvolvendo defesas neuróticas contra a mesma, que demandam muito sofrimento, angústia e dor. Uma saída para este impasse poderia ser o desenvolvimento de uma suportabilidade capaz de reconhecer os limites da razão em relação a pulsionalidade humana, que também delimitam melhor sua falta, pela qual então seria capaz de aceitá-la e tolerar sua ambivalência.

Por outro lado, com a relativização dos ideais da modernidade – liberdade, igualdade e fraternidade – o que se presumia conquistar sob os auspícios da razão moderna, e também pela fragilização dos conceitos sociais e culturais através da relativização do conhecimento no processo de globalização, entre outras instâncias políticas e econômicas, o desamparo do sujeito ficou muito mais evidente, e a afluência

de grandes massas de desamparados para religiões de todas as matizes pode ser um reflexo desse momento em que a des-razão novamente impera na forma de religião.

Evidentemente que não se trata mais de explicar a origem do homem e do universo, como foi a pauta da Idade Média - uma tarefa hoje relegada à ciência – mas de buscar, via idealização transcendental, um sentido maior para uma vida que se equivocou com as promessas vazias da razão moderna auto-suficiente, que no seu delírio onipotente se julgava capaz de dominar o universo à revelia da pulsão, esta sim, a propulsão primeva do ser vivente. A psicanálise convenientemente resgatou a pulsão do seu desvairado esconderijo, o inconsciente, atribuindo-lhe um lugar e um tempo junto à falácia da razão soberba, devidamente dimensionado no espectro do desamparo desolador.

Esta é exatamente a intersecção da qual se nutre a religião: o desamparo do sujeito sem perspectivas e sem motivações, que busca alento na idealização religiosa como forma de se sujeitar [nas Igrejas fundamentalistas] ou resistir [nos movimentos ecumênicos por consciência social] ao seu desamparo diante da hodiernamente observada fragilização das Instituições.

Este também é o lugar do profissional religioso, que se identifica com o pai consolador e restaurador cultural-religioso desse desamparo, tenta preencher esse espaço com dogmas e crenças de toda natureza, que levadas ao extremo, facilmente podem passar de uma mera idealização romântica de plenitude para uma grave alienação social.

Para a psicanálise, uma saída mais saudável seria a percepção desse desamparo mediante a aceitação dos limites que este impõe, desenvolvendo uma suportabilidade capaz de tolerar as ameaças de desintegração sentidas pelo sujeito e redirecionar sua ambivalência para fins mais criativos e construtivos, do que esgotar suas energias em defesas destrutivas neurotizadas.

Para o sujeito A este é um processo em andamento, porque ainda está muito capturado pelo seu ideal de eu, que, pela idealização sumária, rege sua demanda psíquica e ofusca sua dinâmica vocacional/profissional.

O sujeito B, estudante do quarto ano de Teologia, apresenta-se como sem queixas de natureza vocacional, é filho de pastor e provém de um lar em que o pai, também pastor, é altamente idealizado e, por isso mesmo, distante dos problemas

comuns de uma família “normal”. Esse estudante, desde cedo, sofre as conseqüências desse contexto, que o impede de seguir a carreira profissional de jogador de futebol, por ser uma carreira demasiadamente secular para um filho de pastor.

A relação dele com esse pai está muito marcada por referências idealizadas, *“você tem que ser exemplo e tal (...) sempre o pai é nosso herói, o super man, nós temos um dentro de casa, então ele tem razão e eu particularmente acreditava muito nisso”*(S 6), e na medida em que percebe a falta de consistência desse modelo idealizado, sofre as duras conseqüências em sua própria vida, *“foi muito traumático, tanto que eu sempre fui aquela que fez oposição a ele dentro de casa, sempre a ovelha negra da família”*(S 6).

A falta de consistência desse modelo idealizado por B transparece claramente em suas palavras: *“à princípio isso foi muito disfarçado (...) de repente a gente começa a ver a opção que tomou, não foi por nós, para que a gente ficasse bem, mas que ficasse bem perante a Igreja”*(S 6). À medida em que ele vai compreendendo o mundo real dos humanos, *“a gente vai crescendo e descobre que não temos nem um super-herói, que a pessoa que está aí é seu pai, ele possui falhas, aí, digamos que você acorda e te dá um choque”*(S 6), B percebe o quanto tudo isso foi ilusório porque *“meu pai me diz para não mentir, mas esqueceu de me falar a verdade (...) para mim era uma mentira, uma forma fantasiosa de viver a vida (...) para que não afetasse o próprio conceito dele perante as outras pessoas”*.(S 6) Também é nesse momento em que ele descobre que renunciou à toa a seu propósito de ser jogador de futebol – talvez nunca tenha renunciado de fato – “coincidentemente”, outra profissão extremamente idealizada e idolatrada.

A resposta a essa idealização foi a de afastar-se do seu núcleo familiar e religioso, com a disposição de enfrentar as últimas conseqüências *“(...) eu não fico com Igreja nenhuma, se não arranjar outra, ou então eu volto e eu fico sem Igreja, com algum outro tipo de vida, se conseguir viver com Deus (...) mas não como eu vivia enclausurado, sempre alguém ditando o que fazer”*(S 5).

Ao sair de casa busca no curso de Direito – outra profissão muito idealizada – os novos valores de sua vida, embora desista desse curso por “motivos financeiros”, o que mostra o quanto o modelo profissional paterno idealizado serve ainda ao plano projetivo de sua vida profissional.

Nesse momento de sua vida encontra outro pastor, em outra Igreja – Igreja Presbiteriana Independente – que lhe acolhe e lhe dá *“uma visão mais geral do mundo,*

a questão vocacional não se restringia somente à Igreja, tinha muitos campos, o campo social e tantos outros que você podia atuar também (...) isso abriu a minha visão”(S 2), e permitiu que ele integrasse alguns aspectos vocacionais/profissionais idealizados – *“posso também fazer opções diferentes”*(S 6) – em função da nova dinâmica que encontra no Seminário Teológico.

Este foi um verdadeiro *“processo de libertação (...) um oásis”*(S 9), pelo qual assume agora uma voz mais crítica e contextualizada, *“ser um porta-voz, de ser um denunciador, aquele que denuncia as injustiças de todas as formas, social, eclesial, espiritual (...) que me fez tomar consciência”*(S 9), de certa forma, uma idealização mais integrada com as necessidades reais do seu contexto de vida.

Objetivando uma intervenção na dinâmica desse contexto mais amplo, ele percebe que suas habilidades específicas, *“eu acredito muito na questão da educação, do ensino”*(S 14), instrumentalizam e ampliam o nível de percepção da realidade e viabilizam a constituição de um sujeito capaz de desenvolver uma melhor suportabilidade para sua subjetividade cindida e que é capaz de tolerar seus limites e sua ambivalência.

Ele mesmo passou por essa dinâmica que, apesar das crises inerentes a todo processo de mudança que precisa suportar o diferente e o estranho, possibilitaram-lhe um maior grau de equilíbrio psíquico expresso conclusivamente em sua avaliação:

hoje eu tenho uma fé muito mais sadia, uma fé mais consciente (...) uma formulação mais consciente propriamente de Deus e da fé que me envolve nesse campo (S 16), obtendo ferramentas para uma fé mais consciente, não uma vida cristã domesticada, mas consciente, responsável, sensível. (S 17)

Esse estado de organização psíquica parece fazer a diferença e ser a grande conquista de B, após quatro anos de Teologia no seminário, que lhe permitiu inclusive permanecer na carreira religiosa [ele assumiu profissionalmente uma Igreja após formar-se no curso em 2002] dentro dessa nova perspectiva, de que *“é possível ter uma vida religiosa sadia, numa perspectiva liberta e libertadora e dentro de uma visão não dicotômica de sagrado e profano”*.(S 17)

Justamente a dicotomia entre sagrado e profano favorece a idealização sumária, desconectada das necessidades reais do sujeito em seu meio-ambiente e, nesse sentido, as crises existenciais e teológicas no Seminário Teológico permitem ao estudante de Teologia avaliar e repensar seus valores idealizados. É por isso que *“a crise sempre nos*

vai remeter a uma situação melhor, a um crescimento, nisso eu posso ver depois de tudo o que eu passei (...) porque passei a encarar a crise com outros olhos, pelo meu crescimento”.(S 17)

Em suma, a longa exposição a um modelo supra-idealizado de pastor, bem como o desamparo e o sofrimento crítico daí resultantes, além do processo de elaboração existencial e teológico no contexto do Seminário Teológico, permitiram que o sujeito B reformulasse suas expectativas vocacionais/profissionais – as carreiras na área do Direito e futebol são igualmente muito idealizadas – no sentido de compreender melhor os limites entre sua potência/impotência e reavaliar seu papel na dinâmica vocacional/profissional que o capturava na cisão entre o sagrado e o profano.

A aceitação dessa cisão, para a psicanálise, permite a superação da idealização alienante e re-equaciona os limites entre as possibilidades reais de uma elaboração psíquica pautada pela aceitação da falta, integrando os aspectos idílicos e projetivos remanescentes como substratos aos ideais reformadores e transformadores da sociedade.

Para o sujeito C, estudante do segundo ano de Teologia e com queixas de natureza vocacional/profissional, o processo de idealização foi um dos principais constitutivos da sua dinâmica vocacional/profissional religiosa, a ponto de configurar-se como determinante nas escolhas vocacionais/profissionais entre os mais jovens. Segundo sua percepção, *“a Igreja sempre tem aquela visão dos mais piedosos, aquele jovem que trabalha muito dentro da Igreja, que tem... que se esforça muito para ser bom cristão, ta sempre envolvido com trabalhos, sempre falam: você é pastor, você ... a princípio eu acreditava muito nessa idéia”*(s 7), que o faz dedicar 95% do seu tempo para a mesma.

À medida em que C se envolve com os trabalhos da Igreja, percebe o quanto responde à dinâmica do desejo de pessoas comuns e não necessariamente ao desejo de Deus, como pensava inicialmente, e que se tratava muito mais de expectativas humanas idealizadas que ficam *“martelando na cabeça da gente (...) e foram alugando a minha cabeça de tal forma que... parece que não havia como eu ser fiel a Deus (...) ou eu teria que ser missionário, ou eu teria que ser pastor”*.(S 8)

E agora, já no transcorrer do segundo ano de Teologia, C vê confirmadas suas suspeitas quanto à leitura de suas qualificações supostamente transcendentais ao pastorado, na medida em que recebe instrumentos, via Teologia, para avaliar melhor tais

pressupostos. O Seminário Teológico tem esse papel discriminador, pelo que C relembra: *“ô seminário me trouxe muitas coisas boas (...) graças a Deus que eu estou hoje aqui e não vou ter que viver aquela vida cristã que eu vivia antigamente (...) com certeza, eu não viveria feliz e taria fazendo muitas pessoas infelizes ao meu redor”*.(S 13)

A inconsistência da idealização da carreira religiosa faz C perceber que *“por um lado eles falam assim: o homem de Deus, tudo é o pastor, né, mas por outro lado (...) fingem que sabem mais que o pastor, parece que estão aí para observar a vida do pastor e esquecem de ver a sua própria vida”*(S 24). O pastor, nesta perspectiva, parece ser antes um objeto de decoração religiosa – como a figura dos monarcas em alguns regimes políticos - que ainda não é totalmente dispensável, mas tem uma atuação muito restrita em relação à realidade, a não ser como reprodutor da ideologia religiosa de sua Igreja.

C percebe claramente esse impasse no seu trabalho com o grupo de jovens de sua Igreja pois *“hoje eu estou com dificuldades de trabalhar, pois antes eu ficava ligado nessa questão moral, hoje já não vejo mais dessa forma”* (S 26), e não consegue mais conciliar adequadamente as expectativas éticas e morais idealizadas da Igreja com sua própria experiência no Seminário Teológico, fruto da reflexão e conscientização teológicas em busca de autonomia e independência de pensamento. Por isso precisa reformular sua proposta vocacional/profissional e ainda não sabe a direção exata desse seu novo empreendimento.

O sujeito D, estudante do quarto ano de Teologia e com queixas de natureza vocacional/profissional [D já se formou e não assumiu o pastorado como profissão, voltando para a área do Direito, na qual se prepara para concurso público] já respondia a uma dinâmica profissional idealizada quando ainda era estudante de Direito, em que, a exemplo de seus pais, se envolveu em projetos sociais de sua cidade como o *Projeto Carinho*, que objetivava resgatar a cidadania de pessoas carentes ao fornecer-lhes documentos de identificação pessoal e similares, no qual participava com afinco.

De certa forma, também fora do contexto religioso parece haver uma fase de idealização profissional no transcorrer de cursos universitários com algum grau de intervenção e realização social – Sociologia, Psicologia, Medicina, Direito, Assistência Social, entre outros – que, entretanto, é elaborada posteriormente em contato com as

diretrizes profissionais da realidade objetiva e subjetiva do mundo do trabalho.

Também o sujeito D é seduzido por esta idealização, cujo confronto o leva à Teologia, pois *“isso causou uma mudança em mim, quando eu percebi que seria pouco se eu fizesse apenas ... trabalhar para meu ganha-pão (...) eu poderia ser mais do que isso (...) com relação a estar ajudando as pessoas”*(S 2). Por conta dessa dinâmica, vai ao Seminário Teológico adquirir mais conhecimento a respeito – não para assumir uma atividade pastoral propriamente dita - porque *“a idéia de ajudar passava pela idéia de ter conhecimento, de ter um preparo, de ter uma qualificação para ajudar”*(S 2), que o entretém no transcorrer dos quatro anos de Teologia.

Por conta dessa dinâmica, assume uma Igreja aos finais de semana, numa localidade próxima ao Seminário Teológico, onde percebe com clareza o quanto uma atividade pastoral, na verdade, está distante dos seus propósitos, e *“eu comecei a me sentir frustrado com relação a isso (...) o trabalho era muito interno e a minha idéia era me envolver com a sociedade”*(S 5), pelo qual abandona esse campo de trabalho e se dedica somente aos estudos.

Todo esse confronto, entretanto, lança-o em profundas crises existenciais e teológicas, que, curiosamente, o fazem retornar à escolha profissional inicial na área do Direito, agora mais centralizado e informado a partir de um curso de especialização em *Filosofia do Direito*, do qual retorna com perspectivas profissionais mais abrangentes e conectadas com a realidade concreta do cotidiano, isto é, a partir de perspectivas menos idealizadas e mais engajadas no sofrimento hodierno da contemporaneidade. Sua descoberta é que *“a gente não pode desvincular o conhecimento teológico ou filosófico, psicológico ... dos relacionamentos”*(S 9), em que se re-descobre como pessoa, singular, em busca de maior qualidade de vida para si e para aqueles aos quais se dedica de forma pessoal e profissional.

Acompanhando o processo de constituição vocacional/profissional dos quatro sujeitos desta pesquisa, pode-se perceber que todos têm como ponto de partida uma idealização religiosa, que se desdobra na relação com seus ideais de eu, na relação idealizada com a figura paterna do pai terreno e do Deus-pai transcendental, e na relação com os ideais contemporâneos postos pela cultura religiosa.

Assim, temos por parte dos estudantes de Teologia uma supervalorização de suas habilidades, seja na forma de uma valorização externa de determinadas funções

sociais, seja na percepção interna como um “chamado” transcendental a ser cumprido em forma de tarefa.

Para os sujeitos A e C, apesar dos eventos pessoais que marcam o início desse processo e que são melhor elaborados no transcorrer do curso a partir de disciplinas que proporcionam-lhes conhecimentos teológicos mais específicos, além do auto-conhecimento como um instrumento de interpretação da realidade, a constituição da dinâmica vocacional/profissional foi muito atravessada pelos processos de liderança de grupos de jovens em sua Igreja local. Para o sujeito A, a atividade religiosa foi muito influenciada pelo desejo e dinâmica das pessoas que o acompanham nessa tarefa, no sentido de confirmar constantemente que ele realmente “tinha jeito para isso”, recebendo *feedback* positivo, idealizando sua atividade como inspirada em eventos transcendentais. Para o sujeito C, o exercício da sua liderança que manipulava e oprimia as pessoas a ele sujeitas, demonstra o quanto sua atividade religiosa inspirava as mesmas, a ponto de se sujeitarem a controles extremos do seu comportamento, a partir de uma ótica moral-religiosa.

Para os sujeitos B e D, a dinâmica vocacional/profissional idealizada se constituiu muito mais em função de dinâmicas internas de auto-conhecimento, presentes também nos sujeitos A e C, mas que priorizaram essa função em relação aos outros determinismos sociais e religiosos. Como tal, o sujeito B tenta reconstituir sua relação com o pai ausente, apesar da sua presença física. Na impossibilidade de fazê-lo no concreto do seu cotidiano, afasta-se dele e também da Igreja, do Deus que ele representa, e quando o reencontra em outro pastor (em outra Igreja) com o qual pode se identificar mais positivamente, volta a esse lugar e o re-assume na forma de pastor dessa Igreja.

Já o sujeito D, por estar identificado inicialmente com o pai, que planeja inclusive uma parcela da sua vida profissional, precisa abandoná-lo temporariamente para discriminar melhor sua própria dinâmica vocacional/profissional, a partir da qual pode estabelecer mais adequadamente sua demanda profissional. Apesar da sua resistência inicial, D deixa-se seduzir pelo esplendor dos ideais humanitários e religiosos propostos pela Igreja local que frequenta, pelos quais pretende se igualar e se diferenciar desse pai, recuperando-o em sua dinâmica psíquica, via especialização em *Filosofia do Direito*, que o remete posteriormente à atividade jurídica propriamente dita.

Na medida em que os sujeitos B, C e D percebem a idealização da sua atividade profissional religiosa a partir de um estudo crítico da Teologia e do amadurecimento pessoal-existencial, abandonam paulatinamente essa perspectiva, superando-a pela reelaboração do ideal do eu via recuperação do humano, do plausível, da falta e da fenda narcísica que os caracterizam, assim como também caracterizam a humanidade.

Esse movimento de recuperação do humano ainda não é muito visível no sujeito A, do segundo ano de Teologia, que ainda está muito capturado e preocupado em corresponder aos ideais nele projetados por parte daqueles que o enviam ao Seminário Teológico, e em manter seus ideais originais, em nome das quais busca o conhecimento teológico. Por outro lado, em seu discurso também já são visíveis os anacronismos trazidos pelas crises teológicas e existenciais que já o atravessam em direção às reformulações trazidas pelo curso, que servirão de âncoras ao processo de elaboração psíquica e teológica, imprescindíveis ao exercício de uma Teologia contextualizada, isto é, uma Teologia baseada na rearticulação do sofrimento humano e seu desamparo diante dos limites sociais, políticos e econômicos do seu cotidiano .

O sujeito C, também do segundo ano de Teologia, que não provém de um contexto familiar tão idealizado, pelo contrário, além de suas dificuldades com o pai alcoólatra, sua experiência mais intensa com a religião se restringe aos últimos três anos antes do seu ingresso no Seminário Teológico, percebe sua incoerência, sua falta, já no início do estudo de Teologia. Conforme seu relato, ele já ingressa no seminário com “as coisas não resolvidas”, menos sujeito ao processo de idealização, e talvez por isso torna-se extremamente exigente e opressor no período de trabalho com a Igreja, como uma tentativa de compensar suas frustrações por não corresponder aos ideais nele projetados, o que, entretanto, lhe permite permanecer em contato consigo mesmo.

Em razão disso, consegue suportar e tolerar melhor a ansiedade daí resultante, habilitando-o também a suportar o ambíguo e o contraditório, provindos do estudo crítico de Teologia e conseqüente crise existencial e teológica daí resultantes, que lhe amplia a percepção do “transcendente” nas suas conexões com o “imaneente”, isto é, a intersecção do ideal com o humano no plano concreto da realidade subjetivada.

O sujeito B, do quarto ano de Teologia, já tinha rompido com a dinâmica religiosa idealizada do contexto de sua família, pelo impedimento que esta tinha formulado diante do seu desejo de ser jogador de futebol, apesar destas escolhas

profissionais - ser jogador de futebol e o curso de Direito - serem igualmente profissões com alto grau de idealização.

Em função do rompimento com a família, especialmente com seu pai, B pode rejeitar esse pai idealizado e distante de suas necessidades reais, e, no plano transcendental, negar esse Deus idealizado e distante do sofrimento experimentado em sua família, e, à medida em que novamente recupera esse Deus, agora humanizado através da experiência com um outro pastor, ele também pôde recuperar seu próprio pai biológico, mais humano – com a mesma falta e a mesma cisão - com o qual passa a se identificar, assumindo, inclusive, a carreira religiosa como profissão.

Freud (1927) já tinha chamado a atenção sobre a constituição de um Deus transcendente de acordo com a figura e experiência do pai imanente, humano, pelo qual se caracteriza a experiência religiosa propriamente dita. No caso do sujeito B, à medida em que passa a rejeitar seu pai biológico distante e idealizado, ele também rejeita a esse Deus, cujas representantes são a religião e a Igreja, das quais se afasta temporariamente. Quando recupera esse Deus no contato com um pastor de outra denominação religiosa mais próxima aos seus anseios, recupera também seu pai biológico, com o qual novamente se identifica, ingressando no Seminário Teológico e posteriormente formando-se pastor de uma Igreja constituída (IPI).

O sujeito D também provém de um contexto profissional idealizado - da área do Direito - pois seu pai advogado é reconhecido no meio social em que vive e também sua mãe se envolve constantemente em projetos sociais, amparados pelo enlace rotariano que embasa suas ações intervencionistas. Era este também o caminho planejado para o filho, de trabalhar ao lado desse pai, um projeto relativamente consistente, até ser capturado e seduzido pela proposta de liderança dos jovens da Igreja local (IPI).

Por esta razão, o curso de Teologia para D nunca foi extensivo à carreira religiosa como profissão, antes, serviu para suprir conhecimentos pelos quais ele pudesse se igualar ou até superar a profissionalização desse pai idealizado, buscando recursos junto ao “Pai transcendental”. Assim, quando percebe esse impasse – na especialização em filosofia do Direito – ele pode retornar ao seu lugar de origem e também à profissão “corretamente” escolhida – Direito – pela qual resgata sua dinâmica profissional e busca sua felicidade temporal.

Em suma, a idealização profissional parece ser uma fase do processo constitutivo de algumas profissões, especialmente aquelas relacionadas a um alto grau

de expectativas de intervenção social, e o grau de idealização parece ser diretamente relativo aos seus paradigmas e construtos teóricos, que se associam aos ideais singulares do sujeito e aos ideais culturais.

6.1.4.3 Idealização ou alienação: uma questão de saúde mental?

O curso de Teologia, e também a carreira religiosa como profissão, integram um alto grau de idealização, em parte dirimida pelo estudo crítico textual e dogmático da metodologia usada no Seminário Teológico, mas ainda muito presente no exercício da carreira religiosa como profissão no contexto das Igrejas locais.

Nesse patamar ainda se pode falar em ilusões e mais convenientemente em alienações religiosas, que, em algumas circunstâncias, como nas seitas fundamentalistas religiosas, chegam a suplantar o contato com a realidade. Assim, por um lado, no mundo contemporâneo, a humanidade assiste atônita à reedição das “guerras santas”. Especialmente na “guerra santa” entre os EEUU e o Iraque, o desenlace de ódio e vingança entre ocidente e oriente, que acontece na atualização de eventos bélicos. Os EEUU se consolidam como um país que oprimiu países que não lhe poderiam responder belicamente na mesma proporção, como foram as guerras contra o Vietnã, Coréia, entre outros. A “guerra santa” realizada em nome da liberdade foi promovida pelos EEUU, tendo por base o fundamentalismo cristão (em nome do bem e contra o comunismo, contra o mal), além dos interesses políticos e econômicos, que anteriormente já destruíram países inteiros em desmedida desvantagem militar.

Por outro lado, é absolutamente incompreensível como povos e nações, em pleno desenvolvimento tecnológico, com acesso às mais recentes teorias tecnológicas e conhecimentos abrangentes sobre a vida e o universo, ainda se deixam iludir por fundamentalismos religiosos e políticos ridículos e absolutamente superados. A situação é tal que povos ditos industrializados, do “primeiro mundo”, e desenvolvidos, colocam em risco sua soberania e submetem seus cidadãos a vexames e toda sorte de inconveniências e brutalidades que a civilização, pelo conhecimento que detém, já deveria ter superado.

Entretanto, isto mostra claramente os limites do conhecimento e da razão, condições que no contexto da modernidade foram considerados *a via da libertação* de toda sorte de preconceitos e mal-estar da cultura e da civilização, mas que não detêm a

chave da felicidade e do bem-estar, ao que parece, tão prometida pelos embates discursivos políticos e religiosos de todos os tempos. A modernidade prometeu livrar a humanidade dos seus infortúnios através da busca do conhecimento e do saber, através do uso da razão pelo homem. Entretanto, embora estas prerrogativas tenham sido parcialmente implantadas e o homem contemporâneo se encontre ainda buscando essas realizações, os objetivos propostos pela modernidade ainda estão por ser conquistados.

O próprio Freud já reconhece os limites desse conhecimento articulado pela modernidade, quando em suas *Reflexões para os tempos de Guerra e Morte* (1915/1974, p.312-3) expressa sua desilusão com o gênero humano civilizado, lamentando:

esperávamos que as grandes nações de raça branca (...) esperávamos que esses povos conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesse. Dentro de cada uma dessas nações, elevadas normas de conduta moral foram formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada. (...) Poder-se-ia supor, porém, que as próprias grandes nações adquiriram tanta compreensão do que possuíam em comum, e tanta tolerância quanto a suas divergências, que 'estrangeiro' e 'inimigo' já não podiam fundir-se, tal como na Antiguidade clássica, num conceito único.

Estrangeiros e inimigos na Antiguidade clássica ainda podiam opor-se aos familiares e amigos nas pequenas e frágeis nações incultas, em que a sobrevivência estava atrelada ao uso da força e do poder sobre estes. Porém, que estas mesmas estratégias de opressão e submissão fossem aperfeiçoadas pela cultura contemporânea - o conhecimento acumulado dos povos civilizados deveria permitir uma saída racional, via civilização - certamente representa um retrocesso no desenvolvimento das nações que acreditavam superar seus impasses políticos, econômicos e religiosos através de uma negociação democrática, que respeitasse a diretriz primeira dos povos civilizados, baseada na auto-determinação dos povos e nações.

Mesmo em seu texto posterior “o *Mal-estar na Civilização*” (1930/1974, p. 92) Freud ainda permanece nesse impasse sobre os benefícios que o conhecimento poderia trazer para a superação de toda sorte de preconceitos ideológicos ou religiosos na civilização moderna quando assevera atônito:

(...) Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que não podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série de lamentáveis atos retrógrados”.

De certa forma, a humanidade hodierna ainda está diante desse impasse, no qual se acredita que a produção de conhecimento para a superação dos problemas da vida social, a grande questão da modernidade, seja efetivamente uma “saída civilizada” para os grandes paradoxos da passionalidade humana, e de certa forma isso é verdadeiro para as grandes conquistas materiais, especialmente dos povos mais desenvolvidos.

Outrossim, o desenvolvimento e as aquisições materiais dos povos “civilizados” de forma alguma capacitou o homem a levar uma vida mais digna, apesar de promover a cidadania, a responsabilidade e a democracia já aspiradas pelos gregos, matrizes da cultura ocidental. Entretanto, não capacitou o homem a ser tolerante com grupos e segmentos que apresentam formas de organização cultural e social diferenciados dos estabelecidos pelos padrões ocidentais. Pelo contrário, estes se aproveitam da suposta “inferioridade” destes povos para subjugar e explorá-los a partir de instâncias materiais, econômicas, políticas e até culturais, de uma forma apenas mais depurada que a do homem das cavernas.

A mudança na forma de opressão do homem sobre o homem parece estar no grau de exposição dessa passionalidade primeva, que até hoje desnuda o desamparo daqueles que, submetidos a padrões de impotência psíquica e econômica, refugiam-se na idealização, que pode tornar-se alienação, como forma de resistência à degradação humana, como uma possibilidade alternativa ao poder que o conhecimento formal e objetivo sempre tem prometido.

Uma resistência modulada pela mudez e outras vezes pelo sacrifício e renúncia pulsionais – se os EEUU venceram a batalha contra o Iraque por sua soberania militar, os iraquianos, mudos e desqualificados militarmente, certamente estão vencendo a guerra ideológica e religiosa, apesar dos pesares - muito embora este seja um preço que a civilização, em seu estágio avançado, supostamente não precisaria mais pagar. Evidentemente que também os motivos econômicos (petróleo) e religiosos (a religião islâmica - como se esta fosse maléfica e contrária às religiões da civilização ocidental), têm sua devida importância no conflito, muito embora estes embates possam ser resolvidos pela via da negociação, como tem sido feito pela intermediação da ONU.

Se a idealização e a alienação ainda são usadas como recursos de resistência e sobrevivência aos ditames da pulsionalidade primeva, isso demonstra o quanto a sublime razão iluminista da modernidade não tem conseguido seduzir os aspectos

pulsionais da subjetividade humana, ainda cindida entre “o bem e o mal”, cuja suportabilidade administrativa entre a razão e a paixão ainda está por ser conseguida.

Esta talvez também seja a razão pela qual assistimos hoje a uma grande afluência às religiões de todas as matizes, em que grandes massas de desamparados de todas as espécies idealizam e, às vezes, alienam-se na religião como uma saída ao impasse e ao desencantamento para com a razão moderna, tendo em vista que não somente os pobres e infelizes se refugiam na religião, mas entre eles também se encontra uma relativa massa de intelectuais, cientistas e os economicamente favorecidos de todas as áreas.

Tal fenômeno está sendo amplamente estudado pelos cientistas sociais, sendo que intelectuais de todas as ordens professam abertamente suas crenças ideológicas e religiosas, contra todas as expectativas racionais promovidas pelo desenvolvimento e conhecimento contemporâneos, acerca das determinações que regem o universo como um todo. De fato, mudou-se radicalmente o enfoque das grandes questões existenciais dos séculos passados, não se pergunta mais pela existência física ou mítica de Deus, dos deuses e dos demônios regionais e celestiais que ocupavam a mente do pensador renascentista, de modo que esta não é mais a questão em litígio e hoje uma prerrogativa da ciência. Por outro lado, conforme Rouanet (2002, p. 1),

(...) surgiu um novo estado de espírito, que não é nem anti-religioso, como no iluminismo e no século XIX, nem apologético, como na vaga neotomista do período de entreguerras (Maritain) ou na trilha de Jean Guitton ou Teilhard de Chardin, com suas tentativas de reconciliar a ciência e a fé. Em nenhum momento o secularismo moderno é posto em xeque, mas a idéia de sua incompatibilidade de princípio com a religião entra em declínio.

No artigo intitulado *A volta de Deus*, Rouanet (2002) comenta a passagem do divino para o humano no contexto da modernidade, especialmente uma certa divinização do humano como a força motriz da transcendência horizontal, que permite ao sujeito ultrapassar os limites de sua percepção interiorizada para alcançar o outro em nome do amor. Um amor paradigmático como o concebe Philippe Ariès (1978;1981), como *a grande revolução da afetividade*, que na interpretação de Luc Ferry (1996, apud Rouanet, 2002, p.2) não pode ser pensado como “Eros”, cujo objeto se extingue com sua gratificação, mas como a “Philia” aristoteliana, uma afeição que exige a presença

do objeto, ou como o “Ágape” cristão, que interliga entre si mesmo os sujeitos indiferentes, cujo horizonte é a humanidade inteira.

Trata-se, portanto, do resgate da dimensão filosófica do ser humano, cujo humanismo *“sustenta a existência de valores transcendentais a partir do amor (...) acredita que esses valores são religiosos no sentido etimológico de “religare”, de criarem um vínculo em todos os homens (...) pelos quais vale a pena lutar e morrer”*(Rouanet, 2002, p.2). Para esse autor, não se trata de uma religião *a priori*, que legitima o homem, mas *a posteriori*, uma descoberta no interior da imanência humana, como algo a ser constantemente construído. Não é mais uma religião heterônoma que captura o sujeito em sua imanência, inadmissível desde a fundação da liberdade da razão, mas que torna novamente possível pensar a questão do sentido, que inclui princípios e valores que não estão ao alcance do saber empírico.

De certa forma, esse humanismo transcendental reintroduz o simbólico na sociedade secularizada, o eterno ciclo da vida, que se realiza, conforme esse autor, quando o pecado se converte em culpa e a transgressão divina em violação de leis humanas. Se a previsão freudiana de que a religião desapareceria com o progresso da razão não se efetivou, mas ressurgiu dos seus efeitos mais nefastos, seja na forma de idealizações ou alienações, também para as concepções desse humanismo, o secularismo moderno não é posto em questão e nem significa uma regressão pré-moderna em que o saber seja substituído pela crença, mas significa que *“fé e ciência não estão em concorrência, que ‘não ocupam os mesmos hemisférios do cérebro’, que cada um tem sua função própria”* (Rouanet, 2002).

Na ótica dessa dimensão, a fé também tem um papel na sociedade do conhecimento, na qual *“a religião estaria contribuindo com um conhecimento próprio, com uma antiga ‘fronesis’, diferente da mera ‘episteme’ moderna, com uma ‘sagesse’, que pode complementar a ciência sem deformá-la”*(Rouanet, 2002). Nessa nova sociedade, a dupla cartesiana fé e razão deixam de ser oponentes e fazem alianças reciprocamente proveitosas na determinação das intervenções sociais e políticas para o bem-estar da humanidade. A fé seria o impulso utópico e a consciência dos limites, uma espécie de passagem da nostalgia religiosa para uma prática social consciente.

De certa forma, esta nova intersecção já tinha sido percebida por Freud (1927), quando estabeleceu uma diferença entre *ilusão* e *delírio*, em que uma ilusão não é

necessariamente um erro por derivar-se do desejo humano, e somente o delírio tem características patológicas.

No âmbito da religião, poder-se-ia falar então de *idealização* e *alienação*, na qual a idealização se formaria no desejo de superar o desamparo diante dos limites humanos nas articulações sociais, econômicas, políticas e religiosas, e serve de combustível nas intervenções para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e humana, independentemente do seu paradigma articulador. Somente a alienação, um paralelo ao delírio, deve ser combatida com rigor, pois destitui seus agentes da capacidade de reagir criticamente aos eventos opressivos e inibe sua percepção criadora, pela qual poderia reconstruir seu bem-estar.

Evidentemente que também a idealização deve estar ancorada ao plano da realidade contextualizada, que determinará seu grau de intervenção social, o que, no plano da religião, significa o comprometimento ético e político com os pilares da reforma social ampla e irrestrita, para a qual o saber teológico serve de inspiração e alento intelectual. Esta é também a razão pela qual o estudo de Teologia deve ser crítico e desafiador, desmascarando as ideologias eclesiais que pretendam aprisionar a chama revolucionária dos textos proféticos e inibir a ação transformadora do evangelho contextualizado para uma realidade específica.

Justamente o texto sagrado contextualizado permite a reinterpretação dos dogmas e paradigmas teológicos não mais condizentes com os avanços e recuos da Igreja como instituição, reformulando ideologias e teologias obsoletas e ultrapassadas, pelas quais o sujeito crente é capturado em sua fé subjetivada. Como toda instituição, também a Igreja necessita construir uma representação identitária, pela qual se apresenta ao seu público e se diferencia em sua singularidade, o que lhe permite controlar e manipular seus membros de acordo com as características dos saberes e valores que se propõe divulgar. No contexto da Teologia protestante, essa normatização é conhecida como *confessionalidade*, isto é, o formato em que um determinado paradigma teológico – incluindo sua interpretação – é mantido como regra de fé. É nessa intersecção que a fé é capturada pela instituição, que lhe determina a singularidade em que um determinado valor de fé é concebido para uma determinada circunstância, numa determinada faixa temporal, a interface na qual uma determinada teologia pode se transformar publicamente numa intrigante ideologia religiosa.

Nesse processo, a Igreja, como instituição, apropria-se da fé do sujeito crente, modelando sua forma de ser e pensar, modelando também seu texto considerado sagrado – a Bíblia – na medida em que irá salientar aqueles textos considerados de acordo com sua proposta ideológica, desprezando, reinterpretando e até negando outros textos que fazem afronta ao seu corpo ideológico.

O exemplo mais típico desta manipulação teológico-ideológica está nos textos *apócrifos*, uma coletânea de textos bíblicos que não são aceitos como tal por um significativo número de Igrejas e teologias. A própria organização do *cânon bíblico* - a coletânea final dos 66 livros bíblicos reconhecidos como o texto sagrado dos cristãos, apesar da existência de outros textos usados pela comunidade cristã primitiva – representa esta seletividade teológico-ideológica, que reconhece o idêntico, mas expurga e exclui o diferente, a alteridade que, entretanto, também faz parte do mesmo conjunto, apesar das suas divergências e singularidades. Essa discriminação pode acontecer tanto no nível da pesquisa nas instituições de ensino teológico – Faculdades e Seminários Teológicos – quanto no nível da administração político-eclesiástico da Igreja como instituição – nas assembleias gerais e sinodais por voto ou designação – de acordo com o modelo administrativo vigente.

Mas não é só no nível das instituições teológicas que se processa esse viés corporativista, extensivo também às unidades menores de representação identitária teológica. Nas Igrejas locais e mesmo entre seus membros mais dispersos se reproduz o modelo ideológico tomado como norma, o que quase sempre significa a exclusão daqueles que não comungam parcial ou totalmente com esse modelo e que sobrevivem na periferia da instituição ou migram para algum modelo mais coerente com seus princípios de vida.

O Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, de Londrina-PR, mantido pela Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, também conhecido como “a casa dos profetas”, incorpora, de certa forma, essa função discriminatória ao manter um currículo acadêmico-teológico que se propõe a uma reflexão sistematizada dos seus paradigmas e epistemologias, em direção à construção-desconstrução e atualização do seu saber teológico, o que no âmbito da sua subjetividade elicia as mais diferentes crises teológicas e existenciais nos estudantes de Teologia. Tais crises, entretanto, são absolutamente necessárias ao amadurecimento teológico e existencial, uma vez que não se objetiva somente a reprodução da ideologia teológica em questão, mas também a

produção de novos saberes teológicos e singulares, nos quais, inclusive, haja suportabilidade suficiente ao diferente e ao estranho, de cuja alteridade possam brotar os afetos que permeiam e mantêm as relações humanas no nível do plausível e da inclusão do outro diferenciado, que obviamente também é a base do amor fraterno cristão.

Como se processa essa construção-desconstrução do saber acadêmico teológico nos estudantes de Teologia foi o objetivo maior desta dissertação, cuja dinâmica, expressa nos relatos de quatro estudantes do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, foi analisada nesta pesquisa. Como este saber teológico crítico e desafiador reflete nos campos práticos das Igrejas constituídas, para as quais esses pastores são enviados, permanece uma questão aberta, cujo estímulo pode servir de inspiração para uma nova investigação desta natureza.

CAPÍTULO VII

7.1 Algumas discussões.

A constituição do sentimento religioso, a partir de uma ótica psicanalítica, se processa em função de certos determinismos intra-psíquicos, como também em função de determinismos sociais externos.

Nesse contexto se destacam as experiências de desamparo das mais diferentes naturezas, sentidas pelo sujeito como ameaça à sua representação identitária, seja diante do desamparo primordial frente às forças da natureza e da própria pulsionalidade humana, seja diante do desamparo contemporâneo perante as diferentes formas de despersonalização e desintegração vividas no contexto da modernidade.

Especificamente, as rupturas no paradigma da modernidade, via processo de globalização, produzem no sujeito a perda da crença na promessa do Estado de oferecer o bem estar social e na promessa oferecida pelo Iluminismo de atingir a autonomia marcada pela razão, levando-o a exacerbar suas vivências de abandono e a se voltar novamente para a religião, na expectativa de encontrar consolo e refúgio à sua ansiedade exacerbada.

Destacam-se, dessa forma, as atividades desenvolvidas pelas Igrejas, como instituições sociais, que prometem amparo e proteção ao sujeito moderno, marcado pela falta e assolado pela fragmentação do saber moderno diante da falência das instituições e da razão moderna iluminista, em troca de fidelidade e submissão aos postulados teológicos e sociais nelas vigentes. Para tal, muitas Igrejas infantilizam esse sujeito já fragmentado e desiludido, em sofrimento pela incapacidade de aceitar sua falta e suportá-la, levando-o a desenvolver defesas, por vezes, neuróticas, através de processos compensatórios como a idealização ou até a alienação religiosa.

Nesse processo de idealização/alienação configura-se também a dinâmica vocacional/profissional, que, segundo Bohoslavsky (1981), é multideterminada, isto é, que se constitui por uma escolha afetiva reparatória - pulsional e da ordem do desejo - por um lado, e das ofertas da demanda institucional relacionada ao mercado de trabalho, por outro. Da qualidade de interação entre esses meios e da conciliação dessas diferentes ordens de determinações, vivida pelo sujeito na forma de um conflito

psíquico, constitui-se a dinâmica profissional, em que o trabalho pode vir a ser uma fonte de prazer ou sofrimento singular.

Também no contexto da religião se verificam esses determinismos, pois tanto as pessoas quanto as instituições produzem dinâmicas reparatórias e desenvolvem vínculos reciprocamente proveitosos, pelos quais o candidato ao estudo de Teologia é enviado ao Seminário Teológico. Tendo em vista que a maioria dos “vocacionados” para a vida religiosa provém de lares de situação econômica baixa, a integração destes em programas institucionais da Igreja implica, geralmente, em aumento de *status* e reconhecimento social, condições às quais o sujeito não teria acesso por seus próprios meios. A singularidade de cada vínculo dessa natureza é que configura a dinâmica vocacional/profissional religiosa, sentida pelo sujeito como um envio ou um chamado de natureza supostamente transcendental, ou uma resposta à sua dinâmica reparatória.

Quando o candidato ao ministério religioso é “enviado” para um Seminário Teológico protestante ou reformado, geralmente ele ainda desfruta de uma visão muito romantizada da Teologia, pela qual supostamente ele irá aprimorar seus anseios transcendentais. Quando não se confirmam essas expectativas no transcorrer do estudo, via de regra, ele entra em sofrimento, desembocando nas mais diferentes crises existenciais e teológicas, tão peculiares no transcorrer de todo o curso de Teologia.

Essas crises remetem o sujeito a uma condição peculiar da teologia protestante que se ancora na proposta iluminista da modernidade. Essa condição supõe que o sujeito constitui o saber através da ciência e que existe uma metodologia capaz de auferir o conhecimento através da pesquisa objetiva – em contraste com o conhecimento provindo das crenças – que se estabeleceu como norma para a academia iluminista. Evidente que os aspectos subjetivos do conhecimento não podem ser apreendidos por esta metodologia, mas a exclusão sumária de todo conhecimento que não provém por esta via metodológica, aparentemente, satisfazia à academia científica em seu narcisismo ufanista.

A teologia européia protestante também seguiu esses passos, na tentativa de fazer uma teologia científica, utilizando-se dos mesmos métodos investigativos da ciência secular, pela qual foi convenientemente denominada de “teologia liberal”, pelo seu caráter investigativo em disciplinas como a exegese, a crítica textual e a interpretação fenomenológica da hermenêutica, além do estudo crítico da história dos povos bíblicos e da formação do cânon-bíblico, entre outras. O curso de Teologia numa

instituição protestante, portanto, mantém essas características acadêmicas, pelas quais elicia as mais diferentes crises existenciais e teológicas, absolutamente necessárias para uma elaboração psíquica e teológica de um curso de tal natureza.

O primeiro embate teológico dessa natureza foi “a busca do Jesus histórico”, influenciado pela crítica racionalista do iluminismo, que desde o final do século XVIII vem tentando resgatar a dimensão histórica de Jesus, isto é, tentando depurar as atividades terrenas desse “messias”, em relação à literatura que se constituiu a seu respeito, um processo que se chamou de “demitologização”. Posteriormente todo o cânon-bíblico foi submetido ao mesmo rigor investigativo, o que até hoje caracteriza a teologia protestante.

Nesse contexto, a fé torna-se uma atividade reflexiva, que, até certo ponto, despreza a dinâmica subjetiva pulsional do psiquismo humano, baseada nas articulações das paixões humanas, promovendo um certo “desencantamento” de Deus e da Igreja, reduzindo-os a instâncias ideológicas de controle social, ancoradas em processos ilusórios e alienantes. Também a filosofia renascentista postulava essas concepções, de que a consciência de Deus é a auto-consciência do homem e a religião um desvendamento dos tesouros ocultos do homem, uma forma alienada da essência humana, em que os atributos divinos são uma projeção dos atributos humanos desejados.

Também Freud (1907) foi capturado por essa dimensão interpretativa da religiosidade humana, observando que o cerimonial religioso é muito semelhante ao cerimonial neurótico obsessivo, pelo qual considerou a neurose obsessiva o correlato patológico de uma religião, e a religião como uma “neurose obsessiva universal”.

Em seu texto *O futuro de uma ilusão* (1927) comenta a necessidade da civilização ainda utilizar-se de meios coercivos para seu desenvolvimento, em que a religião teria seu papel diante do desamparo perante as forças da natureza e da pulsionalidade humana primitiva, mas que fatalmente ela [a religião] perderá essa importância com o advir dos novos conhecimentos promovidos e já no bojo da modernidade iluminista.

Nesse patamar, a ilusão religiosa teve sua função civilizadora, que juntamente com a arte e a ética, (Freud, 1930) promoveram o sustento contra as forças da natureza e da pulsionalidade humana numa fase mais infantil da humanidade. Na contemporaneidade ainda permanecem alguns resquícios, certos “resíduos históricos”

dos ensinamentos religiosos, que, como “reliquias neuróticas” continuam presentes na humanidade, na forma de normas e preceitos éticos e morais, através dos quais a civilização se mantém.

Freud (1927) acreditava que a ciência seria capaz de superar os impasses da pulsionalidade humana através da racionalidade da civilização, muito embora seus textos sobre *Guerra e Morte* (1915) já demonstravam seu equívoco e sua decepção com a civilização ocidental, por não ter conseguido superar suas divergências através do uso da razão, na qual o estrangeiro e o diferente permaneciam inimigos, como na Antiguidade Clássica.

Estas observações, entretanto, levaram-no a criar um campo próprio de análise do psiquismo, de que este não era regido pelos aspectos conscientes e racionais do ser humano, como se acreditava até então, mas controlado muito mais pelos aspectos pulsionais e inconscientes, mostrando um sujeito dividido, clivado e marcado pela falta e pela falha, expressa na emergência do desejo inconsciente. Tratava-se agora de um ser humano marcado por dois tipos de saber, um consciente e discursivo – que apreende a realidade através dos instrumentos da razão, em oposição a um saber inconsciente, fragmentado, expresso na dinâmica do desejo pulsional.

Essa ambigüidade do conhecimento é a principal fonte das ilusões religiosas, que, transformadas em ideologias arbitrárias, levam à idealização e à alienação religiosas. Nesse contexto também se evidencia a força de uma ilusão, inclusive como uma forma de resistência social, política ou religiosa, pelo qual Freud (1927) também não considerou a ilusão como um erro, por estar baseada no desejo humano, em que apenas o delírio – um paralelo à alienação – tem características patológicas.

Para Freud (1927), a religião, como uma constituinte cultural, não impediu que a humanidade fosse infeliz em sua civilização, apesar do seu domínio milenar. As “guerras santas” medievais e contemporâneas e todos os seus instrumentos de exclusão, mostram o fracasso da religião diante da pulsionalidade primeva. Mostram também que, seu saber e seu controle não foram capazes de levar a humanidade ao bem-estar promovido pelo seu discurso. Restava-lhe agora confiar no saber produzido pela ciência, que apesar das suas limitações, proporcionasse à humanidade o alento necessário para continuar sua tarefa civilizatória, de integrar o sujeito consigo mesmo e com seu ecossistema.

Entretanto, seu famoso parágrafo *‘Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar’* (Freud, 1927, p. 69) já demonstra os limites desse saber racionalizado, que o leva a constituir e a manter a noção de “realidade psíquica”, baseada na confluência do saber racionalizado com os ditames da pulsionalidade inconsciente. Segundo esse conceito, o sujeito fala do passado em nome do futuro, cuja elaboração interpretativa singularizada corresponde à produção de um saber inconsciente e atemporal, que lhe permite uma suportabilidade para sua falta e sua cisão, minimizando os mecanismos de compensação como a idealização ou até mesmo a alienação.

A idealização, baseada no conceito psicanalítico de “ideal do eu” (Freud, 1914), serve de base de projeção às ilusões religiosas. Com ela se pode reconstruir o gozo por uma unidade plena e absoluta com um suposto Pai transcendental, identificado na esfera humana pela fé numa Igreja constituída e representada na figura do pastor, pela qual se pretende minimizar o impacto do desamparo, que viceja pelas mais diferentes formas de exclusão social, política e econômica, ainda presentes no contexto da contemporaneidade. Assim, pelo ideal do crente se procura reconstruir projetivamente a plenitude com o Pai onipresente, um gozo absoluto embasado nas experiências infantis de plenitude e idealização.

A experiência religiosa, dessa forma, está diretamente relacionada aos conflitos pulsionais inconscientes derivado de experiências afetivas primitivas de desamparo e da idealização como forma de captura desse transcendental idílico. Essas experiências primitivas são reeditadas no sujeito adulto nas atuais formas que explicitam o desamparo e impotência, ainda presentes na contemporaneidade e associados a diferentes formas de exclusão social, política e econômica: pela ilusão dos enormes progressos no campo da tecnologia só acessível a minorias privilegiadas; pela morte através das armas e das drogas; pela decepção com a falência das ideologias e das utopias sociais; pela instrumentalização de pessoas e instituições a serviço das grandes corporações multinacionais; pelos conflitos internacionais por supremacia ideológica e econômica, culminando nas “guerras santas” da atualidade, como o conflito Iraque – Estados Unidos da América.

Diante de todos esses mecanismos de despersonalização e desamparo das mais diferentes naturezas, explode esse novo mercado da fé, repleto de ilusões e delírios institucionais – seitas religiosas - em que vicejam as promessas de restauração através

de projetos materiais e transcendentais de cura, consolo, potencialização e redenção, obtidas no processo de idealização religiosa. Esta idealização também permite a criação de uma realidade própria - a transcendência - pela qual a ilusão da unidade perdida na infância pela ação do princípio da realidade, através do processo de desenvolvimento, pode ser reconstruída projetivamente, utilizando-se, para tal, dos mitos e lendas religiosas, além das narrativas epopéicas dos grandes mestres religiosos e dos seus textos, para suplantar a dor e o sofrimento humanos.

A idealização religiosa, assim, é uma alegoria à superação do sofrimento e desamparo humanos, escancarando a falta e a falha humanas, a cisão e clivagem do psiquismo, assinalando os limites em relação ao plano da consciência/inconsciência que determinam justamente a condição do humano.

Observando o nível de idealização religiosa no contexto do Seminário Teológico analisado, em relação aos sujeitos desta pesquisa, esse processo foi observado em sua singularidade e relativo ao momento da inserção do sujeito no estudo dentro da instituição, trabalhando-se com o segundo e o quarto anos do curso. Essa escolha ocorreu em função desses anos do curso serem os mais difíceis, muito embora possuam dinâmicas singulares, em virtude de, o segundo ano, geralmente, ser o mais crítico para o estudante e o quarto ano, via de regra, mostrar como ele elaborou ou não sua crise existencial e teológica perante sua perspectiva vocacional/profissional.

Nesse sentido, o estudo crítico de Teologia auxilia o sujeito ainda idealizado e romantizado diante dos dogmas religiosos de sua Igreja de origem para uma elaboração teológica mais consciente e abrangente da sua realidade, na qual se reconhecem e se aceitam as limitações, que incluem a falta e a falha, presentes também nas demandas dos textos considerados sagrados.

Entretanto, a psicanálise mostra que este processo de aceitação não se constitui apenas de um ato de vontade ou de razão - o estudo crítico da Teologia - mas também inclui uma reorganização psíquica, compreendendo movimentos inconscientes, contraditórios e ambíguos, presentes inclusive na dinâmica existencial e vocacional/profissional. A suportabilidade desses elementos depende da maturidade psíquica e teológica do sujeito, conquistada, por vezes, a grandes custas emocionais e afetivas.

Nesse sentido, o sujeito A, do segundo ano de Teologia, ainda não percebe adequadamente sua falta, por estar ainda muito idealizado em sua dinâmica

vocacional/profissional e sofre diante do desamparo que o curso de Teologia provoca, capturado e confiante no saber e na razão teológica, sem perceber que justamente terá de abrir mão dos absolutismos teológicos e filosóficos que ainda embasam sua fé, em nome da qual quer se formar pastor.

O sujeito B, do quarto ano de Teologia, provém de um lar marcado pelas restrições que todo processo de idealização estabelece ao cotidiano, cuja mobilização o transforma na “ovelha negra da família”. Ao distanciar-se da mesma, também rompe com sua religião, mas a recupera posteriormente com o auxílio de um pastor de outra Igreja (IPI), menos fundamentalista que a sua, pela qual é enviado ao Seminário Teológico. No Seminário passa por um verdadeiro “processo de libertação”, pelo qual rearticula a função idealizada de pastor e descobre sua habilidade como educador.

O sujeito C, do segundo ano de Teologia, provém de um lar marcado pelo sofrimento com um pai alcoólatra, cujo resgate para fora daquela condição o filho C tomou como objetivo de vida. Capturado pelos ideais humanistas de uma Igreja (IPI), que descobre ocasionalmente, dedica a ela 95% do seu tempo em funções de liderança juvenil e logo descobre que os ideais por ela propagados não são tão consistentes quanto imaginava e vai ao Seminário Teológico para dirimir desconfiças e dúvidas, que lhe acompanham no transcorrer do curso. Sua dinâmica vocacional/profissional, entretanto, está marcada por uma dinâmica reparatória (Bohoslavsky, 1983), do resgate e identificação com o pai (falecido) ao qual sempre fez oposição acirrada, que pode ser recuperado agora pela identificação com o suposto Pai transcendental, via Igreja, com o qual tenta estabelecer uma conexão através do trabalho numa instituição religiosa.

O sujeito D, do quarto ano de Teologia, já formado em Direito, também capturado pelos ideais humanistas das atividades rotarianas dos seus pais, encontra ressonância às suas habilidades de liderança num grupo de jovens da Igreja (IPI) que sua família frequenta, envolvendo-se ali também em projetos sociais a ela associados. Apesar da sua resistência inicial em estudar teologia, vai ao Seminário Teológico para aprimorar seus conhecimentos na área, já relativamente definido de que não atuaria profissionalmente na área pastoral. Sua história mostra o quanto uma dinâmica vocacional/profissional pode ser articulada pelo desejo de outros sujeitos ou instituições, mas na medida em que estes não respondem à sua própria dinâmica, dificilmente se manterão por muito tempo. De fato, seus conflitos existenciais e teológicos no contexto do Seminário rearticulam sua dinâmica vocacional/profissional,

e ao fazer uma especialização em Filosofia do Direito, concomitante ao estudo de Teologia, confirma sua preferência já anteriormente definida pela área do Direito, à qual retorna após forma-se em Teologia.

Em suma, a dinâmica vocacional/profissional do estudante de Teologia parece configurar-se em torno de duas questões basilares: a arbitrariedade do desamparo contemporâneo e o brilho dos ideais humanitários e religiosos.

A primeira questão permite falar que inseridos e capturados pelo desamparo que caracteriza as relações humanas da contemporaneidade e respondendo aos ímpetus mobilizadores de ansiedade singulares a cada um dos sujeitos desta pesquisa, como estudantes de Teologia do Seminário Teológico Rev. Antônio de Godoy Sobrinho, precisam enfrentar seu próprio desamparo diante das disciplinas teológicas de caráter investigativo, especialmente aquelas relacionadas à pesquisa bíblica e teológica, fomentados por métodos de crítica textual, de exegese e de interpretação contextual (hermenêutica) da Bíblia.

Também diante do estudo da história das Literaturas do Antigo e Novo Testamentos, assim como do estudo das Línguas originais desses textos (Grego e Hebraico), da Teologia Sistemática e Contemporânea, além das disciplinas de apoio e seus respectivos paradigmas, vêm ameaçados seus valores até então inabaláveis, especialmente aqueles que se referem às concepções mais ingênuas da própria fé.

Outrossim, o estudo de Teologia, neste padrão acadêmico, certamente fragmenta os alicerces das concepções mais romantizadas ou até fundamentalistas ainda vigentes no contexto das Igrejas donde esses estudantes provêm, e certamente isso representa um grande dilema no seu retorno às mesmas, seja em funções pastorais ou de qualquer outra natureza.

Como também acontece em outros cursos mantidos em altos níveis de idealização – como Medicina e Direito – o impacto com a realidade objetivada do cotidiano precisa re-equacionar as expectativas subjetivadas através das experiências com a teologia acadêmica, que, via de regra, ainda não são suportadas pelo contingente de membros das Igrejas constituídas, que operacionalizam seus valores de fé no nível do senso comum. Como cada pastor redimensiona esta questão no nível pragmático de sua atuação profissional, é uma questão que, pela sua abrangência, não foi contemplada no contexto dessa pesquisa.

A segunda questão diz respeito ao fato de que, de um modo geral, todos os quatro sujeitos dessa pesquisa, apesar de suas dinâmicas vocacionais/profissionais diferenciadas, respondem a dinâmicas idealizadas em sua origem, nas quais a ilusão da unidade perdida através do processo de desenvolvimento pode ser reconstruída projetivamente, pelas quais eles vêm e se mantêm no Seminário Teológico. A atualização dessas dinâmicas, em que imperam a dor e o sofrimento humanos, determina em grande parte o grau de suportabilidade e tolerância às novas formas de estruturação pessoal e institucional, pelos quais o sujeito pode reconstruir seus fragmentos, aceitar sua falta e seus limites e tolerar a sua ambivalência, sem que estes ameacem demasiadamente sua organização psíquica e social.

Finalmente, o curso acadêmico de Teologia, especialmente na sua forma mais crítica como é concebido no contexto da teologia protestante/reformada, é uma resposta aos fundamentalismos religiosos opressores e ditatoriais que ainda vicejam nos últimos séculos, pelos quais ainda se fazem “guerras santas” – conflito EEUU-Iraque – apesar de todos os benefícios materiais, culturais, políticos e econômicos que a civilização moderna nos trouxe.

Por outro lado, esses mesmos fundamentalismos, independentemente de suas matizes religiosas, indicam que a sublime razão iluminista moderna também fracassou, assim como a religião, na sua tarefa de “catequizar” a pulsionalidade humana. E se a idealização e até a alienação social e religiosa ainda são usadas como recursos de resistência à pulsionalidade primeva, isso só vem confirmar a hipótese, de que o saber racional moderno também não conseguiu seduzir os aspectos pulsionais da personalidade humana, o que pode ser uma razão para a grande afluência contemporânea às religiões de todos os tipos, em busca de consolo, amparo e proteção.

Se as religiões efetivamente realizam o que prometem é uma questão muito controversa, mas, de qualquer modo, a grande afluência de desamparados de todos os tipos às mesmas – também sujeitos intelectualizados e aparentemente céticos - e nas mais diferentes formas de organização, parece atribuir-se ao resgate da dimensão filosófica do ser humano, que reintroduz o simbólico na sociedade secularizada, na qual o pecado se converte em culpa social e a transgressão divina na violação de leis humanas. Nesse patamar, também a idealização deve estar ancorada ao plano da realidade singular e social, o que, no contexto da religião, significa o comprometimento

ético e político com os pilares da reforma social ampla e irrestrita, para a qual o saber teológico serve de inspiração.

8.0 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. *O Enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Protestantismo e repressão*. São Paulo: Ática, 1982.

ANTONIAZZI, A O Sagrado e as Religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: CALIMAN, C. (org) *A Sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998 p. 11-19.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A Construção social da realidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

BEZERRA, B. Jr. Subjetividade Moderna e o Campo da Psicanálise. In: BIRMAN, J. (Org). *Freud 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1989. p. 219-239.

BERLINCK, M T. O que é Psicopatologia Fundamental. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Vol. 1, n. 1, março de 1998.

_____. Tempos do Édipo. in: FERNANDES, H. R. (Org) *Tempo do Desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BINGEMER, M.C.L. A Sedução do Sagrado. In: CALIMAN, C. (org) *A Sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 79-115.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLEGER, J. Entrevista e Grupos. In: *Temas de psicologia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOCK, A. M. B. et. al. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BOFF, L. *O destino do homem e do mundo: Ensaio sobre a vocação humana*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional – A estratégia clínica*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Entre a Encruzilhada e os Caminhos. in: BOHOSLAVSKY, R. (Org) *Vocacional: Teoria técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1983.

- BULTMANN, R. *Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.
- CHAUÍ, M. Filosofia Moderna. In: _____ . *Aspectos da história da filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CALIMAN, C. (org) *A Sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COELHO JR, N. Realidade Clínica e Realidade Virtual. In: PACHECO, R. A. et. al. *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. São Paulo: Educ/Casa do Psicólogo, 2000.
- DIAS, M.L. Família e Escolha Profissional. In: BOCK, A. M. B. et. al. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- DOLTO, F. *O evangelho à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- ELLENS, J H. *Graça de Deus e saúde Humana*. São Leopoldo: CPPC/Sinodal, 1986.
- FASSA, B. *Poder e amor, a micropolítica das relações*. São Paulo: Aleph, 1992.
- FÉDIDA, P. *Clínica psicanalítica – estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.
- FIGUEIREDO, L. C. *A invenção do psicológico*. 5. ed. São Paulo: Educ: Escuta, 2002.
- _____. *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos*. São Paulo: Escuta, 1995.
- FONSECA, M. A. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 1995.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. O que é o Iluminismo. In: *O dossier: últimas entrevistas*. Rio de Janeiro: Taurus, 1984.
- FREUD, S. A Desilusão da Guerra. In: *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, p. 311-26, 1915/1974.
- _____. Análise Terminável e Interminável. In: *Moisés e o monoteísmo – esboço de psicanálise e outros trabalhos*. v. 23. Rio de Janeiro: Imago, p. 239-87, 1937a/1975.
- _____. A Renúncia ao Instinto. In: *Moisés e o monoteísmo – três ensaios*. v. 23. Rio de Janeiro, p. 138-45, 1938/1975.
- _____. Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. In: *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. v. 9. Rio de Janeiro, p. 119-31, 1907/1976.

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância*. v. 11. Rio de Janeiro, p.55-124, 1910/1970.

_____. Nossa Atitude para com a Morte. In: *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, p. 327-39, 1915/1974.

_____. *O futuro de uma ilusão (1927) – o mal-estar na civilização (1930)*. v. 21. Rio de Janeiro, p. 13-247, 1974.

_____. O Ego e o Superego (ideal do ego). In: *O ego e o id e outros trabalhos*. v. 19. Rio de Janeiro, p. 42-54, 1914a/1974.

_____. O Estranho. In: *História de uma neurose infantil e outros trabalhos*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1976.

_____. Psicanálise. In: *Dois verbetes de enciclopédia*. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, p. 285-307, 1923/1976.

_____. Qualidades Psíquicas. In: *A mente e seu funcionamento*. v. 23. Rio de Janeiro, 182-190, 1937b/1975.

_____. *Totem e tabu e outros trabalhos*. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-194, 1913/1974.

_____. Três Ensaio para uma Teoria Sexual. In: *A sexualidade infantil*. v. 7. Rio de Janeiro, 123-252, 1905/1972.

_____. Sobre o Narcisismo – Uma Introdução. In: *A História do movimento psicanalítico; Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*. v.14. Rio de Janeiro, 85-119, 1914b/1974.

GAY, P. *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONZÁLEZ, J. L. *A Era das Trevas*. v. 3. São Paulo: Vida Nova, 1981.

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HENNINGSEN, V.R.D. O Superego e a Construção dos Ideais. In: *Cadernos de psicanálise. Teoria e Clínica do Superego*. Rio de Janeiro, n. 13, Ano 21, p. 147-154, 1999.

- HERNANDEZ, C. J. *O lugar do sagrado na terapia*. São Paulo: Nascente, 1986
- HILMAN, J. *Uma busca interior em psicologia e religião*. São Paulo: Paulinas, 1984
- HORREL, J. S. *Maçonaria e fé cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
- I. P. I. *Um passado tão presente: 1903-1983*. São Paulo: Pendão Real, 1983.
- JEWETT, P K. *Election and predestination*. Gran Rapids. Mich: William B Eerdmans; Devon: Paternoster Press, 1980.
- JOSUTTIS, M. *Prática do evangelho entre política e religião*. São Leopoldo: Sinodal, 1979
- KANT, I. *Resposta à pergunta: que é esclarecimento ?*. Textos Seletos. Petrópolis: Vozes, 1974.
- KLEIN, M. *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1981.
- KLEIN, M.; RIVIERI, J. *Amor, ódio e reparação*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- KOLTAI, C. *A tentação do bem. O caminho mais curto para o pior*. Revista Agora. Rio de Janeiro: vol. n. p. 9-18, 2002
- LÉONARD, E. G. *O Protestantismo brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP/ASTE, 1981.
- LIBÂNIO, J. B. O Sagrado na Pós-Modernidade. In: CALIMAN, C (org) *A sedução do sagrado*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61-78.
- LOURAU, R. *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MENDONÇA, A G. *O celeste porvir – a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- MATEUS, O. B. (ed.) *Situação da educação teológica*. São Leopoldo: Sinodal 1989,
- MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *A sombra de Don Juan e outros ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. Que significa “pesquisa” em Psicanálise? In: SILVA, M. L. da (Org). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1993.

_____. *Psicanálise e pós-graduação – notas, exemplos, reflexões*. São Paulo: 1999.
Disponível em: <<http://www.estadosgerais.org/>> Acesso em 23/09/1999.

NASCIMENTO, R.S.G.F. Sublimação, Reparação e a Escolha Profissional. in: BOCK, A. M. B. et. al. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

NIETZSCHE, F. *The Gay Science*. In: KAUFMANN, W. *The portable Nietzsche*. New York: The Viking Press, 1965.

PACHECO, R. A. et. al. *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise*. São Paulo: Educ: Casa do Psicólogo, 2000.

PEREIRA, E. C. *As origens da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil*. São Paulo: Almenara, 1965.

PEREIRA, M.E.C. *Pânico e desamparo: um estudo psicanalítico*. São Paulo: Escuta, 1999.

PFISTER, O. Die Illusion einer Zukunft. In: *Zeitschrift für Anwendung der Psychoanalyse auf die Natur- und Geisteswissenschaften*. Zürich: CH, Imago, 1928, 14 Band, Heft 2/3, p.151 et. ss.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PROENÇA, W.L. *Seminário Teológico de Londrina*. Londrina: UEL (Monografia)1997.

RIZZUTO, A M. *Por que Freud rejeitou Deus ?*. São Paulo: Loyola, 2001.

ROUANET, S. P. *A razão cativa*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *As razões do iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *A volta de Deus*. São Paulo: FSP – Caderno Mais, 19.05.2002.

_____. Dilemas da moral iluminista. In: NOVAES, A (org.) *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. O Olhar Iluminista. In: NOVAES, A, (org) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *Razão e Paixão*. In: CARDOSO, S. et.al. *Os Sentidos da Paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

RULLA, M. *Psicologia do profundo e vocação*. São Paulo: Paulinas, 1986.

SEGAL, H. *A obra de Hanna Segal – uma abordagem kleiniana à prática clínica*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

SILVA, M. E. L. da. Pensar em Psicanálise. In: _____ (Org). *Investigação e psicanálise*. Campinas: Papirus, 1993.

SLOTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. v. 1-2. Madrid: Taurus Humanidades, 1989.

SOUZA, M. de. *A experiência da lei e a lei da experiência*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 1999.

_____. De identidades e de identificações. In: *Vertentes*, Assis, v. 4, 1998, p. 49-59.

_____. *Fios e furos: A trama da subjetividade e a educação*. São Paulo: 2003.
Disponível em: <http://www.anped.org.br/> Acesso em 13/11/2003.

SOUZA SANTOS, B. S. Um Discurso sobre as Ciências na transição para uma Ciência Pós-Moderna. In: *Estudos avançados*. v. 2, n. 2, São Paulo, 1988.

_____. Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira. In: *Tempo social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo: 5 (1-2) 31-52, 1993.

TELLES, S. *De novo e sempre, o mal-estar na cultura*. São Paulo: 2002. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/grupos_virtuais/telles_sergio-mal-estar_na_civilizacao.shtml>. Acesso em 17/10/2002.

WALKER, W. *História da Igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 1967, v. 2.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 14. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

VEJA. Potência Isolada. In: *O erro de Bush*. Ed. Abril, ano 36, n. 11, 19 março de 2003, p. 46-50.

VIEIRA, D. G. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: EdUnB, 1980.

ZIZEK, S. *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. *O mais sublime dos histéricos: Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ANEXO I
SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV. ANTÔNIO DE GODOY
SOBRINHO
Roteiro para entrevista

I - DADOS PESSOAIS:

NOME _____ IDADE ____ SEXO ____ ESTADO CIVIL _____

II – HISTÓRICO DA IDENTIFICAÇÃO DA DEMANDA RELIGIOSA:

I – Argumentos Pessoais:

1. Comente sobre o ponto inicial da sua opção pelo ministério religioso.
2. Comente sobre as origens e predisposições da sua opção no contexto do seu meio-ambiente, sobre as influências específicas de pessoas ou instituições na determinação da sua opção pelo ministério religioso.
3. Comente sobre o momento pessoal de decisão final pelo ministério religioso.

II – Argumentos teológicos:

4. Comente sobre os fundamentos teológicos (razões) de sua opção pelo ministério religioso.
5. Comente sobre os *encontros* e *desencontros* (os argumentos se mantiveram ou não) desses fundamentos teológicos por ocasião de sua **entrada** no seminário.
6. Comente sobre os *encontros* e *desencontros* desses fundamentos teológicos no seu **estágio acadêmico atual** no seminário – até que ponto o currículo teológico do seminário (projeto pedagógico) foi de encontro às suas expectativas vocacionais.

III – Expectativas:

7. Comente sobre suas expectativas vocacionais entre o momento de entrada no Seminário e o estágio acadêmico atual em que se encontra. (razões e justificativas).
8. Se pudesse voltar atrás no tempo, com os conhecimentos atuais que tem, tomaria as mesmas decisões ? Por que ?
9. Questão aberta: (acréscimos pessoais) Gostaria de dizer mais alguma coisa sobre o desenvolvimento de sua opção pelo ministério religioso ?

ANEXO II

SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV. ANTÔNIO DE GODOY SOBRINHO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA I

Nome: A (SQNVP)⁵⁰ Data: Idade: 21 Sexo: Masculino
Estado Civil: Solteiro Domicílio: Ano: 2.

P – 1 Bom, então nós estamos aí e vamos começar a entrevista, onde você vai nos contar um pouco da sua vida, principalmente do que motivou você a chegar aqui no seminário, e aí então eu queria lhe perguntar assim, que você imaginasse um ponto inicial nessa caminhada, quem está aí, você está sozinho ou há outras pessoas nesse ponto inicial ... eu queria então que você comentasse um pouco a sua história que te conduz e te leva para cá, já nesse segundo ano ?

S – 1 Foi um momento assim ... eu nasci na Igreja ... sempre estive na Igreja envolvido com lideranças, louvor, diaconia, nesse sentido ... aí, foi basicamente, em tempo cronológico, no ano de 97, por ocasião do 31 de julho, aniversário da IPI, e o próprio rev Godoy estava lá e estava falando sobre Igreja, sobre ministério, sobre vocação e falando sobre música e vários assuntos assim que me tomaram, que tomaram conta de mim, Era um congresso, havia várias pessoas lá, por ocasião do aniversário da Igreja, e eu me senti tocado, na oração e depois ele fez um chamado, um apelo assim, e eu me senti tocado por Deus naquele momento. Foi aonde eu imaginei que poderia ser ministro, ser pastor da Igreja e eu me senti chamado naquele momento, com certeza.

P – 2 Como foi esse chamado, o que ...assim do ponto de vista ... o que exatamente você sentiu, neste toque que você fala aí ?

S – 2 É difícil explicar o toque, né, a gente não pode falar sobre a experiência com Deus, é muito fácil uma pessoa questionar, eu quero que você me prove ... mas foi um momento tão íntimo, assim, eu senti uma paz, eu senti que aquilo era pra mim ... e não foi muito, não foi nada muito emocional, foi tudo bem racional ... eu comecei a sentir uma vontade de querer buscar e alcançar esse objetivo, de vir pro seminário e estudar, de me dedicar a esse estudo, era um momento bem marcante pra mim, a partir daquele momento eu comecei a mudar muitas coisas, planejar a minha vinda pro seminário.

P – 3 Se você pensar um pouco nas modificações físicas, assim no teu corpo, você tá falando assim que houve alguma alteração corporal que você sentiu, quando você sentiu esse toque ?

S – 3 Assim ... corporal, até não ... porque foi bem racional, eu fiquei assim racional, eu fiquei alegre, muito ... pensando, pensativo, não foi uma mudança que alguém de fora,

⁵⁰ SQNVP – Sem queixas de natureza vocacional profissional.

ao meu lado, pudesse perceber, foi bem pessoal mesmo ... não teve uma mudança corporal, mas eu comecei a racionalizar, pensar e é como se Deus estão tivesse me chamado ... olha, isso é pra você, eu na hora fiquei muito contente com essa resposta, essa aceitação ...

P – 4 ... e como te envolveu esse toque, como você continuou a trabalhar esse toque, que depois fez com que você viesse aqui pro seminário ?

S – 4 Eu não parei por aí, fui procurar ajuda com a minha liderança, eu fui conversar com o pastor, eu lhe disse que tinha sido tocado, que eu tive esse chamado por Deus e comecei a explicar como era, eu queria questionar como era, se tinha condições de vir, se a Igreja e o presbitério me dariam uma ajuda, apoio ... eu comecei a trabalhar nessa visão, mudei, esqueci um pouco as coisas de lado e comecei a colocar pra liderança da Igreja essa visão, como seria ... de pesquisar ... mas nesse meio tempo ... quer dizer, eu demorei três anos para poder vir aqui pro seminário ... daí eu passei no vestibular e imaginei que seria até bom para que eu visse se era aquilo mesmo que eu queria, né, pensar melhor, pra não chegar num ponto e desistir, que não era bem aquilo que eu queria ... então eu tive aí três anos de experiência de uma outra faculdade, a faculdade de Letras, comecei a estudar e fui sentindo que a cada ano era realmente aquilo que eu queria, eu fui me preparando ali e todo o curso, eu entendo agora, me ajudou para vir ao seminário, não foi em vão ... em outra direção, eu fui um pouco direcionado a fazer aquela faculdade, mas eu fiz, e agora eu vejo que isso tem me ajudado no seminário, e eu comecei a me preparar também, eu tinha um objetivo, de quando eu sair ... na faculdade estava pensando no seminário ... então vim direto ...e foi o que aconteceu, depois que eu me formei, em pensei em todo esse processo de direcionamento, será que eu sou vocacionado, você tem certeza disso, por parte da liderança ... aí eu realmente senti que era ... eu tive em todo o tempo a confirmação de que era isso que eu queria.

P – 5 Que tipo de confirmação foi isso, como você leu, como você sabia ... né ?

S – 5 Sempre na Igreja eu tive uma participação, às vezes o pastor me colocava na liderança dos jovens ou na escola dominical, para trazer uma mensagem e tal, e eu sempre gostei disso, de ta à frente, de ta falando, e eu vi que eu precisava de algo mais, não era só aquilo, que era um trabalho secular ... de chegar no final de semana e trabalhar na Igreja, não era isso que eu tava pensando ... eu sentia para trabalhar constantemente com a Igreja, ta fazendo serviço pastoral, de ta orando pelas pessoas, orando por elas, com elas ... aí ... na faculdade eu pude ter essas confirmações porque eram um público ... a maioria não cristãos, né, várias outras religiões, várias outras religiões, não eram protestantes, e ... como o curso de Letras tem apresentação de trabalho e tal, eu tinha um trabalho na semana de Letras, então tinha revelações, talentos, outros gostavam de teatro e tal, e num grupo de minha sala, nós resolvemos fazer um trabalho assim, e daí eles pediram que eu trouxesse uma mensagem e ... nunca tinha falado pra tanta gente assim, e no meio de tantas pessoas, quase 3000 alunos ... uma pessoa se levantar e falar do amor de Deus, e não foi só no primeiro ano, foi no segundo e no terceiro também, todos os anos, aí a direção da faculdade também me procurou, depois que me viu no primeiro ano, me chamou pro segundo, outros cursos também me chamaram para fazer uma apresentação nessa cerimônia, e as pessoas falavam ... nossa ... essa reunião hoje tinha a presença de Deus ... é estranho ... é

complicado explicar como é sentir a presença de Deus assim racionalmente, mas as pessoas falavam que era aquilo que eu tinha de fazer, que realmente estava dada a coisa.

P – 6 ... quer dizer, mesmo assim, mesmo que você não consiga explicar como isso aconteceu de uma forma racional, cognitiva, mas ... que você sentiu o movimento no seu corpo, na sua vida, que estava de dirigindo ou direcionando, por assim dizer, né, de você mais tarde ir pra Teologia ou coisa assim, é isso mesmo ?

S – 6 É. A segunda pergunta que você me fez sobre uma mudança no meu corpo, aí, nesse momento eu comecei a sentir o movimento, direcionar realmente pra eu começar a Teologia, quer dizer, bem assim, o movimento do meu corpo, de mudança ... nasceu dentro de mim uma vontade maior, de eu estar me preparando para vir ao seminário.

P – 7 Fala um pouco mais desse movimento, como você sentiu e como ele se desenvolveu, exatamente essa dinâmica que você tá falando aí, que depois aprimorou a sua sensação, de que você estava destinado para a Teologia ?

S – 7 Como já disse, no começo, quando eu senti o chamado, era algo bem diferente, bem racional, aí eu comecei a desenvolver também meu lado emocional ... eu comecei a trabalhar em busca, querendo saber ... eu me emocionava, a ponto de eu me ver já formado, à frente de uma Igreja, fosse o tempo que for, mas eu olhava assim, já emocionalmente me vendo como tal, pastor. E antes não, antes eu tinha desejo de estar, mas conforme eu fui trabalhando, tendo essas confirmações que eu disse, me levantar diante de tantas pessoas e falar assim desse amor de Deus ... eu comecei a me emocionar, a ter paixão, ter um sentimento maior ...

P – 8 Além dessa percepção individual que você está falando aí, tinha outras pessoas, outros personagens que ajudaram depois a confirmar essa sensação ... tipo assim, pastores, líderes ou alguma coisa assim ?

S – 8 No primeiro momento todos perguntam, questionam se é realmente assim ... sobre a dificuldade que é a vida no seminário ... mas eu tive mesmo assim ainda todo o apoio da minha Igreja, mas muito mais de irmãos assim que a gente tava próximo, em contato como o ministério de louvor, o pessoal da mesa diaconal, viam também em mim essa vocação, vocação para o ministério pastoral ... e eu às vezes me questionava até, tendo chamado, tendo um pouco assim aquela certeza de que era aquilo, ainda assim eu me perguntava: mas será ? Será que eu não vou chegar lá e vou deparar com algumas coisas e pare e volte, não queira mais saber ... aí as pessoas falavam: eu acho que você deve ir, a gente vê em você esse dom ... então foi com essas pessoas não ligadas ao pastor e ao presbitério, outras lideranças da Igreja, o ministério dos jovens e tal, que falavam pra mim: pode ir, a gente acha que você tem jeito de pastor assim ... então eu sentia mais uma vez confirmado minha decisão, minha vontade.

P – 9 E como foi sua chegada aqui ?

S – 9 A gente tinha um pensamento, não só eu, mas todos os meus amigos, tínhamos uma pré-análise de como era o seminário, o pessoal falava assim ... só que no momento eu não me deixei influenciar, eu tentei me desvencilhar de tudo o que eu sabia, que eu tinha aprendido até então, toda a minha vida na Igreja ... para aprender novas coisas ...

P – 10 O que é que as pessoas falavam pra você do seminário ?

S – 10 É ... tinha muito comentário, né, que no seminário iam apronta com a chegada dos calouros novos, sempre tem aqueles detalhes de cortar o cabelo, jogar na piscina ... a gente ficava meio atemorizado porque no princípio, o desconhecido sempre funde a cabeça da gente, e também na disciplina, que a gente ia ver coisas que chocassem, que abalassem a nossa fé, se não tivesse bem definido a nossa fé, poderia até nos abalar. Mas, esse pensamento ... a gente ficava um pouco atemorizado ... mas como a vinda ao seminário pode nos abalar ... a respeito também das crises que muitos passam né, a respeito da própria vocação, das matérias que questionam muito assim a Bíblia, a palavra de Deus ... Jesus ... é um Jesus histórico ... ele realmente teve esse poder de curar, de morrer e ter vencido a morte... mas eu ... eu ficava atemorizado, mas fui tentando deixar de lado e aprender as novas coisas que vinham aparecendo ... foi mais ou menos assim ...

P – 11 Então você está falando aí de que você meio que veio disposto pra aprender, no sentido assim de até se desarmar um pouco ... das coisas que contavam a respeito daqui do seminário ... pensando agora assim do momento, do início das suas aulas, como foi o seu contato com essas informações novas todas, que tipo de perguntas ou até de dúvidas elas provocavam em você ?

S – 11 Depois de me ter desarmado ainda assim restava um pouco de temor, assim ... como vai ser ... as pessoas falam e tal ... mas eu deixava de lado, vamos ver como vão acontecer as coisas e principalmente nas matérias de introdução, de leitura da Bíblia ... um pouco diferente do que a Igreja mostra, vendo assim se há erro com as passagens que mostram outra coisa que a gente pensa que é, e são ainda outras coisas ... havia essas questões, principalmente, como falei, sobre a Bíblia é a palavra de Deus, ou contém a palavra de Deus ... se ela contém, qual é então o momento em que se fala: essas palavras são a palavra de Deus ... e quando a Bíblia falava que ela é a palavra de Deus, quando Cristo é exaltado, revelado ... sobre revelações, aí vinham as dúvidas ... só trechos então da Bíblia, ou onde fala de Jesus, que é a palavra de Deus ? E o restante, como será que é essa história, será que é só o conto de um povo, de uma nação ... e depois sobre inspiração, como que é essa questão da inspiração ... o espírito vem e ... com os profetas ... como que foi essa inspiração ... ou o profeta viu alguma coisa, ficou inspirado e escreveu sobre Deus, sobre a vida das pessoas ... esse tipo de questionamento vinha ... é, mas como assim, se até agora tenho aprendido que ... mesmo deixando isso de lado, ainda resgatava um pouco por conta de ouvir isso ... se foi a Bíblia que inspirou ... vários questionamentos sobre cânon também, quais eram realmente os livros que faziam parte da Bíblia, uns colocaram mais alguns, outros tiraram alguns, muitos questionavam Lutero questionou alguns livros ... sobre Tiago e outros livros ... se eram realmente livros canônicos ... então essa, esse princípio ... as outras matérias eram mais assim de social, mais de pensamento lógico, agora essas matérias de pensamento teológico, de releitura da Bíblia, eram que dava o maior questionamento.

P – 12 Então você já falou ali das questões que movimentaram assim a tua turma ... pensando agora mais particularmente, quais foram as tuas grandes questões, bem particular, tanto do ponto de vista teológico, quanto do ponto de vista existencial ... que

é também uma mudança de valores e interpretações ... então, quais foram as tuas grandes questões, só de você, neste primeiro e segundo anos em que você está aqui ?

S – 12 Individualmente talvez seja ... como vê né, às vezes vê as pessoas, os amigos e colegas do seminário, tão assim preocupados, realmente com o ministério de estudar e aprender, outros nem tanto, outros demonstrando uma situação talvez diferente daquela que nós imaginávamos quando viemos para cá ... isso foi também o que mais me movimentou, deixou ... mas como é que pode, talvez a palavra seja o exemplo, testemunho, né, não que as pessoas sejam ... não têm dado testemunho nenhum, mas aqui dentro realmente, quanto ao tempo acadêmico, espaço acadêmico, esquecendo um pouco a vida espiritual, de consagração à Deus ... isso foi o que mais me chocou assim, individualmente.

P – 13 E como essas coisas novas que você aprendeu, como elas interagiram com a sua fé, com a sua predisposição ao ministério, dessa coisa que você fala que, meio você foi que escolhido, você sentiu uma sensação de que Deus teria te escolhido para uma finalidade, algo assim, como foi o rebate, assim, como foi a interação dessas coisas, desses problemas que você acabou de citar, com essa bagagem que você trouxe originalmente aí da tua Igreja ?

S – 13 Até agora tenho tentado fazer uma interação com o novo ... (pausa)

P – 14 Como está sendo essa interação ?

S – 14 ... é ... não é fácil, que nem, você tem que adaptar todas as questões ... então o conhecimento espiritual, que é a bagagem que a gente realmente tem trazido, não pode ficar de lado tanto assim como a vida acadêmica, e aqui nós temos aprendido como é, vários autores, e a leitura da Bíblia, todo o teológico, vários autores ... eu tenho tentado trazer isso para ... relacionar com o espiritual, isso pode melhorar ainda, se é que precisa melhorar, ou que eu queira cortar então o que eu tinha, começar a adotar esse tipo, mas eu tenho deixado tudo influenciar uma mudança de comportamento ...

P – 15 Tem alguma questão que especialmente está te mobilizando, ta te preocupando dentro dessas questões todas ?

S – 15 Até poderia dizer que algumas coisas têm me influenciado, mas eu não saberia explicar, trazer agora no momento ...

P – 16 Se você selecionar alguma, assim a título de exemplo ...

S – 16 Talvez assim o estudo do Antigo Testamento, ver como é a cultura ... quando a gente lê a Bíblia a gente não se dá conta de alguns trechos que estão falando de outras ... a gente pensa que é uma coisa, mas é outra coisa, daquilo que realmente está escrito na nossa ... mas quando a gente vai estudar a língua original do Antigo Testamento, que é o hebraico, a gente percebe que é de outra coisa que está se falando, então é nesse sentido que talvez a gente precise mudar e entender qual era o pensamento, isso que mais te movimenta para o teu questionamento agora, ao fazer toda essa ligação ... como é que se lê, você acha uma coisa e não percebe que aquilo aí, no original, o que que é de verdade, talvez seja isso mais ...

P – 17 Como é que você tem dado conta disso ... tem sido legal pra você ... isso tem sido difícil ... o quanto e o como você tem dado conta disso ?

S – 17 Individualmente é difícil até contar para os amigos que você não ... mas pôxa, como é que você tá dizendo coisas assim, mas quando a gente tá com os amigos reunidos, a gente até brinca com as coisas, a gente vê qual o significado das palavras no original, no coletivo talvez seja mais fácil levar... adaptar ... mas individualmente choca, porque é um pensamento que você tinha, então na hora te quebranta, você não tem como negar aquilo ou ir contra aquilo que, a partir do momento em que você vai tendo um conhecimento da língua, no original, qual é realmente o significado da cultura daquele povo, você fala: não, não tem como ... então isso choca ... você não tem como ir contra ...

P – 18 E como é esse choque ?

S – 18 Eu, eu tenho que explicar, porque se não vai ser muito vago, é relacionado assim, à sexualidade, talvez, a gente não percebe que ... a Bíblia tem alguns significados que são simbolizados daquela cultura e... a gente fica chocado porque, talvez em nosso meio não se tem ouvido tanto assim, das pessoas falando palavões, levando pro lado malicioso, a respeito da sexualidade ... não vemos então que, partindo desse estudo ... que na Bíblia também naquele tempo, na história daquele povo, também se fazia isso, esse simbolismo, né ... então a gente fica meio que abalado assim, como é que a Bíblia, já estudado como a Palavra de Deus, que contém, que é a palavra de Deus, pode falar sobre essas coisas, né ...

P – 19 Você falou que esse choque tem a ver com a sexualidade Como assim ... você quer entrar em pormenores ?

S – 19 Por exemplo, o texto de Isaías 6, v. 2 ... lá no hebraico o profeta vai tá falando dos anjos né, por exemplo, o pé, que significa no hebraico o pênis ... e falam sobre ...e vai falar do anjo coberto por asas e que a ejaculação do profeta era como de um cavalo e tal ... e as pessoas vão sabendo disso ... aí todas as pessoas vão barateando, né, o poder que a palavra de Deus, que a Bíblia tem, e isso, pra nós que sabemos de uma outra forma, conhecíamos a palavra como pura, santa e tal ... nós fazemos uma leitura e não conseguimos enxergar tal ... vai, assim, tipo nos ofendendo, machucando, né, e trazendo assim questionamentos ... mas por que ... então tanto tempo nós ficamos com os olhos vendados ... e isso vai trazendo um grande choque ... esse questionamento ... em relação ao que nós sabíamos e agora sabemos ... (pausa) ... é isso.

P – 20 E essa transformação, esse movimento de transformação, né, ele está causando alguma alteração na sua vida ... algo assim ?

S – 20 Na verdade, é só realmente o questionamento, esse choque a princípio, mas depois com as explicações e tal, não tem movimentado, por enquanto, não há assim um abalo totalmente, mas continua a fazer essas anotações, vendo e tentando deixar equilibrado ... mas não tem dado assim muitas alterações ... realmente ...

P – 21 E assim, na perspectiva acadêmica, essas transformações aí que a gente tá falando, pensando assim um pouco nas idéias que você tinha a respeito de tudo isso, antes de vir pro seminário, o que você diria hoje sobre isso, levando em conta tanto a forma como você pensava antes de vir pro seminário, quanto a forma como você atualmente pensa a respeito de tudo isso ?

S – 21 De tantas diferenças, de tantas adaptações, eu tenho mantido o meu pensamento o mesmo, mas mudou no sentido de buscar mais, querer firmar ainda mais essa minha vontade de ... Deus ... eu me senti chamado, mas eu também tive que dar a minha resposta, eu tive que dar uma contra-resposta, de aceitar isso tudo, negar tudo o que eu tinha, a família, o trabalho, minha vida normal, rotineira, de ta alguns dias na Igreja pra alcançar esse objetivo, em nenhum momento eu não tenho pensado em ... as lutas vêm e são grandes, né, apesar de isso movimentar a gente, chocar, mas eu tenho ainda assim em mim, de manter aquele propósito de quando eu vim pro seminário, de terminar, aprender e sair daqui bem instruído pra cuidar do povo de Deus, da Igreja de Deus, então ... meu pensamento mudou ainda mais, pra buscar ainda mais, querer aprender o novo, já que é novo, que tem mudado, muitas vezes transformações boas, então eu tenho buscado ainda mais ...

P – 22 Você está dizendo então que essas questões todas, também essas dificuldades todas, causadas aí pelas transformações dos conceitos ... da maneira, de uma maneira de compreender, ver diferente de antes de você vir pra cá, você tá dizendo que, na verdade, tudo isso aí foi, e continua sendo, um grande desafio pra você ... é isso ?

S – 22 É, talvez o que eu possa dizer, posso até negar algumas coisas, posso me contradizer, mas ... eu gosto do desafio ... eu nunca, enquanto eu não consigo uma coisa eu não desisto, não é tão fácil assim, as coisas que eu quero fazer eu consegui fazer ... e a busca por esse desafio, de aprender, de entender por que é que as coisas são assim, por que estão determinadas dessa forma ... então eu quero vencer esse desafio ... talvez em satisfação do meu próprio prazer, da minha própria vontade ... mas acima de tudo ainda a vontade de Deus, que tem pra mim ... então eu quero vencer esse desafio, que continua sendo, apesar de tantas mudanças, tantas transformações, um desafio que eu quero vencer.

P – 23 Você está falando então que esse desafio, de certa maneira, também é um desafio à sua própria fé, e aí você diz que você ainda se mantém nessa mesma direção que você deu no início, apesar das dificuldades e das transformações e dos desafios, né, com relação assim, bem particular, à sua fé, como foi pra você essa ...melhor, como está sendo essa transformação toda, do ponto de vista da tua fé ... como isso se relaciona à tua fé ?

S – 23 Eu sei, como muitos também devem saber, nós estamos estudando e estamos sendo instruídos ... no momento que eu percebi que era minha hora de vir pro seminário, minha fé em Deus era muito maior que ... até eu chegar aqui não foi fácil, foi um obstáculo atrás de outro, o presbitério me dando a voz de ... você pode ir ... depois a Igreja, todo o apoio, já foi um desafio da fé, acreditar que Deus poderia, através das pessoas, permitir que eu viesse pro seminário, já que Ele me chamou, então acreditava e acredito ainda, que Ele está sobre todas as necessidades e, como nós sabemos, tamos aprendendo de uma maneira que ... de um conhecimento que nós sempre vamos

precisar, porque o mundo vai questionar ... mas como, se a Bíblia assim contém livros a mais, a menos, por que é que foi assim, então não é a palavra de Deus, quem garante que é realmente, que não foi escrita por uma pessoa que lá deu um surto e começou a escrever, diz que era a Bíblia ... quem garante tudo isso ... é filho de Deus e quem garante também que Deus é Deus, que Ele existe, né, mas ... a fé é a certeza das coisas que não se vêem, e eu acredito muito nisso ... e pra mim, pras minhas próprias forças seria impossível vim pra cá ...

P – 24 Por que ?

S – 24 ... as condições ... tem muitas relações né, ... condição financeira, talvez a mudança de cidade, deixar a família, talvez esses laços são difíceis de você deixar de uma vez, e ... nesse momento de aprender, de saber também que o mundo vai direcionar essas coisas ... e que é bom pro nosso conhecimento também, de talvez aclarar algumas coisas que ... mesmo com essa leitura da Bíblia ... de tantos anos na Igreja, né, o que na Igreja os pastores têm passado, resgatar, compreender melhor isso tudo ... o ato de salvação de Jesus, o amor de Deus para as nossas vidas ... dando Jesus pra morrer em nosso lugar, nossos pecados ... isso manteve a minha fé e mantém, continuo tendo fé e esperança ... Deus há de me dar todas as coisas que tenho precisado e que realmente eu quero, aquilo que eu preciso aqui na vida acadêmica do seminário ... eu faço essa relação de que a fé é importante num momento assim de ... talvez os questionamentos vêm, mas eu tenho que estar firme naquilo que eu acredito ... em quem eu acredito ... que foi Deus que me chamou e me trouxe pra cá ... que eu entendi o seu recado.

P – 25 Nesse processo todo aí, como você consegue diferenciar entre uma coisa assim que, você disse que foi Deus que te chamou ... do teu desejo pessoal ... como você diferencia isso ?

S – 25 É meio complicado, mas ... as coisas não acontecem se Deus não permitir né, eu creio assim e ... Deus me deu essa vontade mas eu também tive que dar uma resposta pra Deus, né, eu tive de vim pro seminário ... eu também tive que querer ... então ... talvez ... como um projeto meu, né, particularmente meu, agora uma coisa mais minha, nada imposta por ninguém ... então ... algo que ... que eu também quis ...

P – 26 ... então você tá dizendo que nem sempre essa coisa é assim separada, que às vezes os desejos da gente se misturam com a própria vontade de Deus ou alguma coisa ... é por aí que você tá falando ?

S – 26 È, por aí ... às vezes não tem como separar ... Deus pode ... se eu for citar exemplos da Bíblia, Deus mandou que o profeta fosse para uma cidade e ele não quis ir, foi para uma outra e foi contra a vontade ... digamos que ele não gostava do povo daquela cidade, que ele não queria ver aquele povo convertido por Deus e ele foi pra uma outra ... e se ele tivesse feito o começo a vontade, se tivesse olhado uma visão de Deus ... quis também ver aquele povo convertido ... fazer essa vontade, não ... mas também por sua própria vontade, às vezes tá aí a relação ... de lançar, quando fazemos a vontade de Deus ... é misturado ... é meio complicado ...

P – 27 No seu caso particular, como é isso, como você mistura e como você lida com essa mistura ?

S – 27 É, quando ... quando na sua vida pessoal ... quando eu vejo ... um exemplo ... Deus manda que nós vamos ao mundo, que vamos pregar o evangelho ... eu sinto dessa forma, desse momento que ... eu sinto daí a vontade de ir ... não por uma obrigação, mas eu sinto vontade de ir ... ter uma instrução e fazer isso. Vendo exemplos de pessoas também, uma vida santificada, consagrada a Deus, somente pra Deus, separado de vínculos com ... de empregos seculares ... eu também não vejo a Igreja e o pastorado como um emprego, mas sim uma vontade, um amor por aquilo ... então eu senti o amor por essa causa também, bem particular né, vendo exemplos assim ... talvez influenciado por exemplos, não forçado a ninguém, mas exemplos, né ... eu tive essa vontade, né, de todos esses anos que eu perdi de tentar me aprimorar de vir pro seminário, eu fui gostando mais, querendo mais ...

P – 28 ... você disse que, além da informação tradicional, da qual você falava no início, que você também percebe, por assim dizer, a vontade divina pra sua vida a partir do seu sentimento, a partir do seu coração, por assim dizer ... é isso mesmo ?

S – 28 Num primeiro momento não era assim, foi mudando a partir de como eu ia tendo as experiências, confirmando, desconfirmando ... minha vida assim, de vir pro seminário, aí eu comecei a perceber que também estava um sentimento ligado, que eu tinha um sentimento por isso também, emocionalmente eu estava envolvido, eu queria realmente no seminário, por amor, por ter essa vocação, por perceber que tinha essa vocação ... além das pessoas estar falando, comentando, incentivando, com o tempo eu fui percebendo isso, sentimentalmente eu comecei a me imaginar, de ter esse amor por estar aqui no seminário ...

P – 29 ... e dentro dessa percepção você está dizendo que também tem uma parte tua, além da parte transcendental, divina, que você coloca, e que, mesmo que às vezes é difícil distinguir o que é de quem ... parece que, o que te mobiliza pra frente ... por assim dizer ... te empurra pra frente é, na verdade, a mistura dessas duas coisas que, por um lado você deseja com a razão e com o coração ... de ambos os lados ... e também do movimento transcendental maior, que você entende através da sua fé, como um chamado divino ou alguma coisa assim ... é por aí que você pensa ?

S – 29 Por aí, é bem dessa forma ... por um lado racional, sabendo que Deus determinou ... do lado emocional, por querer muito isso, querer também, tem uma parte minha de aceitar ... apesar de todas as dificuldades ... isso também, essa mistura ... eu com a vontade divina, é o que me motiva, é bem dessa forma....

P – 30 Do ponto de vista agora acadêmico, dos livros, das Teologias, como foi pra você, em parte você já falou no início mas, como foi pra você o contato, por assim dizer, das questões teológicas, como ta sendo no início do segundo ano, as questões teológicas em relação às questões de fé ... como essas duas coisas conversam ... ou não conversam ?

S – 30 Elas têm ... têm relações com a fé ... esse contato com esses pensamentos teológicos assim, tem pintado convergências ... mas também é complicado, porque são várias Teologias, vários pensamentos ... é difícil você realmente pegar um e falar: esse é o certo ... mas como a gente já, apesar da fé, de acreditar ... a gente tem um seguimento

calvinista né, outros entram em confronto com esse pensamento ... também tem essa problematização de tudo o que a gente sabe pela fé ... é difícil você colocar a fé nesses pensamentos teológicos, misturar ... você tenta colocar mistura, fazer essa equiparação, mas é complicado até de falar, né ...

P – 31 ... e se você olhasse aqui pra o pessoal do terceiro ano, quarto ano ... na forma como eles passaram por isso, se organizaram, né, como eles entenderam e deram conta desses conflitos todos aí ... como é que te parece, como é que, segundo a sua impressão pessoal, como é que eles reagem diante de tudo isso ?

S – 31 É, a reação talvez não fique muito visível, eles, pelo que a gente vê, passaram também por dificuldades e agora, com relação mais ao quarto ano, parece que eles passaram por isso, conseguiram adaptar, conseguiram passar por tudo isso ... achar um meio termo assim disso tudo, mas com certeza também dá pra ver que eles não perderam a fé, com relação aos estudos teológicos e a fé, talvez tenha movimentado, tenha abalado um momento, do meu ponto de vista agora, parece que eles estão bem mais centrados, que conseguiram manter esse equilíbrio entre a fé ... primeiro né, crer realmente em Deus e nada poder abalar a crença no Deus que eles crêem ... e agora dá pra ver realmente que eles têm, nem parece que eles têm passado por essas dificuldades ... agora no quarto ano, apesar de todos os trabalhos de conclusão do curso e fechamento do curso ... percebe-se que eles mantiveram o que eles tinham no início do curso.

P – 32 Relacionando isso à você, sua busca de equilíbrio, como você sente essa busca desse equilíbrio, ou como você busca esse equilíbrio ?

S – 32 É difícil ... agora, você vai ter que passar por esse momento ... é estranho, porque ... é difícil manter o equilíbrio agora ... mas eu acredito que ... a gente tem que ler mais, procurar mais, se instruir mais a respeito de tudo isso, ver qual é a relação realmente, qual que é o seguimento mais certo, que mais tem base bíblica e tudo ... para também poder chegar como o pessoal do quarto ano, né, de estarem enfrentando alguma coisa, não só eu individualmente, toda a turma passa por essa ... essa ... eu não consegui fazer a relação por enquanto, talvez não ta tão perceptível ainda ... essa relação ... parece que depois vai ficando fácil, no final é fácil, mas até chegar a esse final, se encontrar ... não é muito fácil ... é fácil até de explicar como é, de lidar com essas mudanças, de como eu vou lidar com essas coisas, mas eu acredito que ... é por aí, na leitura, dos professores questionarem realmente para poder chegar lá ...

P – 33 Pensando agora numa palavra livre, o que é que te ocorre assim nesse momento, o que você iria falar nesse momento, seja para aqueles que entram, quanto para aqueles que saem, se você fosse dar uma mensagem, como seria essa mensagem para eles ?

S – 33 Uma mensagem ... para os que estão entrando ... para aqueles que estão entrando ... a palavra seria ... de incentivo ... venham mesmo, aprendam ... deixem de lado todas as coisas que aprenderam por um momento, tentando resgatar, entender aos poucos, sintem o chamado realmente, o chamado ministerial, a vida pastoral, que realmente venham e sejam bem-vindos, eu recomendo ... não sou ninguém para falar isso, mas apesar das lutas, apesar ... das dificuldades que vão encontrar, os pensamentos que vão perceber ... que, apesar de tudo isso, que venham, sim ... sintem o chamado, sintem também o desejo pessoal de vir pro seminário e conhecer ... que venham

realmente, que aprendam, que ... a parte de todo esse pensamento de ir contra, de pressão, de todas essas coisas, venham despidos mesmo para conhecimento, pra aprender, façam de suas vidas um varal e deixe penduradinho todo o seu conhecimento ... e vá aprendendo, trazendo para si o novo, tentando trabalhar com aquilo que já existe, aos poucos, fazendo adaptações ... e nunca deixar de crer naquele que os guiou e chamou ... ou que tem algo preparado pra eles, nunca deixar de lado, apesar de muitas pessoas quererem escandalizar ... talvez aqui não seja a mesma pessoa que ali fora, no seminário ... que não ligue para nada disso ... estar no seminário é ótimo ... tanto academicamente falando ou espiritualmente falando, a gente aprende muitas coisas e não ... no final de tudo, não é o conflito que vai permanecer, mas é o conhecimento maior e talvez, se podemos dizer assim, a fé é ainda mais firme, mais inabalável ...

Aos finalistas ... é ... um voto de ... parabenização, né, pelas lutas que enfrentaram, por até aqui terem permanecido firmes, inabaláveis não, porque temos o abalo, mas firmes assim, no sentido de buscar o equilíbrio, de buscar o meio termo ... parabéns, porque eles são vencedores no final desse ano, e que realmente a vida deles seja ... a apresentação, a prática de tudo o que aprendeu, de tudo que eles aprenderam, o que é correto pra vida deles, que é correto pra vida daqueles com quem eles vão trabalhar, que vão ensinar, que vão cuidar, que eles realmente pratiquem o que eles aprenderam ... e que também não deixem ... as influências, outras influências ... que vão contra os pensamentos deles ... os dominar, os abalar, ou os dirigir para uma queda ... totalmente, que eles permaneçam firmes neste ministério que Deus deu a eles, e que eles tenham força, porque se até aqui, tantos estudos, tantos conhecimentos, né, e depois de tudo isso, desse esforço, toda essa luta, desistir ... declinar ... não façam isso, que tome, pare e pense ... e continuem ... que sejam abençoados para a vida toda.

P – 34 E agora, para finalizar, uma palavra final sua, palavra livre também.

S – 34 Quando a gente fala pras outras pessoas a gente sempre acha muito fácil, quando temos que redigir uma palavra final nossa, não o que eu tenha dito não seja meu pra eles, mas, eu diria ... pra mim tem sido bom eu estar aqui ... tem sido ótimo, tenho superado as minhas expectativas, realmente não era aquilo que eu pensava, mas é muito mais do que eu pensava ... pra mim tem sido bom, apesar de às vezes termos conflitos internos, apesar de ser assim tímido, meio fechado, reservado para com as pessoas, eu tenho me sentido realizado até aqui, apesar de também sentir, às vezes, que não é o meu desejo, são pensamentos que passam pela minha cabeça ... não, eu vou desistir, eu vou parar, por isso e outras coisas ... mas a minha vontade é de permanecer firme, continuar até o final, espero que no final deste ano, e mais dois ainda, possa sair daqui convicto ainda mais do que eu entrei aqui, há um ano e meio quase atrás, firme na fé e pronto pra servir a Deus, realizar a vontade dele e a minha também, porque é o meu sonho também, de estar a frente de uma Igreja, de ser pastor, de fazer os atos pastorais de uma forma intensa, uma vida assim consagrada a Deus ... essa é a minha vontade, esse é o meu sonho.

P – 35 Então fica aqui o meu muito obrigado pela sua disposição, pode até ser que num outro momento eu te chame de novo, para nos aprofundarmos em algumas das questões, mas eu vou entrar em contato com você ... por hoje fica mesmo o meu muito obrigado.

ANEXO III

SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV. ANTÔNIO DE GODOY
SOBRINHO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA II

Nome: **B (SQNVP)**⁵¹ Data: Idade: 25 Sexo: Masculino
Estado Civil: Solteiro Domicílio: Ano: 4.

P- 1. Então B, a idéia é a gente conversar um pouco a respeito dessa ... desse movimento seu, de um dia você chegar a optar pela carreira religiosa, e a gente vai tentar, nessa entrevista, mais ou menos estabelecer como foi, a partir do que você se lembra, a partir daquilo que você entendeu ou percebeu no transcurso desses três anos de Teologia, então eu queria que você falasse um pouco, com toda a liberdade, assim o que te motivou na época, o que continua te motivando, né, no transcorrer da tua própria história aqui no seminário, e também do momento atual, de como você vive ou continua vivendo essa motivação, já que aqui o seu enquadramento é *sem queixas de natureza vocacional*. Então fica à vontade e me fale um pouco desse seu início aqui, onde começa sua opção pelo ministério religioso ?

S- 1. Bom, a opção pelo fato de eu vir de uma família já de ordem religiosa, tive uma formação, por ser filho de pastor e já ter uma formação dentro da Igreja, só que, com relação à questão de pastorado e vocação, eu nunca me defini, eu até tinha outro sonho, para mim até hoje, de certa forma é uma frustração por eu ter fracassado e nem mesmo tentado a questão de querer ser um jogador de futebol, mas, por questões religiosas muito radicais da congregação, dos quais meus pais fazem parte, ser pentecostal é não aceitar e... meus pais, pra manter aquela aparência diante da comunidade e da sociedade, que crente não poderia ter esse tipo de atitude, esse tipo de emprego, então eles deram em cima de mim e eu, justamente, comecei a ter uma aversão com relação às instituições da Igreja, com relação até mesmo ao trabalho dentro da Igreja, não gostava de ir à Igreja mesmo, ia muitas vezes obrigado, quando tinha oportunidade não ficava e ... foi assim durante muito tempo ...daí passou uma certa época e, desde criança, quando nós saímos da capital e nos mudamos para uma cidade no interior de Goiás e ... as pessoas já tinham esse tipo de costume, por ser filho de pastor⁵², as pessoas me chamavam de pastorzinho e tal aquela coisa toda... mas isso, de certa forma, eu nunca ... no começo sim, porque eu era muito novo, eu tinha 7 anos de idade e sempre ficava aquela coisa e tal ... e no time de crianças você pregava e tal e ensinava dentro da sua ingenuidade, mas estava sendo aquele portador, transmitir uma mensagem bíblica, uma curiosidade, 6, 7 anos, dava-se muita ênfase ao ensino na bíblia, por mais infantil ou literal que fosse, nós tínhamos esse tipo de encaminhamento, só que, com o passar do tempo, eu fui abandonando, como já disse anteriormente, foi perdendo sentido porque eu queria sim estar dentro do contexto eclesiástico, fazendo algo que eu gostaria de fazer, então quando muitos me tachavam de pastor, pastorzinho ou filho de pastor, pastorzinho é, eu...eu não aceitava, não gostava disso. Então, sempre as pessoas viam

⁵¹ SQNVP – Sem queixas de natureza vocacional profissional.

⁵² Filho de pastor pentecostal fundamentalista.

essa questão vocacional, você tem jeito, você dá aula, então eu comecei a dar aula também na Igreja, cantar né... e as pessoas né liderando em geral, mas a questão da liderança eu sempre analisei isso da seguinte forma, como eu trabalhei em escritório e empresas de grande e médio porte, então via que a questão da liderança era independente da questão religiosa, digamos.. uma questão que já vinha comigo, apesar de que tanto a liderança ali como de certa forma nas brincadeiras também, mas uma liderança mais carismática, não tanto taxativa, se tinha outro líder, então eu tentava o diálogo,...então, essa questão da vocação, por ser um líder, eu via assim que era independente porque as pessoas me viam assim por ter uma liderança... no começo era muito mais as pessoas vendo isso em mim, de certa forma alguns, nem todos, mas eu mesmo não via essa questão do pastorado como uma opção para mim. Só eu me lembro de um fato, quando eu comecei no meu primeiro emprego, eu tinha 15 anos, um serviço braçal, coisa pesada, eu via que isso não era minha praia mesmo, trabalhei 6 meses e estava prejudicando meus estudos e ... eu vi que não era minha praia, eu falei com meu pai, olha pai, eu acho que isso não é o meu lugar, eu to analisando e to vendo que é alguma coisa que tem a ver com a questão pastoral, e meu pai falou... se isso está te prejudicando, se isso não está sendo o melhor pra você, você pode deixar o emprego larga o emprego e continua teus estudos e.. falei isso quando eu tinha 15 anos e me esqueci daquilo, continuei minha vida normal... eu sempre fui considerado uma pessoa considerada de pensamento muito liberal, porque eu nunca gostei que nada fosse ... que ninguém ditasse o que eu devia ou deixasse de ser, que eu tivesse as minhas próprias ambições e ...

P- 2 ... onde começa esse momento teu.. assim que... apesar de ter as aspirações sociais de ser um jogador de futebol, você aceita as prerrogativas de teus pais, que não querem que você seja jogador de futebol, pelas razões óbvias deles, por seus valores fé você fala de um momento de transformação, onde você primeiro rejeita as expectativas e.... a partir de um momento onde você aceita estas expectativas ... você consegue falar desse momento, como é que é a transformação dessa perspectiva pessoal sua, que você não quer preencher essa expectativa e parece até se contrapor a ela, uma vez que teus pais não querem que você seja um jogador de futebol e você acha que até devia ter sido, não é... mas depois você abandona a perspectiva de ser jogador de futebol ... e até certo ponto desenvolve um outro tipo de expectativa, mais de acordo com os princípios e valores dos teus pais.. e onde começa, como se movimenta essa transformação que começa com a negação dos seus pais de aceitarem sua expectativa profissional e que continua e acaba finalizando .. onde você, até certo ponto, aceitando o que seus pais querem para você e que se desenvolve encaminhando você para a Teologia onde isso começa e como se transforma, você pode falar um pouco disso ?

S 2 Então, pela questão da idade eu já não tinha mais como começar, eu teria que ter treinado para começar a jogar futebol e então eu abandonei a questão do futebol e... por causa da idade.. tem que começar muito cedo, treinamento, aquela coisa toda ... e meus amigos todos já tinham começado muito antes uns indo pro Japão e pro exterior para jogar lá e.... eu já to com essa idade e não estou com esse futebol todo ... então eu abandonei essa opção ... tentei outras profissões, comecei a faculdade de Direito um ano antes de vir para o seminário ... e antes mesmo de vir para o seminário eu passei por uma fase em que eu não estava indo pra Igreja, não estava frequentando, essa forma exterior de dizer que você tem um vínculo com a Igreja ... então, de certa forma, a Igreja eu abandonei eu não quis saber, se fosse para me encontrar numa Igreja, deveria

partir de outra perspectiva, não a mesma religião de meus pais, e foi quando, morando aqui mesmo em Londrina, e em 96-97, eu comecei a freqüentar a Igreja presbiteriana e que estava mais de acordo como a minha forma de pensar, com meu jeito de ser, minha identidade, eu me identifiquei bastante com ela e dentro disso eu voltei a freqüentar uma Igreja, fui membro de uma determinada Igreja então... eu comecei a fazer Direito ... fiquei por um ano ... seis meses e depois e, por uma questão financeira eu não pude continuar ... e também porque eu falei ... tá eu quero ajudar as pessoas, me ajudar também, mas não é essa a forma ... foi quando eu voltei para o interior do Mato Grosso do Sul, eu comecei lá trabalhando numa IPI [Igreja Presbiteriana Independente] e a partir daí lançaram pra mim essa proposta proposta que eu tinha pensado desde os meus 15 anos, porque eu também queria de uma certa forma trabalhar na IPI e de certa forma com mais maturidade e até aí tudo bem, tive muita resistência de meus pais, não pelo fato do meu chamado, da vocação em si, mas pela minha opção religiosa, de não ser mais na Igreja pentecostal mas protestante e... depois de muitas discussões, muitas eu evitei e muitas vezes eu me ausentei da minha família, toda a minha decisão foi tomada longe da família, opção minha mesmo, porque eu queria nem um tipo de interferência e até mesmo quando foi colocada essa opção para mim, eu pensei e vi com meus próprios olhos, por mim mesmo, foi dito que era um trabalho legal e *que é que você acha disso, de se formar* e aquele que é meu pastor tutor hoje me deu uma visão mais geral do mundo, a questão vocacional não se restringia somente à minha Igreja, tinha muitos campos, o campo social e tantos outros campos que você podia atuar também, além dessa vocação pastoral e isso abriu minha visão, alargou o meu campo de ação...e a partir daí eu comecei a ver, tirando um pouco daquilo que eu queria, não todo o enfoque religioso, aquela coisa engessada, aquele que vai lá e fala aí na frente ...é isso aí que você faz no dia a dia, e muito mais que isso...isso me seduziu, porque, parte da minha estrutura eu consegui ... estou conseguindo desvincular daquilo, não sei se se poderia fazer uma dicotomia aqui, ou então não fazer essa separação, para muitos pode parecer uma separação tipo ... você quer separar o da Igreja daquilo que é teu, até certa forma sim, mas eu consegui uma forma de viver uma espiritualidade legal, lá vivendo nos lugares que eu freqüento, bares, tomando o que tomo e fazendo o que eu faço, ..vivendo uma espiritualidade sadia que entre aspas, continuo sendo um exemplo diante das pessoas na Igreja e os demais cristãos. Então a vocação, eu percebi que pode ser algo que não afete, que não anule a pessoa .

P- 3 ... e o que esse ser exemplo, aquilo que você falou aí.... o que isso tem a ver com a tua perspectiva vocacional religiosa ?

S- 3 Porque esse ser exemplo é uma coisa que a gente ouve muito bem, que se você é filho de pastor tem que saber tudo de bíblia, você tem que ter uma resposta pra tudo e não pode fazer nada que os outros fazem, e de certa forma, eu teria que depender muito do meu pai, do que ele me falou, de que não deixasse que as pessoas ditassem para mim o que fazer mas ele aceitou para si, para nós essa cara de filho de pastor, que tivesse que aceitar o ser exemplo para as pessoas, todo mundo poderia fazer mas eu, como filho de pastor não poderia fazer... preocupando-se não tanto com o filho, muito mais com a função e o nome que ele tem.

P- 4 Como foi para você pessoalmente ser um exemplo, como você conseguiu digerir isso, já que você assimilou isso no social desde muito cedo.?

S- 4 Pessoalmente para mim, essa coisa de ser exemplo era ser sobre as questões básicas, independentemente da questão bíblica, dogmática, Igreja e até mesmo de confissão de fé, independentemente....como ser humano, né, como uma postura ética... e até mesmo uma postura moral, assim dentro da nossa cultura, independente do que uma religião ... trazendo uma outra cultura que não é a tua cultura... não tem nada a ver com você, e tem muito menos a ver com uma cultura de alguém que vem de uma cidade grande, jogar isso dentro de ti... então eu vejo essa ...essa questão dessa forma, eu encarei, digamos assim, como um valor meu, independente da religião, esses são os meus valores, minhas práticas ... não quero saber se, pelo fato de algumas pessoas olhem ...porque eu bebo, porque eu sou menos ... ou se tenho tanto direito quanto o outro tem, ou de uma parte entre aspas aí do céu, de algo que venha alguma recompensa posterior... porque eu bebo eu não vou ter isso, eu nunca acreditei ... tive dificuldades, lógico, no início da minha ingenuidade ... mas depois que eu fui tendo experiência com a própria vida ... você sabe que as coisas não são da forma como te fazem, não tem essa questão ... assim tem que fazer assim, você é obrigado a fazer, né, hoje eu não vejo dessa forma, depois de um bom tempo, então não estava conseguindo argumento, ver uma outra realidade para que eu conseguisse elementos e argumentos pra dizer o que eu sou, que até então estava engessado por uma instituição religiosa, por uma forma de ser que meus queriam ... então a partir disso, trazendo a questão da vocação religiosa ... é justamente isso ... eu sei quem eu sou ... e sei o que eu quero.

P- 5 E... como aconteceu esse processo de, como você diz, você passa por uma série de transtornos dentro do contexto de Igreja e... aí você se inscreve hoje como um participante sob o item *sem queixas de natureza vocacional*, como foi esse processo de chegar até onde você está hoje, né, caracterizando assim que, ao que parece, você não tem grandes preocupações em relação aos seus valores, que espera que as pessoas venham com as próprias expectativas ou da Igreja como tal, que ela espera de você ... parece que você não tem queixas em relação ao que você quer fazer na vida, ser pastor ou coisa desse gênero, dedicar-se a essa área não necessariamente clássica em relação ... numa dimensão mais social ou coisa desse gênero, como você chega a essa mobilização toda, inclusive contra a sua própria Igreja e as expectativas de sua família ... e aí você passa por uma outra Igreja ... vem para o seminário presbiteriano e se inscreve como participante sem queixas de natureza vocacional, isso parece assim tudo tão redondo, tão bonito, tão fechado mas isso sempre foi assim ou como foi esse processo que te levou a essa relativa tranquilidade diante do que você quer para tua vida, tanto pessoalmente quanto profissionalmente ?

S- 5 Então, não foi tão redondo assim, porque a clareza maior com relação à minha definição de Igreja, isso tava claro, de que eu não iria continuar na mesma Igreja de origem, e foi assim ... ou eu não fico com Igreja nenhuma, se não arranjar outra, ou então eu volto e eu fico sem Igreja, com algum outro tipo de vida, se conseguir viver com Deus ... no social, mas não como eu vivia enclausurado, sempre alguém ditando o que fazer ... lógico, têm normas, têm regras que devem ser obedecidas, mas quando extrapola, quando te desrespeita ... aí, hoje, a gente começa a enxergar o que te escraviza, então algo que faça com que você negue o seu próprio eu ... eu aprendi muito ... inclusive uma das matérias que sempre mexeu comigo foi ... aparentemente psicologia geral, nem tanto, mas quando começou a matéria do auto-conhecimento [Teorias da Personalidade] e até mesmo a de aconselhamento pastoral, isso mexeu muito comigo, porque essas foram as ferramentas nesse processo todo, e sempre pensei

... eu vou começar esse curso e eu vou concluir, seja para ser pastor ou ser um teólogo... ou fazer esse curso e depois dar prosseguimento a outro, né, eu tenho assim ... vou nessa ..meu chamado também não é dentro de 4 paredes, é muito mais além disso, tem outros enfoques, eu posso ficar na área da educação, na área da psicologia mesmo ou na área de assistência social e muitas outras coisas ... e dentro disso, um ano antes eu já estava sendo preparado para isso, e aqui mesmo, quando começaram essas matérias ... aí sim, começaram a retornar isso, quando eu fazia essas matérias, cada aula que eu fazia, eu ia pra casa e era um conflito, eram acontecendo as crises, mas essas crises gerando mudanças e eu pensava ... como eu to sendo infantil nisso, de certa forma ... a mim mesmo não conheço e quero ajudar as pessoas e tal ... esse processo de auto-conhecimento foi de grande ... foi o fator preponderante, foi ... tive sorte em tudo isso, daí eu comecei a me conhecer melhor, comecei a analisar as opções que eu fiz, reanalisar as opções que fiz e assim comecei a ter certeza porque, com relação ao modelo, eu posso, por exemplo, ter a mesma profissão do meu pai, mas necessariamente não preciso ser igual a ele, porque ... uma coisa que eu sei, é que ele nunca soube optar pela família, ele sempre optou pela Igreja ... e não pela família.

P- 6 ... e aí, você como integrante dessa família, necessariamente participante dessa família, pela qual o pai não tinha optado, uma vez que ele optou pela Igreja e com isso deixou a família não talvez de lado, mas preferencialmente, como você mesmo diz, primeiro vinha a Igreja ... você como participante dessa família, não só pastoral mas como qualquer outra família social, dos valores sociais onde se convive, como foi pra você ser participante dessa família e tendo o pai que era um pastor, que tinha como primeira perspectiva não vocês, como sua família, mas a Igreja, como seu próprio local de representação social, espiritual ... como você sentiu isso, essa opção como vocês sendo uma opção secundária ou até terciária, em virtude dessa opção do seu pai pela Igreja ?

S- 6 Olha, a princípio isso foi muito disfarçado, pela postura, você tem que ser exemplo e tal, aquilo outro, no início, na nossa identidade, nós não percebemos, sempre o pai é o nosso herói, o super man, nós temos um dentro de casa, então ... ele tem razão e eu, particularmente acreditava muito nisso e de repente a gente começa a ver a opção que tomou, não foi por nós, para que a gente ficasse bem, mas que ficasse bem perante a Igreja...a gente vai crescendo e descobre que não temos nem um super herói, que a pessoa que está aí é seu pai, ele possui falhas, aí, digamos que você acorda e te dá um choque ... para mim, de certa forma, foi muito traumático, tanto que eu sempre fui aquele que fez oposição à ele dentro de casa, sempre a ovelha negra da família, e sempre dentro de uma frase em que até hoje soa muito para mim ... *meu pai me diz para não mentir, mas esqueceu de me dizer a verdade, né, sempre falou para eu não mentir, mas esqueceu de me falar a verdade*, porque essa própria construção dele para mim era uma mentira, uma forma fantasiosa de viver a vida para que ele não cresse no próprio eu dele, para que não afetasse o próprio conceito dele perante as outras pessoas, então, para mim, foi extremamente traumático, e nessa coisa redondinha que se transformou, eu digo que eu consegui arredondar, foi quando eu comecei a saber na disciplina de auto-conhecimento e aconselhamento pastoral, que a vida é feita de opções e, realmente aquilo que eu pensava não tinha um fundamento ... e foi me dando munção e ferramentas para que eu realmente fizesse a opção pela vocação, pra mostrar de certa forma que eu posso sim ... mas posso também fazer opções diferentes, tanto que o enfoque da questão vocacional, eu nunca a coloco mais importante que a minha vida, e

mais importante do que a minha família, que é que eu quero pra constituir... e se for pra optar entre a Igreja e a família, é lógico que a Igreja pode ter a certeza de que vai estar sozinha, que eu vou optar pela minha família, não importa como.

P- 7 ... até em função dessa experiência ...

S- 7 ... principalmente em função dessa experiência, o fator preponderante foi essa experiência, eu senti isso na minha pele... eu não quero de forma alguma, digamos assim, não como eu fui, foi uma fase e ninguém pode dizer nada, mas pelo menos tem sofrimento que ... coisas que nós passamos, que não precisa sofrer, não acredito que sofrimento é algo necessário, têm coisas que, é lógico, a gente passa, só que está dentro da perspectiva de vida, sofre mas lá na frente consegue, mas aquele sofrimento que já é imposto, isso eu sou totalmente contra. Então pra que fazer uma pessoa sofrer se pode dar opções de liberdade e até mesmo de diálogo, faltou muito diálogo, faltou verdade e sinceridade na colocação da pessoa, porque meu pai nunca se colocou como, nunca disse que não sabia nada, que sempre tinha uma resposta para tudo ... e isso, principalmente hoje, por que eu tenho que ter resposta pra tudo ? Por quê ? Falo que não sei... então é contra esses modelos, eu posso até ser um pastor sem ter esse modelo, muitos hoje têm, independente do meu pai, mas muitos hoje ainda continuam tendo, que tem que ter tudo pronto e preparado, não tem que ter nada pronto, tem que saber lidar com as pessoas, tem que fazer respeitar o ser humano como ser humano. Se é um momento de ter uma resposta teológica ou de um ensinamento, tem o seu momento pra isso que é na Igreja. Nesse momento da crise existencial, da qual eu olho assim o que eu passei ... e não adianta viver com a bíblia, com livro, não adianta de nada ... eu careci, de certa forma careço ainda, de atenção e me vejo como pessoa, não me vejo como aqui é o fulano de tal, filho daquele pastor, ou aquele que é o seminarista, aquele que é o reverendo ou é fiel, porque faz isso ...

P- 8 OK, então você se sentiu assim até que conseguiu estabelecer o seu próprio caminho, com suas próprias diretrizes, com seus próprios valores, até certo ponto alguns ainda próximos da perspectiva da sua própria família de origem, outros valores e questões já com enfoques diferentes do que foi dado na sua família, por conta dessas informações novas e das experiências novas que você está tendo passando agora para o aspecto mais bíblico-teológico, se você falasse assim dessa história toda, no sentido em que se baseou a sua escolha, se tem ali alguma pessoa que é modelo, ou se a própria escolha também privilegiou algum líder bíblico ... a questão seria assim ... onde você se inspirou, seja numa pessoa humana, numa pessoa bíblica ... o que inspirou você, do ponto de vista do conteúdo, para te levar à carreira religiosa ?

S- 8 Eu acho que é super ... não é difícil, mas devido à deficiências para os outros entenderem, porque eu não canalizei ... porque muitas pessoas dizem por causa de tal fulano ou tal pessoa foi o modelo, eu ... porque essa questão é muito assim transcendente ... nesse aspecto que analiso de que a forma que eu fui, assim, tirado dessas ... do jeito que a história foi revelada para mim, a questão da atuação de Deus na História ... eu não tenho um modelo de pessoa bíblica assim, nunca me ... uma coisa que eu detesto são comparações, eu não gosto, eu sempre fui muito comparado, porque todos são bons e você sempre tão mal, da mesma forma, eu não tenho um modelo específico, mas eu pude sentir e ver que Deus ... me escolhendo por aquilo que sou, não por aquilo que eu pensava ou era, o que eu penso ... o que eu penso que vou ser, eu

sempre, de certa forma, não sei explicar, eu senti no dia a dia, nas minhas experiências que Ele valorizou o que eu sou ... uma valorização gerada por uma auto-satisfação de mim, de mim para eu mesmo ...

P- 9 No seu modelo, de que, de certa forma, Deus te escolheu, se você agora falasse um pouco de como Deus escolhe ...

S- 9 Como Deus escolhe ? Eu acho que ... é lógico, do ponto de vista do chamado dele, eu posso isso, eu analiso particularmente na minha vida, ele olha, como naquela passagem dos pobres e oprimidos, de certa forma marginalizados, entra muito aquela questão do, pega as coisas loucas para confundir os sábios, então eu me vejo mais ou menos como Ele olhou para mim com olhos de misericórdia e de amor, né, e ... de certa forma, eu sou assim, não aquela coisa de querer ser mais do que os outros, não consigo achar uma expressão melhor, mas aquele que de certa forma foi humilhado e passou por tudo isso, de certa forma se colocar numa posição em que, não desmerecendo os outros, eu enxergo, lógico, mas um ser normal, você é chamado a ser um porta-voz, de ser um denunciador, aquele que denuncia as injustiças de todas as formas, social, eclesiástica, espiritual, de todas essas formas ... de um ponto de partida, vejo essa questão do chamado dEle, que me fez tomar consciência, de que eu sou daqueles que no passado passou por tudo isso e coisas piores até do que essas, que da mesma forma que, digamos, eu tive, eu tive muitas pessoas que me ajudaram nisso, pouquíssimas pessoas que não me ajudaram nada, foi muito aqui mesmo no seminário que eu fui encontrando isso, nesse desdobramento, nesse processo de libertação, esse êxodo, essa saída, porque para muitos isso aqui é um deserto, mas para mim é um oásis ... um oásis e ... nesse processo que eu me vejo nesse chamado de Deus, que ele realmente me mostrasse aquilo, que eu sempre fui uma pessoa rejeitada, muito depressiva, como sou de certa forma, quando eu quero, naquele momento eu vou optar para ser depressivo, e quando não quero, não sou, então eu tenho uma tendência de certa forma depressiva, quando no sentido de imposição, quando eu me imponho muitas coisas, eu me sinto muito mal e nesse processo de chamada, caminhada e escolha de Deus, ele não se mostrou aquele Deus carrasco que quer que você passa, passa, passa ... pude sentir e experimentar um Deus que entende as minhas dificuldades.

P- 10 Falando dessa relação com o deserto e oásis, né, que ... muitos alunos aqui no seminário acham que é um deserto e você experimentou isso como uma oásis ... como é essa relação deserto/oásis ?

S- 10 O deserto, digamos que é o lugar onde se priva de muitas coisas, não tem alimento, não se tem água, não se tem nada, é arreia, mais arreia e calor e dificuldades, as dificuldades maiores que eu tive, é muito difícil chegar a essa conclusão, mas meu deserto maior foi na própria vida dentro da Igreja, de certa forma dentro da minha família também, por causa dessa perspectiva na ênfase maior na Igreja do que propriamente aos seres humanos dentro de casa, filhos, irmãos e ... não teve essa busca, né, foi algo muito superficial, que hoje na minha vida posso ver os resultados. A questão do oásis, digamos que é o lugar aqui no seminário, na minha vida acadêmica, eu vejo que aqui a questão da verdade, de você ser o que é, de não ficar, devido às marcas, eu particularmente, eu sou, todo mundo sabe, até certo ponto, porque a minha vida não é um livro aberto aqui, não abro todas as minhas defesas aqui, mas até certo ponto, o que eu penso, o que eu sei, o que eu gosto, as pessoas sabem disso e se fizerem o contrário

daquilo, eles sabem que eu não vou gostar, e quando eu digo que não quero, você pode ir sozinho, eu não vou, então, oásis, digamos que é um lugar cheio de opções, tem opção de ou dormir debaixo de um coqueiro, na sombra de um arbusto para que o sol não te pegue, ou até mesmo com a metade do corpo ou a cabeça pra fora da água e essa é a opção que eu posso tomar.

P- 11 Nesse sentido, na mesma relação entre deserto/oásis, você está dizendo então que, para uma boa parte dos teus colegas, pelo que você experienciou, a passagem pelo seminário tem sido um deserto, onde, até certo ponto, falta comida, bebida, como você mesmo relacionou aí, e diferentemente de você, que pra você não foi esse deserto, de que você teve encontros até fantásticos consigo mesmo e até com doutrinas e idéias ... para você caracteriza-lo como deserto, em termos práticos, quanto ao seminário, o que você acha que seria essa falta de comida e bebida, a que corresponde, aqui no seminário, a esse símbolo que você usou, como falta de comida e bebida, em termos inclusive do currículo acadêmico, nas experiências de vida dentro do seminário, dentro e fora, né, porque as coisas não se separam assim ... você quer falar um pouco disso, o que, na sua opinião, faltou, falta para aqueles que consideram aqui um deserto e, por consequência, como você recebeu o que outros não receberam ?

S- 11 Eu acho que, quando a pessoa não tem essa comida e bebida, ela está aqui não realmente, só usa isso como um processo, uma passagem, está aqui, mas a sua cabeça não está aqui, muitas vezes ela usa aqui só como um processo, uma passagem, sua cabeça não está aqui, muitas vezes ela ... não sabe separar as coisas, digamos assim, não sabe separar aquilo que realmente ela ... em outras palavras, não sabe separar, na minha opinião, ela ainda não se encontrou consigo mesmo.

P- 12 ... por isso que é deserto ...

S- 12 ... por isso que é deserto, porque, como se fala, a maior solidão é a solidão a dois, mas quando a pessoa ... aqui a pessoa não é só com dois que ela convive, mas com vários ... como pode morar numa república com 3, no mínimo 2 pessoas, ou 5 ou 6 pessoas e se sentir ainda nesse deserto ... ah, não tem ninguém que ... de certa forma, poucas pessoas que ... todos pensam da mesma forma, mas todos estão passando por aquele deserto porque ... porque não se sujeitaram ... a questão natural da vida que é passar pela crise ... é uma não-aceitação da crise, uma não-aceitação de si mesmo e não ver a crise como algo que remete pra algo melhor, como fator necessário para ... uma vez que a crise é um mal necessário pra ... aquilo que vai remeter a uma mudança de mente, de perspectiva, uma mudança de si mesmo, poxa, como eu fui criança nisso, como eu não cresci naquilo outro, então eu analiso que as pessoas não têm um oásis, porque aquilo que recebem aqui, não tem isso como prazer, eu digo muito essa questão da comida e da bebida como algo que dá prazer, que satisfaz ... vamos usar o termo realismo, então a pessoa não tem isso, não assimila isso, fator que complica demais e daí começa a ver o seminário como um deserto, daí começa a encenar... 20% das pessoas prestam ... os outros 80% não prestam, então essas gostam de ... julgar, aquele presta, aquele não presta e justamente apontando o dedo para aquilo que é bom, o que não é e... não param mais pra pensar, por que aquilo é bom pra ele e não é bom pra mim, porque eu julgo aquilo ser bom e ele julga ser ruim, nunca olham da perspectiva do outro, nunca se dispõem a aprender com as outras pessoas, não se dispõem a coisa que ... ao ouvir ... ao ouvir ... e sempre quer julgar.

P- 13 Você disse que depende muito da leitura que cada um faz, daquilo que ele encontra pela frente e, em função dessa leitura, ele vai se posicionar diante da vida e da Igreja, da família, enfim, de modo geral. Você também passou por isso, você fez uma leitura e diante dessa leitura, você saiu mais fortalecido ... como foi isso para você ?

S- 13 Diante da leitura que eu fiz... porque ...eu analiso assim, que nunca em momentos anteriores eu tive ... quem nunca passou as dificuldades que eu passei, tanto com relação à família, como em relação à Igreja, não pensaria ... ficaria sempre em busca de algo melhor, não desesperado, mas que realmente, quando você está disposto, as coisas vão acontecendo naturalmente, estar sempre aberto pra outras idéias, novas perspectivas, nunca fechar ... definir ou fechar os assuntos, querendo ser o grande vencedor das questões ... que que isso pode ajudar só pra afirmar perante as pessoas, que você é bom, pra afirmar perante as pessoas aquilo que você não tem certeza que é, isto particularmente eu penso, e quando você já tem uma postura mais maleável, e, digamos, mais centrada ... mais humana também, né, porque muitas vezes a pessoa foge muito daqui do planeta terra e fica flutuando por aí, então quando a pessoa toma esse tipo de atitude, aquilo que eu vou voltar a ser, a pessoa nega, passa a negar a realidade e a noção das coisas, a pessoa insiste em negar aquilo que realmente é, aquilo que realmente acontece, ou consigo mesma ou com as outras pessoas. Não é a mesma coisa que ter esperança que as coisas vão mudar, não é isso, mas a pessoa fica torcendo as coisas ... tudo bem, são perspectivas, são formas de olhar, mas eu vejo que, do meu ponto de vista, têm as pessoas que não querem mudar e... estava até ontem mesmo comentando, que têm pessoas que entraram de uma forma, por um pensamento, ou entraram não sabendo nada e vão sair sabendo muito menos, e pior, confusos ainda, porque não se predispuseram, não se submeteram ao conhecimento de si mesmos e das outras pessoas também, porque a gente começa a olhar com mais simplicidade para as pessoas, quando começamos, de certa forma, também a não de auto-comiseração, mas ao ato de nos olharmos como humanos, não nos colocando como mais superiores, num degrau acima de ... ou degraus acima de todas as pessoas, tanto do bem como do mal, nos tornando aí meio que semi-deuses, a pessoa não consegue enxergar o caos que ela está vivendo. O caminho, do meu ponto de vista, é que ela não enxerga a si mesma e não enxerga o professor, então eu analiso dessa forma, eu acho que é muito complicado, a pessoa não pode ter problemas hoje com relação à questão ministerial, mas vai ter ... se não é uma interrogação maior, porque a interrogação ... a pessoa não chegou ainda ao consenso do que ela é, não tem a consciência de ser, que que eu sou hoje ... hoje eu sou um camaleão, hoje está de um jeito, amanhã está de outro, então vai ... nunca tem uma personalidade própria, ou tem medo de assumir sua própria personalidade diante das pessoas, e diante desses fatores de família que aconteceram comigo dentro da própria Igreja, pelo contrário, não me dá medo de afirmar o que sou, justamente pra não cair no mesmo erro, mesmo sendo sujeito a ser taxado de seja lá o que for ... é o caminho que eu assumo, não negar o que eu sou, e não negar as minhas convicções.

P- 14 Você disse então que, a sua opção pela vocação religiosa, pelo ministério religioso, não importa aí o termo que usarmos ... que há todo um processo de conhecimento, de reconhecimento de si mesmo, que, no seu caso aí, passa pela questão existencial, nesse sentido de sair um pouco dessa ... como se diz, eu diria, uma espécie de fantasia religiosa, e na medida em que você procura conexões com a realidade mais palpável do dia a dia, e ... uma vez encontradas essas conexões, parece que elas fazem

de você uma pessoa até mais segura do que quer, do que deseja e menos embasada em fantasias religiosas ou coisa do gênero, que, como você em outros momentos já falou, forma aquela casca, mas, a nível de substância, a coisa acaba assim não se definindo. Então parece que você aproveita sua condição existencial de também analisar de uma forma mais crítica sua própria condição ideológica/teológica, não ficando restrito ao trabalho numa vinculação clássica ao ministério, mas, pelo que você diz, você tem ouvidos e olhos para, em primeiro lugar, ao sofrimento humano, porque parece assim que, pelo sofrimento Deus se aproximou de você, né, quando você diz que por essa via Deus te escolhe, como você já falou anteriormente, e que teu caminho é um pouco hoje nessa direção, de conseguir, quem sabe, trabalhar com o sofrimento das pessoas e, de repente até trazer alívio para elas, de acordo com os limites e as forças, do entendimento que você tem ... é isso mesmo, você que teu caminho hoje é mais por ali, do que por um trabalho mais clássico, conforme você cita, que é o exemplo do teu pai ... então ... como é que é esse caminho e como esse caminho se viabilizou no contexto do seu estudo de Teologia ?

S- 14 Olha, diante dos valores assim clássicos, de um método mais antigo, eu reconheço, mas é um modelo que ficou engessado no tempo e muitas vezes ele valorizou muito mais outras coisas do que o ser humano, é muito mais importante você fazer isso aqui do que propriamente ... é muito mais fácil você impor, enfiar goela abaixo ... é assim mesmo e é assim que tem que ser e ele quer verdade absoluta, no fim das coisas é uma coisa terrível, pessoalmente nessa questão clássica, muitos dos instrumentos que eu conheci, de valores absolutos e inegociáveis, mas do ponto de vista mais humano e de ser, do que propriamente do ponto de vista mais teológico. Então, devido à sua confissão, tem reflexões e aberturas do que se pode fazer, numa visão mais aberta, tanto que ... eu tava aqui me lembrando, de uma época em que eu estava analisando, de como, no meu caso, foi sedutor a leitura das obras de Nietzsche, um existencialista, filho de pastor, que passou pelo que passou, decretou a morte de Deus né, na perspectiva que ele coloca concordo plenamente, não está sendo muito diferente hoje, e eu passei também um momento assim, e eu pensei, será que eu vou ser um pastor, mas como pastor também posso chegar a, assim como Nietzsche foi também conhecedor de Teologia e filosofia e outras ciências, eu posso, de certa forma, também decretar essa morte de Deus, mostrar para as pessoas, que da forma que estão agindo, estão matando Deus, porque tão acabando com a própria criação dele, que é o ser humano, não só fisicamente, mas desestruturando emocionalmente o ser humano, muitos até através do ensino assim clássico. Então eu vejo que uma questão do diálogo, a questão das ponderações, lógico, respeitando as confissões de cada religião, mas chega um momento em que você tem que extrapolar as 4 paredes ... muitos dizem que falar é muito fácil, que lá no seminário você tem muito disso, os professores falam muito disso, mas você vai ver a realidade quando você chegar lá, que não é bem assim, que não dá para fazer, mas na minha forma de ser e de trabalhar com a Igreja, eu acredito muito na questão da educação, do ensino, não é também assim como esses novos conceitos ... também não dá tomar um posicionamento só liberal e enfiar isso goela abaixo da Igreja, que é um processo de educação demorado, mas que você vai chegar ... não é só uma casca, mas uma consistência ... tem uma consistência. Então eu vejo dessa forma.

P- 15 ... e dentro dessa perspectiva, se você pensasse um pouco na relação você e o seminário, que expectativas você ainda tem que ... esperanças ... você já falou de uma

delas, que você acredita muito na educação e o que ela é capaz de proporcionar pras pessoas, etc e tal, do ponto de vista da sua experiência no seminário, que expectativas e esperanças você ainda alimenta ... ligado a isso também, que coisas você diria para aqueles que ficam, já que estás no último ano, que palavras ou que questões você levantaria para eles, para que eles pudessem ter uma caminhada semelhante, né, tão importante quanto a tua ... então essas duas questões, uma vez ... que esperanças e dentro dessas esperanças, o que é que você diria para aqueles que ficam aqui ?

S- 15 Eu até estava me lembrando de uma entrevista que eu vi com o cantor e compositor, por mais utópica que seja a proposta dele, eu achei interessante, que eu começo a mudar o micro para alcançar o macro ... a minha esperança é que, eu sendo aquela fagulha, aquela centelha, onde eu estiver, por menor que seja a minha contribuição, mas aonde eu estiver eu deixarei mudanças, e através dessas mudanças que as pessoas possam ver que é possível ter uma vida religiosa sadia, numa perspectiva liberta e libertadora e dentro de uma visão não dicotômica de sagrado e profano ... sabe, que as duas coisas caminham juntas, que dentro de uma religiosidade sadia, respeitando a forma de ser de cada um, digamos que essa é a minha esperança, de estar educando e ensinando as pessoas a caminhar, que a priori pode não ter muito resultado imediato, muito volume de pessoas e tal, porque na própria constituição de nosso povo, da forma como ele foi constituído, ele está muito inclinado a aceitar o que os outros dizem, sempre presos a alguma coisa e não em total liberdade ... e assim o que eu penso em deixar para as outras pessoas que ainda estão aqui... eu acho que, nada diferente do que eu tenho falado desde o começo, de conhecer a si mesmo e não se acharem conhecedores de tudo, ninguém pode chegar a dizer que conhece todas as coisas, ah, mas isso eu já vi, eu já li tudo, é ali que a pessoa mostra toda a sua ignorância ... rejeitar aquilo que as outras pessoas estão passando, por pura soberba, de que não podem aprender com as pessoas mais simples porque eles se consideram mais. Em outros, a soberba é tão grande que acham que nem cabe mais ninguém no lugar onde estão ... sobre isso eu já li tudo, então não sei o que estão fazendo aqui, como muitos colocam, que o filho dele só veio aqui para buscar o diploma ... passem pelo seminário e deixem o seminário passar pela sua vida, viva intensamente cada crise e cada momento e não falo isso num perspectiva pejorativa ou negativa, mas numa perspectiva muito sadia ... que vai te levar a um crescimento e ao conhecimento de si mesmo. Então é basicamente isso que eu gostaria de deixar.

P- 16 Você gostaria de falar mais alguma coisa assim, livre, algum assunto, alguma idéia que você queira colocar, tendo em vista a construção dessa opção religiosa, tendo em vista até as influências de outras pessoas e instituições, enfim, tendo como pano de fundo a construção dessa coisa que vai desembocar na opção pelo ministério religioso ? Alguma questão que você não tenha abordado, mas que julgue mesmo assim importante, que possa ser refletido, enfim ?

S- 16 Uma coisa que, no início do primeiro ano, a gente lê muitas coisas científicas, e as coisas são muito teóricas, muito texto ... e o terceiro ano é um ano muito difícil, e no quarto ano a gente começa assim, a uma retomada da questão da fé, quando se vê que pela base que tivemos nos outros três anos e continua tendo no quarto ano, uma fé sadia, não dogmatizada, uma fé ... eu posso dizer assim, pura, eu acho que pelo fato de estar trabalhando com Igreja, a fé é imprescindível, lógico, com todos os cuidados que a gente deve ter com modismos e exageros, com relação à viagem que as pessoas fazem

no campo da fé, mas dentro desses quatro anos que recebemos e estamos recebendo até agora, porque não finalizou ainda, mas ... nunca abandonar essa questão da fé, porque a fé é algo que a gente nunca vai conseguir explicar, particularmente ... por mais que possamos ler Tillich, que fale sobre a questão da fé, Barth, ou qualquer outro teólogo que possa nos explicar ... fé é uma questão muito pessoal ... nós e Deus ... e não tem como desvincular ... seria um erro tentar desvincular da nossa própria constituição de eu ... a questão da nossa disposição em crer em Deus ... muitos tentam fazer isso, mas chega uma hora que aperta e eles retomam isso ou enxergam uma grande confusão ... uma coisa que até muitos brincam comigo na sala e falam que ... acham que eu não sou uma pessoa que tenha fé, por ser muito racional, muito frio com essas questões, muito liberal ... eu não me encaro dessa forma, eu acho que eu sou uma pessoas que assimilou os procedimentos do seminário, as teorias que me foram passadas, e consegui ... eu vim da prática e aqui dentro eu assimilei as teorias com relação à fé e também às questões ... que só solidificaram, deram uma base e uma estrutura para aquela fé ... hoje tenho uma fé muito mais sadia, uma fé mais consciente, de forma alguma abandonei essa fé, ou, de certa forma eu perdi a minha comunhão com Deus e daquilo que vivesse em minha vida, uma formulação não tão científica assim, mas uma formulação mais consciente propriamente de Deus e da fé que me envolve nesse campo, eu vejo particularmente, minha opinião, pode ser que alguém até me possa convencer depois, mas até agora, esse tempo todo eu consigo vincular essa questão da fé, por mais consciente que esteja, por mais razão que tenha.

P- 17 Pelo que você me diz, você perde no contexto do estudo, algumas questões mais imaginárias a respeito da fé, de uma forma, talvez, mais primitiva, mais infantil, e ... pelo que você está dizendo, que no contexto do seminário, você faz uma depuração melhor, você usou a palavra consciente, você tornou-se mais consciente diante da tua fé, onde você até teve que soltar algumas amarras meio fantasiosas ou algo dessa natureza, que corriam solto dentro da sua Igreja e que teu curso permitiu que você depurasse ... e que inclusive você diz que ela ficou mais pura ... é isso mesmo ?

S- 17 É, porque pura que eu falo ... o que eu quero dizer é sem intervenção de pessoas ... de uma doutrina já bonitinha, certinha, que te diz o que deve pensar, o que deve fazer ... o que vem a ser Jesus, o que não é ser Jesus ... Quem é Deus para você, o que deixa de ser Deus para você ... você pode estar consciente disso a partir da sua própria experiência, de sua própria caminhada que você teve aqui dentro e dos caminhos – a questão pedagógica, do ensinamento aqui dentro do seminário – se nos formos um pouco mais sensíveis pra encarar isso, não é como se alguém arrancou e destruiu a sua fé, mas está lhe dando ferramentas para uma fé mais consciente, não uma vida cristã domesticada, mas consciente, responsável, sensível também ao mesmo tempo, porque a dificuldade que as pessoas têm entre uma fé e uma experiência, uma vida cristã consciente ... pra ter essa vida cristã consciente, eles separam, eles tiram a questão do sentimento ... mas justamente é consciente porque você vê, você aprende, você sente o movimento dentro de você, o movimento interno, aquele que está dentro de si mesmo, quando começa a analisar isso e começa a saber expor isso, até certo ponto, e o grande problema é que as pessoas não sentem, por isso é importante ter uma fé sensível e consciente, mas muitas pessoas não conseguem captar isso, na minha opinião.

P- 18 Alguma palavra final que você queira deixar ?

S- 18 Bom, finalizando ... era mais essa questão da fé que eu coloquei que eu queria dizer, e a questão da crise, como já falamos, nunca perder de vista, né, que a crise sempre nos vai remeter a uma situação melhor, a um crescimento, nisso eu posso ver depois de tudo o que eu passei, que no momento então ... no princípio, nem tanto, a gente tem essa consciência, mas dentro do seminário ... quando vê as pessoas passando por uma crise ou os professores falando sobre as crises, aqui dentro, como já disse, aqui foi o oásis, porque passei a encerrar a crise com outros olhos, pelo meu crescimento ... to passando hoje, mas vou superar essa ... então faz parte da caminhada, é um caminho muitas vezes plano, mas também tem morro, tem vale ... e por aí vai ... então a crise se dá nessa perspectiva, dá nesse caminho também. Era o que eu tinha ...

P- 19 OK por hoje então, muito obrigado por sua disposição, né, é ... provavelmente a gente vai chamar você num outro momento, a partir do qual eu vou selecionar algumas partes, sobre as quais, num outro momento, a gente pudesse se aprofundar um pouco mais, mas eu entrarei em contato com você para isso, e, de antemão eu agradeço sua disposição para isso, muito obrigado pela sua colaboração.

ANEXO IV

SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV. ANTÔNIO DE GODOY
SOBRINHO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA III

Nome: C (CQNVP)⁵³ Data: 14/05/02 Idade: 26 Sexo:
Masculino
Estado Civil: Solteiro Domicílio: Ano: 2.

P – 1 Bem, A, então nós queremos fazer nessa entrevista algumas perguntas em relação à sua historia, daquilo que te levou aqui pra Teologia, a estudar Teologia para um dia ser pastor. Então eu queria que você falasse um pouco sobre isso, desde o início, como e onde tudo começou ?

S – 1 Eu comecei a me sentir vocacionado desde a época da minha conversão e... foi assim... tudo aconteceu muito rápido, desde a época em que eu me converti em senti que não dava para mim ficar na Igreja simplesmente parado, sem que eu desenvolvesse alguma atividade, em que fosse útil para o reino de Deus... no começo era tudo muito ... não tinha muito noção do que era, mas participava de tudo o que existia dentro da Igreja.

P – 2 Como foi essa conversão, conta um pouco disso ?

S – 2 Bom, foi um conjunto de fatores que me levou pra conversão, eu tinha muitas dificuldades com a família, problema de alcoolismo em casa, e até os 16-17 anos era tudo assim na fase da adolescência, depois que eu comecei a entrar na vida adulta, comecei a trabalhar... comecei a ter muita dificuldade, né... e... à medida em que eu fui tomando contato com algumas pessoas que eram evangélicas e que tinham conhecimento bíblico e que tinham a capacidade de passar isso pra mim, eu fui observando isso na vida das pessoas e um dia eu fui ... eu vi um cartaz no ônibus, que estava escrito assim, né, *projeto querigma*... jovem, você pode ser diferente... e era justamente o que eu estava procurando, que era poder viver minha juventude, mas algo que fizesse sentido para mim, e fui num culto, um dia ... e a mensagem tocou meu coração....e a partir daquele dia me converti ... então foi essa busca e acabou acontecendo isso.

P – 3 E a partir dessa conversão você assumiu trabalhos na Igreja ou ... como foi ?

S – 3 No primeiro mês, isso foi na IPI central em Prudente, eu fui freqüentando a IPI central que era a única Igreja que eu tinha referência, né, mas é uma Igreja grande, né, e... um jovem, que na época em que eu me converti, era um estrangeiro também e estava morando na casa da minha vizinha, e eu encontrei com ele lá, você é meu vizinho e tal... e ele começou a me evangelizar e ensinar algumas coisas e ele falou que... agora que você se converteu você precisa fazer parte de uma Igreja e no primeiro mês eu fui nessa

⁵³ CQNVP – Com queixas de natureza vocacional profissional.

Igreja, depois eu descobri que perto da minha casa existia uma outra IPI, ali próximo, né, aí eu falei, bom, se é perto de casa então vou fazer parte dessa Igreja, então no segundo, terceiro mês eu comecei a fazer parte dessa Igreja, por ser uma Igreja pequena, assim de menor porte, com vários jovens ali e eu querendo me sentir útil, achei que devia começar a trabalhar já, e em envolvi ali com a Igreja, me envolvi com os jovens, tinha uma facilidade para me comunicar, tinha uma facilidade também pra liderar e.. tinha um interesse muito grande em aprender tudo ... tudo o que eu pudesse aprender, então eu me envolvi rápido ali na vida cristã, depois da conversão, uma vontade muito grande de ser fiel à Deus, de fazer tudo aquilo que pudesse estar de acordo coma vontade de Deus, a ponto de fazer algumas coisas que eu acho hoje que não teria necessidade, mas que na época, na sede de aprender, eu seguia tudo aquilo que as pessoas me ensinavam

P – 4 ... entra um pouco mais em detalhes ... que coisas foram essas ?

S – 4 ... por exemplo, éee.. deixa eu ver... fazia jejuns, porque queria que a Igreja, toda a minha vida cristã com os objetivos que a gente tinha colocado fosse alcançado... então você ora bastante, jejua, que você vai conseguir através disso... eu acho que até me oprimi e oprimi as outras pessoas um pouco também porque eu ia lá no fundo da vida das pessoas, de certa forma eu controlei muito a vida das pessoas a questão da sexualidade também, que a gente têm conversado... opção sexual de você se manter puro, de você associar vida cristã, pureza cristã com pureza sexual...isso foi uma coisa assim muito marcante na minha vida, e também, de certa forma hoje não vejo desta forma, a questão de você colocar a sua vida pessoal de lado e tocar os princípios do reino de Deus que foi ensinado na Igreja de uma forma, não vejo hoje assim, mas de uma forma diferente, acima de tudo ...

P – 5 Que princípios seriam esses ?

S – 5 ... éeee...você,por exemplo, deixa sua família, deixa sua casa, deixa seus objetivos pessoais de vida, pra viver princípios na Igreja você fala, que é princípios do reino de Deus, mas na verdade, princípios da Igreja ... então você acaba assumindo compromissos na Igreja que ... passa noite sem dormir ... você, às vezes, perde algumas oportunidades na vida de fazer algumas coisa que ... dando seu tempo, sua inteligência, seus recursos na Igreja ...

P – 6 ... e você falou que isso até você fez, até um certo ponto na sua vida, depois da sua conversão né... queres falar um pouco disso ?

S – 6 Quando eu me converti ... o processo de minha conversão, de eu começar a procurar ... isso foi no final de 96, minha conversão foi no começo de 97 ... eu vivi isso até meados de ... final de 2000, um pouco antes, até metade de 2000, vivi três anos e meio dessa forma, até que eu comecei a ... um pouco é até o cansaço que você tem, de tanto viver nesse sistema, desse jeito você começa a pensar, será que isso ta valendo à pena ... e um pouco foi também a abertura que eu comecei a ter, porque nessa época eu já era candidato ao seminário, então você tinha que ler um monte de livros então começa a coisa ... péra aí ... será que é bem assim, será que é desse jeito

P – 7 E sua experiência com a Igreja local e tal ... o que exatamente te levou pro seminário, tipo assim, foi um projeto seu, alguém participou desse projeto ou ... ?

S – 7 É... a Igreja sempre tem aquela visão dos mais piedosos aquele jovem que trabalha muito dentro da Igreja, que tem, que se esforça muito pra ser bom cristão, ta sempre envolvido com trabalhos, sempre falam você é pastor, você a princípio eu acreditava muito nessa idéia ... eu não tenho uma criação protestante, fui criado na Igreja católica e .. essa visão pastoral pra mim era muito carregada de preconceitos, então quando eu cheguei na Igreja, mesmo tendo essa convicção religiosa, uma nova convicção né, de saber que o pastor era uma pessoa que tinha lá o seu respeito, pessoa que eu procuraria pra me aconselhar, um referencial cristão, um referencial religioso, mas pra minha vida eu não queria isso, porque era uma coisa carregada de preconceitos... mas sempre tava envolvido, participei de projetos missionários... mas então falei que... eu sei que tenho fazer alguma coisa pra obra de Deus... é, então vamo se envolve, vamo envolvendo pra ver até onde vai chegar isso

P – 8 Então você entrou um pouco assim nessa preocupação nessa vontade até das pessoas da Igreja pra que você viesse, como se você tivesse entrado um pouco no projeto delas para sua vida, é isso ?

S – 8 A princípio, não, porque eu não tinha mesmo ... eu não levava à sério esses comentários, se a pessoa vinha e falava assim, eu falava aaaaa...ô irmão, na prática mesmo, eu pensava que não tinha nada a ver... a princípio acho que não, que não foi por esse lado, mas, de certa forma, isso fica martelando na cabeça da gente, né, e... à medida que eu ia me envolvendo eu falava, pra onde que eu vou ? Aonde vou chegar ... e foram alugando minha cabeça de tal forma que ... parece que não havia como eu ser fiel à vontade de Deus e me envolver da forma como eu gostaria de me envolver se não fosse por esse caminho... ou eu teria que ser missionário, ou eu teria que ser pastor, ou eu seria um profissional liberal extremamente envolvido com a obra, mas parece que eu não teria como me ver um profissional de outra área, porque eu tava 95% do meu tempo dentro da Igreja, então como eu taria estudando, como taria buscando um projeto profissional pra minha vida, sendo que eu tava sempre envolvido com a Igreja.... então, nesse sentido, era essa a minha realidade de vida.

P – 9 Então, parece que você opta por um projeto que não é totalmente seu, mas em parte é que... aí então você vem aqui pro seminário, baseado nessas questões todas aí já faladas... e como é o início do seminário aqui pra você, com essas preocupações que você tem ?

S – 9 É... até hoje eu ainda estou definindo, como são essas coisas.. não ta decidido, porque eu, quando cheguei aqui no seminário eu não cheguei com uma convicção de que tava tudo certinho na minha vida, e que até o estudo virou de ponta-cabeça, pelas coisas que vão acontecendo..... eu cheguei aqui com várias expectativas, antes de eu vir pro seminário, eu tava em contato com vários seminaristas, eu procurei saber como que era aqui, como era a vida aqui no seminário e... alguns tinham uma visão, outros tinham outra, mas, no geral, todos tinham aquele choque cultural e religioso que tem aqui no seminário, né... falavam, ó, o seminário não é bem isso que você está pensando, você não vai chegar lá orando e jejuando, você vai lá estudar ... esses conceitos que você tem na Igreja são diferentes, tem seminaristas que fumam e que bebem, tem seminaristas

que fazem isso e aquilo e eu só conheço e veio um momento em que isso me tirou a consciência de que eu teria que vir pra cá... mas de fato, você tem conceitos de reino de Deus que são completamente diferentes aqui...

P – 10 Como era essa visão antes, como é essa visão quando você entra e agora ?

S – 10 Antes você achava que teria que converter almas pra Cristo e pronto e... depois que elas se convertessem você tinha que cuidar pra que elas ficassem fiel aos princípios que você aprende na Igreja, no sentido moral principalmente, a Igreja se preocupa muito com a questão moral e outros princípios também de amor e tal ... aí já é um controle mais amplo e... muda muito

P – 11 ...quando você veio, o que muda assim de cara ?

S – A questão moral sempre muda, você não tem que ficar ... pelo menos é isso o que eu penso hoje, a questão moral não é tão importante, apesar da Igreja bater muito em cima disso, e... a questão moral é muito subjetiva... você vêm de princípios morais que você já tem pra si, isso vai mudar muito pouco, pode ser que eu estou enganado, mas, isso não muda muito, agora... como você vai exigir da pessoa que ela seja moralmente cem por cento, se ela já vem de um ambiente que já não oferece isso.... agora, se eu exigir isso da pessoa a vida inteira, até que ponto eu vou querer que ela tenha ... como que Jesus Cristo vai fazer a respeito da vida dela, será que isso é tão importante, ou será que não têm outras questões que são mais importantes, que fazem parte dos princípios do reino de Deus, mas... se essas questões são tão importantes ou não, se na Igreja a questão moral fica sendo como tão importante ... como que eu vou levar essas princípios na Igreja ? Então isso são coisas que

P – 12 Como você fez aqui no seminário... aí você chegou e...como você percebeu esse embate, que não era bem assim, como foi esse início seu aqui com relação a esses temas, esses problemas, enfim.... ?

S – 12 É... quando cheguei no seminário, muita coisa foi difícil pra mim, porque, primeiro você fica longe do estudo por um bom tempo, chega aqui você tem n matérias pra você dar conta, e eu sempre procurei ser muito bom no que eu fazia, e com a vida acadêmica não é diferente, procurei me esmerar nos estudos e tal, mesmo não sendo talvez aquele aluno brilhante, mas sempre procurei aprender o máximo possível, então fica a mente aberto para aprender o que .. hoje eu to podendo ter um senso crítico pra rebater, no ano passado eu não tinha o que o professor falava eu tomava quase por total verdade, assim, não que eu não questionava, mas para mim mesmo, né , hoje, com mais estrutura de estudo e tal eu tenho como argumentar, mas ano passado eu não argumentava então eu entrava no conflito entre o seminário e Igreja, ce certa forma eu acabei abandonando um pouco os preceitos da Igreja, isso porque você se afasta da Igreja, ali você num caldeirão, aqui é outro caldeirão, então ficou dessa forma

P – 13 E o que te mantém hoje aqui no seminário ?

S – 13 Bom, o que me mantém é que ... primeiro porque ainda não ta definido e enquanto não tiver definido eu não posso tomar uma posição, então é melhor que eu esteja aqui. Em segundo lugar, o seminário me trouxe muitas coisas boas, muitas coisas

boas mesmo, primeiro no sentido da abertura da mente, porque, graças a Deus que eu estou aqui hoje e não vou ter que viver aquela vida cristã que eu vivia antigamente, porque eu não sei até quando eu viveria aquela vida, talvez vivesse muitos anos, mas, com certeza, eu não viveria feliz e taria fazendo muitas pessoas infelizes ao meu redor, e graças a Deus eu hoje consigo, eu sou uma pessoa muito mais livre de mentalidade e como eu to longe da Igreja, aqui em Londrina pelo menos eu exerço essa liberdade, e a minha Igreja até que me proporciona isso porque não é uma Igreja que fica cobrando, não fica pegando no meu pé, mexendo na minha vida pra ver o que eu faço ou deixo de fazer, mais nesse sentido. No outro sentido também porque, no sentido acadêmico, que voltou essa vontade de estudar, aquela vontade de ter o saber que eu tinha e que, por diversos fatores pessoais, não pode prosseguir ... e hoje tem restaurado então, eu tenho uma grande vontade de continuar estudando, de aprender sempre mais, e o curso de Teologia, ele é fantástico porque você estuda Teologia, antropologia, sociologia, várias áreas do saber na área de humanas, história ... e tudo uma coisa interligado com a outra, não sei como é isso em outros cursos de humanas, mas é fantástico, então não abro mão do seminário de modo algum.

P – 14 Então o que te segura aqui é um pouco essa vontade de saber que, até certo ponto você ta alcançando diretamente aqui ...

S – 14 Com certeza, em grande parte ... não que eu tenha perdido a visão religiosa, que eu tenha perdido a visão de Igreja, mas, isso ficou definido agora, está suspenso, de repente, amanhã, eu vou ficar em grande parte na Igreja, mas não sei... hoje eu não tenho definido...

P – 15 ... parece que está um pouco suspenso em função da condição ideológica em que você entrou, você abandonou um pouco essa idéia, onde, como você falou, de que a religião, né, tem a ver com a moral e parece que muitas vezes só isso, ou em grande parte só isso e hoje você ta sabendo que não é só isso, que têm coisas mais importantes que isso ... então se nós falarmos um pouco desse corpo ideológico, que embasa o comportamento em si, se pensasse na tua vida em que há razões e modelos de pessoas, há corpos ideológicos... doutrinas que ajudaram que você estivesse aqui e que continuam presentes ... falando um pouco dessa questão teórica, agora acadêmica, do ponto de vista da Teologia, que questões ideológicas, doutrinárias embasam ou embasaram essa tua condição de vir a ser um pastor, de estudar pra ser pastor ?

S – 15 Eu acho que ... como eu tinha falado, primeiro a fidelidade com Deus, então isso me levou à busca contínua que me trouxe aqui, a questão da salvação também, muito forte, da mesma forma como eu me via como uma pessoa sendo salva, eu queria isso pra todas as pessoas que eu pudesse ... a questão da salvação.

P – 16 Éeeee.... A salvação de quê ?

S – 16 Do inferno. Isso na Igreja, né... na Igreja aquela questão do céu e inferno e....

P – 17 e...aquí ?

S – 18 Aqui já não tem mais ... mesmo porque hoje ... é difícil até crer no inferno... pelo menos, particularmente para mim, eu tenho dúvidas em relação a isso, se existe mesmo,

parece que não estou dando a devida importância e... então... justamente isso mudou muito, continuo me preocupando com as pessoas, continuo me preocupando em fazer algumas coisas pro reino de Deus, mas isso ainda está muito nebuloso, muito indefinido.

P – 19 De certa forma, então, dá pra dizer que, nessa sua busca pelo saber, aliado a essas questões doutrinárias e eclesiológicas que você falou aí, da salvação do inferno além dessas coisas, quando você chegou no seminário, do ponto de vista agora das disciplinas, do currículo pedagógico, você encontrou apoio naquilo que buscava, ou você encontrou uma outra coisa que você nem sabia que existia, como foi isso ?

S – 19 Olha, eu acho que o apoio que encontrei, naquela ideologia toda que eu tinha, é com relação a trabalhar para melhorar a vida das pessoas, nesse sentido... o seminário dá todas as condições para a gente trabalhar nisso,as de uma forma totalmente diferente daquela que vinha trabalhando ...

P – 20 Então hoje isso parece ser muito mais uma questão humanitária do que está em jogo, do que propriamente uma questão teológica ...

S – 20 Lógico, me falta, ainda me falta esta questão teológica porque parece que foi derrubado tudo o que eu tinha construído, então nesse sentido teológico eu me preocupo com isso ainda, eu sei que os professores passam isso e alguns alunos até têm definido isso, mas para mim isso ainda não está definido. Então a questão teológica, eu tenho me preocupado, isso é uma das coisas até que geram crises, porque eu sei que não vim aqui só pra questão humanitária, mas hoje o que eu estou vendo é só esta questão humanitária. Agora outras coisas que você falou pra minha surpresa, que eu achei mesmo, é essa questão acadêmica mesmo, é muito forte ... na Igreja você tem uma visão X, e eu sei que isso é muito mais amplo, que você pode estar trabalhando tanto a questão social como a questão do reino de Deus de várias formas, não é só o ministério pastoral, que você pode estar fazendo isso academicamente, profissionalmente ... e na Igreja parece que não, parece que essas coisas não são muito valorizadas, que o verdadeiro valor está em você ser um homem separado pra obra de Deus, um pastor, como um missionário ... e você acaba tomando isso como um valor para a sua vida também ... e hoje eu vejo que não é bem por aí... que inclui também o ministério pastoral, mas não é só por aí.

P – 21 Então, nessa busca da questão teológica que embasa a tua condição de estudante e mantém inclusive a condição de estudante, além dessa busca de saber, então você não está bem definido e você quer ficar até o final com essa expectativa, de ver se define melhor ... foi essa a razão então que você se inscreveu aqui para o questionário, no item *com queixas vocacionais* ?

S – 21 Com certeza foi isso ... quando houve a proposta de se inscrever para pessoas que já sabem o que querem, e depois para a proposta de pessoas que já chegaram aqui e falaram não é isso que eu quero, vou terminar ou não vou terminar, ou vou seguir minha vida, vou trocar, vou fazer outra coisa... eu não me encaixava em nenhuma das duas partes, porque eu falava: eu não estou satisfeito com isso, mas também não me vejo assim ... eu vou fazer o curso, vou terminar e então vou fazer outra coisa na vida, não, isso aí tá indefinido, então talvez eu possa ser pastor e desenvolver outra atividade

paralela a isso, que vai me trazer, além de condições de trabalhar de uma forma muito mais consciente, vai me trazer outras coisas também pra vida que hoje eu vejo que são importantes, na Igreja você acaba ficando tão bitolado, que você acha que as suas necessidades pessoais, seus anseios, sua vontade de se realizar ficam em segundo plano e ... até quando eu vou viver isso aí ? Eu acho que não dá pra viver dessa forma, mais cedo ou mais tarde isso estoura, então vai ser com 26, com 30, com 40 ... uma hora eu vou ter vontade de realizar aquelas coisas que eu tinha vontade de fazer na minha vida, e hoje eu entendo que isso acaba acontecendo mesmo, que a pessoa mais cedo ou mais tarde vai procurar ... então que procure agora logo, têm meus desejos pessoais, tem os sonhos profissionais e eu vou ter que buscar isso mais cedo ou mais tarde.

P – 22 Você quer falar um pouco desses sonhos vocacionais, profissionais

S – 22 Eu não tenho assim muito definido, mas eu vejo que o ministério pastoral não traz isso ...

P – 23 O que ele não te traz ?

S – 23 Por exemplo, tá difícil de definir assim, eu não parei pra pensar nisso, mas eu nunca tive assim ... têm muita gente que procura ser pastor por ser respeitado socialmente, essas coisas, eu não sei se é por não ser criado nesse meio, mas eu não vejo dessa forma, eu acho que hoje o pastor é mais tratado pejorativamente do que bem visto, a não ser na comunidade dele, ele é respeitado, entre aspas porque têm muita gente que fala mal do pastor, mas tem sim uma certa colocação....

P – 24 O que as pessoas [os crentes] costumam falar da pessoa do pastor, quando falam mal ?

S – 24 Por um lado eles falam assim: o homem de Deus, tudo é o pastor, né, mas por outro lado cuidam demais da vida do pastor e parecem que sabem mais que o pastor, aquele que estudou 4 anos num seminário, que analisa a vida da Igreja, que se esforça pra estar todo domingo aí preparando uma palavra que vem de encontro ao coração da Igreja, que leva em conta as necessidades da Igreja ... parece que as pessoas não levam isso em consideração... fingem que sabem mais que o pastor, parece que estão ali para observar a vida do pastor e esquecem de ver a sua própria vida. Por outro lado, o pastor também acaba caindo nessa mesma situação, de ficar cuidando da vida de cada um, e ele acaba se sentindo obrigado a fazer isso também, porque se ele não cuida das suas ovelhas, as pessoas vão ter problemas e, nesse ponto, é complicado de viver esse tipo de vida, né.

P – 25 Na sua opinião, de que aspectos da vida dos membros que esses pastores assim 'fictícios' deveriam cuidar, na sua opinião ?

S – 25 É complicado, hem ...

P – 26 Aquilo que você sente, não precisa falar do que você não sabe.

S – 26 Ó, eu acho que ...se despreocupar mais em ... se preocupar mais outras questões que não as morais ... é lógico que a questão moral também é envolvida, não é jogar fora

isso, mas não de uma forma tão intensa assim, abrir diálogo pras coisas que estão acontecendo hoje aí, e.. vamos tirar um exemplo, eu trabalho, sempre trabalhei com jovens na Igreja, hoje eu estou com dificuldades de trabalhar, porque antes eu ficava ligado nessa questão moral, hoje já não vejo mais dessa forma, a juventude hoje, ela tem dificuldades de ficar muito tempo na Igreja, porque ela quer viver sua vida, ela quer viver da mesma forma que seus amigos vivem, amigos que não são cristãos, ops... desculpe, que não são protestantes ou evangélicos, são católicos e tal que têm sua vida própria e não têm essa coisa tão forte, e... eu gostaria tanto de trabalhar uma visão cristã, sem pedir que ele abra mão das coisas de sua vida, eu sei que é difícil conciliar isso, porque no molde das Igrejas que temos hoje isso não dá pra conciliar, você passa na questão do compromisso, mas ao mesmo tempo, você vai em boate, você faz aquilo, você transa com sua namorada, você não tem compromisso com Deus, eu não consigo ver dessa forma, eu acho que só pode ter compromisso com Deus, se ela conhecer a palavra de Deus, se ela se preocupar em ter amor ao próximo, se ela se preocupar em também trabalhar nas coisas do reino de Deus, mas eu mesmo não tenho ainda estrutura para chegar e falar pra pessoa: olha, o princípio do reino de Deus é isso, isso e aquilo, eu estou aprendendo ainda aqui no seminário... e não tenho autoridade, nem tenho coragem de chegar e abrir essas questões pra Igreja, somente para os jovens com quem eu trabalho, pra aqueles que eu tenho mais intimidade e que têm uma cabeça boa pra discutir esses problemas, eu acho que eu sei que nesse ponto não há problema algum, você sabe direcionar sua vida, você tem maturidade pra entender o que é certo e o que é errado, o que vai te trazer prejuízo e o que não vai te trazer, ah... eu tenho, tenho, eu acredito que você tenha... então você pode até trabalhar dessa forma, agora, essa questão de pecado ou mais... eu não estou tão preocupado com essa questão do pecado, eu acho que não é isso o principal que vai te trazer uma coisa ou outra.

P – 27 No meio dessa circunstância toda, no meio desse encontro e desencontro de situações, por exemplo, você provém de uma condição em que a Igreja tem muito claro pra ela o que é ser cristão e aí você, na Teologia, descobre que a coisa é bem mais ampla, como você mesmo falou, que essas questões morais não são tão importantes quanto nas Igrejas muitas vezes isso se considera, e que não há muita razão pra estar controlando a vida das pessoas, do jeito como normalmente se controla, parece que você está assim reformulando alguns conceitos que etc.. e tal... diante dessa perspectiva, como você se vê hoje, você até já falou, mas a questão seria, como você se vê hoje dentro dessa espécie de confusão, você já falou que está disposto a mudar algumas coisas e isso te mantém no seminário, mas se você falasse mais dessa confusão que hoje você vive, em função do que você vê as pessoas dizerem, como tem que ser o pastor, em relação `a sua própria compreensão teológica, no sentido assim, de como essas duas coisas conversam, e você já falou que elas têm alguma dificuldade de conversar ... dentro dessa confusão... como é essa confusão ?

S – 27 Parece que eu estou vendo um turbilhão... as idéias parece que não se encaixam...é questão acadêmica mesmo, no começo você vai pegando um monte de elementos, a princípio parece um monte de fragmentos, e agora você controla algumas coisas que se encaixam, outras ainda não acharam um lugar para se encaixar, parece um quebra-cabeça, vai encaixando uma peça aqui, outra ali, e... eu tive conversando com alguns amigos do 4. ano e eles falaram: agora as coisas vão fazendo sentido, isso... quando vocês estar no 4. ano, você vai ta rindo à toa, porque, pelo menos vai fazer

sentido tudo o que você está procurando... então nesse sentido eu to tranqüilo, só não entendo agora, mas, vou entender... senão vou continuar estudando.

P – 28 Esses colegas do 4. ano, eles citam exemplos de coisas assim que você entende melhor ou que eles entendem melhor no 4. ano do que você no 2. ?

S – 28 Nunca parei pra perguntar assim, mas eles têm uma segurança muito maior do que eu

P – 29 Como eles parecem ser ? O que eles passam pra você ?

S – 29 Parece que eles já têm uma convicção maior do que eles querem, no 4. ano o pessoal já sabe quem quer ser pastor, ou se não quer ser mais, qual a linha que ele vai adotar quando ele for trabalhar na Igreja, às vezes a linha que ele quer não é aquela da Igreja em que vai trabalhar, o presbitério dele pensa mas ou ele vai lutar pra mudar isso aí, ou então ele já sabe: bom, esse é o sistema e eu vou me encaixar nesse sistema e vamos ver como vai dar isso... então, de certa forma, já tem a mente mais preparada para isso, seja pra batalhar e brigar, tipo “meu sistema é diferente e na minha Igreja vou batalhar para implantar esse sistema” ou então, em alguns casos a gente sabe também que o cara só passou por aqui para conseguir o diploma mesmo e quando ele chegar na Igreja ele vai trabalhar da forma como ele trabalhava, só com alguma técnica e uma base maior pra ele trabalhar os argumentos dele. Mas, no geral, além do conflito de estar no 4. ano que é esta questão acadêmica, de ter que trabalhar a monografia e tal...que sofre pra caramba... mas, no geral...

P – 30 ...é, a pergunta foi muito mais assim o sentido pessoal, parece assim que a tua tranqüilidade se inspira um pouco na segurança do 4. ano... é isso mesmo ?

S – 30 É, eu acho que sim, não que eu, quando eu falei segurança, não que eles estão totalmente seguros, mas eles têm uma tranqüilidade muito maior do que a gente aqui no 2. ano, que estamos ainda quebrando conceitos, mudando ideologias, pelo menos isso eu tenho percebido, posso estar enganado, mas é o que eu tenho visto.

P – 31 Em relação à você, na condição de 2. ano ainda, se você olhasse um pouco pra trás, com os conhecimentos que você já tem, você faria tudo de novo ?

S – 31 Bom, fazer tudo de novo, eu acho que estaria do mesmo jeito, não sei se da mesma forma, talvez eu já tivesse procurado ler e estudar muito mais, a ler outros livros, ter uma base muito maior, não faria da mesma forma, mas faria sim.

P – 32 Ressaltando alguns aspectos que você faria igual e do que você faria diferente... você pode falar sobre isso ?

S – 32 Ah, por exemplo, a questão da leitura mesmo, eu não dava muito valor a certo tipo de leitura, certo tipo de comentários que me faziam, ah, porque tal se Deus é assim ou assim, por que um teólogo falava isso, isso e isso, ah, esse cara falou bobeira, né, e agora eu vejo que eu é que falava bobeira.... no sentido da leitura, no sentido até mesmo financeiro, hoje eu passo alguma dificuldade que talvez eu não precisasse tar passando se eu tivesse me preparado melhor, eu fiquei aí 4 ou 5 anos de Igreja antes de

vir pra cá, e... poderia ter feito outra faculdade antes de vir pra cá, e não fiz, gostaria de ter feito e tenho vontade de fazer outro curso universitário depois de me formar, mas vai ser difícil

P – 33 que faculdade seria essa ? que curso seria esse ?

S – 33 Olha, é na área de humanas, ou eu faço história, ou eu faço sociologia, ou eu faço psicologia, mas é um desses 3 cursos que eu gostaria muito de fazer... gostaria de ter feito antes, se possível, pela minha idade, mas ...

P – 34 Por que você não fez antes ?

S – 34 Primeiro porque a minha vida era uma bagunça, era totalmente desorganizada... eu vivi até um certo tempo totalmente voltado para os estudos, depois quando eu cheguei aos 15/16 anos eu larguei mão de tudo e levei uma vida meio desarrumada, meio bagunçada, né, até por questões familiares, existenciais e... quando eu cheguei aos 19/20 anos eu comecei a trabalhar e achava que faculdade nunca iria ser pra mim, eu tinha perdido essa visão de estudo e eu não conseguia mais achar que eu poderia ter essa capacidade de estudar de novo, então... isso já estava muito distante, depois eu me achava assim, ah, agora, a essa altura da minha vida, que bobagem, né, aos 21 anos eu já achava que não dava mais, bom...isso é pra quem tem 17/18 anos que ainda dá tempo, mas agora não dá mais, e... depois... que eu me converti eu vi o pessoal estudando e pensei que, de repente também ainda dá tempo, mas eu estava tão envolvido com Igreja que ... pra fazer uma faculdade, se eu fizer uma faculdade vou fazer Teologia então, vou trabalhar com as questões do reino de Deus.

P – 35 Você falou assim que.. depois que você se converteu, que até vendo outras pessoas estudarem, que de novo elaborou uma espécie de esperança .. quem sabe você também desse, né, é... ligando essas duas coisas, a conversão e o estudo... o que elas têm a ver ... e uma segunda questão em relação à isso, como evoluiu a conversão, como você vê hoje essa conversão, como você manteve essa conversão ?

S – 35 Bom, a conversão, a princípio, quando eu me converti, a consciência que eu tinha era assim de eu estou numa nova vida com Cristo e vou viver uma nova vida, e de fato vivi, se melhor ou pior, eu creio que foi melhor, apesar de algumas coisas eu não precisava deixar de fazer, que eu não fiz, mas, foi melhor pra minha vida, foi bom, realmente foi uma mudança de vida. Agora... aquela visão que as pessoas têm na Igreja, de desprezar tudo o que ficou para trás, nunca consegui aceitar de fato... eu tinha uma criação católica, se eu fui disciplinado de ir na Igreja ou não, isso é uma outra coisa, mas enquanto minha mãe, que é católica, ela teve autoridade sobre a minha vida para me dar uma criação católica cristã, ela deu, até o momento em que eu cheguei à adolescência e falei: quem manda no meu nariz sou eu e é o que eu quero, mas isso ficou gravado, não foi em vão, aquela história, né, que a semente que é plantada desde criança vai brotar e vai produzir frutos e hoje...com a atividade ecumênica que eu tenho, é muito maior do que na verdade... eu sempre fui cristão, não deixei de ser cristão... então a conversão... nesse sentido, não sei teológico ou como eu posso definir isso, ela não mudou, então eu era, continuei sendo e continuo sendo, e a fé que eu tinha em Jesus Cristo, a fé que eu tinha em Deus, desde pequeno eu tinha, e hoje eu enxergo isso melhor, a minha fé é a mesma que eu tinha, porque o que mudava era a minha

relação com Deus...quando eu era criança eu tinha muito medo de ir pro inferno, tinha o pecado e tal, a questão do pecado, cheguei à adolescência e eu me afastei um pouco de Deus, isso até os 19/20 anos, me afastei de Deus porque eu queria viver umas coisas que não dava pra conciliar meu diálogo com Deus, né, então era melhor que eu me afastasse de uma vez, porque pelo menos eu dormia com a minha consciência tranqüila, entre aspas, porque no fundo, fundo sempre ficava aquela, aquele medo, ah, eu não estou sendo fiel a Deus, o que é que Deus vai pensar, mas na hora do apuro você sempre recorre a Deus, né, eu falava: eu sei que tenho pecado, mas tal... e depois com a conversão, parece que eu abandono, entre aspas, o pecado e procuro viver aquela vida rigorosa mesmo, acho que se eu fosse católico mesmo eu teria entrado num seminário pra padre, não sei até quando eu ia agüentar essa vida também, mas...mas, foi muito bom para mim essa vida, a conversão.

P – 36 Então você está dizendo que, mesmo que o conteúdo da conversão tenha se modificado, que, na verdade, a tua condição de ser pastor ou de, de repente, também não ser, não tem diretamente a ver com a tua fé, com as tuas crenças, com os teus valores.. ou tem ?

S – 36 Com a fé, com a crença e os valores, não. Essa questão de ser pastor de acordo com a fé, até mesmo essa questão de ser vocacionado porque Deus está te chamando pra vocação... eu não sei... a Igreja trabalha dessa forma, eu, a minha decisão final de vir pro seminário aconteceu assim: eu tinha vontade de aprender mais, de crescer mais e tal, mas eu tinha muito receio ainda, eu não sei direito o que eu quero pra minha vida ainda e tal, aí o que aconteceu, eu já tava muito envolvido... um dia estourou o apendicite, fui parar no hospital, sofri pra caramba no hospital porque na época eu não tinha plano de saúde, então eu fiz a cirurgia às pressas, fiquei 2 dias no CTI, porque não tinha vaga pra mim em quarto nenhum, então eu via todo tipo de gente chegando e entrando ainda no CTI, e então no terceiro daí, no CTI eu não podia receber visitas... porque é quase uma UTI, né, não pode entrar gente de fora, então eu fiquei dois dias ali amargurado, porque ambiente de hospital sabe como é, né, depois fui pro quarto e... tinha muita gente sofrendo dentro do quarto... então eu vi que: puxa como eu sou pequeno... perante Deus...como a vida da gente é curta...questões existenciais mesmo, né, falei, o que estou querendo escolher ainda, né... se Deus está me chamando pra ser pastor, porque que eu estou desprezando isso ainda, né, essa visão que eu tinha na época.... então tem mais é que ir pro seminário mesmo, se Deus quiser da minha vida eu vou ser e pronto.... e depois aconteceu tudo o que me levou, o que me trouxe até aqui.

P – 37 Na verdade, parece ser assim que, a convicção pessoal sua em relação ao pastor era um pouco diferente, até você separa isso das outras pessoas e então você diz que essa condição de ser crente interferiu, né, como se estivesse te dirigindo, esse reconhecimento da fragilidade da vida, da temporalidade muito pequena, da vida em si... parece que isso ajuda um pouco a fazer com que você opte, apesar de não estar pessoalmente todo convicto, né ?

S – 37 sim... é uma coisa assim bem especial mesmo....(pausa).

P – 38 Falando em existencial, há alguma outra questão existencial que esteja contribuindo ou que contribuiu para você fazer essa mudança de perspectiva em direção ao pastorado ?

S – 38 (pausa) Ah.....Ah.....AAAssim eu não tenho ...definido....essa questão daquilo que a gente já comentou, questão da ajuda, de ser útil às outras pessoas, de poder ajudar, de melhorar a vida das pessoas, existencialmente falando... algumas coisas que passaram na vida foram muito difíceis, né, e... eu não queria isso pra ninguém... então se eu puder ajudar alguém a não passar por isso, eu vou ajudar.... só que eu não sei ainda, não defini isso ainda e também não sei quando isso se vai definir, acho que só trabalhando e...experimentando, participando de algumas coisas é que eu vou entender isso direito, mas....é muito forte na minha vida, isso bate sempre assim, o que é bom pra mim... e o que não é bom pra mim eu não quero pros outros o que é bom pra mim, eu quero pros outros..... o que não é bom pra mim, eu não quero pros outros.. então eu quero o bom para todos os outros....

P – 39 Falando em outros, pensando agora nos iniciantes, nos primeiro-anistas, os que estão entrando no seminário... que palavras você diria pra eles ?

S – 39 A palavra que eu diria pra eles é..... em primeiro lugar, não desista antes de você ter certeza de que você não achou o que quer..... porque muita gente leva um choque e desiste, mas devia ter continuado... outra coisa também é.....nunca desprezar a experiência de vida e procurar sempre se esmerar nos estudos ... porque é um desperdício você estar aqui sendo sustentado, tendo condição de estar numa faculdade de alto nível, que é essa aqui, e não estudar.... gastar tempo e não aprender mais, porque depois não volta mais, não vou fazer a faculdade aqui de novo, não vou fazer o seminário outra vez, então tem que estudar, tirar o máximo possível... e não deixar também de viver a sua vida aqui, se você tem oportunidades de ter experiências aqui, faça as sua experiências, porque depois vai passar e aí você vai se frustrar se você não viveu hoje eu não tenho mais medo de viver as experiências mesmo se algumas experiências sejam perigosas ... que sejam perigosas...ah, vamos arriscar..... desde o ano passado já tenho arriscado, já tenho feito algumas coisas que eu não imaginava que fosse fazer.....algumas experiências são muito boas...outras nem tanto.....graças a Deus, de uma certa forma eu fui cauteloso pra não me prejudicar.... então que vivam, ah, se você tem vontade de namorar, vá namorar, se você tem vontade de conhecer alguma coisa, vá conhecer, não seja burro, de tomar isso pra sua vida e viver só nisso, mas, de uma forma cautelosa, vá fazer isso, que isso é importante também.

P – 40estás falando de experiências dentro e fora do seminário.....?

S – 40 dentro e fora do seminário. Dentro de seminário é se expor um pouco mais.... estudar bastante e conversar com o professor e perguntar o que você tem vontade de perguntar, não ter medo de perguntar, porque eu sou medroso, às vezes... não sei se é por causa da forma como ao gente foi ensinado, no colégio você vê o professor quase como um deus e tem medo de perguntar algumas coisas então eu ainda sou um pouco medroso mas estou quebrando isso na minha vida..... mas se você como aluno não tiver medo, vai fundo, pergunte, incomode, pergunte aos alunos mais velhos também, independente se eles vão tirar sarro ou não, e..... fora do seminário.....é questão de vida pessoal mesmo, não abandonar as suas convicções, mas se você algumas coisas que não estão resolvidas em sua vida, vai de uma vez, se você não fizer isso no teu tempo de seminário, não vai ser no teu tempo de pastor que vai resolver isso.

P – 41 É uma palavra livre final agora, que você gostaria de dar seja em relação à sua história, em relação à questão acadêmica... enfim, uma palavra livre mesmo ?

S – 41 Essa palavra livre é assim o que eu penso, ou pra falar pra outras pessoas

P – 42o que você pensa.

S – 42 Ah, eu penso assim que o ministério pastoral, pelo menos nos exemplos de pastores que eu tenho, pode ser que haja outros exemplos, mas pelo que a gente aprende aqui... é um desperdício você ficar fechado só no mundo da Igreja...eu não quero isso pra minha vida...não sei, pode ser que até amanhã eu queira isso pra minha vida, mas se eu tiver, então vou tar frustrado, porque...como a gente aprende aqui e como a gente pode continuar a aprender mais ainda através de um mestrado ou doutorado ou de um outro curso universitário..... é muito mais amplo do que como a gente vive dentro do mundinho da Igreja.. então eu acho que dá pra conciliar Igreja com isso.... o professor universitário é alguém que exerce muito bem isso, porque ele tá fazendo cabeças um profissional de outra área também, ele pode tar exercendo isso e... com o aprendizado que a gente tem aqui, dá pra fazer isso...agora, a Igreja também forma opinião e forma muito bem...pro bem ou pro mal, dentro do ministério pastoral você pode trabalhar isso também. Agora, a Igreja, infelizmente por causa dessas questões ela é presa e muito difícil de trabalhar...então eu não sei se vou conseguir ficar preso só dentro da Igreja....agora eu acho que é importante também, porque se não tiver ninguém que venha a trabalhar isso com a Igreja, quem é que vai fazer ?

P – 43 Então parece que é assim uma questão meio que ambígua, porque.... não exatamente contraditória, mas que tem diversos parâmetros de avaliação....por uma lado parece que é interessante o trabalho também, mas por outro lado é muito limitador.... ele estreita muito a sua vida pessoal e mesmo comunitária como.... parece que você está experimentando um pouco essa ambigüidade... essa espécie de contradição....?

S – 43 É, com certeza.... é uma coisa ambígua mesmo, porque ao mesmo tempo que eu vejo a Igreja como um local, grupo em que dá pra você trabalhar essas questões, onde é necessário trabalhar essas questões, por outro lado, a própria Igreja fecha ...

P – 44 Mais alguma coisa que você gostaria de dizer ou de perguntar ?

S – 44 É....de dizer, eu não sei, mas talvez perguntar..... a gente tem pouca oportunidade de, conversando com os professores, que têm uma visão mais ampla e uma vivência bem maior com relação à isso...eu não sei.... baseado nessa visão, eu não sei eu estou muito confuso ainda e talvez muitas das coisas que eu tenho falado aqui sejam besteira, mas ... será que dá pra mim trabalhar isso.. ou será que estou equivocado ?

P – 45 Não, com certeza, sua história é sua história... e o valor dela.. ela não se desvaloriza, no sentido assim de que, de repente você duvida é isso mesmo.... eu acho assim que, para as questões colocadas e formuladas, foram colocadas e você entrou nelas....quando você não entrou eu refiz, né, num outro momento.....eu estou satisfeito nesse sentido. Com relação ao processo em si, como você mesmo percebeu do pessoal do 4. ano, você tem 2 anos ainda pela frente, onde vai rolar muita informação, muita história de vida, onde você vai ter acesso a novos saberes e também a novas

experiências de vida...eu acho que a sua questão está correta, assim, você tem mesmo que passar por isso, experimentar seu desejo, sua vontade.... você está no lugar certo pra estar fazendo isso, e que, como a gente já percebe um pouco no 4. ano, é uma espécie de um corredor, e esse corredor tem fim, seja no final do estudo ou em algum outro momento da tua vida, na tua maturidade, onde o seminário serve assim pra te abrir algumas questões, que talvez você só conseguisse resolver lá na frente, com o saber, a informação e a experiência de vida que está passando aí, está te permitindo refletir e conduzir a sua experiência de um dia conseguir entender isso melhor na tua vida. Desse ponto de vista não tem nada de errado, tudo o que você falou é importante, não tem nada pra ser retirado.....de minha parte, eu estou mesmo satisfeito com isso.

S – 45 O que eu penso hoje então..é continuar fazendo a mesma coisa que estou fazendo, procurar a informação e procurar trabalhar também conhecer novas coisas na medida do possível e ver pra onde vai chegar. Hoje, a princípio eu não consegui me ver fora do ministério pastoral, mas hoje eu já não descarto isso, não tenho problemas em amanhã ou depois, se Deus me abençoar e eu conseguir tempo para isso, amanhã, sei lá, partir só pra área acadêmica e não ficar mais na Igreja..não tenho dificuldade nenhuma com isso, mas também acho que não daria pra mim só ficar com isso.... se eu não tiver uma experiência pastoral, como eu posso dizer que não deveria ou deveria então é uma coisa ainda pra ser trabalhada.

P – 46 Então OK, mais alguma questão que você gostaria de colocar ?

S – 46 É.... eu tenho ainda uma questão pessoal(pausa)...

P – 47você quer que eu desligue o gravador ?

S – 47 Não..... pode deixar.....se não for relevante pra mim, você vai saber trabalhar isso.. e..... eu falei bastante da questão pessoal, de como que eu analiso a minha vida.. essa questão familiar...existencial... de sempre querer ajudar, de contribuir...mas ao mesmo tempo em que eu quero contribuir, eu quero ter uma satisfação pessoal também...aquele desejo de ter um reconhecimento, de ter uma posição financeira razoável, conforto, se dá pra gente formar uma família assim, sem grandes problemas.....mas isso tudo eu quero pra mim e pra outras pessoas, e eu vejo uma relação disso com a minha criação, minha família, com alcoolismo, né, meu pai...até ele falecer, eu sempre busquei uma solução pra isso..infelizmente eu não tinha maturidade pra poder lidar com a situação e cometi alguns erros, que hoje, estando longe do problema, eu faria de outra forma, não tenho nenhum problema com isso assim, eu tenho consciência assim que, na medida do possível, foi o melhor que eu fiz na época, e minha família também, foi o melhor que ela podia fazer, mas sempre eu quis, por exemplo, que meu pai parasse de beber e nunca descreditava que isso pudesse acontecer e... da mesma forma é que eu levo isso pra minha vida pessoal hoje, de querer, não sei se isso tem relação ou até que ponto tem relação.....(pausa).

P – 48 Você diz se tem relação àquela questão humanitária que permanece, apesar de você ter o objetivo principal de ser pastor de uma Igreja não estar mais tão forte, tão determinando quer dizer, permaneceu a questão humanitária... e parece que você busca uma profissão onde possa estar realizando isso.....é isso mesmo ?

S – 48 É isso, é nesse sentido....e...às vezes eu fico analisando e parece que é isso, parece que no ministério pastoral eu tivesse encontrado um meio pra isso, pra melhorar, pra mim ta melhorando a vida das pessoas, pra ajudar a melhorar

P – 49 ... baseado nessa experiência com seu pai, de que você não conseguia fazer muito por ele e tal ... essa questão da impotência.....

S – 49 por um momento, aliás por 4 momentos, eu me senti impotente, mas nunca deixei de acreditar, agora..... parece que vem de encontro com a experiência religiosa também, isso nunca deixou de fazer parte da minha vida.....

P – 50 que preocupação tem ali, esta questão humanitária com a religiosa

S – 50 A relação é que.. a relação humanitária talvez seja a presença de Deus para todas as pessoas ou...de querer que as pessoas tenham vida em abundância, paz, amor, que possa haver justiça, entendimento entre as pessoas...são vários princípios cristãos para os seres vivos e, como disse a princípio, a questão religiosa em mim batia muito na questão do pecado e inferno, que é uma coisa que eu tinha muito medo e que hoje eu já não tenho mais tanta preocupação com isso...não faz tanta diferença, talvez eu possa ter enganado por causa do teológico, sei lá, eu acho assim que, se você tiver condição de viver o tipo de vida cristã de amor, de entendimento, justiça, de paz...acho que esta questão do pecado não vai ser eliminada, mas vai cair muito...e essa questão do inferno também.... como que eu posso querer que a pessoa viva esses preceitos se ninguém é perfeito, então.....

P – 51 eu estava pensando assim... será que Deus dá conta dessa impotência...ou de você diante do seu pai, de não poder ajudá-lo, parece que tem haver um pouco com essa condição ideológica, de que Deus pudesse, de repente, estar proporcionando esse poder ou alguma coisa parecida, para dar conta dessa impotência, desse sentimento de fragilidade.....

S – 51 É... eu acho assim....por exemplo, Deus me ajudou a ter mais tranquilidade nessas questões, a ter mais amor, a saber lidar com essas dificuldades, mas...a gente fala Deus na questão espiritual, mas Deus também age na questão material, nas pessoas que vão te ajudando aDeus age, quando ele usa um psicólogo ou um psiquiatra quando ele trabalha com uma pessoa que vive esses problema, na vida de um pastor que aconselha alguém a saber conviver com esta questão, quando ele capacita um médico pra ta lidando com essa questão....então isso é muito amplo, né, eu enxergo Deus agindo dessa forma....

P – 52.. e que a tua questão pessoal também passa por aí....

S – 52 ..passa.... eu acho que passa por aí.....

P – 53 OK, então obrigado pela disposição sua, é possível que em algum outro momento mais tarde, a gente faça uma outra entrevista..... mas neste caso eu entro em contato com você e a gente volta a conversar sobre isso fica aqui o meu muito obrigado.

ANEXO V

SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV. ANTÔNIO DE GODOY SOBRINHO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA IV

Nome: **D (CQNP)**⁵⁴ Data: 11/04/02 Idade: 25 Sexo: Masculino
Estado Civil: Solteiro Domicílio: Ano: 4.

P – 1 Então, iniciando a entrevista, D... eu queria que você falasse um pouco da sua vida, da sua escolha, no sentido assim ... do que te levou ... onde é o ponto inicial, que te leva aqui para a faculdade de Teologia, no sentido assim de você se preparar ao ministério religioso ... onde é o ponto inicial de tudo isso ?

S – 1 Bom, eu tive um envolvimento maior com a Igreja no ano de 96, embora eu já estivesse frequentando a Igreja uma década antes, foi a partir de 96 que eu me envolvi com a Igreja e depois me envolvi em alguns ministérios ... (pausa)

P – 2 Por que você se envolveu ?

S – 2 Eu sempre já fui destacado como líder, desde o primeiro grau eu tava sempre liderando, sempre fui representante de turma, minha vida inteira eu fui representante de turma, e eu comecei frequentar a Igreja mais assiduamente, fiz novas amizades, descobri uma proposta assim de vida melhor, o que eu achei, convencionei como melhor da que eu tava tendo, e aí, com relação ao aspecto de liderança, eu tava inserido no meio dos jovens da Igreja e também comecei a ... eles começaram a ver em mim uma liderança, né, então, nós começamos a trabalhar juntos em muitas coisas ... não havia nenhuma liderança organizada no meio deles, mas como eu já tinha um prazo para organizar um churrasco, organizar diversas atividades que eu organizava, né, com muita frequência, né, no meu dia a dia, então eu comecei a colaborar com a Igreja também, com a mocidade, porque eu via que faltava as vezes estrutura, pessoas pra ta realmente ajudando, sendo líder, e como eu fazia isso com uma certa naturalidade, eu resolvi colocar isso à disposição da mocidade, porque eu também fui num momento de crise familiar e financeira, eu me senti bem ali no grupo, me senti acolhido e já que eu tinha essa aptidão, eu comecei a me envolver, né, e além da mocidade, porque eu não gostava muito de trabalhar dentro da Igreja, eu tinha uma visão daqueles que já eram mais radicados ali, era assim muito voltado para o grupo em si, e o meu envolvimento coma sociedade de um modo geral sempre foi muito grande, por causa do meu histórico familiar, meus pais sempre estavam envolvidos com a sociedade de um modo geral, rotarianos, estavam sempre também em outros trabalhos sociais, assistenciais, nos órgãos e tudo o mais, então eu fui criado, assim, em meio a muitos contatos, eu achava isso muito bairrista, de ficar fechado na Igreja, então eu gostei, e quando trabalhava com a comunidade eu mostrava ... a gente tem um tesouro aqui, a Palavra ... e outras coisas

⁵⁴ CQNP – Com queixas de natureza vocacional profissional.

assim, a gente podia tá divulgando, porque eu também via essa necessidade de tá trabalhando lá fora, não só porque a Palavra nos exorta, mas também de ver outras necessidades e de poder expandir ... e aí em 97 eu comecei também a trabalhar com um projeto chamado 'carinho', trabalhava com mendigos, que era algo que eu gostava bastante, eu prestava assim uma assistência mais jurídica, tentava recuperar documentos, porque muitos não tinham documento e tal ... eu pegava formulários da secretaria social e fazia novos documentos e tal ... isso em contato com o diretor, eu preparava e ele assinava ... eu fazia esse trabalho, ensinava como fazer e ele dava legalidade ... e a gente conseguia ... a pessoa que ficava uma vez no albergue e tal ... conseguíamos algum resultado, né, isso me motivou a enxergar ... isso causou uma mudança em mim, quando eu percebi que seria pouco se eu fizesse apenas ... trabalhar para meu ganha-pão, e ficar com a minha família ou só com o povo a Igreja, eu achava assim que ... sei lá ... eu poderia ser mais do que isso, já que eu tinha habilidade para fazer algumas coisas, poderia ser mais com relação a estar ajudando as pessoas. Só que, até 97, eu não tinha assim a pretensão de fazer a faculdade de Teologia em si ... eu sempre gostei de ler e estudar, então desde que o meu envolvimento com a Igreja aumentou em 96, eu já peguei alguns livros pra entender ... Teologia, devocional, relacionado com a vida de Igreja, coisas mais práticas e tudo o mais. Só que até 97 eu não pensava em fazer um curso propriamente dito, gostava de ler e estudar e estava pensando em continuar assim, comprando livros, estudando, sendo meio que autodidata, dentro da minha formação básica, porque eu sempre me interessei pelo aprendizado, pelo ensino, sempre gostei de ensinar, só que ... quando foi no início de 98, antes das minhas aulas da faculdade retornarem, era o último ano da faculdade de Direito, eu comecei a ficar indeciso com relação à carreira jurídica, então eu falava pra mim, puxa, será que eu vou mesmo me dedicar ao estudo do Direito e ser um profissional do Direito ... eu achei assim, eu comecei a me achar meio vazio em conhecimentos gerais, em conhecimentos sociais ... e faltava ali também o conhecimento teológico, eu tinha assim muito pouco conhecimento de mim e somente da sociedade em geral, conhecimento bíblico ou teológico, na época eu não pensava em conhecimento teológico, pensava tudo meio junto, né, nada sistematizado acerca dessa situação também. Achava que eu seria meio frustrado se eu não tivesse um conhecimento nesse sentido, porque pra mim, a idéia de ajudar passava pela idéia de ter conhecimento, de ter um preparo, de ter uma qualificação para ajudar, seja no projeto carinho, que era uma vez por semana, seja em outros trabalhos que nós víamos a realizar, eu também montei um grupo assim, de estudos bíblicos, uma meia hora exata no fórum onde eu fazia estágio, a gente orava no final, era um negócio bem tranquilo, assim antes de começar o expediente, e uma vez por semana ... e eu achava assim que, pó, vou ter conhecimentos só na área de Direito, eu vejo potencial em mim pra colaborar além disso, e sempre dei conta dos meus estudos e sobrou tempo para mim fazer esporte e tal, e eu poderia ver as possibilidades de estar ajudando de outra maneira, e isso foi crescendo no ano de 98, né, eu comecei a não me interessar e partir direto para uma carreira jurídica, comecei assim a achar ... ah, não, não é isso que eu quero, então ser um burocrata do Direito ... isso eu não quero ... hoje eu penso que eu estava buscando algo pra mim também, pra resolver, pra saciar também meu desejo de conhecimento, e algo que eu deixei bem nítido desde o início ... eu lembro quando eu estava num acampamento de carnaval em 98, eu tive bastante tempo com um pastor, eu conversei com ele, olha ... tá surgindo uma idéia, to com vontade de estudar Teologia no ano que vem e ... ainda não sei de que maneira eu vou estudar, a situação, e ele me perguntou: você sente um chamado pastoral, pra trabalhar com a Igreja ? ... e eu disse: não, não sinto um chamado pastoral, isso conversando com

o pastor dos jovens, porque lá havia 3 pastores na época, e aí o pastor que estava mais próximo dos jovens ... e quando ele me perguntou se eu tinha um chamado pra trabalhar com a Igreja ? e eu disse: não, meu chamado não é pastoral, eu não tenho vontade de trabalhar especificamente com Igreja e não é por conta disso que eu vou pro seminário, se eu for fazer uma faculdade de Teologia, eu sabia que aqui era a melhor que a Igreja poderia me oferecer, né, e também a mais próxima em relação ao custo-benefício, mais interessante né, aí ... então ele disse: conversa com o pastor ... porque ele é o pastor que está mais relacionado à missões, em partes mais diversas, em ministérios mais diversos e não com a pastoral na Igreja. Aí passou um tempo, eu senti aquela vontade de fazer um curso de Teologia, só que, certo de que o meu chamado não era pastoral, aí eu fui conversar com o pastor ... e ele falou que: você pode fazer um curso por correspondência ... você pode fazer um curso modular ... ou você pode fazer um curso de período integral ... por ser estudante, você deve saber que, o melhor ensino você vai obter num curso integral, e se você quiser esse, eu acho que ... o que melhor pode te dar isso, e o mais próximo seria o de Londrina. Então pensa ... vê o que você quer e depois, quando você pensar, procura a gente de novo e você conversa conosco. Isso foi lá pra março/abril ... aí em julho eu procurei de novo ele e disse: olha, eu ainda sinto a vontade de fazer o curso, eu ainda não sei ao certo como que eu vou fazer ... e eu to ainda interessado ... isso já tinha se instalado uma crise dentro da minha casa, porque meu pai já tinha bolado outros planos pra mim, né, eu também pensava nesses outros planos para o início de 98, seria assim de me formar e em janeiro já estar em São Paulo com uns amigos e fazer um cursinho preparatório para concurso ... então esse foi um ano assim que foi uma crise dentro de casa, os relacionamentos com meu pai ficaram assim muito distanciados por causa do stress, né, dessa minha idéia de fazer um curso e não ir direto para um curso lá, só que para mim tava muito claro, que eu não iria para qualquer lugar se eu não tivesse, se eu não estivesse em paz com a minha família, porque nós sempre fomos muito ligados e assim ma amizade muito grande e eu sempre usei isso como meu porto seguro, meu referencial e tudo o mais. Então eu continuei, minha mãe falou, olha ... se é isso que você quer, sonda bem, vê certinho, vai atrás ... então foi um ano em que eu fiz entrevistas com pastores (rindo), procurei ler alguma coisa, eu já tinha amizade com estudantes que estavam aqui e eu perguntava pra eles: olha, como que é o estudo, é bacana, é gostoso, é difícil, não é, então foi um ano em que eu fiz diversas especulações, eu fui pra São Paulo, num acampamento de um primo que é pastor, pra ficar com ele, pra sentir a vida familiar dele, como que é, também ele com esposa e tudo ... investiguei diversos aspectos, como que é uma vida assim ... é lógico que eu não pensava em ser pastor mas eu ... por exemplo, se eu faço Teologia, posso ter um envolvimento maior, isso vai causar uma mudança de repente com a ação dos outros profissionais, de não me dedicar tanto ao Direito quanto né ... então eu procurei sondar todas as possibilidades, os caminhos, o que poderia acontecer comigo ... então o ano de 98 foi assim, muita especulação, muita investigação, leitura sobre isso. E ... foi assim algo que aconteceu também ... eu me lembro que uma prima minha, ela foi assim criada num sistema presbiteriano e ... foi uma linha teológica assim bem equilibrada ... eu me lembro uma vez ... eu não tinha ventilado isso com muitas pessoas, tava guardando mais para a minha família ali ... e ela me disse um dia ... D, eu sonhei com você esses dias e via você fazendo algum exame pra entrar numa outra faculdade ... Teologia ... e isso aí me marcou, eu falei: puxa vida, será que tem nexos com o que to vivendo, né, ela, embora não seja de uma linha assim pentecostal, mais eufórica com a história das missões, era uma menina centrada e tudo ... porque tem aí uma questão que fala das interferências e tudo, né ... isso também me deixou um pouco assim ... eufórico ... puxa, será que eu

também estou recebendo algumas pistas de outras pessoas ... seria alguma resposta de oração pra mim ... alguma coisa assim, né, igualmente a isso ... eu me lembro que ... isso foi uma prima, né, ela já nem estava mais freqüentando a mesma Igreja que eu e ... ela não sabia de nada em relação a isso e ... foi bem quando a gente começou a tratar disso dentro de casa e eu não tinha ainda espalhado a notícia ... uma colega também, na mesma época, um pouco antes da minha prima, também porque eles em 96/97, que eu não iria fazer Teologia, quando alguém brincava alguma coisa, eu já refutava isso desde os meus colegas da mocidade eu respondia não, todos nós éramos universitários, um fazia medicina, outro fazia computação, eu direito, e a gente tinha uma vida normal e meu pai também não aceitava essa idéia de seminário, e aí o pessoal parou de falar isso, porque era uma brincadeira sem graça, às vezes eu vacilava, mas continuava a tocar minha vida pra frente ... eu passei pelo seminário no início de 97 e eu tirei uma foto da placa do seminário e fazia o maior deboche (rindo) ...deboche assim ... será que aqui vale à pena ... aí eu passei aqui por um projeto que a gente fez pro seminário na época das férias, mas eu ... imagine ... eu nunca vou estudar Teologia, vou continuar no Direito e só Direito e vou ajudar assim como to ajudando, fazendo alguma coisa e tal ... mas aí, essas pessoas assim, de uma certa maneira, tiveram uma influência, eu não sei qual foi o grau, mas eu lembro delas, né, desse processo ... os pastores assim, até o meio do ano, foram muito tranqüilos ... primeiro você tem que saber se você quer, porque eu não dizia pra eles que eu queria, que eu estava certo disso ... aí quando foi assim o segundo semestre, aí eles perguntaram: Olha D, quanto antes você tomar uma decisão, porque a reunião do presbitério é em dezembro ... então procura ver esta questão pra novembro, pra gente poder definir na Igreja, porque se você decidir fazer uma faculdade integral, então conversa com a gente até o final de novembro, porque é no início de dezembro a reunião, entra em contato com o pastor ... porque ele é da área de missões e tudo o mais. E eu conversei com o pastor ... também, no sentido que, olha, ta acontecendo isso com a minha vida e, como ele era o pastor titular, eu também conversei com ele ... e ele já me motivou, ele queria me motivar, oh... que legal, conheci seu pai na infância, e depois ele foi por um caminho e eu fui por outro, quem sabe agora teria a possibilidade de eu ser colega seu e tal ... então foi um outro caminho, talvez uma interferência, alguém que me motivou assim, né.

P – 3 Então D. ... parece que você está contando da participação das pessoas do seu contexto de vida, estás falando aí dos acadêmicos, dos pastores, das pesquisas que você fez, estás falando aí também do quanto elas ... dentro do teu contexto, influenciaram ... no início não tinhas pensado muito em fazer Teologia, mas acabou vindo, porque houve uma determinação ... está ficando claro isso ... passando agora um pouco para a realidade atual, você quer trabalhar no mundo acadêmico, buscar mais informações e não só ficar na área de Direito e tal, né, parece que alguma coisa a mais, além daquilo que você já tem te motivou a continuar buscando, por assim dizer, a opinião de pessoas e mesmo experimentando outros contextos de vida, pra ver se aquela coisa que você estava buscando, a opinião de pessoas ou mesmo experimentando outros contextos de vida, talvez, aquela coisa que vocês está buscando se encontrará em algum lugar ... falando um pouco daquela coisa que você queria, que te envolveu e te movimentou ... das origens ideológicas ... você tem alguma noção disso ? Você quer falar um pouco disso ?

S – 3 Aaah a questão assim ... ideológica ... eu acho que passa por um viés assim humanitário, porque ... Aaah ... embora eu estivesse fragilizado quando eu comecei a me

envolver mais com a Igreja, com a comunidade em 96, eu senti que eu realmente ... não é só uma história de sociólogo ou de qualquer outro investigador social, pela minha própria experiência eu vi que o ser humano tem algumas necessidades, eu comecei a ser mais crítico em relação a isso, e comecei a enxergar mais as necessidades assim das pessoas num modo geral, e eu comecei a ter uma postura diferenciada quando comecei a notar a ética cristã, e isso no âmbito jurídico, no âmbito acadêmico, familiar ... eu comecei a ver que minha qualidade de vida estava aumentando, em algum momento eu fiquei muito fechado na Igreja, superficial, por estar começando alguns relacionamentos sociais e familiares, isso foi mais no primeiro ano, quando eu comecei a me envolver com muita coisa e eu tive que dar uma brechada, depois de um ano eu vi que estava sendo muito extremista com relação ao trabalho na Igreja, em relação ao tempo que eu deixava disponível às pessoas da Igreja, só que, ainda assim, eu via a possibilidade de estudar, de resolver assim algumas questões minhas ... com relação à Teologia eu não tinha muita especulação, eu nunca tive dúvidas sobre quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, porque eu não tenho uma formação assim muito sistematizada da Teologia, eu não havia discursado sobre isso antes, então quando eu digo que eu tinha vontade de conhecer o teológico, eu acho que foi bem de encontro ao que eu recebi no seminário, não foi só conhecimento teológico, mas também conhecimentos sociais, sociológicos, antropológicos, filosóficos e eu acho que foi mais nesse sentido, eu queria fazer uma leitura da realidade, assim uma leitura social melhor e também fazer uma leitura minha melhor, de poder me ajudar mais na maturidade, de resolver quanto a uma firmeza de fé, mas também, de a longo prazo, transmitir isso, porque eu vivi em alguns círculos de amizade, eu via a carência e eu estava ali meio que autodidaticamente colaborando, mas era uma colaboração meio que irrisória, e como eu gosto de ensino e eu sempre me destaquei também na verbalização, de tá falando e ensinando a frente de lideranças, trazendo a palavra, e eu acho que meu potencial tá nisso ...

P – 4 OK, então a pergunta seria assim, né, já que você está mobilizado no sentido assim de ser útil num futuro eventual aí, né, pra pessoas e até pra humanidade, a questão seria então: quais são as grandes perguntas que você se fazia, as questões ... que você fazia antes de entrar aqui, e, como consequência a isso, essas questões, você trouxe elas pra cá, você encontrou respostas aqui ou você continua procurando ... defina primeiro quais foram as suas perguntas que te mobilizaram a investir mais nos aspectos humanos, filosóficos, sociológicos e psicológicos do conhecimento do ser humano ?

S – 4 A questão básica era ter um aparato, primeiramente me entender, entender o ser humano de um modo geral, na época eu nem pensava muito em entender, só depois com as aulas de auto-conhecimento que eu fui entender, o quanto a gente precisa ... o quanto nós somos uma caixinha de surpresa, mas eu não tinha uma noção disso, porque, na verdade, na minha família e nos meus amigos não tinha gente assim, que especulava sobre isso, eram mais nas outras áreas, eram universitários, mas em outras áreas, havia pouca especulação nesse sentido, mais com relação à vida mesmo, as perguntas que eu tinha ficavam num plano assim ... puxa, há uma qualidade de vida melhor pras pessoas, será que existem meios da gente melhorar a nossa qualidade, será que existem ferramentas pra melhorar a qualidade de vida e também a minha qualidade de vida, porque eu também sempre me via, hoje, com o conhecimento da filosofia eu me vejo como um cidadão da polis, e ... talvez a ética cristã que me fez enxergar isso, que eu era alguém dentro de uma comunidade, dentro de uma sociedade e que eu poderia ter relacionamentos mais solidários, ao contrário do que eu estava acostumado a ter ... num

momento festivo até, mas quando eu não estava bem, não havia muita solidariedade nesse aspecto.

P – 5 ... e você encontra respostas a isso quando você vem aqui ao seminário ?

S – 5 O gostoso de tudo isso é que, quando eu vim para cá, eu tinha uma visão disso um pouco triunfalista, em função de pastores que desenvolviam a questão por aí, mas que, por outro lado, tinham essas questões mal-resolvidas e que depositavam todo o seu esforço no trabalho eclesialístico, eu acho que pra se sentir útil, né, então jogava-se um fardo muito grande sobre as pessoas, e eu assim, junto com todas essas idéias ... pensei em ajudar em tudo isso, eu me cobrava muito e colocava também os meus interesses um pouco de lado, pra mim, quando eu vim pro seminário, o seminário era pra mim o primeiro item na vida, uma porta que Deus estava abrindo ... então eu tinha que aproveitar da melhor maneira possível ... então o seminário foi muito importante pra mim, porque, além de eu ter respostas ... e hoje eu me sinto assim com um aparato mínimo, de saber pelo menos que estou sendo enganado, se estou sendo enganado, socialmente e filosoficamente falando, eu já sei que, eu posso até não conseguir abraçar o mundo como eu imaginava ... eu fico contente por hoje eu estar reconhecendo os limites da atuação, mas hoje eu vejo assim, que eu consegui me situar como ser humano, ser capaz de estabelecer uma saudável hierarquia de prioridades e conseguir me preparar, mesmo ainda não ter concluído o 4. ano ... a faculdade em tempo integral, as ferramentas, em termos de sociologia, psicologia ... eu sei que são todas conhecimentos insipientes, tivemos só introduções panorâmicas dos principais enfoques de cada uma delas, mas agora já dá pra mim, no meu relacionamento com relação à terceira pessoa, dar alguns encaminhamentos, né, então respondeu muito a isso. Uma questão é que eu comecei a fazer estágio numa cidade próxima, já no primeiro ano, e as pessoas começaram a colocar uma carapuça em mim, pastor, e aqui o vocabulário, pela maioria dos professores, eles tacham unicamente como você sendo pastor, embora alguns professores digam, né, vocês não vão ser todos pastores, alguns vão atuar em outras áreas ... nós éramos meio que rotulados pela Igreja, pelo presbitério, até aquelas pessoas que sabiam que eu não tinha vindo aqui para ser pastor, também já acharam assim, que eu estava me adequando ao sistema assim, de quem vem pra cá tem que ser pastor, eu, por um certo momento, eu vesti essa carapuça no final do primeiro ano e início do segundo ano. Mas no segundo ano eu saí da minha Igreja .. porque eram muitos programas e eu ficava então na minha casa, com meus pais, nos fins de semana, e só voltava na segunda feira ao seminário, então não havia mudado muito a minha vida. Um marco a tudo isso, em relação à orientação vocacional, eu acho que foi quando eu fui trabalhar numa Igreja de porte médio no interior do Paraná, com um pastor só, foi quando eu saí do meu contexto ... e foi quando eu comecei a ver, de uma maneira mais detalhada, com mais propriedade, o que é o ministério pastoral, porque ali havia um só pastor, então eu acompanhava ele, então eu pude ver e desempenhar todas as tarefas que um pastor deve fazer. Eu comecei a trabalhar com a mocidade, e a Igreja ali não tinha uma abertura para a sociedade de um modo geral, embora o pastor tinha, mas ele tinha acabado de chegar na Igreja ... então nosso trabalho era muito interno ... e a minha idéia de me envolver com a sociedade ...eu passava a me envolver com a maior parte do tempo em trabalhos dentro da Igreja, e eu comecei a me sentir frustrado com relação a isso, frustrado ... eu não fazia algumas tarefas que eu achava assim que o pastor tinha que se envolver, que eram visitas e algumas coisas do gênero, então no segundo semestre, no segundo ano eu comecei a ver ... po, mas espera aí, será que é pra isso que

eu vim fazer Teologia, eu comecei a rememorar as razões pelas quais eu estava aqui, e comecei a trabalhar isso com o pessoal da Igreja, e com um rapaz e uma menina da Igreja isso já tinha gerado uma amizade de compartilhar, porque ele tinha vivido uma coisa semelhante, então ele me compreendia em relação a isso ... e aí eu vi que estava trabalhando em algo que estava me gerando frustração ... eu fiquei assim bem mal, cheguei a ter depressão, aquela sensação de frustração ... de que a vida não é isso que eu quero, meus planos não são nesse sentido, mas ... então entrei de férias ... ah, quando ia chegando a 5. feira, eu ia ficando assim já irritado, que eu ia pra Igreja e ficaria ali confinado, trabalhando com o pessoal da Igreja, porque eu julgo necessário esse trabalho pastoral, mas não é algo em que eu tenho prazer ... eu julgo necessário tudo, orar, consolar os membros da Igreja, eu sempre fui a favor, sempre defendi isso, só que eu via que não era uma aptidão minha que eu fazia com prazer ... então entrei de férias, antes de começar o terceiro ano, passei bem os quinze primeiros dias de férias, mas depois que eu comecei a lembrar que eu teria que voltar pra fazer estágio, trabalhar dentro da Igreja e tudo, passar a maior parte dentro da Igreja, eu comecei a ficar em muita crise com a situação, de ficar chateado ... existencial também, aí eu liguei pro pastor e disse: ta acontecendo isso, isso e isso ... to mal pra voltar, eu acho que não estou em condições de voltar pra fazer estágio ... e ele foi hiper-compreensivo assim, D. se você ta assim frustrado, acha que não é ... ô, faz isso mesmo, não faz estágio, volta só pro seminário e continua estudando, vê o que está acontecendo, né, só procura terminar o curso, porque você não abandonou logo de imediato e agora está aparecendo esse impasse, pondo o teológico em jogo ... então não vai também fugir por causa de questões assim, então vai lá, continua o curso e tenta se resolver nesse aspecto ... e eu comecei a me sentir muito bem, muito bem sem fazer estágio na Igreja, comecei a me sentir muito bem mesmo, o desempenho aqui aumentou, eu queria ir todo final de semana para P quando eu fazia estágio, mas eu não ia por causa do estágio, eu ia só uma vez por mês, e eu achava que isso era a pior coisa do mundo ... só que, quando eu saí do estágio da Igreja, eu continuei aqui em Londrina e ia somente uma vez para casa e ficava três finais de semana feliz aqui em Londrina, então eu vi que o problema não era saudades de casa, saudades de P, minha cidade natal, e não era saudades dos amigos da Igreja, o problema realmente não estava no cordão umbilical, que eu comecei a perceber isso ... eu tinha vindo pra cá com algumas propostas e tinha me distanciado dessas propostas, isso tinha gerado uma frustração, então eu precisava realmente agora começar um processo de construção daquilo pelo qual eu estava aqui realmente, então comecei o mesmo processo de 98, no meio do terceiro ano, vou pensar porque eu estou aqui, mas algo assim que me motivava a ficar aqui, que eu estava assim sendo saciado, eu estava gostando dos conteúdos apresentados aqui, estava encontrando respostas aqui para minha vontade de ter um aparato maior, então, no meio do ano passado, eu encontrei também um oportunidade de fazer uma especialização na área da filosofia política e filosofia do Direito e ... é uma área de que eu gostava muito, embora, por não ter tido bons professores na faculdade eu não pude assimilar muito, eu praticamente não tive uma dessas disciplinas, mas entrei pra fazer esse curso, comecei a me identificar ainda mais com a questão do ensino, com a questão acadêmica de aprendizado e ensino, eu comecei a me resolver, terminei o ano assim praticamente certo de que não seria pastor titular de uma Igreja e, com relação a isso, eu poderia assim ajudar voluntariamente na escola dominical ou algo assim, então essa foi a questão.

P – 6 ... então ... parece que, quando você começa a interagir aqui com os conhecimentos, colegas e outras propostas de vida, né, você se lança um pouco, por

assim dizer, no resgate de si mesmo, uma vez que frustrou essas primeiras opções que você tinha imaginado, meio que passaram e frustraram você, então parece que nesse momento do segundo e terceiro anos você precisa resgatar você e, como você falou, uma nova procura, então ... a questão seria ... o que então você começou a procurar, onde você começou, o que você conseguiu achar... e como foi esse novo processo de resgate de si mesmo ?

S – 6 A questão humanitária, não sei se estou usando bem este termo, mas ... a questão humanitária .. eu entendi em primeiro lugar, e acho que isto foi um pressuposto básico, que, diante das inúmeras opções que os professores abriram, para nós enxergarmos que não é só ministério pastoral, eles abriram assim muitos leques, começou a passar então pela questão humanitária e muito pessoal, ... ah... então aonde eu vou me sentir bem, o que que eu vou me sentir bem...

P – 7 ... se você formulasse essa questão humanitária em palavras mesmo, como seria essa questão em detalhes, o que é isso exatamente ?

S – 7 Com relação assim ao prazer, fazer algo que me desse prazer, que eu acordasse disposto e com ânimo ... então eu entrei numa nova crise assim, por que ... ainda que eu visse diversos trabalhos, eu via esses trabalhos muito sistematizados, muito ligados ao aspecto eclesial, e eu entrei em crise no sentido de perguntar: puxa, me formei no Direito, mas não tinha muita vontade de atuar no Direito, e agora eu estou tendo uma bagagem tremenda no teológico, mas não quero manter vínculos muito estreitos com o eclesial, porque me decepcionei bastante também com isto ... aí eu comecei uma busca, po, o que que eu vou ser ... eu não vou fazer uma terceira faculdade, eu já estou numa terceira faculdade, mas está relacionado, aí eu comecei a investigar e, algum tempo atrás, eu acho que, de tanto ficar ligado nisso, eu tive uma estafa, né, estou me referindo às crises que eu comecei a ter há algum tempo atrás ... e eu realmente parei, mais uma vez eu coloquei a vida acima dos conhecimentos ... eu não fazia isso, eu era muito racional, quando eu vim pro seminário, eu comecei a enxergar isso ... então eu me senti bem, me senti à vontade fazendo as coisas por prazer, algo que eu já havia feito no ano passado, quando eu não voltei a fazer estágio porque não me dava prazer e satisfação, então eu comecei a levar isso mais em conta, e eu tomei como certo até o presente momento, de que eu não vou assumir um compromisso eclesial, porque isso não me dá prazer, não me satisfaz, e com relação a todos esses conhecimentos que eu tenho, eu penso que eu posso contribuir de várias maneiras, minha mãe, por exemplo, ajuda na capelania de idosos e contribui lá com sua qualificação para dar uma orientação pra eles, porque são de áreas diversas e não têm um conhecimento ... então eu vejo uma chance de ajudar como voluntário, um final de tarde ou uma manhã ... eu comecei a enxergar esses trabalhos mais desvinculados do meio eclesial, embora são pessoas da Igreja que trabalham aí, mas, é uma idéia que eu já tinha ... e com relação ao Direito, eu comecei a ver que eu tenho qualificação nesta área e estava sendo meio prematuro ... porque eu fiz o Direito gostando da faculdade de Direito, talvez eu tenha me decepcionado com algumas formas de atuação de alguns profissionais, de como o Direito é tratado no Brasil, de um modo geral, muito superficial com relação ao ser humano, viraram muito burocratas, despachantes ... mas eu percebi então que eu poderia, e isso eu estou hoje bem tranquilo, de me dar uma segunda chance em relação ao Direito ... (pausa)

P – 8 ... ah, tá, você está dizendo que agora você está indo novamente em busca de uma direção que te leve mais próximo ao Direito, talvez com uma base e uma compreensão maior do que naquela época e que você está escolhendo como profissão a área de Direito ... é isso mesmo ?

S - 8 É, como eu disse, eu penso em me dar uma segunda chance, de voltar pro trato jurídico, porque já estava envolvido com os profissionais da área e estou em paz quanto a fazer isso, porque vejo assim que, tenho condições, do ponto de vista técnico, de atuar nesse sentido, posso ter um retorno financeiro e eu me manter e ter minha liberdade de atuar e ajudar em outras áreas, e também vejo que, em termos profissionais, é uma estrutura, não estou levando aqui em conta o aspecto ético-moral, mas estou falando do ponto de vista organizacional, é uma estrutura que eu gostaria de viver, trabalhando de meio de semana, tendo certa flexibilidade de horários, mais na área advocatícia, ter uma estrutura que eu vejo que poderia estar sendo até agradável, de estar permitindo eu me readaptar, porque é algo que eu me identifico, com relação a trabalhar durante a semana e não no final de semana ... no modelo pastoral isto também era um aspecto negativo, uma questão de formação histórica, eu também não me adaptava no modelo eclesialístico a isso. E agora, o que tenho assim comigo, já que estou fazendo uma pós-graduação, ainda que seja uma especialização, mas numa visão de vida acadêmica, eu vou, na medida do possível, no ano que vem, trabalhar talvez parcialmente na área de Direito, com a área da advocacia, eu vou experimentar, eu vou me desarmar com relação a isso ser muito despachante, muito burocrata ... essa coisa de falta ética ou não falta ética, eu vou me desarmar destes pressupostos, mesmo porque hoje eu tenho uma formação que enxerga o Direito de uma outra maneira, tenho ferramentas, por causa da especialização, consigo ver o Direito mais do que uma simples burocracia, então eu fico tranquilo, com relação a experimentar carreira profissional na área de Direito ... e algo assim que eu me identifico assim também é o ensino, eu tenho vontade de, no ano que vem, de pegar alguma aula ... na área de Teologia ou de filosofia do Direito, quero experimentar uma sala de aula em si, e aí, no caso, eu gostaria de estar contribuindo com a filosofia do Direito, principalmente no interior do estado, que necessita de profissionais dessa área. E também por uma questão de humanizar realmente, no interior ainda está muito distante, né, ...então eu teria meu ganha-pão, fazendo algo que eu gosto, que é ensinar de modo geral, me sinto assim com aptidão para isso e poderia também sendo um cidadão da polis, de estar contribuindo com a cidade, porque se a gente forma bons profissionais, que levem em consideração não somente a parte econômica, mas de estar gerando também uma qualidade de vida, então, a princípio seria isso, eu ainda não estou decidido o que eu vou ser profissionalmente, mas eu estou decidido ao ano que vem experimentar essas possibilidades que eu tenho, e antes eu não tinha assim ... a ansiedade era tanta que eu nem permitia a hipótese de experimentar, e agora eu estou tranquilo, eu vou tentar, se não der eu experimento uma outra área ou dentro do mesmo segmento, então eu vou ficando com relação a isso.

P – 9 ... e nessa espécie de volta pra casa, a tua casa seria então o Direito ... e para aqueles que ficam aqui no seminário, quer dizer, você está no quarto ano, pensando um pouco naqueles que entram, que passam ... o que você diria pra eles, baseado assim na sua experiência, na sua caminhada, enfim, naquilo que você descobriu e também na forma como você descobriu isso ?

S – 9 ... eu diria para aqueles que vieram decididos a serem pastores ... eu penso que a gente não pode desvincular o conhecimento teológico ou filosófico, psicológico ... dos relacionamentos. Diante dos conhecimentos nos fechamos num gueto ou ficamos só naquela área de atuação, eu acho que, no que eu tenho procurado mostrar para as pessoas é enxergar essa interdisciplinaridade, esse inter-relacionamento, não importa se os colegas vão ser pastores ou não, eles deveriam enxergar que eles podem estar atuando não apenas dentro da Igreja, mas em diversos segmentos da sociedade e podem contribuir, podem pulverizar a sociedade também incentivando os seus membros a estarem aí de alguma maneira, porque eu vejo hoje um modelo muito fechado, muito elitizado e isso não vem de encontro à minha proposta, que é uma proposta assim de eu freqüentar uma Igreja, uma comunidade de fé, ter meus relacionamentos com as pessoas aí, mas estar contribuindo numa visão mais ampla, mais abrangente. Então assim ... eu não sei se respondi à pergunta, né ... porque eu não compreendi muito bem a pergunta que você me fez ...

P – 10 È, a idéia seria a seguinte, para aqueles que entram, baseados nessas expectativas, tendo em vista o processo ... o ensino ... os professores ... o processo todo pelo qual se passa, tem alguma mudança que você iria sugerir para aqueles que ficam aqui e poderiam melhorar ou reformular algumas questões que talvez não foram esclarecidas ou ... então a pergunta vai nesse sentido: o que você acha que poderia ou deveria ser feito, para que esse processo e até de entendimento e reorganização vocacional fossem assim o mais coerente e o mais transparente possível ?

S – 10 Ah, agora eu acho que eu tenho condições de responder melhor, porque, de fato, eu fiquei em dúvida, eu não sabia pra que vínculo ... agora eu ... pensando naqueles que estão chegando, eu queria saber se era só para os colegas de turma, mas a questão é maior, né, eu acho assim que, fundamental, e eu diria isso para as pessoas que estão chegando, que estão no segundo e terceiro anos, quanto aos seus processos de maturação, de eles realmente investirem, porque o que me salvou em todos os momentos assim, foi eu realmente estar parando, pausando as coisas e vendo o que eu havia me proposto, se estava indo de encontro, se estava dando frustração, se estava gerando satisfação, então o auto-conhecimento pra mim foi fundamental, eu vivi isso de maneira muito intensa, desde o primeiro ano eu sempre me interessei pela psicologia e pelas outras áreas que davam pinceladas nesse sentido, e com relação ao segundo ano, onde nós tínhamos a matéria propriamente dita, eu procurei sugar o máximo das aulas, de ler inclusive fora da sala de aula, procurei absorver o máximo, mesmo não sendo um curso de psicologia, porque eu sentia que eu precisava me situar com relação à minha proposta de vida, que família eu quero constituir, como eu quero atuar na sociedade, na Igreja, e a questão da satisfação, de estar satisfeito enquanto pessoa, estar satisfeito com a família, numa futura profissão e, a partir disso, se colocar numa situação que foi o auto-conhecimento me trouxe, a satisfação como um referencial ... eu experimenta-lo, se me dava satisfação eu continuava, se não dava eu mudava ... eu sempre gostei muito de investigar, especular o desconhecido, justamente já é algo da minha personalidade, de chegar e estar parcialmente resolvido ... no ano que vem eu vou experimentar, né, e aí depois eu vou ver se eu vou gostar e mas algo que eu diria pra essas pessoas que estão chegando, é realmente ... olhem ... vejam o que vocês gostam de fazer, quais são suas aptidões, como está o traço familiar, como está a vida de um modo geral, está sendo uma qualidade de vida ... para que essas pessoas não passem pela frustração que eu passei, quando eu frustrava eu mudava, agora está parcialmente resolvido ... então

isso eu poderia dizer de mais significativo para aquelas pessoas que estão passando por esse processo, meus colegas estão quase assim todos resolvidos, quanto o que querem, mas isso é válido em todas as áreas de nossa vida, é isso.

P – 11 E agora uma palavra final ... que você gostaria de dar, independente do que foi perguntado e até daquilo que não foi perguntado ... fica à vontade.

S – 11 Às vezes eu ainda me pergunto ... se não foi um alto preço eu passar quatro anos aqui, né, só que, eu penso que, se eu estivesse nas mesmas condições em que eu estava quando eu terminei o curso de Direito, eu novamente teria vindo para cá, eu acho que foi um alto preço ... ta sendo um alto preço ... terminar uma faculdade, começar uma outra, já o oitavo ano, isso ta sendo exaustivo, mas ... foi o caminho que eu tinha que percorrer, eu acho que eu cresci muito enquanto pessoa e de um modo integral, não foi só conhecimento que eu adquiri, acho que isso foi o mais importante, porque, agora, ta certo que sem esse conhecimento eu não teria tido crescimento, agora eu me vejo, me situo, eu sei também colocar alguns limites com relação à minha atuação, eu sei pausar melhor os relacionamentos e as atividades, então foi assim muito bom, embora isso esteja sendo cansativo agora ao término, mas eu acho realmente que eu vim pra cá para sanar as minhas buscas, meus anseios, né, e foi um tempo assim bom que eu passei e ... é isso.

P – 12 Então está bem, eu agradeço pelo fato de estar nos contando algo da sua vida, da tua história né, eu acho que isso faz sentido para você e poderá fazer sentido também para outras pessoas, do ponto de vista prático, até é possível que eu chame você mais uma vez para um outro momento, onde talvez a gente formule outras questões, numa outra direção, mas eu entrarei em contato e te comunicarei. Por ora fica aqui então o meu muito obrigado.



Seminário Teológico
“Rev. Antonio de Godoy Sobrinho”



ANEXO VI

EMENTÁRIO CURRICULAR DO CURSO DE TEOLOGIA
DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV ANTÔNIO DE GODOY
SOBRINHO

EMENTÁRIO CURRICULAR DO CURSO DE TEOLOGIA DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO REV ANTÔNIO DE GODOY SOBRINHO

Área de Bíblia

Grego I

O curso propõe, através do estudo da sintaxe e morfologia da língua grega, capacitar o aluno para a tradução de textos do Novo Testamento.

Grego II

O curso propõe, através do estudo da sintaxe e morfologia da língua grega, capacitar o aluno para a tradução de textos do Novo Testamento.

Hebraico I

Alfabeto hebraico, transliteração e pronúncia. Aspectos básicos de morfologia e sintaxe. Desenvolver elementos para consulta de dicionários teológicos e léxicos hebraicos.

Hebraico II

Vocabulário e tradução. Leitura instrumental de textos do Antigo Testamento.

História e Literatura do Novo Testamento

Estudo do contexto histórico, social, cultural e religioso do Novo Testamento, dos gêneros e formas literárias principais usados na sua composição e a história da sua formação.

História e Literatura do Antigo Testamento

A formação histórica de Israel e da conseqüente literatura do Antigo Testamento com seus gêneros e formas literárias principais usados na sua composição.

Introdução Literária à Bíblia

A disciplina tratará da formação literária da Bíblia (Antigo e Novo Testamento). Através de uma abordagem histórico-literária será estudado o processo de formação da Bíblia desde as unidades textuais menores até a forma final de ambos os testamentos e suas conseqüências para a fé bíblica. Será tematizada a formação e os limites do Cânon. Ênfase especial receberá a literatura extrabíblica, sobretudo aquela denominada de “apócrifa” e de “pseudepígrafa” em relação com a literatura canônica. Os Gêneros Literários receberão atenção à medida que sua relevância para o processo formativo e seletivo dos textos bíblicos assim o reclamarem.

Hermenêutica Geral

Estudo das correntes principais da hermenêutica moderna e contemporânea, levando em conta as questões colocadas pelo iluminismo, positivismo, historicismo alemão, existencialismo, filosofia da linguagem e deconstrutivismo.

Seminário de Hermenêutica

Estudo da interpretação bíblica no catolicismo e protestantismo no Brasil bem como nas diferentes propostas de leitura bíblica na América Latina.

Metodologia Exegética do NT

Estudo dos passos para a elaboração de uma exegese de perícopes dos Evangelhos Sinóticos, levando em conta alguns métodos de pesquisa contemporâneos, como o método histórico-crítico, método estruturalista e semiótico e o método sócio-retórico.

Metodologia Exegética do AT

Estudo dos aspectos teóricos e práticos do Método Literário de Exegese

Exegese do Antigo Testamento

Análise hermenêutico-exegético-teológica da profecia bíblica. Estudo de um dos livros ou de trechos de todos.

Exegese do Novo Testamento

Exegese de uma das cartas paulinas a partir da pesquisa crítica moderna, levando em conta métodos de pesquisa contemporâneos (histórico-crítico, sociológico, etc.), oferecendo pautas para uma interpretação e localização no contexto das comunidades paulinas e do cristianismo do primeiro século, bem como para a interpretação atual do livro.

Exegese Final

Confecção de uma Dissertação Exegética com vistas à conclusão de curso.

Seminário de Teologia Bíblica I

Panorama das principais doutrinas bíblicas do Antigo Testamento, tendo em vista que no AT não há uma Teologia única, mas Teologias.

Seminário de Teologia Bíblica II

Estudo da questão atual sobre o Jesus histórico, do significado da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus, das linhas de desenvolvimento da cristologia neotestamentária, dos temas principais da Teologia paulina e da escatologia do Novo Testamento.

Área de Disciplinas Suplementares

Língua Portuguesa I

Concepções de linguagem, fundamentação teórico-prática da interpretação textual e gramática de textos.

Língua Portuguesa II

Fundamentação teórico-prática da produção textual, gramática de textos.

Espanhol Instrumental I

Visa proporcionar aos alunos o conhecimento da língua, para facilitar a compreensão de textos e sua interpretação. Através do domínio dos diferenciais entre a língua mãe com o novo idioma. Proporcionando condições para a leitura, interpretação e escrita de qualidade.

Espanhol Instrumental II

Visa aperfeiçoar os conhecimentos já adquiridos, aprimorando o domínio da língua espanhola como ferramenta de trabalho e instrumento de estudo. Subsidiando a aquisição de um novo saber utilizando a língua como meio.

Espanhol Instrumental III

Visa utilizar o conhecimento da língua, em leituras de compreensão de textos e sua interpretação.

Espanhol Instrumental IV

Visa aplicar os conhecimentos já adquiridos, aprimorando o domínio no uso contínuo da língua espanhola como ferramenta de trabalho e instrumento de estudo.

Inglês Instrumental I

A disciplina propicia ao aluno fazer uma leitura de reconhecimento em textos selecionados.

Inglês Instrumental II

A disciplina propicia ao aluno fazer uma leitura de compreensão “geral” em textos selecionados.

Inglês Instrumental III

A disciplina propicia ao aluno fazer uma leitura de compreensão específica nos textos selecionados.

Inglês Instrumental IV

A disciplina propicia ao aluno fazer uma leitura de compreensão específica nos textos teológicos selecionados.

Metodologia da Pesquisa Científica

O processo lógico de estudo. Conceito de trabalho científico. O raciocínio e a demonstração. Diretrizes para elaboração de trabalhos científicos e monografia de conclusão de curso. Relatos de prática.

Psicologia Geral

Estudo das principais teorias sobre o comportamento humano na perspectiva da Psicologia Geral e sua relação com a História. Compreensão dos principais fenômenos psicológicos do ser humano.

Antropologia Cultural

Cultura humana e pontos de contato para a contextualização do evangelho. Características culturais e necessidades sociais. A disciplina focalizará o conceito de cultura, modelos de cultura, sistemas culturais, e os processos de mudança da cultura. Irá olhar para tudo de uma perspectiva transcultural e examinará uma variedade de exemplos de etnografia, parentesco, papel social, simbolismo, honra/vergonha, sacrifício, gênero. A meta última da disciplina é cultivar uma compreensão das diferenças humanas como também uma avaliação do que as culturas humanas têm em comum, com atenção especial à aplicação destes conceitos à missão Cristã.

Sociologia Geral

Análise crítica das teoria sociológicas contemporâneas. Formulação de conceitos para a compreensão das sociedades contemporâneas, especialmente com vistas à missão da Igreja.

Filosofia Antiga e Medieval

Filosofia – uma introdução. A filosofia grega: pré-socráticos e Sócrates. Platão e Aristóteles. Epicurismo, Estoicismo e Neoplatonismo. A filosofia cristã: Patrística e Escolástica.

Filosofia Moderna e Contemporânea

Racionalismo e Empirismo. Kant e o Criticismo. O Idealismo (Fichte, Schelling e Hegel). Comte e o Positivismo. O marxismo. A filosofia no século XX: Fenomenologia e Existencialismo. A Escola de Frankfurt. Temas complementares do mundo hodierno.

Teorias da Personalidade

Conhecer algumas teorias históricas sobre a personalidade e o estudo da dinâmica da personalidade humana através das seguintes escolas de pensamento: SIGMUND FREUD e a Psicanálise, CARL G. JUNG e a Psicologia Analítica, ALFRED ADLER e a psicologia individual, WILHELM REICH e a Psicologia do corpo, B F SKINNER e o Behaviorismo, CARL ROGERS e a perspectiva centrada no cliente. Introdução às teorias orientais da personalidade.

Orientação Vocacional

Compreender os aspectos mais determinantes de sua própria personalidade. Compreender alguns determinantes da vocação religiosa em seus aspectos psicológicos e culturais a partir dos princípios teóricos da Orientação Vocacional, segundo a perspectiva de R. Bohoslavsky, com análise de alguns temas emergentes desse processo, na sua relação com a vida e com a vocação religiosa.

Seminário de Planejamento Social

Noções básicas sobre planejamento da área social, com ênfase na elaboração de projetos sociais. Estudo das políticas sociais públicas, sistema privado e terceiro setor.

Seminário de Ciências da Religião

O curso visa estudar o desenvolvimento das Ciências da Religião, analisando o fenômeno religioso sob o ponto de vista da multidisciplinaridade, discutindo criticamente o seu *status* epistemológico.

Seminário de Fenomenologia da Religião

Fenômeno religioso nos seus mais diversos aspectos: antropológico, filosófico, sociológico, psicológico e histórico. Religião e seus componentes (mitos, ritos, crenças, etc). Análise do campo religioso atual.

Seminário de Gênero e Religião

O curso visa interrogar o lugar diferenciado de mulheres e de homens no espaço religioso institucional ou não. Para tanto, estudar-se-á a categoria gênero, como instrumental analítico, bem como a história do Movimento Feminista, com ênfase na realidade Brasileira.

Área de Teologia e História

Introdução aos Estudos Teológicos

Uma introdução geral aos estudos teológicos com a finalidade de preparar o aluno aos distintos campos de estudo no seminário, destacando a importância do caráter interdisciplinar da Teologia, os ministérios, a Igreja, a missão, a vocação e o serviço cristão.

História da Igreja Antiga e Medieval

O Cristianismo dos Pais da Igreja e dos confessores, no contexto do Império Romano. A pobreza da Igreja; sua expansão e institucionalização nos moldes do Império. Teologia, cotidiano e arte na Igreja Antiga. A Igreja dos concílios e teólogos e a Igreja dos monges e místicos. A mentalidade cristã enquanto formadora importante da sociedade e da cultura medieval. Reformas e contestações: Carlos Magno; ordens mendicantes; mosteiro de Cluny e movimentos heterodoxos.

História da Igreja na Idade Moderna

Movimentos de Pré-Reforma à luz das crises medievais (Wicliff, Huss, Valdo, Savonarola). As reformas protestantes como elemento e expressão de mudança: Inglaterra (anglicanismo), Alemanha (Lutero), Suíça (Zwinglio, Calvino), Escócia (Knox). Reformas radicais (anabatismo). Reforma Católica. Guerras religiosas, mentalidade medieval e expansão do Cristianismo moderno. Catolicismo e protestantismo no Novo Mundo. Cristianismo no Brasil colonial. As transformações conjunturais e estruturais do Brasil Reino e Império na chegada e na consolidação do protestantismo no país.

História da Igreja no Brasil

A Teologia e a ideologia americanas no século XIX. A.G. Simonton e os primeiros missionários presbiterianos americanos no Brasil. O Presbiterianismo apologético e anti-católico dos primeiros anos. Surgimento das lideranças brasileiras: Conceição, E.C. Pereira, A. Reis. O movimento pela autoctonia e a “questão maçônica”. A divisão de 1903 e suas motivações religiosas e culturais. A IPIB e sua trajetória até o presente momento. Outros ramos do Presbiterianismo.

Teologia da Missão

Análise das principais propostas sobre o significado e alcance da Missão da Igreja, tendo como paradigma, o Reino de Deus, através de uma reflexão crítica que passe pelo crivo da Teologia Reformada, considerando ao mesmo tempo, os desafios e propostas para o mundo como um todo, para a América Latina e para a sociedade brasileira.

Seminário de Missiologia

Seminários de missiologia sobre propostas contemporâneas práticas, no que diz respeito ao alcance da Missão da Igreja, bem como os desafios produzidos através do compromisso com os princípios do Reino de Deus, numa perspectiva reformada, com ênfase no contexto brasileiro e latino-americano.

Missão Urbana

A Bíblia e o homem urbano. Dinâmica e crescimento das cidades. A cidade na Bíblia. Avaliação dos modelos de cidades. Avaliação das questões urbanas contemporâneas. Desafio de atuação da Igreja na cidade. A ação missionária da Igreja na cidade. Análise de casos através da atuação prática. (Visita e participação).

Teologia Sistemática I

Uma apresentação da Teologia sistemática: sua necessidade, sua metodologia, suas relações com as outras Teologias, as ciências sociais e o ministério cristão.

Teologia Sistemática II

Fundamentos da Teologia. Revelação geral e revelação especial em perspectiva reformada. Sagradas Escrituras. A doutrina de Deus. A criação. A pneumatologia.

Teologia Sistemática III

Um estudo inter-relacionado das doutrinas da antropologia, cristologia e soteriologia. Considera-se ao homem como *Imago Dei*, as antropologias do Antigo e Novo Testamentos, a natureza humana, o caráter unitário do ser humano, e a pessoa de Jesus o Cristo, títulos de Jesus Cristo e sua obra de salvação.

Teologia Sistemática IV

Um estudo da Igreja e da Escatologia. Estuda-se a Igreja em sua relação a Israel e como comunidade do Reino de Deus, as imagens da Igreja no Novo Testamento, ministérios da Igreja como corpo de Cristo. Finalmente, o aluno é introduzido ao estudo da escatologia, sua importância para a fé cristã, os diversos sistemas escatológicos, os milenarismos, e a consumação do Reino de Deus.

Elaboração de Projeto de Monografia

Teoria e prática da elaboração de projetos de monografia teológica

Seminário de Teologia Latino-Americana

Análise histórica da Teologia latino-americana a partir dos anos quarenta até o presente. Análise das diversas correntes teológicas: evangélica, ISAL, Teologias da libertação, Fraternidade Teológica Latino-americana. Crise atual das Teologias latino-americanas. Novas correntes teológicas.

Seminário de Teologia Contemporânea

Abordagem histórica da Teologia contemporânea. Análise das diversas correntes teológicas e estudo dos métodos por elas utilizados.

Seminário de Ética Filosófico-Teológica

Um seminário sobre a ética filosófica e teológica, com ênfase na reflexão de filósofos representativos das distintas escolas éticas, os fundamentos teológicos da ética cristã, pesquisa e discussão sobre problemas éticos hoje.

Seminário de Ecumenismo

Situar historicamente o movimento ecumênico desde as suas origens até a formação e atuação do Conselho Mundial de Igrejas. Ecumenismo na América Latina e no Brasil, incluindo organismos como o CLAI, CONIC e análise dos encontros de Medellín e Puebla. Ecumenismo e unidade da Igreja.

Implantação de Igrejas

Diante das mais variadas propostas contemporâneas de implantação de Igrejas, faz-se necessário uma análise e reflexão crítica a respeito do assunto, levando em consideração, aspectos fundamentais, como: Processo de urbanização (causas sócio-político-econômicas); urbanização brasileira e seus principais problemas, devido ao fato de a Igreja brasileira ser quase que na sua totalidade, urbana; análise da relação entre implantação de Igrejas e crescimento de Igrejas (Complemento ou conflito?); Análise dos modelos de cidades nas quais a Igreja está inserida; Descobrir caminhos que resultem numa ação da Igreja, na perspectiva reformada; Criar propostas de ação missionária da Igreja no contexto urbano.

Administração Eclesiástica

Conceitos e práticas administrativas que devem ser implementados, na relação entre a Igreja local e os demais órgãos e instituições da IPIB, no que tange ao controle dos recursos financeiros, humanos e patrimoniais disponíveis, assim como no que diz respeito à suas obrigações legais e sociais.

Legislação Eclesiástica

Estudo das questões práticas e legais da vida da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, procurando, enfatizar, através dos mais diversos casos a devida aplicação da legislação em vigor.

Monografia Teológica

Trabalho de reflexão teológica com vistas à conclusão do curso.

Área de Pastoral

Seminário de Teologia dos Ministérios

O curso propõe oferecer elementos teóricos e práticos para uma análise dos atuais modelos de práticas pastorais predominantes no Brasil e na América Latina. Deve, portanto, possibilitar a realização de pesquisas que consubstancie uma proposta de ação pastoral teologicamente reformada e hermeneuticamente atualizada, diante dos atuais desafios da sociedade moderna.

Teologia do Culto Cristão

Fundamentos bíblico-teológicos do Culto Cristão. Fundamentos Teológicos do Culto Reformado. Estudo dos paradigmas que determinam as formas de culto na atualidade.

Prática de Liturgia

Elaboração e prática de liturgias de acordo com o Ano Cristão, com as necessidades da Igreja e para outros momentos.

Música na Igreja I

A música, sua avaliação e aplicação na vida da Igreja.

Música na Igreja II

Análise da música na liturgia.

Seminário de Música I

A disciplina terá cinco opções: Coral I – estudo do canto coral voltado à música sacra para o uso funcional na Igreja; Teoria Musical I – teoria e prática dos fundamentos básicos da leitura musical (notas musicais, valores das notas e ritmo); Piano I – desenvolvimento técnico e teórico da arte pianística; Canto I – técnica vocal e canto aplicado à música sacra; Regência I – técnicas de regência coral e congregacional aplicadas às necessidades do ministério da música na Igreja contemporânea.

Seminário de Música II

A disciplina terá cinco opções: Coral II – estudo do canto coral voltado à música sacra para o uso funcional na Igreja; Teoria Musical II – teoria e prática dos fundamentos básicos da leitura musical (notas musicais, valores das notas e ritmo); Piano II – desenvolvimento técnico e teórico da arte pianística; Canto II – técnica vocal e canto aplicado à música sacra; Regência II – técnicas de regência coral e congregacional aplicadas às necessidades do ministério da música na Igreja contemporânea.

Teologia da Pregação

Fundamentos bíblicos e teológicos da pregação. Métodos de elaboração de sermões.

Práticas Homiléticas

Elaboração e prática de sermões. Princípios básicos de comunicação sermonária.

Introdução à Teologia Pastoral

Fundamentos bíblico-teológicos do ministério pastoral. Estudo de paradigmas pastorais.

Teologia Pastoral Reformada

Fundamentos teológicos da Pastoral Reformada. Reflexão de temas teológicos reformados aplicados à pastoral.

Seminário de Teologia Pastoral

Elaboração e apresentação de seminários para aprofundamento teórico de propostas pastorais.

Aconselhamento Pastoral I

Estudo dos fundamentos do Aconselhamento Pastoral e sua prática pelo Bacharel em Teologia. Estudo dos princípios teóricos do Aconselhamento Pastoral e seus desdobramentos práticos.

Aconselhamento Pastoral II

Estudo dos fundamentos do Aconselhamento Pastoral e sua prática pelo Bacharel em Teologia. Reconhecimento dos limites pessoais perante situações de vida/morte e crises agudas, bem como os limites do Aconselhamento Pastoral e encaminhamento a Aconselhamento Psicológico.

Teologia da Educação Cristã

Análise Crítica dos Fundamentos bíblicos e teológicos da educação cristã, à luz das atuais formas didático/pedagógicas assumidas pela Igreja.

Seminário de Educação e Religião

A disciplina objetiva analisar tendências pedagógicas e ideológicas adjacentes que influenciam as práticas educativas e sua relação com o campo religioso. Enfatiza o estudo de teorias formuladas a partir dos desafios da realidade latino-americana e a busca de práticas compatíveis que colaborem para a determinante e eficaz atuação pastoral.

Paradigmas Pedagógicos

Esta disciplina visa analisar os diversos paradigmas pedagógicos presentes em nosso meio educativo, que influenciam as práticas de ensino e sua relação com o campo religioso. Diante de uma análise crítica faz-se necessária a elaboração de propostas concretas que colaborem com o fortalecimento do processo pedagógico em nossas Igrejas, diante de tantas ideologias que se apresentam sem nenhum vínculo com a Teologia reformada.

Ética Pastoral

Fundamentos bíblico-teológicos da ética cristã e sua aplicação no trabalho pastoral. Discussão da ética pastoral na sociedade globalizada.

Estágio Supervisionado I

Orientação, acompanhamento e avaliação dos estágios de férias.

Estágio Supervisionado II

Orientação, acompanhamento e avaliação dos estágios de férias.